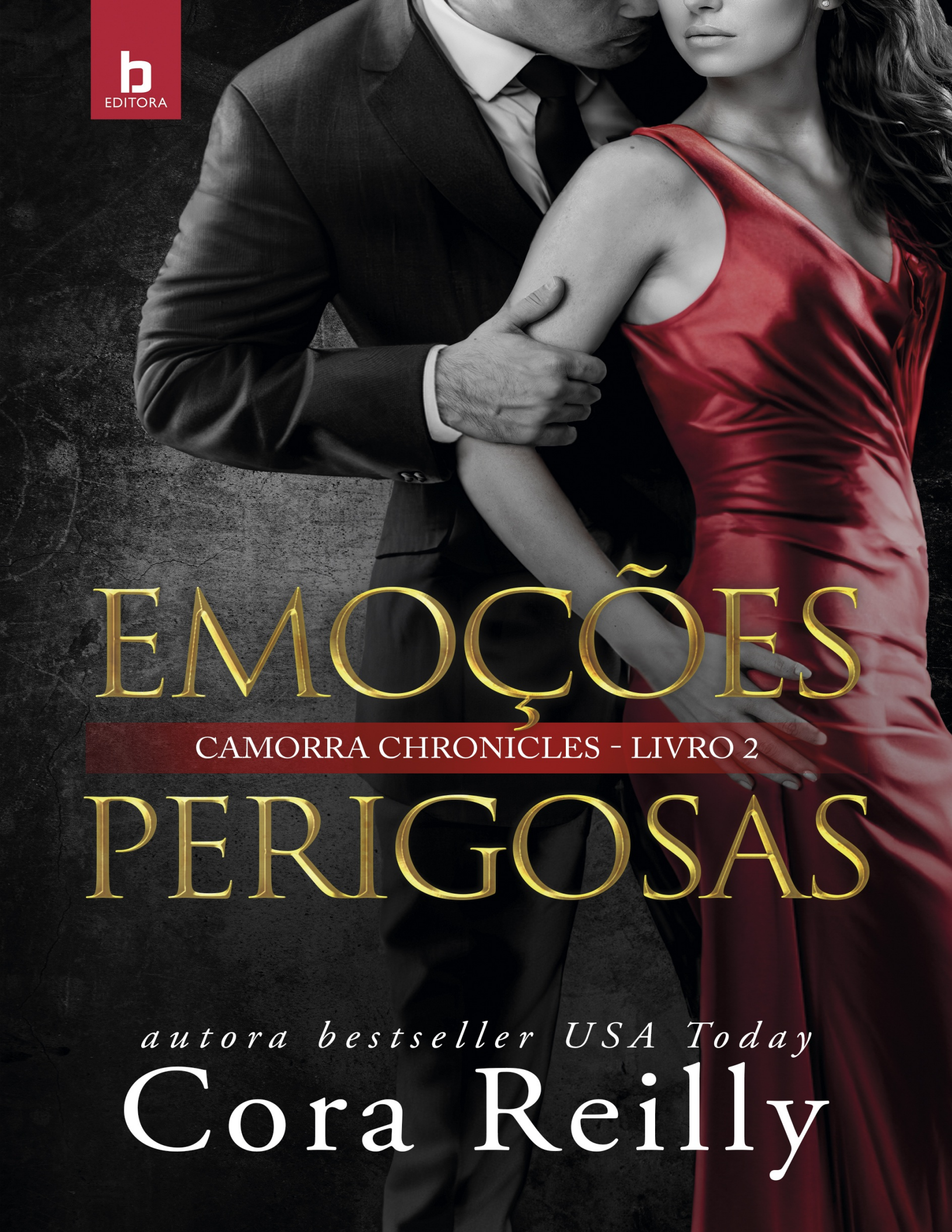
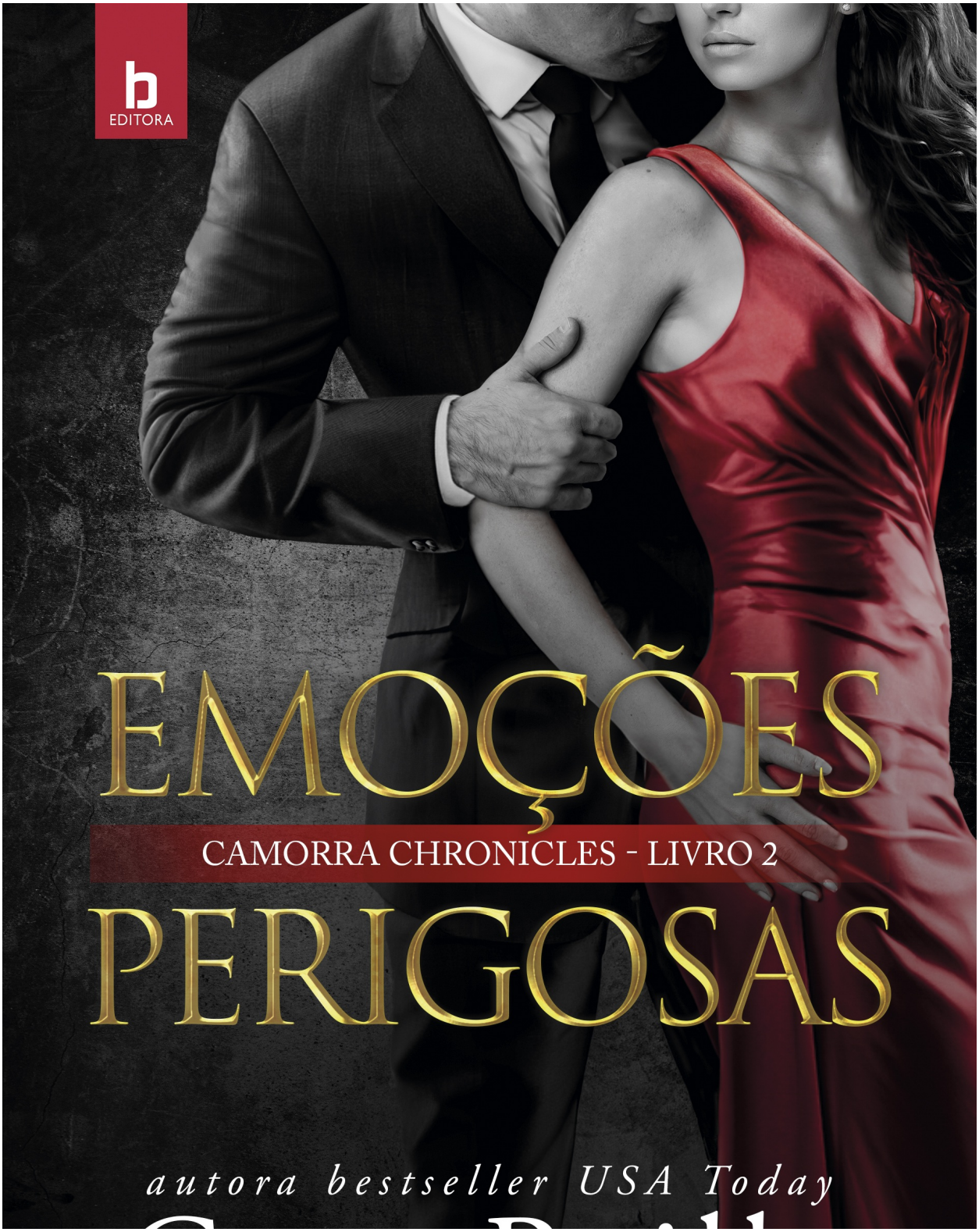

b
EDITORA
EMOÇÕES
CAMORRA CHRONICLES - LIVRO 2
PERIGOSAS
autora bestseller USA Today
Cora Reilly


EDITORA
EMOÇÕES
CAMORRA CHRONICLES - LIVRO 2
PERIGOSAS
autora bestseller USA Today


Cora Reilly

EMOÇÕES PERIGOSAS

Camorra Chronicles - Livro 2

Cora Reilly

Copyright © 2019 Cora Reilly
Copyright © 2023 Editora Bezz

Título original: *Twisted Emotions*
Tradução: Stéphanie Rumbelsperger
Preparação de Texto/Revisão: Vânia Nunes
Capa: Denis Lenzzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.
São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Reilly, Cora
Emoções Perigosas (Camorra Chronicles, livro 2)/ Cora Reilly; Tradução: Stéphanie Rumbelsperger. 1ª edição – São Paulo – Bezz Editora; 2023.

Sobre *trademark*™: a autora reconhece aos legítimos donos das empresas e marcas citadas nesta ficção o devido crédito, agradecendo o privilégio de citá-los nesta obra pelo grau elevado de importância e credibilidade no mercado.

CONTEÚDO ADULTO
Leitura indicada para Maiores de 18 anos

EDITORA BEZZ
www.lojabezz.com.br

AVISOS DA EDITORA

Está é uma obra de ficção, apenas com o intuito de entreter o leitor. Falas, ações e pensamentos de alguns personagens **não** condizem com os da autora e da editora.

O livro contém descrições *eróticas explícitas, cenas gráficas de violência física, sexual, verbal e linguajar indevido, uso de substâncias ilícitas, violência contra vulnerável e sexo não consentido.*

Esta fase na série de **máfia** da autora contém temas mais fortes referentes ao assunto, que podem servir de gatilhos emocionais/psicológicos. **NÃO** recomendado para pessoas sensíveis a esses temas.

Sobre as imagens de capas: as imagens escolhidas são apenas uma ‘representação’, e não uma descrição *ipsis litteris* de personagens. Sinta-se à vontade para imaginar a aparência de cada personagem, como ação proporcionada por toda literatura desde sempre.

INDICADO PARA MAIORES DE 18 ANOS

PRÓLOGO

KIARA

Os Falcone irão se sentir traídos. Uma virgem foi dada em sacrifício para os monstros de Las Vegas em troca de uma promessa de paz. Nunca me foi dada a chance de ser virgem. Essa escolha foi tirada de mim. *Arrancada dolorosamente de mim.*

Um medo, agudo e primitivo, arranhava meu peito enquanto meu marido me conduzia para o nosso quarto e fechava a porta diante dos rostos sorridentes de seus irmãos. Nino me soltou e eu criei uma distância entre nós dois depressa, indo em direção à cama.

Seis anos se passaram, mas as lembranças ainda me acordavam à noite. Eu tinha medo de ficar perto de um homem, de qualquer homem, principalmente deste homem: meu marido.

De pé a alguns passos em frente à cama, meus olhos assimilavam os lençóis brancos, lençóis que a minha família esperava serem vistos manchados com o meu sangue de manhã.

Sangue que não estaria ali.

Arrastei-me para mais perto da cama. Na primeira, na segunda e até na terceira vez teve sangue. Muito sangue, dor, terror e súplica. Naquele momento, não houve nenhuma apresentação dos lençóis. Nossa empregada, que nunca veio em meu auxílio, os lavou.

Esta noite, eu não iria suplicar. Isso não deteve meu molestador anos atrás.

Não deteria meu marido.

Eu conhecia as histórias. Já o tinha visto no octógono.

Meu único consolo era que eu duvidava que ele poderia me violar mais do que eu já havia sido violada anos atrás.

CAPÍTULO 1

ANTES — NINO

— Você lembra o que eu falei para Luca na última vez em que o vi? Eu duvido que ele terá qualquer interesse em trabalhar com a gente depois daquilo — Resmungou Fabiano, andando de um lado para o outro. — Ele vai me matar assim que eu pisar no território dele, confie em mim. Porra, eu me mataria se fosse ele.

Remo balançou a cabeça. — Ele está com raiva, mas será razoável.

Concordei. — Ele queria proteger sua propriedade, sua esposa, mas ainda é um homem de negócios e temos bons argumentos para a parceria. Drogas ainda são sua atividade principal e nosso contato no laboratório dele nos contou que não podem produzir o suficiente para a demanda crescente. Luca precisa importar drogas, só que ele não pode, porque nós detemos o Oeste e Dante, o Centro. Seus contrabandistas perdem muita coisa antes de chegarem à Costa Leste. Se ele trabalhar com a gente, podemos garantir um transporte seguro pelo nosso território e, em troca, ele nos promete ficar fora da nossa briga com Dante Cavallaro. Nós nem queremos a ajuda dele.

— Nós não *precisamos* da ajuda dele — Insistiu Remo, endurecendo seus olhos escuros. Nós discordávamos nesse ponto; uma ajuda para encarar um adversário como Dante Cavallaro seria muito valorizada, mas, assim como Luca, Remo deixava as emoções ficarem no caminho de decisões racionais.

Fabiano franziu a testa.

— Luca não é como você, Nino. Nem todas as decisões dele são

baseadas em motivos lógicos. Ele está furioso porque insultamos Aria e seu orgulho pode impedi-lo de tomar uma decisão lógica. Acredite em mim.

Orgulho e fúria. Ambos, inúteis.

— Se você disser à sua irmã que deu aquela pulseira para Leona, ela irá convencê-lo. Ela vai pensar que você é o irmãozinho dela novamente. Ela vai querer acreditar. Leve Leona com você. Faça com que seja uma visita familiar, tanto faz, mas convença Aria e Luca a conversarem conosco. Diga a ele que vou me encontrar com ele pessoalmente — disse Remo.

Lancei um olhar enviesado a Remo. A última vez em que ele falou com Luca, não correu muito bem. Anos se passaram, mas se Luca guardasse rancor, ele também se lembraria. E Remo tinha um jeito de provocar as pessoas que os outros Capos não gostavam.

— Ele não vai acreditar que somos dignos de confiança — Comentou Fabiano. — E você conversar com Luca é a porra da pior coisa que poderia acontecer. Remo, você é uma bomba-relógio do caralho. Você fica de pau duro só de imaginar como seria se banhar no sangue de Luca, cacete. Acha mesmo que pode se conter de tentar matá-lo?

Remo se recostou com um sorriso no rosto do qual aprendi a desconfiar.

— A *Famiglia* gira em torno de ligações para garantir a paz, não? Nós lhes damos o que eles querem, o que a sua irmã queria para você e para todos.

Ele não respondeu à pergunta de Fabiano.

Fabiano parou de andar de um lado para o outro e cruzou os braços.

— E o que seria?

— Paz e amor. — A boca de Remo contraiu como se ele fosse começar a rir. — Vamos sugerir um casamento entre as nossas famílias. Funcionou entre a *Outfit* e a *Famiglia* por um tempo.

Remo não havia comentado nada comigo. Normalmente, ele me consultava antes de tomar esse tipo de decisão. Para Remo, era um plano surpreendentemente razoável. Casamentos haviam impedido muitas guerras ao longo dos séculos da história da humanidade – claro que também deram início a muitas delas.

Fabiano gargalhou, mas pude notar que ele estava insatisfeito pelo estreitar dos seus olhos.

— Por alguns anos, agora, eles voltaram a querer se matar.

— Só precisamos de alguns anos — Falei para ele. — Luca sabe tanto quanto nós que qualquer tipo de acordo de paz sempre será apenas por um curto período.

— Você não pode pensar que Luca vai concordar com um casamento arranjado.

— Por que não? — Perguntou Remo sorrindo maliciosamente. — Funcionou para ele e sua irmã. Olhe para eles, loucamente apaixonados. Tenho certeza de que ele vai dispor de uma de suas primas. Você não disse que o pai dele tinha três irmãs e dois irmãos? Deve ter algumas primas em idade de se casar, ou até uma prima de segundo grau, tanto faz.

— Uma dessas irmãs era casada com um traidor que nosso pai matou. Duvido que ela vá nos dar suas filhas — Lembrei a Remo.

— Uma das filhas dela é a foda daquele bastardo do Growl. Como se eu fosse aceitá-la ou a sua irmã na nossa família — Cuspiu Remo.

Inclinei a cabeça, concordando. Se permitíssemos que a *Famiglia* nos desse as sobras do nosso meio-irmão traidor, enviaria a mensagem errada.

— Luca não escolheria nenhuma delas. Mas quem caralhos deveria se casar com uma mulher da *Famiglia*? — Perguntou Fabiano, erguendo suas sobrancelhas loiras para o meu irmão. — Não me diga que vai ser você, Remo, porque eu não vou fazer a porra da oferta. Todos nós sabemos que você é a última pessoa que podemos exibir como marido. Você perde a cabeça o tempo todo. Isso vai acabar num casamento de sangue, e você sabe disso.

Remo sorriu, olhando para mim. Isso explicava por que ele não havia me consultado.

— Eu não vou me casar com ninguém. Nino vai.

Erguendo as sobrancelhas para ele, perguntei: — Vou?

Fabiano se afundou no sofá, fazendo careta.

— Sem ofensa, mas Nino também não é bem a pessoa certa para bancar o marido.

Inclinei a cabeça. Nunca pensei em me casar. Parecia desnecessário.

— Se você está se referindo à minha falta de emoções, posso te garantir que consigo fingir se for preciso.

Remo deu de ombros. — Não é como se fosse um casamento por amor. Nino não precisa sentir nada para se casar. Só precisa dizer sim e comer a noiva, talvez ter um ou dois filhos, e manter sua esposa viva enquanto quisermos paz com a *Famiglia*. Você consegue fazer isso, certo?

Estreitei o olhar, não gostando nem um pouco do seu tom.

— Consigo.

Fabiano balançou a cabeça. — É uma ideia péssima pra caralho e você sabe disso.

— Não é convencional — Reconheci —, mas é uma prática usada em nosso meio há gerações. Mesmo antes de nossas famílias virem para os EUA, eles arranjavam casamentos para estabelecer laços entre famílias diferentes. E a *Famiglia* tem valores antigos. Eles são a única família fora da Itália que ainda segue a tradição dos lençóis sangrentos. Tenho certeza de que a família de Luca vai gostar da ideia de outro casamento arranjado entre famílias; Luca precisa manter os tradicionalistas da *Famiglia* felizes, principalmente agora que ele teve que acolher alguns parentes da Sicília. E ainda existem tradicionalistas na Camorra que gostarão desse tipo de acordo.

Fabiano balançou a cabeça mais uma vez.

— Vou falar de novo: Luca não vai concordar. Ele vai me matar.

Remo sorriu. — Vamos ver. Soube que ele precisa proteger os filhos.

Fabiano se retraiu. — Aria tem filhos?

Remo e eu já sabíamos há um tempo. Um de nossos contatos nos contou. Luca fazia questão de manter Aria e os filhos longe da imprensa e até matou alguns fotógrafos que não entenderam o conceito de privacidade. Remo não queria que Fabiano soubesse porque se preocupou que ele ficasse sentimental demais durante sua visita a Nova York. Aparentemente, ele mudou de ideia.

— Uma menina e um menino — Falei. — Ele precisa protegê-los e, se lhe oferecermos paz no Oeste, provavelmente se convencerá.

Fabiano ficou calado. — Há quanto tempo vocês sabem?

— Isso importa? Até parece que Luca teria deixado você chegar perto dos filhos dele — Opinou Remo.

Fabiano concordou, mas seus lábios estavam comprimidos.

— Vocês sabem que Dante não foi a força principal por trás do ataque que sofremos. Foi o meu pai. — Ele olhou para mim e, depois, para Remo. — Dante pode matar meu pai antes de colocarmos nossas mãos nele. Não quero que isso aconteça. Deixem que eu vá para Chicago e o traga até Las Vegas. Ainda podemos pedir paz a Luca depois disso.

Remo me lançou um olhar crítico, claramente precisando que eu fosse a voz da razão, como sempre.

— Isso parece insensato — Falei. — Você está muito emocionalmente envolvido para liderar um ataque ao solo da *Outfit*, principalmente ao seu pai. E não temos certeza se seu pai agiu sem as ordens diretas de Dante. Dante pode não o matar.

— Foi um plano do meu pai. Você ouviu o que os filhos da puta da *Outfit* disseram quando acabamos com eles. Meu pai mandou aqueles filhos da puta porque ele me queria morto — Grunhiu Fabiano. — E eu o

quero morto. Quero arrancar cada membro dele.

— E vai — Afirmou Remo, colocando a mão no ombro de Fabiano. Ele parou. Mais uma vez aquele sorriso. — Mas seria um bom presente de casamento. Se pusermos as mãos no Scuderi, poderíamos usar sua morte como uma oferta de paz a Luca e ao seu clã. Afinal, as irmãs Scuderi também não têm muito amor pelo pai.

— Claro que não. Ele é um babaca desprezível — Declarou Fabiano.

— Não podemos entrar em Chicago e sair arrastando o *Consigliere* deles. Você se dá conta disso, não? Dante terá colocado todas as proteções possíveis lá. — Eu tive que dizer isso porque estava se tornando cada vez mais óbvio que nem Remo nem Fabiano fariam a escolha mais sensata em relação a destruir a *Outfit*. — A única escolha lógica é me mandar para Nova York para a reunião com Luca. Eu não estou emocionalmente envolvido. Vou ser capaz de amenizar a situação se for necessário.

Remo balançou a cabeça.

— Eu sou o Capo. Tenho que estar à frente. Apenas um covarde mandaria o irmão para arriscar o rabo numa situação como essa.

— E quanto ao meu rabo? — Resmungou Fabiano.

— Seu rabo está a salvo por causa da sua irmã. Não importa o que Luca diga, ele sempre vai pensar duas vezes antes de meter uma bala na sua cabeça. Com Nino, nada o detém.

— Ele não vai atirar em mim. Sua entrega seguinte vai ter que passar pelas nossas fronteiras nos próximos dias… se é que podemos confiar nos nossos informantes no México. Nós a interceptamos, prendemos seus homens e suas drogas até a reunião e darei a ordem para que os soltem como uma oferta de paz, um sinal de boa fé.

— Drogas e soldados dispensáveis não impedirão Luca de te matar — Afirmou Fabiano.

— Veremos — Falei. — É a única escolha lógica.

— Sua merda de lógica está me irritando — Resmungou Remo.

— Eu sou o futuro marido, então, me enviar é a escolha *lógica.* Nós vamos fazer isso nos meus termos, Remo. Não vou deixar que vocês dois estraguem isso com suas emoções.

— Acho que ele está me irritando de propósito — disse Remo a Fabiano.

Fabiano concordou: — Acho que sim.

— Não precisa de muito para te irritar, Remo.

Remo estreitou os olhos para mim.

— A escolha lógica seria levar alguém com você. Você não deveria ir sozinho. Leve Fabiano.

Fabiano revirou os olhos. — É, me leva. Porque, ao que parece, sou à prova de balas porque sou um merda de um Scuderi.

Encarei o loiro. — Pode ser que sua presença abra muitas feridas para Luca. Não queremos começar com o pé esquerdo.

— Acho que é tarde demais para isso — disse Fabiano.

— Você quer vir comigo para Nova York? — Perguntei com a expressão duvidosa.

— Eu preferia ir a Chicago e matar o filho da puta do meu pai, mas se um casamento insano entre você e alguma pobre mulher da *Famiglia* me deixa mais perto desse objetivo, vou para Nova York e converso com a porra do Luca Vitiello. Mas não acho que ele vai ficar muito feliz em me ver. Ele não vai acreditar que mudei nem por um segundo de merda.

— Na verdade, você não mudou. Exceto pelo seu comportamento com Leona. Você ainda é um filho da puta cruel, então, Vitiello não deveria confiar em você — Falei.

Fabiano olhou de Remo para mim.

— É para eu ir ou não? Tenho que dar um jeito de contar a Leona sobre isso sem que ela pire.

Remo balançou a cabeça. — Como Capo, eu deveria ir.

— Vamos deixar esse reencontro para a segunda reunião, quando Vitiello estiver convencido de que os benefícios de um laço superam a alegria de cortar a sua cabeça — Aconselhei.

— Assumo que isso significa que eu vou. — Fabiano se levantou. — Espero de verdade que esse suplício me permita matar meu pai, senão vocês dois terão muito o que me recompensar.

Eu ainda não estava convencido de que a presença de Fabiano melhoraria a nossa situação. Ele era irmão de Aria, verdade, só que nem mesmo isso o protegeria para sempre. Levar Remo estava fora de questão. Eu teria que garantir que Luca e Fabiano seguiriam o meu raciocínio e não deixariam suas emoções imprevisíveis estragarem o show.

*

KIARA

Eu me mantive de lado como de costume, longe o bastante da pista de dança para que ninguém se sentisse obrigado a me tirar para dançar. Meus olhos seguiram Giulia enquanto ela dançava com o marido, Cassio. Os olhos dela flagraram os meus brevemente e ela sorriu. Ela já havia se mudado quando eu tive que ir morar com tia Egidia e tio Felix seis anos atrás, mas ela e eu nos tornamos amigas íntimas mesmo assim, mais íntimas do que qualquer outra pessoa, principalmente meus irmãos mais velhos. Eles tiveram permissão para ficar em Atlanta depois que nosso pai foi morto pelo meu primo Luca. Estremeci diante da lembrança.

Giulia era uma das poucas que olhavam para mim com bondade e não com desprezo. Resisti ao impulso de esfregar meus braços; parecia que eu estava sempre com frio. Até mesmo a música falhava em me deixar à vontade. Eu mal podia esperar para voltar para casa e sentir as teclas do piano sob meus dedos.

Minha coluna enrijeceu quando Luca veio em minha direção. Aria, sua esposa, deve ter sentido pena de mim e lhe disse para me tirar para

dançar. Eu queria mesmo que ele não fizesse isso.

— Gostaria de dançar? — Perguntou ele, estendendo a mão.

Desde que fiz dezoito anos no ano passado, eu deveria comparecer a eventos sociais. Nem mesmo tia Egidia e tio Felix conseguiam mais encontrar desculpas para me manter longe. Eu ainda era banida por muitos, não descaradamente, mas via seus olhares quando pensavam que eu não estava prestando atenção.

— É uma honra — Falei baixinho e aceitei sua mão.

Meu corpo se rebelou diante do contato físico, mas eu o obriguei a se submeter, e segui Luca em direção à pista de dança. Ele era meu primo e eu o conhecia durante a minha vida toda, não que o conhecesse muito bem. Tínhamos muitos primos na nossa família para permitir um laço mais íntimo.

Tentei me preparar para o próximo passo, para a mão dele na minha cintura, tentei me preparar para não estremecer, mas, assim que sua mão tocou meu quadril, meu corpo inteiro paralisou. Luca me encarou, mas não se afastou. Ele devia estar acostumado com esse tipo de reação das pessoas. Sua reputação e seu tamanho deviam fazer até uma mulher normal fugir. Tentei acalmar meu corpo em seus braços enquanto dançávamos, porém, era uma batalha perdida e acabei desistindo.

— Seu pai era um traidor, Kiara. Tive que matá-lo.

Eu nunca guardei rancor dele. Meu pai sabia as consequências da traição, no entanto, Luca parecia pensar que este era o motivo de eu não conseguir suportar seu toque. Queria eu que fosse isso. Meu Deus, como eu queria que fosse apenas isso, queria que fosse apenas o toque de Luca que me levasse quase ao pânico. Engoli as lembranças das noites que me violaram.

— Foi preciso — Concordei. — E eu não sinto falta dele. Ele não era um bom pai. Sinto falta da minha mãe, mas você não a matou. Foi o meu pai.

Na minha cabeça, comecei a tocar a melodia na qual vinha trabalhando durante as últimas semanas, esperando que ela me

acalmasse. Não acalmou.

Luca assentiu.

— Conversei com tia Egidia e Felix. Eles estão preocupados que você ainda não esteja casada.

Eu tinha dezenove anos e ainda não estava prometida a ninguém.

— Quem quer se casar com a filha de um traidor? — Resmunguei.

Lá no fundo, eu estava aliviada. O casamento iria revelar um segredo que eu precisava guardar, um segredo que me transformaria numa pária em nosso meio.

— Você não fez nada errado. As ações do seu pai não te definem.

As pessoas olhavam para mim.

— Por que não fala isso para eles? — Despejei, olhando para o nosso público em volta. Estremeci diante do meu tom. — Desculpe. — Luca era o Capo. Eu precisava mostrar respeito.

Ele me encarou, usando uma máscara em branco.

— Eu não quero te prometer a um soldado. Você é uma Vitiello e deveria se casar com um dos meus Capitães ou Subchefes.

— Está tudo bem. Tenho tempo — Falei baixinho, minhas bochechas coraram de vergonha. Na verdade, eu não tinha tempo. Estava ficando mais velha, e ser filha de um traidor não casada só faria as pessoas falarem mais.

A música finalmente terminou e eu dei um sorriso rápido e forçado a Luca antes de voltar para o lado da pista. Depois disso, fiz o que fazia melhor – tive que aprender a fazer melhor: fingi que eu não estava ali. O fato de a minha tia escolher vestidos recatados em cores discretas da coleção do ano passado definitivamente ajudava. Mal podia esperar que a festa de Natal dos Vitiello acabasse. A época de Natal estava conectada a muitas lembranças horríveis.

Época de Natal sete anos atrás

Eu não conseguia dormir. Não importava o quanto me virasse, sempre conseguia me deitar em cima dos hematomas. Meu pai estava de péssimo humor hoje. Mamãe disse que tinha algo a ver com estarmos em Nova York. Amanhã, finalmente voltaríamos para Atlanta e, então, o humor dele iria melhorar. Em breve, tudo melhoraria. Em breve, meu pai teria resolvido todos os seus problemas e finalmente seríamos felizes. Eu sabia que não era verdade. Ele nunca seria feliz, nunca iria parar de nos bater. Meu pai gostava de sua infelicidade e gostava de nos fazer sofrer.

Alguma coisa fez barulho no andar de baixo. Saí da cama e me alonguei, tentando me livrar da dor em meus membros por causa da surra que aguentei hoje de manhã. Um som no corredor me atraiu para a porta, e eu a abri com cuidado, espiando pela fresta. Um homem alto avançou para cima de mim. Alguma coisa sobre a minha cabeça brilhou à luz e, então, uma faca foi encravada no batente de madeira. Abri a boca para gritar, porém, o homem meteu a mão na minha boca. Eu me debati, com medo do estranho enorme.

— Nenhum barulho. Nada vai acontecer a você, Kiara. — Congelei e olhei melhor para o homem. Era o meu primo Luca, o Capo do meu pai. — Onde está seu pai?

Apontei para a porta no final do corredor, o quarto dos meus pais. Ele me soltou e me entregou para Matteo, meu outro primo. Eu não sabia o que estava acontecendo. Por que eles estavam aqui no meio da noite?

Matteo começou a me levar embora, quando minha mãe apareceu do lado de fora do quarto. Seu olhar apavorado pousou em mim pouco antes de ela estremecer e cair no chão.

Luca se jogou no chão quando uma bala atingiu a parede atrás dele. Matteo me jogou longe e saiu correndo, mas outro homem me agarrou impiedosamente. Meu olhar congelou na minha mãe, que me encarava com olhos sem vida.

Apenas meu pai estava no quarto com ela e ele a tinha matado.

Morta. Simples assim. Bastou uma bala minúscula e ela se foi.

Eu fui arrastada para o andar de baixo e para fora da casa, empurrada para o banco de trás de um carro. Depois, fiquei sozinha com o som da minha respiração superficial. Abracei o meu corpo, estremecendo quando meus dedos tocaram os hematomas dos meus braços, causados pelo rompante do meu pai hoje de manhã. Comecei a me balançar para frente e para trás, cantarolando uma melodia que o meu professor de piano me ensinou há algumas semanas. Estava ficando frio dentro do carro, mas não me importei. O frio era bom, relaxante.

Alguém abriu a porta e eu me esquivei de medo, puxando minhas pernas contra o meu peito. Luca colocou a cabeça ali dentro. Havia sangue em seu pescoço. Não muito, mas não consegui desviar o olhar. Sangue. Do meu pai?

— Você tem quantos anos? — Perguntou ele.

Não falei nada.

— Doze?

Fiquei tensa e ele fechou a porta e se sentou na frente ao lado do irmão Matteo. Eles me garantiram que eu estava segura. Segura? Nunca me senti segura. Mamãe sempre disse que a única segurança em nosso mundo era a morte. Ela a encontrou.

Meus primos me levaram para uma mulher mais velha chamada Marianna, que eu nunca havia visto antes. Ela era gentil e amorosa, mas eu não podia ficar com ela. Como ditava a honra, tinha que ficar com a família, então, fui mandada para Baltimore para morar com a minha tia Egidia e com Felix, seu marido, que era Subchefe da cidade, como meu pai foi de Atlanta.

Eu a havia encontrado apenas durante as festividades de família porque ela e meu pai se odiavam. Luca me levou até eles dois dias depois do funeral da minha mãe. Fui calada ao lado dele, e ele não tentou puxar conversa. Ele parecia furioso e tenso.

— Desculpe — Sussurrei quando paramos em frente a uma mansão enorme em Baltimore. Ao longo dos anos, aprendi a me desculpar mesmo sem saber o que fiz de errado.

Luca franziu a testa. — Por quê?

— Pelo que meu pai fez. — Honra e lealdade eram as coisas mais importantes no nosso mundo, e meu pai quebrara seu juramento e traiu Luca.

— Não é culpa sua, então, você não deveria se desculpar por nada — Falou ele e, por um tempo, acreditei que fosse verdade. Até que vi a expressão de reprovação de tia Egidia e ouvi Felix dizer a Luca que iria refletir muito mal neles se me acolhessem. Luca não deu ouvidos, assim, fiquei com eles, que acabaram aprendendo a me tolerar e, no entanto, não se passava um dia em que eu não estivesse bem ciente de que era vista como a filha de um traidor. Eu não os culpava. Desde novinha, aprendi que não havia crime maior do que a traição. Meu pai havia maculado o nome da nossa família, havia maculado a mim e a meus irmãos, e nós sempre carregaríamos a culpa. Meus irmãos, pelo menos, poderiam tentar fazer seus próprios nomes caso se tornassem Homens de Honra admiráveis, mas eu era uma menina. Só podia esperar por misericórdia.

Hoje

Ser encarada como a filha de um traidor, encarar as expressões de pena ou de repulsa não era a pior parte dessas reuniões. Nem perto disso. Ele era. Ele prendeu meu olhar do outro lado do salão e seu rosto continha a ciência do que havia feito, da vitória sobre o que havia tomado. Ele estava ao lado da minha tia, sua esposa, ao lado dos filhos, meus primos, e era respeitado. Seus olhos em mim me arrepiaram. Ele não se aproximou de mim, mas sua malícia era o bastante. Seu olhar era igual ao seu toque: humilhante e doloroso, e eu não conseguia suportá-lo. Comecei a suar frio e meu estômago se agitou. Eu me virei e corri para o banheiro feminino. Fiquei escondida lá pelo resto da noite, até estar na hora de ir embora com tia Egidia e tio Felix.

Joguei uma água no rosto, ignorando a levíssima maquiagem que estava usando. Felizmente, era uma máscara à prova d’água e um pouquinho de corretivo para cobrir as olheiras, então, não fiz muito estrago. Precisava da água fria para me ajudar a controlar meu pânico que aumentava.

A porta abriu e Giulia entrou. Ela estava linda com um vestido violeta ousado e seus cabelos castanho-claros. Ela se movia com confiança, e era assim desde quando consigo me lembrar. Devia ser assim que ela conseguia fazer seu casamento com Cassio dar certo apesar da diferença de idade.

Ela veio até mim e pôs a mão no meu ombro, franzindo a testa.

— Tudo bem? Você saiu da festa.

— Não estou me sentindo bem. Você sabe que não fico bem perto de tanta gente.

Seu olhar suavizou ainda mais, e eu soube o que estava por vir.

— Luca o mataria se você lhe contasse o que ele fez.

— Não — Resmunguei, olhando depressa para o chão, com medo de alguém entrar e nos ouvir. Muitas vezes me arrependia de ter confidenciado a Giulia logo depois de acontecer, mas estava destruída e confusa, e ela sempre foi gentil. — Você jurou que não contaria a ninguém. Você jurou, Giulia.

Ela assentiu, contudo, dava para notar que não gostava.

— Jurei, e não vou contar. A decisão é sua, mas acho que tio Durant precisa pagar pelo que fez.

Estremeci ao ouvir o nome dele. Virando de costas para ela, lavei as mãos de novo.

— Você sabe que eu é que vou ter que pagar, Giulia. Este mundo não é gentil, muito menos para uma mulher como eu. Não consigo passar por isso. Vou ficar pior do que estou. Seus pais já estão com dificuldade em encontrar um marido para mim. Se a verdade vier à tona, vou morrer uma solteirona. Eles nunca me perdoariam.

Seus lábios formaram uma linha fina.

— Meus pais nunca te trataram como deveriam. Desculpe.

Balancei a cabeça. — Está tudo bem. Eles me acolheram. Nunca me bateram, nunca me castigaram severamente. Poderia ter sido pior.

— Eu poderia perguntar a Cassio se um de seus homens seria um bom par para você. Existem muitos homens decentes em seus postos.

Decente. Cassio administrava Filadélfia com mão de ferro. O que ele considerava decente provavelmente não se qualificava como decente para as outras pessoas, mas eu não tinha nenhum direito de escolher nem de julgar ninguém.

— Não. Isso ofenderia seus pais. Você sabe como eles são.

— É, eu sei… — Ela franziu a testa.

— Não se preocupe comigo. Não estou com pressa de me casar — Declarei. O casamento seria minha ruína final.

CAPÍTULO 2

NINO

— Suponho que você irá se conter durante a nossa reunião e não ofenderá Vitiello — Falei quando Fabiano e eu embarcamos no avião.

— Não sou um gênio como você, mas também não sou nenhum imbecil. Não se preocupe, sei quando calar a boca.

Assenti ao me sentar em um dos confortáveis assentos de couro. Fabiano normalmente conseguia lidar com suas emoções, diferente do meu irmão.

— O fato de Luca ter concordado em nos encontrar é um bom sinal.

Fabiano se sentou no assento à minha frente. — É, pode ser, ou então Luca quer meter bala nas nossas cabeças.

— Não — Falei. — Ele não arriscaria uma guerra com a Camorra. Remo atacaria e não faria isso com táticas sutis como Dante Cavallaro. Ele iria até Nova York e sairia matando todo mundo como nunca antes visto na *Famiglia*.

Fabiano sorriu.

— É, ele faria isso. Mas soube que Luca fez algumas matanças impressionantes nos últimos anos para controlar a *Famiglia* e calar a *Bratva*. Ele e Remo são bem parecidos quando se trata disso.

— Até certo ponto, só que Remo não tem esposa e filhos que precisa proteger.

Fabiano ergueu uma sobrancelha. — Remo protege Savio e Adamo, e até você e eu de certa forma.

— É diferente — Falei.

Fabiano me encarou atentamente.

— Você acha mesmo que o casamento é uma boa ideia?

— É…

— Não diga que é a escolha lógica — Resmungou Fabiano. — Quero saber se você acha mesmo que pode estar com uma mulher desse jeito. Você é perturbado, Nino. Não do mesmo jeito que Remo, mas continua sendo um puta perturbado. Porra, até eu sou, e isso quase me custou a Leona. E, às vezes, ainda é difícil pra caralho fazer esse relacionamento dar certo porque continuo falando ou fazendo coisas que a desestabilizam. E sejamos francos: Eu sou a porra da personificação da normalidade se comparado a você. As mulheres não são como nós. Elas querem a porra do cavaleiro na armadura brilhante. Querem rosas e toda essa merda sentimental. Querem declarações de amor. Você não dará nada disso à sua futura esposa. Para ser sincero, acho que a maioria das mulheres preferiria se matar em algumas semanas depois de se casar com você do que morar sob o mesmo teto que todos os Falcone filhos da puta.

— Pelo que eu sei, casamentos arranjados não são baseados nas emoções. São baseados na tradição e na razão. A mulher que for dada a mim em casamento sabe o que esperar. Ela vai saber o seu lugar. É uma peça de xadrez. E posso te garantir que vou impedi-la de acabar com a vida pelo tempo em que sua sobrevivência for exigida para que haja paz.

Fabiano suspirou, tocando em sua têmpora.

— Talvez você devesse guardar esses pensamentos para si também. A maioria da merda que sai da sua boca não vai deixar ninguém à vontade, muito menos uma mulher.

*

Meus músculos retesaram quando estacionei nosso carro alugado em frente à usina abandonada de Yonkers. Depois que pousamos em Nova York, Romero me enviou uma mensagem dizendo que ali era onde Luca nos encontraria. A construção era decrépita e a área, deserta. Um

bom lugar para torturar e matar, meus cumprimentos a Luca.

— Isso é ótimo pra caralho — Ironizou Fabiano, curvando os lábios. — Não estou no clima para morrer hoje.

— Nenhum de nós dois vai morrer hoje — Falei, abrindo a porta do carro e saindo. Analisei o perímetro. No telhado do prédio, dois atiradores esperavam. Assim que Fabiano chegou ao meu lado, um portão da antiga fábrica abriu e três homens surgiram. Reconheci Luca, Matteo e Romero.

— Suponho que você tenha visto os dois atiradores apontando as armas para as nossas cabeças — Murmurou Fabiano. Apesar de suas palavras, ele parecia relaxado por fora.

Inclinei a cabeça, concordando.

Os três homens pararam cerca de dois carros de distância de nós. Luca me avaliou por um momento antes de estreitar o olhar para Fabiano.

— Você se lembra do que eu te disse na última vez em que esteve em Nova York?

Matteo e Romero portavam suas armas, o primeiro parecia particularmente contente em meter uma bala na cabeça de Fabiano. Dava para notar que o sentimento era recíproco.

Fabiano assentiu. — Você me disse que eu seria um homem morto se voltasse a Nova York.

Luca assentiu. — E aqui está você, pedindo para morrer.

— Estamos aqui para oferecer trégua, Luca — Interrompi o que certamente logo se transformaria em um bate-boca menos do que agradável. — Como *Consigliere* da Camorra, tenho o poder de negociar um acordo de paz entre nossas duas famílias.

Matteo bufou e trocou um olhar com Romero.

Luca deu um passo à frente.

— Você acha mesmo que vou trabalhar com a Camorra depois da mensagem que Remo me enviou através de Fabiano na última vez,

depois de ameaçar a minha esposa anos atrás?

— Remo queria te avaliar. Ele não tinha a intenção de te insultar nem de machucar a sua esposa. — Isso era apenas uma meia verdade, mas não havia por que revelar isso a Luca.

Luca zombou: — Todas as palavras que saem da sua boca são mentirosas. Eu sei que vocês prenderam uma das minhas entregas de drogas. Meus soldados devem estar sendo desmembrados enquanto conversamos. Eu não tenho absolutamente nenhum motivo para confiar em vocês.

— Eu não confio em ninguém, Luca, e acredito que isso não seja uma exigência para a trégua.

Luca e eu nos viramos em direção à voz. Remo vinha em nossa direção, completamente nu, exceto pela sua cueca preta.

— Como podem ver, não estou armado.

Meu irmão estava, inclusive, descalço. Estreitei os olhos para ele. Isso era loucura. Eu não sabia por que ainda me incomodava em fazer planos se Remo sempre agia por vontade própria.

— Algum dia eu vou te matar, seu filho da puta maluco — Resmungou Fabiano. — Ele acabou de assinar nossa garantia de morte, caralho.

Remo me deu seu sorriso torto ao colocar a mão no meu ombro e no de Fabiano, antes de se aproximar de Luca e dos outros.

— Pensei que seria bom conversar cara a cara, Luca. De um homem de honra para outro. De Capo para Capo.

O rosto de Luca refletia ódio, mas também havia respeito.

— E eu pensei que você fosse um covarde que mandava seu Executor e seu irmão para lutar suas batalhas.

— Eu sou muitas coisas, Luca. Covarde não é uma delas — Declarou Remo.

— Sabe de uma coisa, por que não metemos uma bala na sua cabeça e ajudamos Las Vegas com um novo Capo? Alguém menos

fodido — disse Matteo, apontando sua arma para Remo. Romero apontava a dele para mim.

Fabiano sacou da sua arma, porém, Remo balançou a cabeça. Fui para o lado dele.

— Matar a gente não vai servir de nada — Falei calmamente. — Savio vai entrar em contato com Cavallaro assim que nós estivermos mortos e oferecer parceria a eles, e nem mesmo você pode lutar com a Camorra e a *Outfit* juntas.

— Seu irmão Savio tem apenas dezesseis anos. Ele não será capaz de comandar a Camorra.

— Eu só tinha dezessete quando comecei a minha luta para recuperar o meu território. Você só tinha dezessete quando estrangulou um homem. Savio é um Falcone. Ele nasceu um assassino, Luca. Consegue comandar a Camorra. O nome Falcone possui poder em Las Vegas e para além dela — Afirmou Remo.

Luca estreitou o olhar, mas levei isso como um bom sinal de que ele ainda não nos mataria.

— Você quer arriscar uma parceria entre a *Outfit* e a Camorra? Não vai conseguir ter paz com Dante Cavallaro a menos que envie sua cunhada e seu Capitão para ele. — Acenei em direção a Romero.

Luca não falou nada. Ele devia estar tentando decidir se deveria acabar com a gente. Meu dedo repousava frouxo no gatilho, mas com os atiradores no telhado, nem mesmo as minhas habilidades nos salvariam.

Remo se aproximou ainda mais de Luca até ficarem à distância de um braço. Luca era cerca de três centímetros mais alto que Remo, mas isso não era surpresa.

— O que há para se conversar, Remo? E desta vez eu sei que seu irmão Nino não está mirando na minha esposa, então, não tem nada que me impeça de te banhar na porra do sangue dos Falcone.

Remo sorriu.

— A Camorra não tem nenhum interesse em machucar a sua família, Luca. Nem a sua esposa, *nem os seus filhos*.

Luca avançou, agarrando o pescoço de Remo. Meu irmão não fez nenhum movimento para se defender. Ele não tirou os olhos do Capo da *Famiglia* ao rosnar:

— Nós não somos os únicos que sabem sobre seus filhos. A *Outfit* sabe e a *Bratva* também. A *Outfit* atacou o meu território quando acharam que eu estava vulnerável. Quem você acha que eles vão atacar para te machucar, Luca? Scuderi tentou se livrar do Fabiano, seu próprio filho, *herdeiro dele*. O que ele fará com as filhas que o decepcionaram tanto, que destruíram a paz entre a *Outfit* e a *Famiglia*?

O Capo da *Famiglia* parecia querer estrangular Remo e eu sabia que ele poderia ter feito isso. Remo era um dos lutadores mais brutais, violento ao extremo, mas uma luta com Luca provavelmente mataria os dois. Nem mesmo Fabiano e eu poderíamos impedir isso, não com Matteo, Romero e os atiradores.

O rosto de Remo ficou vermelho, porém, ele continuou falando.

— Dante Cavallaro é nosso inimigo e eu vou entrar em Chicago e mostrar a ele o que significa estar em guerra com a Camorra, mostrar a ele por que somos desprezados até entre os nossos. Eu o farei pagar e não será rápido nem justo. Quanto a Scuderi, Fabiano vai matá-lo bem devagar e, se você quiser, podemos te enviar o vídeo para poder compartilhar com as irmãs Scuderi. Você quer Cavallaro morto tanto quanto nós.

Luca soltou Remo.

— Não subestime Cavallaro. Ele é um bloco de gelo por fora, mas é um filho da puta cruel como você e eu. E Scuderi é um pedaço nojento de merda, mas um gênio da estratégia. É por isso que ele continua sendo *Consigliere* sob o governo de Dante.

Fabiano soltou um grunhido baixo, mas, fora isso, permaneceu calado.

Remo assentiu, esfregando o pescoço.

— Eu sei que tipo de homem é Cavallaro. E não duvido que Scuderi seja um gênio dos planos doentios, mas vou atacar quando ele e

Cavallaro não esperarem. Vou vencê-los em seu próprio jogo. E vou me divertir cada segundo.

Luca estreitou o olhar.

— Não vou me juntar a você em sua campanha. Tenho a sensação de que não vou gostar do seu plano. Você é doido pra caralho.

— Não estou te pedindo para se juntar a mim. Estou pedindo para você ficar de fora da minha briga. Antigamente, a Camorra e a *Famiglia* trabalhavam juntas. A paz em nossos territórios pode levar à paz entre nossas famílias na Itália também.

— A minha única preocupação é o meu território.

Remo deu de ombros.

— Nós dois podemos lucrar com uma união. Eu posso te oferecer rotas seguras de entrega para suas drogas através do meu território. Você perde mais da metade de suas entregas porque os meus homens ou os soldados da *Outfit* as interceptam. A paz significa que você não terá que se preocupar mais com isso. Você pode dobrar seus lucros. E eu mantenho Dante ocupado com ataques para você poder focar na *Bratva* e não se preocupar tanto com a sua família.

— E a única coisa que você quer é que eu fique de fora da sua guerra com a *Outfit*? — Luca parecia desconfiado.

Eu tomei a palavra: — Dante pode te abordar depois que começarmos nossos ataques. Nós queremos garantir que ele não consiga te convencer a ajudá-lo.

Luca sorriu friamente.

— Eu não tenho nenhuma intenção de trabalhar com a *Outfit*. Acredite, quero Dante Cavallaro morto. — Ele estreitou o olhar. — Então, o que você quer fazer quanto à paz?

— Primeiro, vamos liberar seus soldados e suas drogas — Expôs Remo com um sorriso. Ele fez um gesto para mim e eu peguei meu celular, fazendo com que todas as armas girassem na minha direção.

Enviei uma mensagem rápida para Savio, para que ele

organizasse a liberação dos homens da *Famiglia*. Dei um aceno de cabeça.

— Seus homens estão sendo liberados enquanto conversamos e suas drogas chegarão em segurança no seu território.

— Por que não fala logo? — Resmungou Matteo. — Tem mais coisa aí. Estou ficando sem paciência.

Lancei um olhar para Remo. Matteo parecia exatamente como ele.

— Nós queremos te mostrar que a Camorra está disposta a permitir mudanças — Falei calmamente. — Fabiano tem permissão para estar com uma mulher de fora. Ele deu para ela aquela pulseira que sua esposa deu a ele.

— Não estou nem aí para nada disso — Grunhiu Luca. — Não ligo se Fabiano encontrou uma piranha para trepar.

— Cuidado, Luca — Censurou Fabiano, dando um passo para frente.

Luca ergueu as sobrancelhas.

— Por que não voltamos aos negócios? — Sugeri. — Vocês precisam de paz. Nós precisamos de paz. Você quer Cavallaro e Scuderi mortos. Nós vamos matá-los.

Remo abriu os braços. — E para te mostrar que falamos bem sério sobre a trégua com você e a *Famiglia*, quero que combinemos um casamento entre uma das suas e um dos meus.

Matteo gargalhou. — Ah, isso está ficando bom.

— Estamos falando sério — Falei porque a expressão de Remo me preocupava. Dava para notar que Matteo estava começando a irritá-lo demais. — Casamentos arranjados entre *Famiglias* têm garantido paz há séculos e a sua *Famiglia* tem mantido a tradição. Você e Aria são a prova de que é a solução perfeita.

Luca comprimiu os lábios quando mencionei a irmã de Fabiano.

— Deveria ter trazido paz com a *Outfit* e agora estamos em

guerra.

— Bem — disse Remo, gesticulando para Matteo e Romero —, isso foi culpa da sua família. Posso te garantir que vamos manter a nossa parte do acordo.

— Se eu der uma de nossas mulheres para a Camorra, quem vai me garantir que ela estará em segurança? — Perguntou Luca.

— Nossas mulheres têm tanta segurança quanto as suas, acredite. Elas não têm nada o que temer em nosso território — Falei. Pelo menos, nada que não tivessem que temer em todos os casamentos dos nossos círculos.

A boca de Luca se curvou em repugnância ao encarar o meu irmão.

— Eu não vou te dar uma mulher em casamento, Remo. Não confio nem um pouquinho em você. Você é louco demais para o meu gosto.

— Não sou eu quem vai se casar. É meu irmão Nino, e você vai descobrir que ele tem absoluto controle de si mesmo. Olhe para ele. Não parece o genro que toda mãe pediu a Deus?

Lancei um olhar de advertência para o meu irmão antes de me voltar a Luca.

— É um bom acordo para a *Famiglia* e para a Camorra. Não deixe que velhos rancores ou rixas arruínem suas chances de otimizar os lucros da *Famiglia* e proteger seu território.

— Isso é ridículo — disse Matteo, mas Luca permaneceu calado. Ele era um homem de negócios. Sabia o que rotas seguras de entrega através do nosso território poderiam significar para ele. Luca gesticulou para o irmão e Romero o seguirem. Eles saíram do alcance da voz.

Remo sorriu.

— Não sei por que está sorrindo. Isso não é um pôquer *Texas Hold'em*. Ceder em tudo não é o certo a se fazer — Resmungou Fabiano. — Isso é um puta desastre.

— Luca vai concordar — Afirmei.

Meu irmão e Fabiano olharam para mim com curiosidade.

— Tem certeza? — Perguntou Remo.

— Luca não é o homem que costumava ser antes de ter sua esposa e seus filhos. Ele não vai arriscar uma guerra aberta com a *Outfit*, mas quer Dante morto e prefere que estejamos ao seu lado. Se você tem algo a perder como ele tem, escolhe a opção segura.

Romero veio em nossa direção.

— Foi ele quem rompeu a trégua com a *Outfit* ao deflorar sua irmã, não foi? — Sussurrou Remo.

Fabiano fez uma careta. — Foi, e eu deixei atirarem em mim para poderem escapar. Eu era um idiota do caralho.

Romero nos encarou com desconfiança.

— Luca vai pensar na sua oferta. Temos outra entrega em três dias. Se chegar ao nosso território em segurança, podemos discutir uma trégua com mais detalhes.

— Vai chegar em segurança, não se preocupe — Resmungou Remo.

Romero assentiu. — Luca quer que vocês saiam de Nova York agora. Vamos entrar em contato em alguns dias se tudo correr como planejado.

— Tudo vai correr como planejado — disse Remo, sorrindo largamente. — É melhor Luca começar a procurar uma esposa para o meu irmão. Estamos ansiosos para conhecê-la.

CAPÍTULO 3

KIARA

Apesar da temperatura mais quente que março trazia, eu estava grata pelo meu suéter de lã grossa. Nunca me acostumei ao clima mais frio de Baltimore. O clima em Atlanta era bem mais quente. Meus dedos estavam duros quando encostei nas teclas do piano e comecei a tocar. Notas baixas de músicas melancólicas preencheram o ambiente, um reflexo das minhas emoções atuais. Eu havia começado a brincar com a composição alguns dias atrás, mas ainda estava longe de estar boa.

Quando minha tia entrou na sala de estar, perfeitamente arrumada, como sempre, com um vestido bege de casimira e os cabelos presos no topo da cabeça, tirei as mãos do teclado e o som morreu num exalar suave.

Tio Felix entrou atrás dela. Ele era um homem alto, barrigudo, com um bigode que entortava quando ele falava. Eles trocaram um olhar e algo pesado se instalou no meu estômago.

— Precisamos conversar com você — Anunciou Felix.

Eu me levantei do banco e os segui em direção à área de descanso. Eles se sentaram no sofá e eu, na poltrona em frente aos dois. Parecia que eu estava enfrentando um tribunal.

— Acolher você não foi fácil para nós — Começou Felix e eu agarrei o couro da poltrona. Não era a primeira vez que eu ouvia isso, mas ainda machucava. —, mas fizemos o que pudemos. Nós te demos o que pudemos para te criar.

Eles me deram um teto e educação, mas afeto ou mesmo proteção dos comentários hostis da sociedade… Não. Isso nunca. Mesmo assim eu era grata. Eu sabia o quanto as aparências eram

importantes e eles arriscaram sua reputação ao acolher a filha de um traidor.

— Mas você é uma adulta agora e está na hora de ter sua própria casa, ser esposa e mãe.

Minhas entranhas contraíram, mas mantive a expressão neutra. Ao longo dos anos, aprendi a esconder minhas emoções.

— Vocês encontraram um marido para mim?

Quem teria aceitado se casar comigo? Talvez, no fim das contas, eles tenham resolvido por um soldado. Era melhor assim. Se eu me casasse com alguém inferior, a festa e o casamento seriam discretos, sem atenção, com pouco potencial para um escândalo. Um soldado poderia me ver como uma maneira de elevar sua posição, porque, apesar de ser filha de um traidor, eu era prima do Capo. Talvez isso o faria ignorar meu defeito.

Tia Egidia sorria, porém, seus olhos mostravam culpa, talvez até vergonha. Felix limpou a garganta.

— Eu sei que você não sabe dos detalhes dos meus negócios, mas a *Famiglia* está em guerra.

Como se alguém não soubesse disso. Até as criancinhas eram criadas com a ciência de que tínhamos que estar alertas porque a *Outfit* poderia atacar, ou Deus nos livre, a Camorra.

— Eu sei, tio Felix — Falei baixinho.

— Só que Luca foi abordado com uma oferta de paz. Você não precisa se preocupar com os detalhes, mas pode ser o último passo para destruir a *Outfit*.

O ar ficou preso na minha garganta. Sobre o que ele estava falando? Se a oferta não veio da *Outfit*, quem mais estava disposto a concordar com uma trégua?

— É uma honra, Kiara. Depois do que seu pai fez, nós achamos que teríamos que te entregar para um soldado ou nunca encontraríamos um marido.

— Com quem vou me casar? — Obriguei as palavras a saírem, mas elas soaram sufocadas.

— Você vai se casar com alguém importante — Assegurou-me tia Egidia com um sorriso tenso, contudo, seu olhar… seu olhar ainda continha pena e, lá no fundo, eu sabia que quaisquer que fossem os horrores que meu passado abrigava, logo teriam a companhia de novos horrores.

— Com quem? — Rosnei.

— Com Nino Falcone, o braço direito do irmão Remo Falcone, o Capo da Camorra — Terminou Felix, evitando meus olhos.

Não escutei mais nada depois disso, levantei-me sem dizer nada e saí. Subi, fui para o meu quarto e me joguei na *chaise longue*, com o olhar perdido para a minha cama. Ela estava cuidadosamente feita. Eu não deixava as empregadas arrumarem, há anos não as deixava arrumarem. Todas as noites, eu pegava meu travesseiro e meu cobertor e me encolhia na *chaise longue* para dormir e, de manhã, eu devolvia tudo e arrumava a cama para ninguém descobrir que eu não a usava há seis anos.

Seis anos. Eu tinha apenas treze anos.

Quando eu olhava para a minha cama, os horrores do passado tomavam forma outra vez, como acontecia todas as noites quando fechava os olhos.

Seis anos atrás

Estava escuro no meu quarto quando passos me acordaram. Eu me virei e reconheci tio Durant sob o brilho da lua. Ele havia vindo passar alguns dias em Baltimore com a esposa, tia Criminella, para visitar tia Egidia e tio Felix.

Confusa com sua presença, eu me sentei. Sua respiração era alta e ele estava de roupão.

— Shh — Fez ele ao se debruçar sobre mim, seu corpo me forçava para baixo.

Fiquei apavorada. Eu não deveria ficar sozinha com homens no meu quarto. Esta era uma regra que havia aprendido desde novinha. Rija de medo, observei-o tirar o roupão; ele estava nu. Eu nunca havia visto um homem nu. Ele agarrou meu ombro com uma mão e, com a outra, tapou a minha boca. Eu deveria mostrar respeito aos mais velhos, aos homens em particular, mas sabia que isso não era certo. Comecei a me debater.

Ele rasgou as minhas roupas. Era forte demais. Ele puxava e apertava. Suas mãos machucavam entre as minhas pernas. Eu chorava, mas ele não parou. Ele veio para cima de mim, entre as minhas pernas.

— Este é o seu castigo por ser uma traidora nojenta.

Eu quis dizer que não traí ninguém, porém, a dor me roubou as palavras. Parecia que eu estava sendo dilacerada, como se estivesse quebrando, caindo e estilhaçando. Sua respiração era quente no meu rosto e eu chorei, lamentei e implorei. Sua mão apenas tapou com mais força a minha boca, e ele grunhiu ao se forçar dentro de mim repetidamente. Chorei com mais força porque doía demais.

Doía tudo, meu corpo inteiro e no fundo do peito.

Ele continuava gemendo em cima de mim. Parei de me debater e respirei pelo nariz entupido. Inspira e expira. Inspira e expira. O suor pingava da testa dele. Ele estremeceu e desabou em cima de mim. Sua mão escorregou da minha boca.

Não gritei. Eu fiquei calada, sem me mexer.

— Ninguém vai acreditar se você contar sobre isso, Kiara. E, mesmo que acreditem, vão te culpar e ninguém mais vai te querer. Você é suja agora, Kiara, entendeu? Indigna.

Ele saiu de dentro de mim e eu gritei por causa da dor aguda. Ele me deu um tapa.

— Fique quieta.

Comprimi os lábios, observando-o se levantar e vestir o roupão.

— Você já menstruou?

Balancei a cabeça em negação porque não conseguia falar.

— Bom. Você não ia querer ter um bastardinho, não é? — Ele se debruçou sobre mim de novo e eu me assustei. — Vou garantir que as empregadas saibam que você menstruou, não se preocupe. Não vou deixar ninguém descobrir que você é uma putinha inútil. Vou te proteger. — Ele acariciou o meu rosto antes de se afastar e eu não me mexi até ele ter saído. Quando seus passos desapareceram, me levantei e consegui ficar de pé apesar da dor.

Algo quente escorreu pelas minhas pernas. Cambaleei para frente, peguei a calcinha que foi tirada de mim e a pressionei entre as minhas pernas, chorando de dor. Tremendo, me encolhi na *chaise longue*, encarando a cama na escuridão.

Antes do sol nascer, a porta abriu novamente e eu me espremi no encosto, me tornando pequena. Dorma, uma das empregadas, entrou no meu quarto. Ela era uma das mais jovens, que me encarava como se eu fosse um incômodo. Ela olhou para mim.

— Levante-se — Falou bruscamente. — Precisamos te limpar antes que os outros acordem.

Eu me levantei, estremecendo por causa da dor entre as minhas pernas. Olhei para baixo, para mim mesma. Havia sangue nas minhas pernas e outra coisa que fez meu estômago contrair fortemente. Dorma começou a juntar os lençóis. Eles também estavam cobertos de sangue.

— É melhor você deixar isso quieto — Resmungou ela. — Seu tio é um homem importante e você é apenas uma traidora. Tem sorte de não te matarem também.

Esperei calada enquanto ela juntava os lençóis e os colocava no chão. Depois, ela começou a tirar a minha roupa, ignorando meu tremor, até eu ficar nua. Eu me senti suja, indigna e destruída sob seu olhar cruel.

Ela acrescentou minha camisola à pilha ensanguentada no chão e depois me ajudou a colocar um roupão.

— Vamos para o banheiro agora e, se alguém perguntar, você menstruou, está bem?

Assenti. Não perguntei por quê. Não contestei.

Naquela noite, tio Durant veio ao meu quarto de novo e outra vez na noite seguinte, e novamente até ele finalmente ter que voltar para Atlanta. Todas as manhãs, Dorma trocava os lençóis e me limpava. Alguns dias depois que ele foi embora, ela usava um colar caro. O preço pelo seu silêncio.

Hoje

Ouvi uma batida na porta, me arrancando das minhas lembranças dolorosas. Respirei fundo e desejei que a minha voz saísse forte.

— Entre.

Tia Egidia abriu a porta, mas não entrou. Seus lábios estavam comprimidos de preocupação.

— Kiara, aquilo foi muito rude — disse. Ela me encarou e, depois, desviou o olhar, e, mais uma vez ele estava repleto de culpa. — Você deveria ficar honrada por ser dada a alguém importante. Com o seu passado, é uma bênção. A festa do seu casamento será um espetáculo. Trará honra ao seu nome.

— E ao seu — Falei baixinho.

Ela enrijeceu e eu me arrependi imediatamente das minhas palavras. Eu não tinha o direito de criticá-la, nem ao meu tio.

— Nós enfrentamos muitos aborrecimentos porque te acolhemos. Você não pode guardar rancor de nós por estarmos felizes por encontrar um par tão digno para você.

— Está decidido? — Perguntei calmamente.

Ela franziu a testa.

— Praticamente. Os Falcone insistiram numa parente de Luca para o casamento, naturalmente, então, Felix sugeriu você. Luca gostaria de conversar com você antes de fazer a oferta, o que não costuma acontecer, mas se ele insiste em seu consentimento, não podemos recusar. Nós o convidamos, junto com a esposa, para o jantar.

— Ela, enfim, me olhou nos olhos. — Você lhe dirá que está encantada com a honra, Kiara, não dirá? Esta é a sua chance de se redimir e a sua família. Talvez até seus irmãos tenham permissão para se tornarem Capitães se você se casar com alguém como Nino Falcone.

Minha garganta fechou e meu olhar encontrou a cama mais uma vez.

— Kiara, você vai dizer a ele que concorda, não vai? Seu tio já disse a Luca que você concordaria. Se você recusar, vai gerar rumores.

Voltei a olhar para a minha tia, que parecia preocupada.

— Vou concordar — Sussurrei, porque… o que mais restava a ser feito?

*

À noite, antes do jantar, Luca me puxou de lado para conversar comigo sem a minha tia e meu tio, o que os deixou muito insatisfeitos, claramente evidenciado pelas caretas em seus rostos.

— Não vou te obrigar a se casar se você recusar — Declarou ele. Sua presença me deixava nervosa.

— Vou fazer vinte no outono. Preciso me casar.

— É verdade — Reconheceu Luca. Seus olhos cinza me encaravam como se ele achasse que poderia tirar qualquer verdade de mim apenas com seu olhar observador, mas eu tinha aprendido a guardar os meus segredos. — Mas você poderia se casar com outra pessoa.

Poderia, mas caso eu recusasse a me casar com Nino Falcone, seria uma pária maior ainda em nosso meio. Tio Felix e tia Egidia ficariam desapontados e teriam ainda mais dificuldade em encontrar outro. E como eu justificaria a minha recusa? Em nosso mundo, você se casa com o homem que seus pais escolhem, independente do quanto essa escolha seja ruim.

— Quem se casaria com Nino Falcone no meu lugar?

— A maioria das minhas primas está prometida ou casada. Eu

teria que escolher uma das filhas dos meus Capitães. Algumas delas vão atingir a maioridade este ano e não estão comprometidas.

Outra garota dada aos monstros de Las Vegas. Uma garota mais inocente do que eu. Uma garota que merecia uma chance de ser feliz, independente do quanto a felicidade seja pouca no nosso mundo.

Ninguém me protegeu anos atrás, mas eu não poderia dispensar esse destino a outra garota.

— Eu me caso com ele. Não precisa escolher outra pessoa. — Minha voz não denunciou meu pavor. Ela saiu firme e determinada, e eu me obriguei a olhar nos olhos de Luca pela primeira vez essa noite.

Luca me encarou por mais um tempo, porém, deu para notar que ele aprovava a minha decisão. Dever e honra eram os pilares do nosso mundo. Cada um de nós tinha que fazer o que era esperado. Se ele não pudesse oferecer uma de suas primas à Camorra, pegaria mal para ele e para a *Famiglia*. Essas eram as regras sob as quais vivíamos e sua própria esposa foi lhe dada em troca de paz. Era assim que era feito, como sempre seria feito.

Depois do jantar, foi Aria quem se aproximou de mim. Ela sorriu docemente e pôs a mão no meu braço enquanto os homens bebiam *whiskey* no salão para fumantes e tia Egidia preparava um espresso para nós.

— Ninguém vai te culpar se você recusar — disse Aria.

— Você se casou com Luca. Fez o que era esperado, o que a honra ditava, e eu sei que o mesmo é esperado de mim — Falei sorrindo.

Ela franziu a testa. — Sim, mas…

— Não é como se eu já tivesse me sentido em casa aqui. Mesmo que não tenha sido eu a quebrar o juramento, estou pagando pelo erro do meu pai. Quero seguir em frente. Esta é a minha chance de me redimir. Las Vegas pode ser um novo começo para mim.

Essas eram as palavras que esperavam de mim, mas elas saíram pesadas dos meus lábios, porque eu sabia que o meu casamento com

Nino poderia destruir tudo. Minha reputação e qualquer chance de paz. E, por baixo dessas preocupações, se estendia um medo mais profundo e mais sombrio, um medo que nasceu no passado, que assombrava o meu presente e que determinaria o meu futuro.

*

NINO

— Aquilo foi muito arriscado e você sabe, Remo. Algum dia você vai acabar morto — Falei quando Remo e eu nos sentamos à mesa do Sugar Trap. Eu sabia que ele estava começando a ficar cansado dos meus sermões, mas, enquanto agisse com impulsividade, teria que escutá-los.

Remo jogou os pés em cima da mesa, assistindo a stripper balançar os quadris, balançando os peitos para cima e para baixo. O Sugar Trap estava deserto, com exceção das mulheres que se preparavam para a noite.

— Quando isso acontecer, você estará lá para comandar a Camorra.

Franzi a testa. Ele não estava levando a sério. Ele nasceu Capo. Ninguém conseguia assustar as pessoas tão fácil e rapidamente quanto Remo. Eu não queria me tornar Capo. Este era o direito de primogenitura de Remo, não o meu.

— Não me olhe assim, Nino. Eu sei que você teria lidado diferente com as coisas.

— Qualquer um teria lidado diferente com as coisas.

— Deu certo. Luca tem suas drogas e concordou em dar uma chance a essa união. E aposto que Aria teve uma parte nesse assunto. Ela quer o irmão de volta. Ela é mulher. Elas querem paz e amor. Gostam de se intrometer.

— Você não é um especialista em relação às mulheres. Quando foi a última vez que você falou mais que duas frases com uma mulher?

Remo tirou as pernas de cima da mesa e se levantou, apontando para a stripper.

— Quero foder. Leve esse rabo para o vestiário. Chego em dois minutos. É melhor estar nua. — A mulher assentiu e correu para os fundos. Remo ergueu uma sobrancelha. — Está vendo? Quatro frases.

Suspirei e me levantei. — Isso não foi uma conversa, foi um comando. Um monólogo, no máximo. Para ser uma conversa de verdade, ela tem que dizer alguma coisa de volta.

Remo sorriu.

— Por que eu iria querer ouvir o que ela tem a dizer? Prefiro sua boca cheia com o meu pau. — Ele apontou para outra stripper que entrava na boate. — Por que não pega aquela? Em alguns meses, será um homem casado. Aí, sem mais bocetas de stripper para você. — Ele riu da própria piada, sabendo que Homens de Honra podiam fazer o que quisessem, e deu um tapinha no meu ombro. — Vamos, relaxe um pouco antes da reunião com Luca amanhã.

Ele tinha razão. Encontrei o olhar da mulher e gesticulei para que ela viesse. Eu já tinha trepado com ela antes.

— C.J. — Falei e ela arregalou os olhos. Elas sempre ficavam surpresas por eu me lembrar de seus nomes, mas eu nunca me esquecia de um nome nem de nada.

— Pois não, Sr. Falcone? — Ela lambeu os lábios porque achava que isso me excitava. Eu achava que isso mais distraía do que qualquer outra coisa. Se eu já não tivesse a intenção de trepar com ela, não a teria chamado. Não fazia sentido tentar me excitar ainda mais.

Remo já tinha ido para os fundos. Segurei-a pelo pulso, levei-a para o banheiro e a fodi contra a cabine. Ela gemia, mas eu sabia que era falso. Ela estava molhada em volta do meu pau, mas com certeza não tinha gozado. Seu corpo não exibia os sinais reveladores do orgasmo. Como prostituta, ela estava acostumada a fingir para deixar os clientes contentes, mas eu odiava isso. Segurei-a com mais força,

estreitando os olhos, e a fodi mais rápido.

— Você sabe o que acontece com quem mente para mim?

O medo atravessou seu semblante. Coloquei a mão entre nossos corpos, manipulei seu clitóris e ela acabou se rendendo a mim, como elas sempre faziam, e ela gozou. Também gozei logo depois, tirei de dentro dela, joguei o preservativo no vaso e a deixei parada lá.

*

Luca e eu decidimos nos encontrar em Nashville. Era um solo neutro, o que era a melhor opção para uma segunda reunião, levando em consideração que ambos estaríamos sozinhos. Luca me olhou de cima a baixo enquanto eu ia até ele no estacionamento deserto de um complexo de cinema abandonado.

Estendi a mão para apertar a dele. Ele a aceitou e, para minha surpresa, não tentou transformá-la em poeira como algumas pessoas faziam quando queriam intimidar. Talvez ele soubesse que não tinha esse efeito em mim.

— Nos encontramos de novo — Falou com os olhos estreitos. — Da última vez, não conseguimos conversar em particular. Foi você que ameaçou a minha esposa.

— Eu não a ameacei — Contestei. — Encontrei uma fraqueza nas suas medidas de segurança e Remo lhe mostrou para te impedir de matá-lo.

O olhar de Luca endureceu. — Você nunca mais vai ameaçar a minha esposa.

Talvez uma pessoa comum tivesse medo dele, mas eu o encarava friamente, meu pulso estava calmo como sempre.

— Táticas de intimidação não funcionam comigo. Não tenho disposição para que me afetem. Não tenho intenção nenhuma de ameaçar sua esposa no futuro. Acho que uma trégua entre a *Famiglia* e a Camorra é a solução lógica para nossos problemas com a *Outfit* e, para que a trégua funcione, teremos que concordar em não ameaçar ou matar uns aos outros por enquanto.

Luca me encarou por vários segundos, com um olhar de escárnio.

— Algum de vocês, irmãos Falcone, é são?

— Qual a sua definição de sanidade? — Perguntei. — A sociedade não vê como são nem eu nem você. Somos psicopatas porque gostamos de matar. Ou você está tentando me dizer que se sente culpado quando tortura e mata?

Luca deu de ombros.

— Talvez sejamos psicopatas, mas você e Remo fazem a maioria dos psicopatas parecer sã.

Eu sabia que Remo e eu éramos o resultado do mesmo catalisador. Animais adaptados para o seu ambiente se quisessem sobreviver. Era um processo de evolução que às vezes acontecia numa escala menor dentro de um único ser. Remo se voltou para suas emoções, as deixou soltas e, como resultado, mal tinha controle sobre sua raiva.

Meu corpo havia sobrevivido se livrando completamente das emoções. Eu preferia a minha adaptação à dele. Deixava a vida mais previsível.

Adamo nasceu quando Remo e eu nos tornamos os homens que éramos hoje, e Savio tinha apenas três anos, jovem demais para entender ou se lembrar. Eles não compartilhavam das nossas disposições.

— Sou perfeitamente capaz de agir de acordo com os padrões da sociedade se você quiser.

— E você quer se casar pela trégua?

— É o único motivo pelo qual eu consideraria me casar — Falei sinceramente. — O casamento não serve realmente para nenhum outro propósito. Não preciso de companheirismo. Tenho isso com meus irmãos e com Fabiano. E não preciso me casar para satisfazer meu desejo sexual. Existem mulheres suficientes em Las Vegas para isso.

Luca deu uma gargalhada sombria. — Acredito em você.

— Tive a impressão de que você era a favor de um casamento entre as nossas famílias.

— Não sou a favor, mas, como você disse, é a escolha lógica. Tenho que pensar na *Famiglia* e na minha própria família. Não quero vocês, seus Falcones filhos da puta malucos, atrás de mim. Prefiro vocês fazendo a vida de Cavallaro um inferno. Já estou ocupado com a *Bratva*. Não quero lidar com ele. O fato de vocês matarem Scuderi da maneira mais cruel que qualquer um poderia pensar é um bônus.

— Está combinado, então. Dados os antecedentes da sua família, seus Capitães e Subchefes são a favor dessa união, suponho.

— Eles seguem a minha decisão, mas casamentos arranjados são muito populares na *Famiglia*, é claro.

Casamentos arranjados ainda são populares até entre os Camorristas.

— Já escolheu uma mulher para mim?

Os lábios de Luca comprimiram.

— Não será uma surpresa se eu te disser que a maioria dos Subchefes e Capitães não está ansiosa para mandar suas filhas para a Camorra. O nome Falcone tem certa reputação.

— Sou perfeitamente capaz de cumprir meus deveres como marido. Posso oferecer proteção, gerar filhos e dinheiro também não é problema.

Luca fez uma careta. — Não dou a mínima para essa merda. O que eu quero saber é se terei que atacar Vegas para salvar uma das minhas primas de você e dos seus irmãos.

— Você não terá motivos para salvar ninguém e, mesmo se tentar, Las Vegas é muito forte para você. Mas te garanto que a minha esposa não sofrerá violência. — Parei. — E devo te lembrar de que é a sua família que mantém a tradição dos lençóis de sangue e não a nossa? Isso força a mão de qualquer marido na noite de núpcias.

— Algumas tradições não podem ser revogadas.

— A pergunta continua: Tem alguém em mente?

Luca assentiu. — Uma das minhas primas está em idade de se casar. Seus tutores a sugeriram para a união. Ela não ficará triste em deixar a *Famiglia*.

Estreitei o olhar. — Tutores? O que tem de errado com a garota?

— Nada. Ela é mais do que capaz de se tornar uma esposa, mas o pai dela, meu tio, foi um traidor, e muitas pessoas não a deixam se esquecer disso. Ela cresceu com a nossa tia Egidia.

— A filha de um traidor para nós. Algumas pessoas podem considerar isso um insulto.

— Seu irmão Remo será uma delas?

Sempre foi difícil falar por Remo, mas ele não estava nem aí para o histórico familiar.

— Remo julga as pessoas pelos seus próprios atos, não pelos delitos de seus pais. E ela ainda é sua prima.

Ele pôs a mão no bolso de trás e eu levantei a minha para o meu coldre.

A tensão disparou pelo corpo de Luca.

— Celular. — Ele puxou seu celular e, depois de um instante, voltou-o para mim. Na tela, estava a imagem de uma jovem com olhos castanho-escuros e cabelos quase pretos, mas sua pele naturalmente morena estava bastante pálida, o que sugeria que ela não saía muito de casa. — Esta é minha prima, Kiara Vitiello. Dezenove anos. Uma mulher digna. — A última parte foi dita com uma pontada de advertência.

— Ela serve — Falei.

Luca pôs o telefone de volta no bolso. Ele acenou com a cabeça e suspirou.

— Está combinado, então.

*

Voltei tarde para a nossa mansão naquela noite. Remo estava acordado, como de costume. Ele nunca dormia mais do que poucas horas. Ele se levantou do sofá assim que entrei na sala de jogos. Savio e Adamo estavam ocupados jogando videogame, algum tipo de corrida. Adamo estava na frente; assim como na vida real, ele sabia dirigir um carro.

— E? — Havia uma pontada de ansiedade na voz de Remo. Eu não tinha certeza se ele esperava que Luca discordasse depois da reunião de hoje, para poder atacar a *Famiglia,* ou se ele queria mesmo a paz. Remo só prosperava em meio ao caos e à violência.

— Ele sugeriu uma de suas primas, Kiara Vitiello.

— Se o sobrenome dela é Vitiello, seu pai deve ser um dos tios traidores de Luca.

— Isso mesmo. O pai dela foi morto por trair Luca.

— Então, ele nos deu a filha de um traidor? — Indagou Remo com a voz baixa.

— Nós não nos importamos com esse tipo de coisa.

Remo jogou uma de suas facas em uma das poltronas e ela se encravou no couro. Já havia mais buracos nela.

— Mas a *Famiglia*, sim. O babaca arrogante deve querer enviar alguma mensagem de merda com o casamento.

— Talvez Nino seja tipo um castigo para ela — Refletiu Savio quando seu carro bateu num muro, seus olhos castanhos brilhavam com o que presumi fosse diversão. Adamo não parecia se importar por ter vencido o jogo. Ele pousou seu controle e me encarou com uma expressão que provavelmente devia transmitir tédio.

— Às vezes, acho que Nino também é meu castigo — Falou Remo. — Faz sentido que Luca puna sua prima entregando-a para Nino.

Eu também considerei essa opção, contudo, Luca não era do tipo que castigava uma mulher desse jeito, principalmente uma mulher inocente.

— Se não fosse por mim, você já estaria morto.

Remo deu de ombros. — Talvez. Nunca saberemos.

— Então, você vai mesmo se casar? — Perguntou Adamo. Seus cabelos tinham crescido demais e caíam em seus olhos, assim, ele tinha que colocá-los para trás constantemente. Diferente de mim, ele nunca usava rabo de cavalo nem penteava para trás.

— Vou.

— Mas você nunca se encontrou com a mulher. E se ela for insuportável? — Questionou Adamo.

Savio revirou os olhos. — Dá para parecer mais veadinho? Você precisa mesmo trepar.

O rosto de Adamo ficou vermelho. — Cala a boca.

— Fala sério, você já tem quase quatorze anos. Quando eu tinha a sua idade, já tinha comido algumas garotas. — Savio olhou para Remo. — Prenda-o num quarto com algumas piranhas para elas o deixarem em forma de tanto foder.

Adamo empurrou Savio pelo ombro. — Cala a boca! Não preciso das suas piranhas.

— Se você quer ser um Falcone de verdade, não pode ser a porra de um virgem. É patético. Ou, quem sabe, você seja gay?

Adamo deu um pulo e se atirou em Savio. Os dois caíram no chão e começaram a se socar. Adamo ainda não havia lutado no octógono como Savio, então, não era inteligente da parte dele atacá-lo.

Remo balançou a cabeça, mas não interveio. Eu me aproximei para avaliar melhor, no caso de as coisas ficarem muito violentas. Savio conseguiu o controle e montou em Adamo, socando-o com força uma vez, duas, e depois levantou o braço para outro soco. Dei um passo para frente para detê-lo, mas Remo se jogou por cima do sofá e pousou ao lado de Savio e o agarrou pela gola antes de tirá-lo de cima de Adamo e mandá-lo para longe. Savio caiu no sofá, arfando e fazendo menção de se levantar de novo.

— Você fica aí — Ordenei. Seus olhos continham desafio antes de assentir e desabar contra o encosto.

Adamo estava esparramado de costas, com o rosto vermelho e os lábios arrebentados. Ele tremia, mas não fez nenhuma menção de se levantar. Remo se inclinou sobre ele e estendeu a mão. Adamo não a aceitou, apenas olhou.

— Adamo — disse Remo. — Não teste a porra da minha paciência.

Adamo aceitou a mão de Remo e o deixou levantá-lo. Adamo se retraiu, depois, com um último olhar para Savio, saiu num rompante em direção às portas de correr e sumiu lá fora.

— Caralho, talvez ele goste mesmo de garotos — disse Savio, franzindo o rosto. Depois, arregalou os olhos. Às vezes, quando estávamos fora a negócios, ele conseguia agir como homem, mas, em momentos como este, se tornava óbvio que ele só faria dezessete anos dentro de um mês. Na idade dele, Remo e eu já estávamos endurecidos pelos anos na rua. Não sei se algum dia fomos adolescentes. — Se for, você vai matá-lo?

Remo encarou Savio. — Nós somos irmãos. Nós nos apoiamos. Eu não ligo se Adamo gosta de cabras, patos ou homens. Ele é nosso irmão.

Savio assentiu devagar. — Ele é irritante pra caralho. Se trepar com um cara o deixar mais tolerável, posso viver com isso.

Remo bufou. Depois, ele se voltou para mim.

— Fale com ele. Você é o único que consegue lidar com ele.

Fui para o jardim, seguindo o fedor de fumaça, em direção às espreguiçadeiras perto da piscina. Adamo estava curvado, fumando um cigarro normal. Desde o último aviso de Remo, ele não havia tocado em nada mais pesado. Eu estava curioso para saber até quando isso iria durar. Arranquei aquela merda da sua boca e joguei na piscina.

— Nada de drogas.

— É um cigarro, não maconha nem heroína — Resmungou ele.

Puxei outra cadeira em direção a ele e me sentei à sua frente.

— O que está acontecendo?

Ele me encarou. — Nada.

— Adamo, se você quer ser tratado como um adulto, tem que agir como um. Agora, me diga por que está agindo desse jeito.

Seu olhar desceu para seus tênis. — Não quero comer uma prostitua nem nenhuma das strippers que vocês levam para casa.

— Isso ficou evidente quando você atacou Savio. O que eu te disse sobre brigas?

— Só ataque se tiver certeza de que pode derrotar o adversário.

— Você não pode derrotar Savio. Não ainda.

— Nunca vou ser tão bom quanto todos vocês. Não gosto de machucar as pessoas tanto quanto vocês gostam.

Já imaginava. Adamo nunca foi uma criança violenta.

— Você é forte e um bom lutador. Não precisa gostar de machucar nem de matar para ser bom nisso.

Ele engoliu em seco. — Eu não quero matar de novo.

Ele havia matado pela primeira vez durante o ataque no Roger’s Arena e, diferente de mim, Remo e Savio, seu primeiro assassinato o assombrava.

— Você se acostuma.

— Talvez eu não queira me acostumar — Resmungou. — Eu não sou como vocês.

— Você tem tempo — Falei. Não adiantava discutir isso agora. Ele ainda tinha cinco meses até fazer quatorze anos; até lá, não seria iniciado. — Qual o seu problema com as mulheres que seus irmãos e eu trazemos para casa?

Ele enrijeceu e levantou a cabeça. — Eu não sou gay.

Eu olhei para ele, mas seu rosto permanecia às sombras, dificultando ainda mais conseguir decifrá-lo.

— Remo não te puniria por isso. Somos irmãos, Adamo. Nada vai mudar isso.

Adamo mordeu o lábio e se retraiu.

— Vou ter que dar um ponto nisso.

Ele assentiu. — Eu não sou gay.

Inclinei a cabeça, mas ele continuou sem mais nenhum estímulo.

— Eu não quero uma prostituta porque elas nem gostam de vocês. Elas transam com vocês porque são seus chefes ou porque têm medo. Eu não quero isso. Quero uma garota que goste de mim e que queira estar comigo.

— É difícil encontrar isso no nosso mundo.

— Porque vocês não estão procurando. Fabiano encontrou Leona.

— Verdade, mas ele passou por muitas mulheres antes disso.

Adamo deu de ombros. — Não quero ser obrigado a dormir com uma prostituta.

— Remo não vai te obrigar, nem eu.

— Sério?

— Sério. — Eu não conseguia entender o pensamento de Adamo. Ele era um adolescente. Em algum momento, seu desejo sexual ficaria muito forte para esperar por alguém com quem ele se importasse, mais ainda, por alguém que se importasse com ele. — Só que, Adamo, nós somos Falcone. As pessoas sempre agem diferente perto da gente. Encontrar alguém em quem confiar é difícil.

— Você não quer que a sua futura esposa goste de você?

— Afeto não é necessário para um casamento. Eu não tenho nenhuma expectativa desse tipo.

— Mas, e se ela quiser afeto? — Sua boca se contorceu diante da palavra e ele se retraiu mais uma vez.

Eu lhe lancei um olhar e ele se levantou. — Você me conhece.

Adamo deu de ombros. — Eu meio que sinto pena dela.

— Vamos. Vou dar um ponto no seu lábio agora. — Talvez eu também sentisse pena de Kiara Vitiello se fosse capaz disso.

CAPÍTULO 4

KIARA

Tia Egidia parecia incrivelmente contente ao entrar na biblioteca onde me escondi dela e do meu tio o dia inteiro.

— Luca teve uma reunião com Nino Falcone hoje.

Pousei o livro que estava lendo, tentando manter meu rosto inexpressivo.

— E?

— Luca mostrou uma foto sua a Nino e ele concordou em se casar com você.

Ela me observava com expectativa como se achasse que eu faria uma dancinha de felicidade porque Nino aprovou minha aparência. Engoli em seco.

— Que boa notícia. — Foi só o que consegui, e sem entusiasmo.

Minha tia comprimiu os lábios.

— Kiara, de verdade, não acho que você compreendeu o que isso significa.

Ah, eu sabia exatamente o que isso significava e esse era o problema.

— Tia Egidia, leva um tempo para me acostumar com a ideia de me casar com ele. Não se preocupe, quando chegar a hora, serei capaz de transmitir minha animação adequadamente.

Era uma mentira lavada. Se eu conseguisse não me encolher diante de cada toque, já seria um enorme sucesso.

— Bem… você não tem muito tempo. Remo Falcone insiste que as coisas aconteçam depressa. O casamento está definido para daqui a quatro semanas.

Cravei os dedos no couro da poltrona, a cor se esvaiu do meu rosto.

— Quatro semanas? Mas não há tempo suficiente para planejar tudo.

Definitivamente não havia tempo suficiente para me preparar mentalmente para me casar com um Falcone… como se eu pudesse algum dia me preparar para algo assim.

— Não se preocupe. Eu já entrei em contato com algumas lojas de vestidos de noivas. Claro que alguns dos vestidos mais populares já estão vendidos, mas me garantiram que ainda têm bastantes peças lindas.

— Está bem — Falei num tom monótono.

Tia Egidia assentiu. — Aria e Giulia irão conosco. Já falei com as duas e elas estão animadas. Aria foi muito gentil em marcar um horário com a melhor loja de vestidos de noiva de Nova York. Nova York parece ser a escolha mais sensata, visto que não podemos esperar que a esposa do Capo viaje até Baltimore. Evidente que o gerente da loja nos encaixou amanhã. Quem poderia recusar Aria Vitiello?

— Amanhã? — Indaguei aterrorizada.

— Não é maravilhoso?

— Maravilhoso — Consegui falar.

Tia Egidia franziu a testa mais uma vez.

— Enfim, Felix e Luca estão tentando encontrar o melhor lugar para realizar a festa de casamento. Não será em Nova York. Luca não quer os Falcone na cidade dele.

Não? Quase ri.

— Tenho certeza de que há outras opções — Falei calmamente.

— Sim, sim... Tenho certeza — disse Egidia, sorrindo. — É melhor eu ligar para algumas floriculturas e tomar as providências.

Não me incomodei em destacar que isso não faria sentido até sabermos onde seria a festa. Isso era um espetáculo da tia Egidia, mesmo que a atração principal fosse eu.

Quando ela saiu, fechei os olhos. Quatro semanas.

Quatro semanas até a minha noite de núpcias.

Quatro semanas até Nino querer reivindicar seu prêmio.

Quatro semanas para eu descobrir um jeito de esconder que alguém tomou esse prêmio anos atrás. Fiquei enjoada e coloquei a mão na barriga.

Dez minutos depois, Giulia ligou.

— *Minha mãe já falou com você?*

— Faz alguns minutos

Giulia suspirou. — *Eu não gosto disso, Kiara. Quatro semanas? Sério? É como se não pudessem esperar para te jogar aos Falcone, como se estivessem preocupados que possam começar a se sentir culpados se esperarem mais.*

— Pelo menos isso me dá menos tempo de tormento. — Eu me preocuparia mesmo assim. Minhas noites seriam assombradas por pesadelos ainda piores do que os de antes.

— *Até Cassio desconfia dos Falcone. Ele me mostrou um vídeo de Nino Falcone no octógono. É doentio.*

— Um vídeo? — Repeti. — Onde posso assistir?

Houve silêncio do outro lado da linha.

— *Não! Não assista!*

Minha garganta fechou. — Onde?

— *É um fórum na* Darknet *que a Camorra usa para mostrar suas lutas no octógono e as corridas ilegais de rua.*

— Me diz como eu faço.

— *Kiara…*

— Eu tenho dezenove anos, não nove. Quero vê-lo, Giulia. *Preciso*. — Se eu ficasse cara a cara com esse monstro pela primeira vez na nossa noite de núpcias, iria fugir. Eu precisava ver do que ele era capaz, mesmo que uma luta num octógono nem começasse a apresentar isso.

— *Só um segundo. Preciso perguntar para Cassio de novo.* — Ouvi um farfalhar seguido pelo silêncio do outro lado da linha por um tempo até ouvir vozes abafadas. Depois do que pareceu uma eternidade, Giulia falou novamente. — *Tem algum lugar que possa anotar? É extenso e complicado. A* Darknet *usa vários passos para manter as pessoas de fora.*

Peguei um papel e uma caneta, que sempre trazia comigo quando lia um livro; eu gostava de anotar minhas citações preferidas.

— Pronto.

Depois de anotar tudo, ouvi outro aviso de Giulia antes de desligar. Apertando o papel na minha mão suada, fui para o meu quarto e peguei meu *laptop*. Minhas mãos tremiam ao entrar no fórum. Havia uma lista de lutas dos últimos anos. Escrevi o nome de Nino na ferramenta de busca e apareceram várias lutas imediatamente. Cliquei na mais recente, de apenas algumas semanas atrás.

A câmera estava apontada para um octógono enorme. Um homem largo estava ali dentro, mas ele tinha cerca de trinta anos e era careca. Velho demais para ser Nino Falcone. Um silêncio passou pela multidão e outro homem entrou no octógono, mais alto do que o primeiro, e eu congelei. O ar ficou preso na minha garganta durante muito tempo. Se um simples vídeo já reunia esse tipo de horror, o que o Nino da vida real faria?

Nino era alto e musculoso, e cada centímetro do seu peitoral e de seus braços era coberto de tatuagens. Chamas, facas e rostos gritando, e mais imagens e palavras que não consegui decifrar. As chamas desciam pelos seus braços até os pulsos. Elas também entravam pelo

calção, terminando nas coxas musculosas.

Sua expressão era de concentração, mas completamente sem emoção.

Meu medo se transformou em puro terror quando a luta começou. Nino era uma máquina de combate. Cada um de seus golpes era *preciso,* mas o pior era sua expressão analítica. Ele não parecia estar lutando num octógono. Quando seu adversário deu um golpe, o rosto de Nino mal refletiu qualquer sinal de dor. Ele chutava e socava forte e rápido, sem pena, mesmo quando seu adversário caiu de joelhos. Nino estava em cima dele num piscar de olhos, forçando o joelho nas costas do homem para que ele se esparramasse no chão ensanguentado. Nem mesmo isso foi o bastante. Nino pôs o antebraço em volta do pescoço do homem e o deixou sem ar. O adversário meteu o cotovelo na lateral do corpo de Nino, porém, ele nem se retraiu, apenas o apertou com mais força e o homem acabou desmaiando. Nino o soltou e se levantou. Seu olhar voou pelo público até focar na câmera. Foi como se ele estivesse olhando diretamente para mim, e o olhar frio e duro despertou os horrores dos quais eu não conseguia me livrar.

Eu não podia acreditar que este era o homem com quem eu deveria me casar.

*

Não dormi mais do que duas horas. Todas as noites, o rosto de tio Durant assombrava meus sonhos ao ficar em cima de mim e me invadir, mas esta noite foi um rosto diferente que pairou sobre mim, um rosto lindamente frio.

Quando nosso guarda-costas nos levou até a Filadélfia para buscar Giulia, minha tia tentou me envolver numa conversa sobre vestidos, mas eu estava chateada demais para me empenhar em qualquer tipo de interação. Fiquei contente quando Giulia se juntou a nós no banco de trás. Bastou um olhar para mim e ela logo distraiu a mãe conversando sobre seus planos para o verão com as crianças.

Olhei para ela agradecida antes de virar para a janela, observando a paisagem que passava correndo.

Ao contrário de muitas mulheres, eu não tinha um vestido dos sonhos. Eu nunca olhava para vestidos de noiva a não ser que estivesse em um casamento.

Aria esperava com seu guarda-costas dentro da loja porque estava chovendo granizo. Assim que entramos, uma vendedora correu em nossa direção.

— Quem é a noivinha?

Giulia, Aria e tia Egidia olharam para mim e a vendedora pôs a mão no meu braço.

— Emocionante, não é? Você vai ser uma noiva deslumbrante. Dá para ver.

Sorri de leve para ela e a segui em direção aos vestidos em exibição.

— Por que não dão uma olhada nos vestidos e me mostram os que escolheriam para mim? — Pedi, me sentando em uma das poltronas felpudas.

Isso me rendeu um olhar da vendedora, mas, a esta altura, eu não me importava mais.

Aria e Giulia concordaram imediatamente e saíram para olhar os vestidos, mas a expressão de tia Egidia deixou claro que ela reprovava. Contudo, depois de um instante, ela também começou a procurar vestidos adequados.

Claro que tia Egidia escolheu vestidos que teriam deixado com inveja a maioria das princesas da *Disney*. Com brilhos demais, chamativos demais, só… demais. Nada a ver comigo. Felizmente, Aria e Giulia trabalharam juntas e encontraram vestidos que se aproximavam do meu gosto.

Escolhi um vestido *off-shoulder* estilo sereia, branco, simples com renda no decote. Também tinha um véu transparente preso a partir do decote, subindo pelos ombros, e caindo pelas costas e sobre os braços nus, então, não me senti tão exposta.

— Lindo — Exclamou Aria com um sorriso gentil. Ela ainda estava

tentando descobrir meu verdadeiro sentimento em relação ao casamento, mas eu aprendi a esconder bem ao longo dos anos. Foi o único jeito de sobreviver depois do que aconteceu.

Giulia concordou, seus olhos lacrimejavam, e até a tia Egidia pareceu contente com a minha escolha, mesmo não sendo tão brilhante como ela planejara originalmente.

— Você está muito elegante e sofisticada. Uma verdadeira dama.

Respirei fundo, esperando que Nino me tratasse como uma dama. O homem que vi lutando no octógono não me pareceu alguém que trataria.

*

NINO

Estacionamos em frente à enorme mansão Vitiello de pedra e estuque em Baltimore, onde seria a festa de casamento. A apenas dois dias do casamento de verdade, não havia lógica em oficializar o noivado, mas decisões lógicas não eram o forte da *Famiglia*. Savio, Adamo e Fabiano ficaram em Las Vegas para garantir que as coisas ficassem calmas por lá. Eles viriam para o casamento de verdade. Não era como se algum de nós se importasse com a celebração. Não seria uma festa gigantesca como foi a de Aria e Luca anos atrás. Nossos Subchefes e Capitães ficariam em seus territórios. Remo não arriscaria nada depois do ataque da *Outfit*.

— Se eles convidaram o filho da puta do Growl, vou pintar essas paredes com o vermelho brilhante do sangue dele e de qualquer outro filho da puta da *Famiglia* que se meter na frente — Grunhiu Remo.

— Ele não será convidado, Remo. Luca não correria esse risco. Ele sabe que você e Growl vão se dilacerar.

— E você? Ficaria de braços cruzados assistindo aquele filho da puta desfilando por aí quando matou o nosso pai antes de nós?

— Claro que não. Eu o cortaria de orelha a orelha.

Assim que saímos do carro alugado, a porta da casa abriu e Felix

e Egidia Rizzo apareceram. Remo me lançou um olhar, curvando um canto da boca.

— Parece que alguém estava de olho na janela — Resmungou ele enquanto íamos em direção aos tios da minha futura esposa. O noivado não seria uma grande festa, apenas aconteceria para agradar os tradicionalistas da *Famiglia*, que exigiam um noivado oficial antes do casamento, entretanto, os Rizzo estavam vestidos de *smoking* e vestido longo formal.

— Acho que estamos malvestidos — Falei em voz baixa. Eu havia colocado uma blusa de gola alta preta e calça social preta com sapatos pretos *wingtip*. Remo estava parecido, exceto pela gola alta, que ele trocara por uma camisa social preta.

Remo deu de ombros.

— Todo de preto — disse a Sra. Rizzo com as sobrancelhas erguidas depois que beijei sua mão. — Que escolha curiosa para a ocasião.

— É a cor escolhida para a nossa profissão. É muito difícil tirar o sangue — Falou Remo em seu melhor inglês de Oxford enquanto beijava sua mão. Isso foi a única coisa que ele aprendeu durante nossa estadia na Inglaterra. Claro que ele o usava apenas para perturbar as pessoas.

A Sra. Rizzo se afastou de Remo com um curto passo para trás, puxando a mão da dele.

Apertei a mão do Sr. Rizzo e ele apertou a minha mais do que o necessário. Inclinei a cabeça, estreitando o olhar. Se ele tentasse isso com Remo, a camisa preta provaria sua utilidade.

— Estamos honrados em lhe dar Kiara em casamento — disse ele, soltando a minha mão. — Por favor, me chame de Felix, e esta é Egidia, minha esposa.

Lancei um olhar de advertência para Remo antes de ele apertar a mão do homem.

— Entrem — Manifestou Felix, recuando.

Remo e eu o seguimos para dentro. Era uma casa antiga, ampla, com muita madeira escura e tapetes no *hall* de entrada.

— Os convidados já estão reunidos na sala de estar e no pátio, mas você e Kiara devem entrar juntos — Anunciou Felix; depois se voltou para Remo. — Talvez você possa se juntar aos convidados. Minha esposa lhe mostrará o caminho.

Egidia sorriu de maneira tensa e gesticulou para que Remo a seguisse, mas ele não se mexeu.

— Acho que meu irmão e eu vamos ficar juntos por ora.

Felix piscou, depois, assentiu devagar.

— Muito bem. Vamos. Escolhi a biblioteca para o primeiro encontro de vocês. É onde Kiara passa a maior parte do tempo.

Ergui uma sobrancelha. — Ela gosta de ler?

Felix hesitou: — Gosta, mas ela também é muito bonita e recatada. A esposa perfeita apesar da sua inteligência.

Remo revirou os olhos pelas costas do homem. Entramos numa sala ampla que estava cheia de prateleiras de madeira escura. Havia um livro aberto na mesinha ao lado da cadeira de leitura. Fui até o livro e Felix franziu a testa.

— Ela deveria estar aqui.

— Talvez tenha decidido fugir — Apontou Remo prestativamente.

— Ela não faria isso — Felix apressou-se em dizer, mas vi uma pontada de preocupação em seu rosto… e Remo também viu.

Peguei o livro. Era sobre a história de Las Vegas. O fato de ela fazer um esforço para aprender sobre a história da minha cidade me agradou.

— Aí vem ela — disse Felix em voz alta.

Coloquei o livro de volta onde estava e meu olhar se moveu para a porta.

Kiara Vitiello era uma mulher elegante, mais baixa do que eu

esperava, com uma aparência praticamente frágil, mas com as curvas dos quadris perfeitas sob o vestido, e seus seios eram maiores do que a média. Ela usava um vestido cor-de-rosa-claro, quase branco, mas ele a fazia parecer mais frágil. Claramente era para realçar sua inocência, porém, eu preferia cores mais ousadas. Seus olhos escuros pousaram no meu rosto, contudo, não nos meus olhos, mais para baixo, talvez no nariz, e seus ombros ficaram ligeiramente tensos. Ela não saiu da porta, parecendo praticamente congelada. Ela espalmava o batente da porta e eu sabia que era para se manter firme.

Remo olhou para mim, avaliando a minha reação, o que foi um esforço fútil da parte dele.

O tio gesticulou para que ela se aproximasse.

— Venha, Kiara. Cumprimente seu futuro marido e cunhado.

Passou um segundo antes de ela se afastar da porta e vir até nós. Seus movimentos eram elegantes e decididos, mas subestimados, com uma pitada de tremor, que ela não conseguia conter.

Ela parou ao lado do tio.

Mesmo de salto alto, ela alcançava apenas o meu queixo.

— É um prazer conhecê-los — Falou ela com uma voz doce. Seus olhos correram do meu rosto para o de Remo, depois, rapidamente de volta para o tio.

— O prazer é meu — Respondi, e o sorriso de Remo se alargou.

Kiara estremeceu ligeiramente, foi quase imperceptível, entretanto, Remo percebeu, contraindo o lábio e eu fiz o mesmo.

O tio limpou a garganta com desconforto.

— Eu gostaria de alguns minutos sozinho com ela para lhe dar o anel e podermos nos conhecer — Falei, sem tirar os olhos dela.

— Bem — Começou o tio, correndo o olhar de Remo para mim e depois para Kiara. — Não tenho certeza…

Remo lhe lançou um sorriso torto.

— Daqui a dois dias, eles estarão casados. Aí, ela vai para Las Vegas com a gente, mas você está preocupado por ela ficar sozinha alguns minutos com meu irmão? Ela estará sujeita à vontade dele pelo resto da vida.

Os ombros de Kiara murcharam, desabando, e ela engoliu em seco.

Felix empalideceu, endurecendo o olhar: — Isto é pela paz. Não se esqueçam disso.

Falei antes de Remo, porque parecia que ele usaria a faca em vez de palavras, e eu queria que esse jogo de poder irritante acabasse logo.

— Você também não deveria se esquecer disso. Kiara não lhe diz mais respeito. Ela é minha. — Mostrei o anel e os olhos dela voaram brevemente para ele. — Hoje, colocarei este anel no dedo dela e, depois, a minha palavra será lei, não a sua.

O semblante dela se encheu de resignação e seus ombros caíram, mas ela se recompôs depressa e voltou a se esticar.

— O que você diz, Kiara? — Perguntou o tio. — Concorda em conversar com Nino?

Ela olhou para ele, tensa. — Esta é a primeira vez que o senhor me pergunta se eu concordo. Como o Sr. Falcone apontou, estarei sob as regras do meu futuro marido em breve, então, não vejo por que isso importa agora.

O tio a encarou com uma expressão vazia. Ele claramente não estava acostumado com qualquer tipo de objeção da parte dela. Ele deu um aceno trêmulo e se virou, saindo depressa da sala.

Antes de Remo começar a se mexer, ele se voltou para Kiara.

— Nunca mais me chame de Sr. Falcone. Este era o meu pai e eu teria queimado o filho da puta vivo se tivesse tido a oportunidade.

Ele passou por Kiara e ela se esquivou dele, para que seus braços não se tocassem. Remo fechou a porta com força e Kiara deu um pulo. Ela não era naturalmente submissa, mesmo agindo como tal.

Estendi a mão, uma ordem silenciosa, e me perguntei se ela obedeceria. Ela se aproximou de mim e pôs a mão na minha, sem me olhar nos olhos. Segurei seu pulso, pressionando o polegar em suas veias. Ela estremeceu, sua pele ficou arrepiada.

Com as pupilas dilatadas, respiração e pulso acelerados e tremendo, Kiara tinha os sinais reveladores do terror. Continuei com o polegar em seu pulso enquanto olhava para ela. Ela, enfim, ergueu o olhar para o meu, e seu pulso acelerou ainda mais. As reações do seu corpo também poderiam ser um sinal de excitação, mas eu sabia que não eram.

— Então, você não concordou em se casar comigo — Destaquei.

Seu rosto corou e seu olhar voltou para o meu queixo.

— Concordei quando Luca me perguntou, mas meu tio nunca me perguntou quando ele fez a oferta.

— Então, por que você concordou quando Luca perguntou?

Ela franziu a testa. — Porque não era uma escolha de verdade; foi camuflada como uma. Nesta vida, não são concedidas escolhas às mulheres.

Eu a encarei por alguns segundos. Ela parecia com raiva. Sua raiva me servia melhor do que o terror submisso que ela mostrara antes. Levantei sua mão e ela ficou tensa novamente, como se tivesse esquecido meu toque. Seu pulso acelerou contra as pontas dos meus dedos. Mostrei-lhe o anel.

— Não vou te dizer que você tem escolha em aceitar isso ou não. Nós dois sabemos que você vai aceitar da mesma forma e que dirá “sim” daqui a dois dias.

Ela empalideceu e assentiu brevemente: — De outra forma, não haverá paz.

— De fato.

Suas mãos tremiam quando coloquei o anel. A joalheira o recomendara depois que lhe disse que dinheiro não seria o problema. Um anel simples de ouro com um diamante grande no meio. Nunca

entendi a justificativa para anéis de noivado. Ela engoliu em seco de novo e eu me dei conta de que era para conter um pouco do seu terror.

— Você sabe que não é uma sentença de morte.

Olhos castanho-escuros se ergueram para encontrar os meus.

— A morte não é o pior que pode me acontecer.

— Você será minha esposa — Falei para ela. Seja lá o que ela tenha escutado sobre mim e meus irmãos e o que acontece em Vegas, não era preciso temer esse tipo de coisa.

A porta abriu e Kiara rapidamente tirou a mão da minha, engolindo em seco outra vez, mas ela não conseguiu apagar o medo em seu rosto. Uma mulher com longos cabelos castanhos e um tom de pele mais claro que o de Kiara apareceu na porta, olhando de Kiara para mim. Ela estreitou os olhos e entrou.

— Não estou interrompendo nada, estou?

Eu a reconheci das fotos dos Subchefes e Capitães da *Famiglia* que analisei. Giulia Moretti, esposa de Cassio Moretti, Subchefe da Filadélfia.

— Acho que foi por isso que você apareceu, não foi? — Falei.

Ela não pareceu culpada ao se aproximar de Kiara e me contemplar com uma expressão altiva.

— Não é respeitável que você fique sozinho com ela. Não sei como vocês lidam com as coisas em Las Vegas, mas aqui é assim que lidamos.

Sorri friamente para ela. — Não se preocupe, estou bem ciente das suas tradições, por mais peculiar que elas sejam, dada a apresentação dos lençóis.

Se eu achei que Kiara estava com medo antes, ao mencionar aquela tradição, seu pavor aumentou.

Estendi a mão, mas ela olhou para Giulia.

— Kiara e eu devemos aparecer juntos, Sra. Moretti… a menos

que essa tradição tenha sofrido mudanças recentemente.

Ela olhou para Kiara, que lhe deu um sorriso firme.

— Ele está certo, Giulia. Não queremos desapontar os convidados.

Ela voltou a mão para a minha e levantou a cabeça. Meu polegar encontrou seu pulso mais uma vez e ela estremeceu. *Tum-tum. Tum.* Um ritmo irregular. *Tum-tum. Tum.*

Giulia saiu, porém, não fechou a porta.

Sem dizer mais nada, conduzi Kiara para a sala de estar, onde os convidados esperavam que aparecêssemos. Eles começaram a bater palmas quando entramos. Que mostra de animação falsa. Remo estava ao lado de Luca, seu irmão Matteo e Romero. As mulheres da família estavam juntas no outro lado da sala, provavelmente por causa do meu irmão. A expressão de Remo não era nada boa. Talvez ele estivesse puto por não ter tido a chance de derramar o sangue do nosso meio-irmão, mas eu havia lhe dito que Luca não ousaria convidá-lo.

O tio de Luca e Kiara falou algumas palavras, como era esperado. Depois disso, soltei Kiara para ela poder exibir o anel para as mulheres.

— E o que você acha? Está satisfeito com sua futura noiva? — Questionou Remo com um sorriso quando parei ao lado dele, Luca nos lançou um olhar duro. Remo sendo o provocador de sempre não se incomodou em baixar a voz.

— Ainda é cedo demais para avaliar meu nível de satisfação — Expus, analisando-a mais uma vez. O rosto dela era uniformemente moldado com as proporções certas, agradável de se olhar, e seus olhos e cabelos escuros contrastavam de maneira agradável com sua pele pálida. Seu corpo preenchia todos os requisitos para atrair a atenção masculina: cintura fina, pernas esguias, bunda redonda e seios maiores que a média. Eu não teria nenhum problema em possui-la na nossa noite de núpcias.

— Já terminou a sua avaliação? — Indagou Remo enquanto me seguia em direção às guloseimas espalhadas na mesa de jantar. — Com certeza você vai gostar de fodê-la. Queria poder experimentar.

— Mas não vai — Falei claramente.

Remo inclinou a cabeça. — Antigamente, o rei tinha o direito da primeira noite.

— *Ius primae noctis.*

— Talvez eu devesse estabelecer algo assim em Vegas. — Remo gargalhou, procurando mulheres convenientes entre as pessoas. — Tragam todas as suas virgens para eu poder rompê-las.

Balancei a cabeça. Pelo menos, desta vez, ele teve o senso de falar baixo. Luca precisava de paz tanto quanto nós, mas sua paciência certamente tinha limite.

— Você não é rei, Remo. E não tem o direito da primeira noite com Kiara.

— Você não é ciumento — disse Remo com uma pontada de… seria curiosidade?

— Eu não sou ciumento, mas existem algumas coisas que não quero dividir com você, e Kiara é uma delas.

Remo gesticulou para mim. — Ela é toda sua. Não se preocupe. — Eu não estava preocupado. Remo era imprevisível, perigoso e violento, mas ele era meu irmão e nunca encostaria em alguém que era minha. — Mas preciso pensar melhor nesse… do que você chamou?

— *Ius primae noctis*.

— É, isso. Talvez eu precise pensar melhor nisso.

Encarei meu irmão, tentando descobrir se ele estava falando sério. Muitas vezes era difícil saber com Remo, e minha falta de compreensão das emoções humanas tinha pouco a ver com isso.

— Você se dá conta de que a maioria dos homens não vai achar muito tentadora a ideia de você *fodendo* as mulheres deles? Existe um limite para o que as pessoas vão aceitar, até mesmo de você. O medo tem seus limites. Em algum momento, os humanos se revoltam.

Remo revirou os olhos. — Você se dá conta de que você também

é humano, não?

— Eu sempre tive a impressão de que você e eu não tínhamos muita humanidade.

Remo deu um tapinha no meu ombro. — Verdade. — Seu sorriso se tornou perigoso. — Quem precisa de emoções e moral quando podem foder, mutilar e matar quando querem?

Nunca vi vantagem em ter emoções.

Kiara olhou para mim do outro lado da sala de novo, mas logo desviou o olhar quando olhei para ela. Ela estava tentando esconder suas emoções, mas eu podia sentir seu pavor até de longe. Emoções eram sempre uma fraqueza.

CAPÍTULO 5

KIARA

Tia Egidia cuidou dos preparativos para o casamento com a ajuda de Aria. Os Falcone não pareceram mostrar muito interesse nos detalhes da festa. Para eles, eram negócios, nada mais. Foi decidido que o casamento seria na mansão dos meus pais nos Hamptons – o lugar onde foram assassinados. Minha mãe pelo meu pai e meu pai por Luca. Era quase simbólico o fato de que esse seria o lugar onde eu também perderia a minha vida.

No dia do meu casamento, entrei no salão da mansão, um lugar onde não pisava há anos. Havia estado basicamente abandonada desde então. Meus irmãos herdaram o local – eu não, uma vez que era mulher – e eles preferiram ficar em Atlanta, longe de Luca e longe de mim. Eles eram bem mais velhos, então, nunca tivemos mesmo muito em comum. Eles estavam ocupados fazendo seus nomes, apesar das más ações do nosso pai. Meu casamento com Nino deveria limpar a mácula do passado, mas meu segredo poderia nos destruir a todos.

Durante os últimos dias, faxineiros e decoradores haviam despertado o lugar de seu estado desolado. A festa seria numa tenda gigantesca no jardim. Estávamos no final de abril, e planejar a festa no exterior da mansão sem nenhum abrigo teria sido muito arriscado.

Subi a escada devagar e meus olhos encontraram o local onde minha mãe havia morrido. Estremecendo, entrei correndo no meu antigo quarto. Ele também havia sido preparado para o dia. Flores frescas foram arrumadas em vasos pelo quarto, provavelmente para cobrir o cheiro de mofo do abandono. Minha tia estava falando com a cabeleireira, que faria meu cabelo e maquiagem, na penteadeira. Um espelho de corpo inteiro fora colocado para a ocasião. Meu vestido estava esticado na cama de dossel.

Era um vestido lindo: branco, a cor da inocência e da pureza.

Olhei para a minha tia e pensei em lhe contar o que havia acontecido comigo há seis anos. Como sempre, não fiz isso porque me tornaria inferior aos seus olhos. Algo quebrado, sujo. Indigna daquele perfeito vestido branco.

Giulia entrou no quarto, já arrumada com um lindo vestido vinho, e me abraçou.

— Nem acredito que escolheram este lugar para a celebração — Resmungou ela.

— Aqui pertence aos parentes mais próximos dela, seus irmãos. É o que a honra dita.

A honra ditava tantas coisas nas nossas vidas que mal sobrava espaço para qualquer escolha.

Giulia revirou os olhos.

— Então, isso não tem nada a ver com o fato de que ninguém quer arriscar sua mansão para a festa por causa do risco de um derramamento de sangue ser muito alto? Afinal, é por isso que não será num hotel.

Tia Egidia fez um bico para a filha.

— Giulia, sério, era de se pensar que seu casamento com Cassio colocaria um fim na sua insolência.

— Cassio gosta da minha insolência — disse ela, ficando corada.

Tia Egidia suspirou, depois, lançou um olhar estreito e nervoso para a cabeleireira; ela estava sempre preocupada em não deixar uma má impressão na frente dos outros.

— Acho que deveríamos começar agora. Com esse cabelo desarrumado, deve levar um tempo até seu penteado de noiva ficar pronto.

Minha tia estava certa. A cabeleireira demorou uma eternidade para domar meus cachos numa trança que descia pelas minhas costas.

Uma cordão fino de folhas douradas e pérolas que ela enrolou na trança enfeitava o penteado simples.

— Você está muito linda — disse Giulia em voz baixa.

Egidia pôs a mão no estômago, me olhando com mais afeto do que jamais vi.

— Está.

A cabeleireira saiu do quarto com um leve sorriso, o qual retribuí mesmo com meus músculos faciais parecendo prontos para explodir de tensão.

Egidia alisou o véu que revestia o meu decote mais uma vez antes de olhar para mim, colocando as mãos em meus ombros.

— Como mulheres, temos que cumprir nossos deveres para com os nossos maridos… — Começou ela, e eu fiquei tensa porque sabia aonde ela estava indo com isso. — Não precisa ficar… — Ela se deteve. Não precisa ficar com medo? Estas eram as palavras que todas as mães falavam para sua filha no dia do casamento. Eu sabia porque Giulia me contou que Egidia disse a mesma coisa para ela no dia do seu casamento. Olhei tia Egidia nos olhos e a culpa que via antes estava de volta. — Faça-o te tratar como uma dama.

Giulia entrou na frente de Egidia.

— Mamãe, deixe que eu falo com a Kiara, tudo bem? Acho que ela vai se sentir mais confortável comigo.

Tia Egidia concordou, parecendo aliviada. Ela deu um tapinha no meu ombro, depois saiu, me deixando sozinha com minha irmã de consideração.

Giulia suspirou ao me olhar pelo espelho.

— Eu não gosto disso, Kiara. Você não deveria se casar com um Falcone. Você é a última pessoa que deveria fazer isso.

— Por quê? Melhor do que alguém inocente.

Giulia apertou minha mão com força.

— Pare com isso. Você não é suja nem inferior, nem qualquer coisa que ache que é por causa do que ele fez a você. E não merece isso.

— Quem merece isso? Eu não desejo este destino para nenhuma outra garota. Eu vou sobreviver.

Giulia sentou-se na penteadeira. — Não sei o que te dizer.

— Não diga nada. Não há nada que você possa me dizer que vá me deixar à vontade — Falei depressa. Eu sabia o que iria acontecer esta noite, e já tinha passado por isso. Engoli em seco. — Eu não vou resistir a ele. Farei o que ele quer. Depois, com certeza, será suportável. Não tenho mais treze anos. — Minhas palavras saíram sussurradas, com as vogais quebradas encadeadas.

Giulia respirou profundamente.

— Meu Deus, Kiara. Conte a Luca. Ele ainda pode dar um jeito de te tirar disso.

— Cancelar o casamento hoje? Isso seria um tapa na cara de Remo Falcone. Ele não é o tipo de homem que dá a outra face, virá em busca de vingança, independente do que custe. — Respirei fundo. — Não. Eu vou me casar com Nino. Conseguiu os comprimidos que te pedi?

Ela estendeu um pacotinho para mim.

— Um deve servir, mas eu acho de verdade que você não deveria se drogar para ficar calma.

— É um sedativo leve. Não vou me nocautear. — Embora eu preferisse isso, Nino não gostaria se eu estivesse inconsciente quando ele me tomasse. Meu estômago contraiu bruscamente e eu coloquei a mão nele.

— Kiara…

— Não. Eu vou fazer isso. Muitas escolhas me foram tiradas durante a vida, mas escolhi recuperar a minha honra, escolhi manter a cabeça erguida independente do que aconteça. Deixe que esta escolha seja minha.

Giulia concordou e se levantou.

— Porque os Falcone são temidos, porque eles agem sem misericórdia, não significa que Nino não vai te tratar com gentileza. Alguns homens não levam violência para casa, para suas esposas. Alguns homens conseguem distinguir entre os que precisam proteger e os que precisam destruir. Acho que Nino pode ser um destes.

Eu me perguntei se ela realmente acreditava em suas palavras ou se elas eram apenas para me consolar, porém, não tive coragem de lhe perguntar. Coloquei os comprimidos na bolsinha branca que combinava com o meu vestido.

— Pode me dar isso na festa? Não posso levar comigo no altar.

Giulia a pegou e me abraçou rapidamente. — Claro.

*

NINO

Meus irmãos e eu não éramos religiosos, então, recusamos o casamento na igreja, para grande reprovação da *Famiglia*. Eu não sabia por que eles se prendiam a essas crenças, uma vez que quebravam diariamente todas as regras estabelecidas pela religião deles. Se o que eles acreditavam era verdade, todos os homens terminariam no inferno.

Esperei no altar que fora montado na frente da tenda no jardim. Remo estava ao meu lado como padrinho, seus olhos despiam Giulia, a madrinha de Kiara, de um jeito que fez Cassio, marido dela, olhar de cara feia. Lancei um olhar de advertência a Remo, porém, ele me ignorou. Ele provavelmente teria preferido um casamento sangrento e, pela expressão de Matteo ao se sentar na primeira fileira, ele também. Adamo e Savio se sentaram a certa distância dos Vitiello. Para minha surpresa, Luca permitira que Aria se sentasse ao lado de Leona. Elas pareciam estar se dando bem e até Fabiano trocou uma palavra ou outra com a irmã.

Remo revirou os olhos quando seguiu meu olhar. Ele devia estar feliz por este seu plano insano estar dando certo. Uma trégua entre a

Famiglia e a Camorra parecia uma possibilidade válida.

Um silêncio caiu entre os convidados quando a música começou a tocar e Kiara apareceu no fim do corredor. Ela escolhera um vestido elegante com um véu que cobria seus ombros. Felix a conduziu até mim, mas Kiara não ergueu o olhar para o meu, em vez disso, manteve-o fixado no meu peito.

Quando Felix a entregou para mim, a mão dela tremia. Pressionei o polegar em seu pulso, sentindo seu batimento acelerado sob a ponta do meu dedo. Encarei-a. Sua expressão era neutra, mas em seus olhos estava uma expressão que eu frequentemente via nos olhos das pessoas antes de começar a torturá-las.

Dada nossa reputação, seu terror era compreensível, mas totalmente infundado. Ela não era minha inimiga, era minha esposa. Eu não a havia dado motivos para esse tipo de reação.

Ela não olhou nenhuma vez para mim enquanto o pastor dava seu sermão interminável e enfim nos declarava marido e mulher.

— Pode beijar a noiva — disse o pastor.

Virei-me para Kiara e seu batimento acelerou mais ainda. Seus olhos apavorados finalmente ergueram-se para os meus e ela engoliu em seco. Olhando fixamente para ela, segurei seu rosto, ignorando sua tremedeira, e encostei meus lábios nos dela. Eles eram macios e tremiam contra os meus. Quando me afastei, ela engoliu em seco outra vez.

Passamos pelos convidados e paramos ao lado de uma mesa, que havia sido arrumada com taças altas de champanhe.

Depois que recebemos os parabéns dos convidados, o *buffet* finalmente foi liberado. Kiara ficou tensa durante todo o jantar e mal comeu nada. Ela só relaxou quando se levantou e foi até Aria e as outras irmãs Scuderi para conversar.

— Animado para fazer sua esposa sangrar esta noite? — Perguntou Remo ao se recostar em sua cadeira assim que ela ficou longe de alcance. Fiquei surpreso por ele se incomodar em esperar até ela não conseguir escutar.

Leona arregalou os olhos e olhou para Fabiano.

— Ele está se referindo à tradição do lençóis ensanguentados que a *Famiglia* ainda mantém. Exige que o noivo apresente o lençol onde ele e sua noiva passaram a noite.

Leona comprimiu os lábios. — Você está brincando, não?

— E chamam a gente de bárbaros — disse Remo com um sorriso irônico. — Mas vou te dizer, eu te invejo pela oportunidade de derramar um pouco de sangue esta noite. Já faz muito tempo. Eu quero mesmo matar alguém.

Fabiano revirou os olhos para Remo.

— Quando foi que teve um dia sem sangue nas nossas vidas? — Perguntei.

Remo apertou os olhos com uma emoção que não consegui decifrar.

— Verdade — Falou. — Lembre-se, nada de pegá-la contra a parede nem em cima da mesa. Os lençóis ensanguentados são o que a querida *Famiglia* quer. — Ele ergueu a taça e tomou um gole do vinho, mas nenhum de nós ficaria bêbado hoje.

— Não se preocupe. Vou providenciar os lençóis ensanguentados.

Remo sorriu de maneira doentia.

— Sei que vai.

Meus olhos encontraram minha esposa outra vez. Ela ainda estava conversando com as irmãs Scuderi, contudo, voltou seu olhar para mim quando percebeu minha atenção. Ela ficou tensa e engoliu em seco, a mão que segurava a taça tremia ligeiramente.

Pelo medo que ela tinha de mim, provavelmente sangraria na segunda e na terceira vezes também. Eu sabia satisfazer as mulheres com as mãos, a língua e o pau, mas até as habilidades sexuais tinham seus limites quando encaradas com horror.

Quando chegou a hora da nossa primeira dança, eu me levantei e Kiara veio até mim, aceitando minha mão estendida. Eu a conduzi até o meio, e nossos convidados se reuniram à nossa volta para assistir. Ela se permitiu olhar em meus olhos por mais tempo do que jamais havia olhado. O medo e a incerteza tremulavam em seu rosto. Quando ela não encontrou o que quer que estivesse procurando, abaixou o olhar de volta para o meu peito e engoliu em seco. Devia ser sua maneira de reprimir o medo.

Coloquei a mão em sua lombar e a puxei contra mim. Ela emitiu um som baixo no fundo da garganta, um sinal forte de desconforto. Encarei-a. Ela respirava mais rápido e seu rosto estava pálido. Isto era apenas uma dança. Se isso a instabilizava, a consumação do nosso casamento seria particularmente desagradável. Ela não fazia o tipo que relutava, obediente demais e criada para agradar. Ela se renderia a mim, mas isso não facilitaria as coisas para ela.

Talvez palavras de consolo teriam acalmado seu terror, mas eu não era um homem que confortava as pessoas.

A música terminou. Como esperado, Luca, o Capo que a deu para mim, apareceu para assumir. Kiara não relaxou. Ela estava tão apavorada de dançar com ele quanto ficou comigo. Eu me forcei a soltá-la. Ela não estava em perigo. Era uma dança. Não havia motivo para fazer disso mais do que era.

Virei-me para Aria. Luca estreitou o olhar para mim. Ignorei sua reação irracional e estendi a mão para a sua esposa. Ela aceitou e sorriu. Era uma boa atriz. Se não fosse pela leve tensão em suas mãos e seu pulso acelerado, eu poderia ter acreditado em sua expressão.

Puxando-a contra mim, começamos a dançar. Ela era fácil de conduzir, acompanhou a minha liderança e manteve o sorriso agradável.

— Você tem os olhos de Fabiano.

Seu olhar subiu para o meu e sua expressão fraquejou.

— Ele é meu irmão. Mesmo que vocês o tenham feito acreditar no contrário.

— Nós não o fizemos acreditar em nada — Corrigi. — Nós o

ensinamos que sangue não define lealdade.

— Vocês o transformaram em…

— Em quê? Um assassino? Um torturador?

Ela suspirou.

— Todos os homens neste local são assassinos, e os meninos estão no caminho para se tornarem um. — E, pelo que eu sabia de Luca, ele definitivamente era um dos homens mais cruéis em nossos círculos, mas Aria provavelmente tinha um conhecimento limitado em relação ao hábitos de atuação do marido.

— Isso não é conversa para um casamento — Falou. — Espero que este casamento nos permita encontrar a paz, e espero que seu irmão permita que Fabiano se aproxime da sua família de sangue.

— Isso depende de Fabiano, mas ele faz parte da Camorra agora. Não se esqueça disso.

— Não esquecerei, acredite. — Foi categórica. Seus olhos seguiram seu marido e a minha esposa enquanto eles dançavam. Kiara estava rígida nos braços de Luca.

— Kiara fica muito tensa perto de homens — Falei.

Aria olhou intrigada. — A maioria das mulheres fica tensa no dia do casamento.

— Fica?

Ela me lançou um olhar, mas não consegui decifrá-lo.

— Homens — Falou num sussurro. Não tinha nada a ver com o fato de eu ser um homem, mas não me aprofundei. — Para uma noiva, a noite de núpcias guarda um pouco de terror.

— O medo do desconhecido é comum, mas é apenas a junção de dois corpos. Nada do que ter medo.

Aria piscou para mim. — Talvez para você, só que Kiara pode não concordar, como qualquer outra mulher, principalmente levando em consideração a pessoa com quem ela tem que juntar corpos.

— Sou perfeitamente capaz de cumprir meus deveres como marido.

— Não duvido que você possa levar isso adiante. Afinal, a Camorra tem fama. — Ela fez uma careta. — Não é da minha conta.

Contudo, sua voz deixava claro que ela queria que fosse da sua conta.

— Não é. Você está certa — Falei arrastado. Uma trégua não significava que Remo ou eu permitiria que a *Famiglia* se metesse nos nossos assuntos.

Quando as últimas notas da música desapareceram, ela se apressou em dizer: — O pai batia nela antes de ser morto. Isso pode explicar o problema dela com homens. Mas acho que pode haver mais…

— Mais?

Ela recuou. — Agradeço a dança. — Ela se virou e foi até Luca, que esperava por ela no final da pista de dança. Kiara já havia sido entregue a Felix.

Fui até Remo, que estava ao lado de Fabiano perto do *buffet*. Como meu irmão mais velho, seria a vez dele de dançar com Kiara depois de tio Felix. Segurei-o pelo braço e ele franziu a testa.

— Tente assustá-la o mínimo possível.

— Posso ser agradável e cavalheiro se tentar — Falou.

Fabiano riu. — Desculpe, Remo, mas essa é a piada do ano.

— O que devo fazer para deixar sua esposinha à vontade? — Perguntou ele, mas seus olhos seguiram uma jovem que passou por nós. Eu realmente espero que ele não tente nada com uma das mulheres da *Famiglia*.

Eu era a pessoa errada a quem perguntar.

— Não sei.

Olhamos para Leona, que corou. — Quem sabe… sorrir?

A boca de Remo se curvou num sorriso.

— Já vi hienas com sorrisos menos perturbadores — Murmurou Fabiano, e Leona se engasgou de rir e enterrou o rosto no braço dele. A música terminou e Remo se soltou da minha mão, indo em direção a Kiara, que parecia um cordeiro encarando um açougueiro.

Giulia me surpreendeu quando pediu uma dança. Eu tinha quase certeza de que não era assim que as coisas costumavam acontecer, mas a conduzi para a pista de dança e a puxei contra mim. Seu marido nos observava de onde estava, ao lado de Luca, no *buffet*. Os dois eram altos e musculosos e compartilhavam uma disposição semelhante para uma liderança violenta… se podíamos acreditar nos rumores.

— Não sei se você é sequer capaz de tal coisa, mas te peço que seja gentil com Kiara.

Olhei para Giulia.

— Me pede? — Falei com as sobrancelhas erguidas.

Ela franziu a testa. — Se você tem coração, por favor, não a faça sofrer.

— Fui informado de que não tem como não fazer uma mulher sofrer na sua primeira noite.

Seus olhos se encheram de lágrimas, mas sua expressão parecia de raiva.

— Você sabe o que quero dizer!

— Kiara é minha esposa, uma adulta, e a partir de hoje ela faz parte da Camorra. Não é sua preocupação — Falei num tom de advertência.

Giulia ficou tensa, mas não disse mais nada. Assim que a música terminou, eu a soltei, e ela voltou para o marido enquanto eu voltava para meus irmãos e Fabiano.

*

KIARA

Remo Falcone veio em minha direção e custou um esforço considerável não fugir. Seus olhos eram quase tão pretos quanto seus cabelos. Havia algo em seu rosto que gritava violência desenfreada, e isso não era por causa da cicatriz que ia da testa até a têmpora. Ele estendeu a mão curvando a boca de maneira doentia. Assemelhava-se à maneira com que um leão encarava uma gazela.

A palma da sua mão e seus dedos eram cheios de cicatrizes e queimaduras.

— Você deve pegar a minha mão para podermos dançar — disse ele com o que supus ser irritação.

Reprimindo um tremor, coloquei minha mão na dele. Não olhei para o seu rosto. Teria sido a minha ruína. Ele fechou os dedos na minha mão com menos pressão que eu esperava e sua outra mão encostou gentilmente nas minhas costas e me puxou contra si. Meu corpo retesou, o ar ficou preso na minha garganta. Tive que conter um suspiro. Ele me conduziu no ritmo da música, mas meu tremor não facilitou para ele. Ele me segurou com mais força, nos aproximando, e eu soltei o ar bruscamente diante da sensação de seu corpo firme contra o meu.

Meus dedos em seu bíceps começaram a deslizar enquanto eu lutava contra um ataque de pânico iminente.

— Olhe para mim — Mandou ele.

Não consegui.

— Olhe para mim. — Um murmúrio baixo repleto de comando, e eu finalmente encontrei seu olhar. Sua expressão não era de raiva, estava mais para análise, como se estivesse me avaliando. — Estamos dançando. Não transforme isso em algo mais porque você deixa sua imaginação correr solta.

Fiquei momentaneamente assustada. Ele soava muito como Nino; talvez escondesse sua inteligência atrás das camadas de violência.

— Agora, finja que é uma noiva feliz. Este é um dia de festa — Manifestou ele, e seus lábios formaram um sorriso assustador.

Tentei ao máximo relaxar nos braços dele, fazer meu rosto

parecer simpático, porém, não tinha certeza se consegui. Contei os segundos até o final da música, mas quando ela finalmente acabou, tio Durant apareceu ao nosso lado e o terror do passado tomou conta de mim. Cravei as unhas em Remo, me agarrando a ele, sem dúvidas deixando marcas.

— Gostaria de dançar com a minha sobrinha agora — disse tio Durant a Remo, mas seus olhos estavam em mim, cheios de ciência e vitória como sempre.

Ele não me tocara desde aquelas noites. Agarrei Remo com força, olhando para ele. Seus olhos sombrios me encaravam, estreitando-se levemente. *Por favor, não me deixe dançar com ele.* As palavras não saíram da minha boca. Durant estendeu a mão para me tocar, porém, Remo nos movimentou para ficar entre meu tio e eu.

Remo olhou para o meu tio, mas não me soltou.

— Infelizmente, não posso permitir isso. Meu irmão a quer de volta ao seu lado.

— É a tradição na *Famiglia* — Expôs tio Durant. — Pode ser que vocês não se importem com as tradições em Vegas, mas aqui nos importamos.

Os lábios de Remo se abriram mais, e percebi então que seus sorrisos para mim tinham sido genuínos; ele estava sendo legal. Este sorriso dava uma sensação sinistra.

— Nós também honramos nossas tradições. Em Vegas, é tradição cortar as línguas das pessoas que me irritam. Se você insistir nas suas tradições, terei que insistir na minha. E sua língua vai ficar perfeita na minha coleção.

O rosto de tio Durant ficou vermelho. Seu olhar furioso pousou em mim por um breve momento, e eu me encostei em Remo, então, meu tio se afastou.

— Pode me soltar agora — Resmungou Remo.

Soltei-o e recuei, envergonhada. Remo segurou a minha mão, sem me permitir sair dali. Seu polegar foi para o meu pulso de um jeito

parecido ao que Nino fez.

— O que foi aquilo? — Perguntou Remo com uma voz baixa e perigosa.

— Nada. Eu não gosto dele.

— Aquilo não era não gostar, Kiara — disse ele, ainda com aquela voz aterrorizante. Ele pressionou os dedos com mais força no meu pulso. Arrisquei olhar para ele, que estreitou os olhos para mim, como se pudesse ver nos cantos mais profundos e sombrios da minha alma. — Não gostar não teria feito você procurar proteção nos meus braços, acredite.

— Eu não…

— Não minta para mim. Sou seu Capo agora.

Nada me faria revelar o meu segredo, nem mesmo a cara feia aterrorizante de Remo.

— Não pedi sua proteção — Sussurrei.

Ele se aproximou e eu estremeci. — Você suplicou pela minha proteção. Diferente de Nino, eu não tenho nenhum problema em ler emoções.

Não tinha certeza do que ele quis dizer.

— Não precisa me proteger. Não sou responsabilidade sua.

— Agora você é uma Falcone. A esposa do meu irmão. Está sujeita às minhas regras. Isso faz de você alguém que tenho que proteger.

Ele apertou o meu pulso com mais força, ignorando meu tremor, e me arrastou para fora da pista de dança em direção a Nino, que ergueu as sobrancelhas para o irmão. Remo praticamente me empurrou para o braço de Nino. Apesar da minha tensão, Nino me abraçou pela cintura e permaneceu assim.

— Foi a última dança dela com qualquer um além de nós — Ordenou Remo. — Não estou nem aí para as tradições deles. Ela está sob nossas regras agora.

Nino estreitou os olhos. — Qual o problema?

— Nada — disse Remo. — Mas a família dela está começando a me irritar.

Nino olhou do irmão para mim, mas não disse mais nada. Depois disso, não tive que dançar novamente.

CAPÍTULO 6

KIARA

— Cama! Cama! — O coro começou antes que eu conseguisse me preparar mentalmente. Talvez fosse estúpido da minha parte pensar que poderia me preparar para isso.

Remo e Savio, os irmãos do meu marido, gritavam mais alto, mas a maioria dos outros homens gritava quase tão alto quanto eles. Adamo, o irmão mais novo, permaneceu sentado, com os lábios comprimidos. Ele não havia falado nem dançado comigo nem com nenhuma outra pessoa.

— Leve-a para cama, leve-a para cama! — Os gritos ficaram mais altos.

Busquei o olhar de Nino. Ele acenou para mim, se levantou e estendeu a mão. Eu a aceitei porque não poderia recusá-lo com todos nos observando. Repelindo meu medo, me levantei e o segui, passando pelas fileiras de convidados, que estavam alinhados para nos ver. Os homens davam tapinhas nos ombros de Nino; as mulheres olhavam para mim com pena e empatia. Giulia estava colada no marido, cheia de preocupação em sua expressão. Desviei o olhar depressa.

— Rumo a terras inexploradas!

— Queremos ver os lençóis!

Houve mais comentários desse tipo, fazendo meu estômago se transformar em pedra.

O rosto de Nino não traiu sua reação diante dos gritos. Ele pressionava os dedos no meu pulso com força, e eu fiquei agradecida porque eles me mantiveram firme, me impedindo de fraquejar, de voltar ao passado.

Remo e Savio estavam perto quando seguimos pelo corredor extenso – um corredor que continha muitas lembranças de infância, poucas delas boas e, esta noite, lembranças piores seriam acrescentadas à lista.

Chegamos em frente à porta de madeira escura do quarto principal, com dúzias de homens atrás de nós.

— Lembre-se, não coma sua noivinha virgem contra a parede — disse Remo com uma risada.

Estremeci, meus batimentos dobraram. Nino apertou mais ainda meu pulso.

— Remo — Grunhiu ele com uma voz que fez todas as fibras do meu ser temerem.

— Divirtam-se! — Gritou Savio com um sorriso largo.

Os Falcone irão se sentir traídos. Uma virgem foi dada em sacrifício para os monstros de Las Vegas em troca de uma promessa de paz. Nunca me foi dada a chance de ser virgem. Essa escolha foi tirada de mim. *Arrancada dolorosamente de mim.*

Um medo, agudo e primitivo, arranhava meu peito enquanto meu marido me conduzia para o nosso quarto e fechava a porta diante dos rostos sorridentes de seus irmãos. Nino me soltou e eu criei uma distância entre nós dois depressa, indo em direção à cama.

Seis anos se passaram, mas as lembranças ainda me acordavam à noite. Eu tinha medo de ficar perto de um homem, de qualquer homem, principalmente deste homem: meu marido.

De pé a alguns passos em frente à cama, meus olhos assimilavam os lençóis brancos, lençóis que a minha família esperava serem vistos manchados com o meu sangue de manhã.

Sangue que não estaria ali.

Arrastei-me para mais perto da cama. Na primeira, na segunda e até na terceira vez teve sangue. Muito sangue, dor, terror e súplica. Naquele momento, não houve nenhuma apresentação dos lençóis.

Nossa empregada, que nunca veio em meu auxílio, os lavou.

Esta noite, eu não iria suplicar. Isso não deteve meu molestador anos atrás.

Não deteria meu marido.

Eu conhecia as histórias. Já o tinha visto no octógono.

Meu único consolo era que eu duvidava que ele poderia me violar mais do que eu já havia sido violada anos atrás.

Eu não conseguia tirar os olhos daqueles lençóis brancos perfeitos, tão brancos quanto o meu vestido. Um sinal de pureza… Mas eu não era pura.

— São tradições suas, não nossas — disse Nino tranquilamente, mas alto o bastante para me arrancar dos meus pensamentos.

Obriguei minha expressão a ficar plácida.

— Então, por que as seguir? — Perguntei ao me virar. Minha voz me traiu. Sussurrada demais, enredada com um pavor que eu esperava que ele confundisse com medo virginal.

Ele não estava tão perto quanto eu esperava, nem estava olhando para mim. Parado ao lado da escrivaninha, ele lia o bilhete que a minha tia havia escrito nos parabenizando pelas núpcias. Ele o colocou de volta e olhou para mim. Não havia nada em sua expressão que me desse alguma esperança. Nenhuma bondade, nem pena. Era uma tela em branco. Lindamente fria com olhos cinzentos vazios, uma barba curta impecável e cabelos penteados para trás.

Quando balançou a cabeça, ele destruiu a pouca esperança que eu tinha.

— A *Famiglia* quer sangue, a *Famiglia* vai ter.

Ele estava certo. Era o que a minha família esperava, o que eu deveria entregar, mas eles não teriam sangue. E meu marido iria perceber que seu prêmio estava danificado. A Camorra cancelaria a trégua. Meu marido repreenderia o casamento e eu seria deixada para viver como uma pária.

Seria minha ruína. Minha família me evitaria. Ninguém nunca iria querer se casar comigo depois disso, e uma mulher não casada em nosso mundo era amaldiçoada.

Ele começou a desabotoar a camisa, calma, precisamente. Finalmente, a tirou, revelando cicatrizes e tatuagens – muitas, muito perturbador – e músculos inflexíveis. Eu me virei, meu pulso galopava nas minhas veias. Um terror, parecido àquele que senti muitos anos atrás, arranhava minhas entranhas. Eu precisava refrear isso, descobrir uma maneira de sair dessa confusão. Precisava me salvar, não dele reivindicando meu corpo, mas de perder a minha honra.

Peguei a minha bolsa, que pendia do meu antebraço, e tirei o comprimido do pacote. Minha garganta estava fechada e eu não sabia se conseguiria engoli-lo sem água, mas ir até o banheiro parecia impossível no meu estado atual. Eu não tinha certeza se faria isso sem desmoronar.

Com as mãos trêmulas, levei o comprimido à boca. Uma mão segurou meu pulso, me detendo. Meus olhos voaram para encarar o olhar estreito de Nino. Eu nem havia ouvido que ele se aproximava.

— O que é isso? — Perguntou ele energicamente.

Não falei nada, apavorada demais pelas suas palavras. Com a mão livre, ele alcançou a minha bolsa e tirou o pacote. Seus olhos analisaram a descrição. Ele o jogou longe antes de seus olhos cinzentos encontrarem os meus, e estendeu a mão.

— Me dê este comprimido.

— Por favor — Sussurrei.

Sem nenhum pingo de emoção em seu lindo e frio rosto.

— Kiara, me dê este comprimido.

Eu o larguei na mão dele, que o jogou longe também. Eu poderia ter chorado. Como eu deveria refrear meu terror, manter as lembranças sob controle sem algo para me acalmar?

Ele roçou o polegar no meu pulso e murmurou: — Eu não vou te possuir drogada.

Ele me soltou. Eu recuei e me virei para a cama, respirando fundo. Ele estava me observando.

Alcancei os botões nas costas do vestido. Seria eu a pessoa a abri-los. Isso me daria uma sensação de controle, diferente da última vez, em que as minhas roupas foram arrancadas de mim contra a minha vontade, meu corpo era fraco demais para lutar contra isso.

Engoli em seco um gosto amargo. Minhas mãos tremiam muito para pegar os botões minúsculos.

— Deixe que eu faço isso — Veio a fala fria do meu marido, que estava atrás de mim.

Não! Quis gritar, mas me obriguei a ficar calada.

— Quero eu mesma fazer isso — Consegui falar com uma voz praticamente tranquila.

Ele não falou nada, e eu não ousei olhar para a cara dele. Tateei os botões e eles foram cedendo, uma após o outro. Demorou um tempo torturante. Ele esperou em silêncio. Sua respiração calma e meus suspiros irregulares preenchiam o quarto.

Então, me lembrei que o noivo deveria tirar o vestido da noiva cortando-o com a faca. Nino deve ter se esquecido, afinal, isso também não era uma tradição sua. Não tive coragem de lembrá-lo ou de abotoar meu vestido de novo para ele poder cortar. Havia esquecido completamente.

Abaixei o vestido e ele caiu aos meus pés. Agora, apenas o sutiã sem alça e a calcinha permaneciam. Tirei o sutiã, porém, ainda não tive coragem de tirar a calcinha.

Os olhos cinzentos frios de Nino analisaram meu corpo.

— Seus enfeites de cabelo também precisam ser retirados. Eles trarão desconforto para sua cabeça.

Eu engasguei uma risada desesperada, mas tentei soltar o fio de ouro fino do meu cabelo. Minhas mãos trêmulas não permitiram. Nino se aproximou e eu recuei. Seus olhos cinza fixaram-se nos meus.

— Eu *vou* tirar.

Abaixando os braços, concordei.

Seus dedos compridos desataram os enfeites dos meus cachos rapidamente. Então, ele se afastou novamente.

— Obrigada — Consegui falar.

Obriguei-me a caminhar em direção à cama e me deitei de costas, espalmando o tecido macio da colcha.

Nino me encarou friamente. Ele se moveu até a cama. Alto, musculoso e mortalmente frio, não parecia que isto o afetava de maneira nenhuma. Ele alcançou o cinto e o abriu. O pavor entupiu a minha garganta. Desviei o olhar, lutando contra as lágrimas. Pelo canto do olho, vi-o tirando a cueca boxer, depois subiu na cama, nu e determinado. Eu tremia. Não conseguia me conter.

Suas mãos tocaram minha cintura e subiram lentamente. O toque era leve. Eu me afastei.

— Não me toque.

Seus olhos eram duros e frios ao olhar para mim.

— Você sabe que não posso. Não vou dar à sua família nenhum motivo para achar Las Vegas fraca. — Isso não foi dito de maneira cruel. Ele afirmou os fatos.

— Eu sei — Sussurrei. — Só não me toque. Apenas faça o que tem que fazer. — Se houvesse qualquer precedente do que estava por vir, não conseguiria conter meu terror.

— Se eu não te preparar, será muito dolorido. — Parecia que ele não se importava. — Será melhor se conseguirmos que você relaxe.

Isso não iria acontecer. — Apenas faça — Falei. Tudo bem sentir dor. Eu podia lidar com ela.

Ele me encarou por mais alguns instantes. Depois, tirou a mão da minha costela e se sentou. Ele enganchou os dedos na minha calcinha e as tirou. Um lamento baixo ficou preso na minha garganta.

Ele colocou um joelho entre as minhas pernas, abrindo-as, com os olhos cinza em mim. Ele se movimentava devagar, e eu desejei que não fosse assim, desejei que ele parasse de olhar para mim. O pânico começou a arranhar meu peito e eu tentei repeli-lo. Fechei os olhos apertado, tentando bloquear o que estava acontecendo. Quando ele se ajoelhou totalmente entre as minhas pernas, eu paralisei de total pavor.

— Se você não relaxar, vai se machucar.

Abri os olhos e algumas lágrimas caíram. Ele se apoiou num braço, pairando sobre mim. Alto e forte. *Não. Não. Não. Não.*

— Tente relaxar. — Ele era tão clínico quanto a isso. Seu olhar seguiu o rastro que as minhas lágrimas deixaram no meu rosto e pescoço. Elas não o afetaram. Tentei relaxar, mas isso era absolutamente impossível. Meus músculos estavam congelados de medo. Ele balançou a cabeça de leve, quase em reprovação. — Isso não vai dar certo — Falou. — Vou ter que usar muita força para passar pelos seus músculos tensos para entrar em você.

Pude sentir o amargor da bile na minha garganta conforme as lembranças de tempos atrás rastejavam pela minha mente.

E algo dentro de mim simplesmente… rompeu. Algo sombrio, assustador e profundamente enterrado. Não consegui conter.

Um choro de quebrar os ossos saiu rasgando da minha garganta, e doeu por causa das memórias que trouxe à tona. Coloquei as mãos no meu rosto com força, depois, cerrei minhas mãos em punho e pressionei os nós dos meus dedos contra meus olhos fechados. Desejando que as lembranças fossem embora da minha mente, tentei arrancá-las à força, da mesma forma como arranhara meu tio anos atrás, mas, assim como no passado, não houve escapatória.

Não conseguia respirar. Não. Conseguia. Respirar.

E queria morrer. Precisava que a dor fosse embora. Não queria passar por aquele horror de novo, e não queria novos pesadelos.

Mãos fortes seguraram os meus pulsos e eu resisti, me debatendo, mas elas eram inflexíveis e continuaram puxando até as minhas mãos saírem do meu rosto. Abri os olhos, minha visão estava

turva por causa das lágrimas. E, através da névoa, dois olhos cinza intensos entraram em foco devagar, e então eram tudo o que eu via, tudo o que eu conseguia ver, tudo o que importava.

Calmos demais. Clínicos. Frios.

Simplesmente o que eu precisava. Era uma inundação fria contra este inferno cheio de terror. Uma falta de sentimentos abençoada. Olhei fixamente dentro dos seus olhos, encarei durante muito tempo, e ele deixou, até eu trazer o primeiro suspiro de oxigênio para os meus pulmões.

Consegui respirar novamente, e o rosto do meu marido entrou no foco, seus olhos estreitos cientes demais.

Abaixando meu olhar para o seu queixo, puxei meus pulsos do seu aperto. Ele me soltou e eu coloquei as mãos no meu colo. Meu colo nu. Ele também estava totalmente nu, ajoelhado diante de mim. Ele deve ter me colocado sentada em algum momento durante meu ataque de pânico.

Era isso. Ele sabia que havia algo totalmente errado comigo. Encolhi as pernas para o peito, engolindo em seco.

Desejei que ele me matasse neste momento. Eu desejava a morte com frequência depois que meu tio me rompeu.

— O que aconteceu com você? — Sua voz era indiferente.

Pensei em mentir, porém, já havia mentido por muito tempo. E desconfiava de que ele sabia.

— Eu tinha treze anos — Falei, entretanto, não consegui dizer mais nada. Comecei a tremer de novo e ele colocou uma mão no meu ombro. Desta vez, não estremeci. O toque era clínico demais para provocar qualquer terror.

— Você foi estuprada.

A palavra me fez sentir pequena, suja e indigna. Assenti.

— Seu pai?

Balancei a cabeça. Ele já estava morto na época e nunca teria

feito isso. Ele sabia que eu estaria arruinada. Ele me batia e gritava comigo, mas nunca me tocou desse jeito. Talvez, tivesse feito mais adiante, se Luca não o tivesse matado.

— Algum parente, então. Garotas como você são protegidas. Deve ter sido alguém com quem você tinha algum parentesco.

Assenti.

— Quem foi? — Perguntou com firmeza. — Seu tio que te criou?

Umedeci os lábios. — Meu outro tio.

— Por quanto tempo?

Levantei quatro dedos.

— Quatro anos?

Balancei a cabeça em negação.

— Quatro vezes?

Apenas quatro noites, no entanto, todos os dias desde então.

Desde então.

— Eu sonho com isso todas as noites — Falei, sufocada. Essa admissão me fez bem. Já estava condenada mesmo. Eu havia selado meu destino. Nada mais importava.

Não me atrevi a levantar o olhar para ver seu desprezo, sua raiva por ter sido dado a alguém maculado.

— Sabe… — Falei calmamente. — Um homem gentil me pouparia da humilhação de ter que encarar a minha família, viver na vergonha, e simplesmente me mataria.

— Um homem gentil pode ser — disse ele com a voz baixa.

Levantei o olhar conformada.

Um sorriso assustador atravessava o rosto de Nino. Não chegava aos seus olhos.

— *Mas eu* vou encontrar o homem que fez isso com você e fazê-

lo sentir o mesmo terror que você sentiu naquela noite e sofrer como ele nunca achou ser possível. E, no fim, quando ele estiver implorando por muito tempo e não tiver mais esperança, vou presenteá-lo com a morte.

O ar ficou preso na minha garganta. Olhei para ele. Não consegui fazer outra coisa. Ele estava calmo em relação a isso, só que no fundo dos seus olhos havia algo sombrio e perigoso. Não para comigo. E eu não ousei esperar que isso pudesse realmente ser verdade.

— E o que você vai fazer comigo? Não sou o que lhe foi prometido. Não sou virgem.

Ele olhou para mim como se eu tivesse falado uma coisa idiota.

— Não ligo se você não é virgem. É um pedacinho de carne completamente inútil. Mas tenho consciência da importância que isso tem para muita gente, até para o seu pessoal.

— Então, por que você está furioso se não é porque alguém roubou o que você queria para si?

— Porque alguém roubou o que você não estava disposta a dar — Murmurou ele.

Desviei o olhar, porque lágrimas idiotas ficaram presas nos meus olhos. Eu não entendi sua reação nem ele próprio. Já tinha ouvido rumores sobre Vegas, sobre como lidavam com as mulheres que não pagavam suas dívidas ou desagradavam Remo Falcone de outro jeito.

Gesticulei para o lençol.

— É a tradição. Minha família espera ver sangue. — Engoli em seco. — Se você me pegar com força, eu vou sangrar?

Ele assentiu, sua expressão era impassiva.

— Já faz anos para você e apenas fez sexo algumas vezes, então, se eu usar força suficiente, você definitivamente vai sangrar. Seus músculos vaginais estão tensos de medo e vão rasgar quando me forçar por completo dentro de você.

Meu estômago se contraiu. Ele parecia um médico explicando os efeitos físicos de seus atos. Meus lábios lutaram para formar as palavras

que racionalmente eu queria dizer.

— Então, faça isso para que a minha família e a *Famiglia* tenham o sangue que esperam.

Ele se inclinou para frente, seu lindo rosto frio estava tão perto que pude ver as partículas escuras em seus olhos cinza.

— Não se preocupe, eles terão sangue.

Assenti e me mexi para me deitar de costas, contudo, ele se levantou da cama e vestiu a cueca. Fiquei confusa.

— Achei que você fosse…

Ele vestiu a calça e fechou o cinto. Não falou nada até estar vestido com seu terno de casamento de novo e armado com suas facas.

— Vou encontrar o homem que te estuprou e abatê-lo como a um porco nesses lençóis. Você acha que terá sangue suficiente para a sua família?

Engasguei, saindo da cama, segurando a colcha contra a minha nudez.

— Isso vai começar uma guerra. Luca vai matar todos nós.

Nino não falou nada, mas se aproximou. Eu fiquei tensa, porém, não recuei. Ele levantou a mão e eu estremeci. Não apanhava há anos, desde o meu pai – e depois, tio Durant – contudo, meu corpo ainda esperava por isso.

— Eu não vou te bater. — Abri os olhos e olhei para sua camisa branca. Ele pôs um dedo debaixo do meu queixo e levantou minha cabeça. Sua expressão fria olhava para mim, quase com curiosidade, como se eu fosse algo que precisasse de compreensão. — Você quer que seu tio viva?

— Não — Admiti.

E isso selou nossos destinos.

*

NINO

Abaixei a mão e caminhei até a escrivaninha para pegar meu celular e o levei ao ouvido.

Ele atendeu depois do segundo toque.

— *Não deveria estar ocupado?*

— Preciso que venha aqui.

— *Suponho que não seja porque você quer minha ajuda para comer a sua esposa.*

— Não, não é isso.

Silêncio. — *Dois minutos. É melhor que seja bom. Escolhi uma garçonete para trepar.*

Ele desligou e, como prometido, batia na porta dois minutos depois. Abri a porta e seus olhos escuros foram para algo atrás de mim. Afastei-me e ele entrou. Kiara recuou, os lençóis ainda estavam grudados em seu corpo nu, seu rosto manchado pelas lágrimas.

Remo se virou para mim com as sobrancelhas erguidas.

— Foi rápido. Você sabe que não pode devolvê-la depois que a inaugurou, não é?

— Estou indo matar uma pessoa. E queria te avisar.

Seu sorriso doentio sumiu do seu rosto na hora. Remo inclinou a cabeça.

— Você não está pedindo a minha permissão.

— Não, não desta vez. Eu vou matar aquele homem e nada vai me impedir.

Remo olhou para Kiara e ela corou, tentando se tornar ainda menor. Seus ombros estavam caídos e seus braços enrolavam o lençol apertado em volta do seu corpo.

— Alguém chegou antes de você? Quer cancelar tudo?

— Alguém a estuprou quando ela era uma *criança.* — Parei, encarando minha esposa, que agora olhava para o chão, tremendo. — E

ela vai para Las Vegas comigo.

Ela ergueu o olhar arregalado.

— O estuprador dela está entre os convidados. É o marido da tia de Luca, Criminella, Subchefe de Pitsburgo — Falei. Remo precisava saber a extensão dos nossos problemas.

— Eu sei.

Ergui as sobrancelhas.

— Você *sabia*?

Ele deu de ombros e estalou o pescoço, estendendo as mãos.

— Então, é melhor eu afiar as minhas facas e carregar as minhas armas.

— Podemos impedir a guerra se avisarmos a Luca.

— Pedir permissão a ele para lidar com a vingança de alguém que atacou a sua propriedade? — Rosnou ele. — Ele nos deu menos do que foi prometido e você acha que lhe devemos alguma coisa?

— Pedir, não. Avisá-lo — Elucidei. Virei-me para Kiara, que se encostou na parede por causa do rompante de Remo. — Vista-se.

Seu olhar foi de Remo para a porta do banheiro, onde ele estava parado.

Remo entendeu sua expressão antes de mim. Ele veio até onde eu estava, afastando-se da porta do banheiro. Kiara pegou sua bolsa e correu para dentro do banheiro.

Olhei para ele intrigado.

— Ela estava com medo de passar por mim — disse Remo encolhendo os ombros.

— Ela tem medo.

— Todas elas não têm? — Ele pegou seu celular. — Vou ligar para Fabiano. É melhor Savio ficar com Adamo antes do garoto acabar sendo assassinado.

— Vamos — Falei e o conduzi para o corredor. Estava deserto.

Fabiano chegou alguns minutos depois, estreitando os olhos.

— Não me diga que você matou a garota.

Ergui uma sobrancelha. — Não sou propenso a rompantes emocionais como Remo.

— Talvez você finja muito bem suas emoções — Resmungou Fabiano.

— Não finjo. Kiara está viva e bem, considerando sua situação.

Fabiano lançou um olhar para Remo.

— Nino quer derramar o sangue do tio dela. Ele a fodeu quando era uma criança — Explicou meu irmão.

Fabiano fez uma careta que supus fosse de nojo.

— Matar a família de Luca não vai acabar bem.

— Luca o mataria se ele não fosse da família. Eu vi o olhar que ele deu ao velho filho da puta. E o cara nem é do sangue de Luca. É casado com a tia dele.

— É um dos seus homens. Ele vai insistir em aplicar a punição ele mesmo.

— Não — Falei. — Ele puniu o primo de Aria por ser malicioso com ela no território da *Outift*. Vai entender que eu mesmo preciso matar seu tio.

Fabiano refletiu sobre as minhas palavras: — Talvez. Mas não é um bom começo para esta união. — Ele me encarou. — Mas vejo que você vai fazer isso independente do que eu disser, então, vou procurar Luca e tentar controlar os danos. Pode ser que ele ainda não tenha voltado para sua mansão. — Fabiano parou. — Para onde você vai levar o cuzão?

— Vou cuidar dele nos meus lençóis nupciais — Expus, e se formou um sorriso em meu rosto.

Fabiano suspirou, depois deu meia-volta e foi à procura do Capo

da *Famiglia*.

— Pronto para buscar seu encontro desta noite? — disse Remo com uma risada.

Tentei descobrir o que ele quis dizer com isso.

— Suponho que você irá fodê-lo com a sua faca.

Olhei para a lâmina no meu coldre. Assenti lentamente.

— Vou curtir um tempo quebrando o cara, corpo e mente.

— Espero que você me deixe participar da diversão.

Inclinei a cabeça confirmando. Seria irracional impedir Remo de participar. Eu conhecia todas as partes que davam agonia num corpo, porém, Remo sabia como destruí-las com jogos mentais. Ambos eram mais eficazes se aplicados em combinação.

— Vamos — Falei, e Remo me deixou ir na frente porque esta cruzada era minha.

Escondidos nas sombras, encontramos Durant nos jardins com sua esposa, rindo alto com uma taça de vinho na mão.

— Espero que ele não esteja bêbado — Resmungou Remo. — Não quero que ele perca a noite da sua vida.

— Vamos deixá-lo sóbrio — Falei em voz baixa enquanto o encarava. Ele era um homem alto, com ombros largos, mas tinha uma pança que me dizia que já fazia um tempo que ele não lutava de verdade. Não que isso importasse.

Remo zombou: — Foder uma criança. Até eu me arrepio com isso. Espero que ele não seja daqueles que desmaiam logo.

— Vamos garantir que ele fique acordado. — Eu queria que ele desfrutasse cada segundo das suas últimas horas.

Fabiano estava parado ao lado, perto do *buffet*, com Luca. Não foi difícil de ler as emoções do Capo. Ele estava furioso.

— Venha — Falei para Remo. — Vamos pegar Durant.

Ele não precisou de mais nenhum incentivo. Peguei minha faca *bowie*, meus dedos curvavam-se ao redor do cabo de madeira lisa, enquanto Remo e eu nos movíamos ao longo das margens da festa. A maioria das pessoas que ainda permanecia ali estava bêbada. Assim que Durant me avistou junto com meu irmão, seus olhos arregalaram. Ele largou a taça e se virou, fugindo da festa e deixando sua esposa parada ali com um expressão atordoada

Remo suspirou. — Por que eles sempre acham que podem escapar?

Comecei a correr e avistei Durant cambaleando pelas curvas que levavam à água. Talvez ele esperasse que poderia chegar a um dos barcos e fugir. Quando alcancei um ponto bom, parei e atirei minha faca. A lâmina de Damasco brilhou magnificamente à luz do luar antes de se empalar na panturrilha de Durant. Seu grito estridente foi um bom começo para a noite. Nada de gritos de prazer esta noite. Apenas de agonia.

Durant caiu de joelhos, apertando a panturrilha.

— Muito bom — Reconheceu Remo ao parar ao meu lado.

Descemos a colina devagar enquanto Durant se levantava e tentava sair mancando em direção ao barco mais próximo, contudo, ele não conseguia colocar nenhuma pressão em sua perna lesionada. Ele deveria ter tirado a faca; ou isso o teria ajudado a se movimentar mais rápido ou o teria feito sangrar mais rápido. Ambos teriam sido melhores resultados do que aquele que o esperava sob as mãos de Remo e das minhas.

Nós o alcançamos e Remo deu a volta para encará-lo.

— Por que está indo embora? A diversão já vai começar.

Durant deu um passo para trás. Chutei suas pernas e ele caiu de joelhos. Segurei a faca e a girei. Ele gritou e seus olhos subiram para encontrar os meus.

— Seja lá o que a putinha falou, ela mentiu.

— Como você sabe que isso é sobre Kiara? — Perguntou Remo

calmamente. — Pode ser que eu não suporte a sua cara. Nino e eu já matamos por menos.

O olhar de Durant foi do meu irmão para mim, sua respiração acelerou. O pavor começou a encher suas veias como veneno. Eu conhecia os sinais. Este era apenas o começo. Eu me abaixei, curvando os lábios.

— Você vai admitir em breve e, antes que o sol nasça, vai implorar que Kiara te perdoe, acredite.

Girando a faca mais uma vez, eu a deixei em sua perna. Dei um sinal a Remo e colocamos Durant de pé, segurando seus braços.

Enquanto o arrastávamos de volta para a casa, Luca e Fabiano se colocaram à nossa frente. Luca encarou o tio sem nenhuma emoção.

— Este território é meu e Durant faz parte da *Famiglia*.

Encontrei seu olhar.

— Verdade, mas sou eu que vou parti-lo ao meio. Ou você está me dizendo que teria agido diferente se alguém tivesse desonrado Aria antes da noite de núpcias dela?

Luca sorriu.

— Eu teria matado todos que tivessem me impedido de infligir a punição. — Então, sua expressão endureceu. — Preciso ver Kiara antes de permitir que você comece… — Seus olhos correram para a faca na panturrilha de Durant — ou continue.

— Luca — Começou Durant, porém, Remo apertou seu braço, fazendo as palavras morrerem num grito.

— Nós vamos continuar, Luca, mas claro que você pode dar uma palavrinha rápida com a minha esposa, *se ela concordar.*

Os lábios de Luca comprimiram, mas ele deu um aceno brusco. Ele nos seguiu conforme arrastávamos Durant para a mansão. Algumas pessoas viram a cena e olharam descaradamente. Matteo correu até nós, mas Romero ficou para trás com as irmãs Scuderi.

— Eu sabia que este dia ia terminar numa porra de um casamento

de sangue — Resmungou Matteo depois que Luca o colocou por dentro dos detalhes. — Claro que eu esperava que teria a chance de meter a minha faca em um de vocês.

— Idem — disse Remo com um sorriso perigoso.

Não paramos e, enquanto passávamos pelo pátio, Giulia nos viu. Ela se afastou do marido e correu até nós enquanto entrávamos no salão.

— É melhor você sair — disse-lhe Luca com firmeza.

Ela entrou na nossa frente e afrontou Durant.

— Hoje você vai finalmente ter o que merece pelo que fez com Kiara. — Ela encontrou o meu olhar. — Faça-o pagar.

— Ah, eu vou.

Cassio chegou e tirou sua esposa dali. Ele olhou para Luca, colocando a mão em sua arma.

— Precisa de ajuda?

— Não — disse Luca. — Isso é assunto da Camorra.

Inclinei a cabeça, surpreso com sua resposta. Quando entramos no quarto principal, Kiara estava na frente da janela, vestida com uma calça e um suéter grosso. Ela ficou pálida quando viu o tio e recuou, esbarrando na parede.

Remo e eu jogamos o tio no chão.

— O que você contou a eles, sua puta traidora? — Rosnou ele.

Arranquei a faca da sua panturrilha girando-a bruscamente quando me inclinei sobre ele e meti o punho em sua garganta para calá-lo. Ele espumou e caiu para frente.

Kiara assistia à cena com os olhos arregalados.

Luca deu alguns passos em direção a Kiara, mas ela estremeceu, ainda paralisada pelo pavor. Bloqueei o caminho dele.

— Infelizmente, não posso permitir que chegue mais perto da

minha mulher.

Luca franziu a testa, mas concordou.

— Ela é sua. — Então, ele falou com Kiara. — Só posso permitir que Nino puna Durant se souber que ele merece.

Kiara abraçou a si mesma, engolindo em seco ao olhar para o tio, depois, desviou o olhar. Por um tempo ela não falou nada, mas começou a tremer.

— Eu tinha treze anos — Sussurrou ela, depois soltou um soluço fraco. Seus olhos escuros encontraram os de Luca e, seja lá o que ele viu no rosto dela, o convenceu, porque sua expressão se transformou em pedra quando ele nivelou o olhar ao de Durant.

— Você está sujeito ao julgamento da Camorra, *tio*. — Seus lábios formaram um sorriso nem um pouco diferente daqueles pelos quais Remo era conhecido. — Eu te diria para esperar por misericórdia, mas nós sabemos que não vai receber nenhuma de Nino e Remo.

Misericórdia? Não.

Durant tossiu, ainda tentando recuperar a voz depois do meu soco na sua garganta.

— Luca, sou da sua família.

Luca zombou: — Você fez sexo com uma criança. Não é da minha família. — Luca olhou de Kiara para Durant, depois para mim. — Não deixe sangue no teto nem nas paredes. É uma chatice para pintar.

— Luca! Você não pode fazer isso! — Implorou Durant. Ele caiu para frente e agarrou os pés de Luca. — Eu te imploro.

Luca estreitou o olhar. — Me solta.

Quando Durant não soltou, Luca o segurou pela gola e o jogou para longe. Estremecendo, Durant ficou de pé, e eu entrei em seu caminho.

Matteo veio e estendeu uma corda para Remo, que a pegou com um sorriso doentio. Depois, o *Consigliere* da *Famiglia* saiu.

Luca também se foi, mas antes de fechar a porta, disse: — Não incomode os vizinhos com seus gritos e não o faça comer o próprio pau. Quero apresentá-lo com o lençol de manhã para mandar uma mensagem para os meus homens.

— Tem partes suficientes do corpo dele para que ele coma, não se preocupe — Afirmou Remo. — As bolas podem ter o mesmo efeito.

Luca fechou a porta.

Durant olhou para Kiara, que estava sentada congelada no sofá ao lado da cama.

— Por favor, Kiara.

Soquei sua boca. Ele caiu para trás, gritando com a voz rouca.

— Não se dirija a ela. Não olhe para ela, a menos que ela lhe dê permissão.

Durant pôs a mão na boca, que sangrava, gemendo e chorando.

— Se isso já te faz chorar, a noite não vai ser fácil para você — Anunciou Remo, sacando da sua faca. Depois, riu.

— Quer a minha ajuda? — Perguntou Fabiano. Ele já estava com as mangas arregaçadas e sempre era útil quando se tratava de tortura, mas hoje Remo e eu cuidaríamos disso.

— Não. Peça transfusões para o médico da *Famiglia*. Não quero que ele morra logo — Falei.

Fabiano saiu correndo imediatamente.

Durant cambaleou para trás quando eu avancei. Eu o peguei e o joguei na cama. Ele tentou descer, mas eu o empurrei e dei um soco no seu saco. Ele gritou e eu me debrucei sobre ele, olhando para seus olhos cheios de dor e arregalados de medo enquanto enfiava uma meia em sua boca.

— Seus gritos não serão ouvidos assim como não foram os de Kiara quando você forçou seu pau dentro dela. — Enfiei a faca nele e murmurei: — Eu vou forçar minha lâmina em cada merda de centímetro do seu corpo. Espero que você se divirta tanto quanto eu.

Gesticulei para Remo e ele veio com a corda. Nós amarramos Durant com os braços e pernas abertos.

Saindo da cama, comecei a desabotoar minha camisa e a tirei. Remo fez o mesmo. Não fazia sentido estragar nossas camisas brancas.

— Você quer que ela fique?

Olhei para Kiara, que não havia saído do sofá, seus olhos estavam arregalados encarando o tio.

— Pode sair — Falei para ela.

— Vá para o meu quarto — Ofereceu Remo. — Pode dormir lá. Vou estar muito agitado depois disso para dormir.

Ela piscou uma vez, depois acenou brevemente, mas não se mexeu. Talvez ela precisasse assistir. Virei-me para o tio.

— Primeiro, vou quebrar todos os seus dedos — Expliquei para ele. — Dedos que tocaram sem permissão.

Acenei para Remo. Peguei a mão esquerda de Durant e Remo pegou a direita.

— Isso vai doer. Mas não se preocupe, você se acostuma com a dor. Quando isso acontecer, vou me certificar de ser um pouco mais duro com você.

CAPÍTULO 7

KIARA

Eu estremeci cada vez que os gritos sufocados do meu tio soaram quando Remo e Nino quebraram cada um dos seus dedos. Eu não estava olhando para o meu tio, mas para o rosto do meu marido. Sua expressão era perspicaz e atenta enquanto observava meu tio como se estivesse conduzindo um experimento interessante.

Então, eles começaram a cortar suas roupas, fatiando sua pele repetidamente no processo. Levantei-me. Não conseguia assistir a isso, não conseguia vê-lo nu, não conseguia ouvir mais seus gritos abafados.

Nino olhou para mim e deteve o irmão de tirar a calça do meu tio. Nino veio até mim.

— Quer ouvir o que ele tem a dizer antes de sair?

Eu não tinha certeza, porém, assenti levemente.

Nino voltou e tirou a meia da boca do meu tio.

— Desculpe — Resmungou Durant. — Por favor, me perdoe. — Seu olhar me implorava.

Nino olhou para mim, seus olhos cinza eram frios e sem emoção, apesar do que estava fazendo com o meu tio.

— Você o perdoa?

Eu consigo perdoá-lo? Consegue perdoar o fato de ter sua infância arruinada? De ter sua inocência arrancada? De perder aquela confiança infantil na sua família do pior jeito possível.

— Não — Falei.

Nino enfiou a meia de volta na boca de Durant.

Tive que sair quando Nino levou a faca ao peito do meu tio. Fechei a porta e soltei um suspiro trêmulo, e enrijeci quando percebi que Fabiano vinha em minha direção, carregando bolsas de sangue para transfusão. Cheguei para o lado para ele poder entrar, mas ele voltou logo depois com as mãos vazias.

— Vou te levar para o quarto de Remo. Nino vai se juntar a você mais tarde.

Não falei nada, apenas olhei para o loiro alto. Caminhamos em silêncio e, quando entrei no quarto de Remo, ele me deixou sozinha. Fui até a cama e rastejei para baixo do cobertor, encarando a escuridão. A cama estava pesada demais com as lembranças do passado, mesmo não sendo a mesma cama onde aconteceu.

Saindo da cama, me encolhi em uma das poltronas, sem me importar de pegar um cobertor. Bem mais tarde, a porta abriu. Quando a luz do corredor penetrou, vi Nino vestido com a roupa do casamento. Então, ele fechou a porta, nos deixando no escuro. Ele parou a meio caminho da cama.

— Pode dormir na cama. Remo não vai precisar dela essa noite. É sua.

Engoli em seco. — Eu não durmo numa cama há anos.

— Por quê? — Não havia julgamento em seu tom de voz, apenas uma leve curiosidade.

— Porque foi onde aconteceu — Falei sufocado.

— Se serve de consolo, ele implorou pela morte no fim.

Respirei fundo. Servia? Não deveria, mas parte de mim se sentiu consolada.

— Obrigada — Sussurrei.

— O poder que ainda tem sobre você… você tem que quebrá-lo.

Eu me levantei e caminhei devagar até a cama. Na luz baixa, só conseguia distinguir a figura alta de Nino, mas tinha a sensação de que ele me observava.

Eu me deitei e me cobri com o cobertor.

A sombra de Nino se movimentou e eu pude ouvir um farfalhar. Ele estava tirando o terno de casamento. O resquício de medo fez minha respiração se alterar. Possivelmente sempre seria assim. Será que ele tentaria de novo? Afinal, eu era sua esposa.

— Você deveria tentar dormir — disse ele com aquela fala calma ao se deitar debaixo do cobertor. Ele não se aproximou o bastante para nos tocarmos.

— Não consigo.

— Os pesadelos não vão parar porque ele está morto — disse ele, e eu sabia que tinha razão, mas era perturbador que ele *soubesse*. Diziam que ele era um gênio, tão louco e perigoso quanto inteligente. E eu percebi que ele era tudo isso e mais. *Monstruoso.*

Cada corte que ele infligiu em tio Durant na minha presença foi de precisão clínica, anos de prática, e eu sabia que o que veio depois que eu saí foi ainda pior.

Ele implorou pela morte no final.

— Só que ele nunca mais vai te machucar de novo e mais ninguém vai — Afirmou, como se pronunciar as palavras fizessem delas lei.

Por causa da mensagem de sangue que ele mandou hoje.

— E você? — Silêncio. — Você vai me machucar?

Ele se virou e a cama se mexeu sob seu peso. Respirei fundo antes de conseguir me conter. Mesmo no escuro, pude vê-lo se virar para mim.

— Eu também não vou te machucar. Pelo menos, não fisicamente.

— Você vai abusar de mim psicologicamente? — Perguntei.

— Não. Não intencionalmente. — Ele parou. — Mas eu não sinto.

— Sente o quê?

Pena? Misericórdia?

— *Sinto.*

Tentei entender o que ele queria dizer.

— Não sente emoções?

— Desde que era criança, não. — Ele parou. — Não como as pessoas costumam sentir. É difícil de explicar.

Um sociopata. Assim que pessoas como ele eram chamadas.

— Eu as reconheço e posso fingi-las de maneira satisfatória se quiser, mas não as sinto.

Não tinha certeza do que dizer. Talvez sua admissão devesse me assustar.

— E o que isso significa para nós dois?

— Significa que eu nunca vou agir por raiva, medo ou tristeza, mas…

— Mas nem por amor ou afeto também — Terminei.

Eu me perguntei por que ele matou meu tio se não foi por raiva. Seria hábito? Porque era assim que as coisas eram resolvidas em Vegas? Até em Nova York qualquer Homem de Honra teria matado o homem que tivesse desonrado sua noiva.

— Isso.

Eu não precisava de amor contanto que eu soubesse que estava segura dele. Além disso, eu já não tinha afeto de verdade há anos. Poderia aguentar mais.

— E quanto ao desejo?

— Não é uma emoção. É um impulso animal. E, basicamente, humanos são animais.

Não tão segura, no fim das contas.

— Então, você age por desejo. — O medo estava de volta à

minha voz e meu corpo se fechou.

No escuro, pude ver o leve movimento em seu rosto.

— Ajo. E, para ser honesto, eu desejo seu corpo.

Aí estava. Meu pulso acelerou e eu pude sentir uma nova onda de pânico começar.

— Mas não vou agir com base nisso.

— Não vai?

— Em algum momento, pode ser necessário que a gente gere descendentes, mas até lá posso procurar outras mulheres para cuidar das minhas necessidades… se você preferir assim.

Muito clínico e sem sentimentos.

— Prefiro — Falei, aliviada por ele ter sugerido algo assim. Eu poderia ter chorado de alívio.

Ele não falou nada. Para ele, estava resolvido. Fechei os olhos. Senti como se um peso tivesse saído do meu peito e podia respirar livremente outra vez.

*

Eu lutei contra ele, tentei empurrá-lo, mas ele era forte demais. Acordei ofegante e entrei em pânico porque alguma coisa estava me segurando. Eu lutei com força, ficando apavorada. Apenas um dos meus braços estava livre. Debati-me.

Uma mão firme segurou meu pulso e eu soltei um som sufocado.

As luzes se acenderam e eu pisquei contra a luminosidade.

— Kiara, acalme-se. Você está enrolada na coberta.

Demorei um tempo para perceber quem estava falando, quem estava segurando meu pulso. O rosto de Nino entrou em foco sobre mim e eu estremeci no travesseiro. Puxei o pulso e ele me soltou.

— Me deixa te ajudar. — Ele tentou me tocar e eu enrijeci, olhando para a sua mão. Ele pegou o cobertor e puxou. O objeto

afrouxou e eu me libertei. Respirei fundo.

Seus cabelos estavam despenteados e, por não estar penteado para trás ou num rabo de cavalo curto, ele parecia mais humano, mais acessível. Claro que isso mudou no instante em que meus olhos desceram para seu colo, onde suas tatuagens começavam. Praticamente cada centímetro do seu torso estava coberto por elas. Elas mal tocavam seu pescoço, então, não ficavam visíveis se ele estivesse de camisa. As tatuagens serpenteavam por trás do ombro e desciam pelos braços, chegando aos pulsos como se fossem mangas. Elas não escondiam o contorno inflexível dos músculos nem as cicatrizes salientes.

Engoli em seco e me sentei. Minha pele estava escorregadia por causa da transpiração, mas eu me arrepiei.

— Não estou acostumada com tanto espaço assim. A *chaise longue* onde eu dormia não permitia me mexer o bastante para ficar enrolada desse jeito.

Nino ainda estava apoiado num braço. Seu olhar passeou pelo meu rosto e me deixou extremamente ciente da sua proximidade e da maneira rude com que o acordei. A esta altura, ele já deve ter se dado conta do péssimo acordo que fez. Eu não tinha nada a ver com o prêmio prometido. Ele não podia me reivindicar e eu roubei seu sono.

— Eu sou um caos — Sussurrei. — Pelo menos, você não precisa se preocupar com outros homens dando em cima de mim.

— Não estou preocupado com isso — Falou com a voz baixa.

Inclinei a cabeça. — Você descobriu que recebeu um prêmio danificado?

— Danificado? — Indagou.

Apontei para mim mesma. — Quebrada. Não sou o que lhe foi prometido. Você deveria me devolver.

Nino se sentou e se aproximou de mim. Obriguei-me a permanecer calma, porém, meu corpo retesou. Seus olhos piscaram para mim, talvez percebendo minha reação, mas ele não se afastou.

— Prometeram uma mulher Vitiello em casamento. Uma mulher com beleza e elegância. Você preenche os requisitos.

Olhei para ele. — Você me acha bonita?

— *Achar* sugere que é algo da minha imaginação, mas sua beleza é um fato. E o motivo pelo qual não estou preocupado com homens dando em cima de você é porque agora você é uma Falcone, minha esposa, e em Las Vegas ninguém nos contraria.

Engoli em seco.

— A escuridão detém poder sobre você porque ele veio à noite?

Assenti, engolindo em seco novamente.

— Suas noites estão seguras. Você está segura agora, Kiara. Mesmo no escuro você não tem nada a temer, nem ninguém, porque estou aqui e terão que passar por mim. E ninguém jamais me venceu. Eu sou a coisa mais perigosa no escuro, mas você não precisa me temer.

Abaixei o olhar, sem entender. — Por quê?

— Por que o quê?

— Por que não preciso te temer? Você é um Falcone.

— Sou. E meus irmãos e eu nos protegemos porque somos família, e nós protegemos Fabiano porque nós o tornamos da família, e agora vamos te proteger porque você é minha esposa e isso também te faz da família. É isso que família deve ser, não acha?

Olhei para ele com um sorriso trêmulo.

— Foi assim que sua família criou vocês? Como seu pai criou vocês? Porque meu pai me batia e matou a minha mãe numa tentativa de salvar a própria vida. Minha tia Egidia e tio Felix me tratavam como um fardo e uma pária porque meu pai era um traidor, e meu tio Durant, ele… ele… — Eu ainda não conseguia falar nisso.

— Meu pai e minha mãe nunca foram nossa família. Tínhamos o mesmo sangue, nada mais. Meus irmãos e eu somos do mesmo sangue, mas também decidimos ser mais, ser uma unidade. Somos do mesmo

sangue e escolhemos ser família. E protegemos a família. — Sua expressão estava mais animada do que já havia visto, e eu me perguntei se ele se dava conta disso… se ele realmente era tão insensível quando dizia. — Se você escolher ser uma Falcone, se escolher ser da nossa família, se escolher ser minha não apenas no papel e porque é o seu dever, então, nós vamos te proteger.

— O que eu tenho que fazer para ser da família? Para ser sua?

— Seja leal. Digna de confiança. Esqueça sua família de sangue e Nova York. Corte os laços que te amarram a eles e se torne uma Falcone. Somos nós contra o resto. Sempre será assim.

— Eu posso fazer isso. — Nada me prende a Nova York. A única pessoa com quem me importo e que se importa comigo é Giulia, e nós mal nos vemos porque ela mora na Filadélfia e eu moro em Baltimore com os pais dela. Ela também tem os filhos de Cassio para cuidar.

Ele assentiu e se recostou na cama. — Tente dormir agora.

Voltei a me deitar de lado, e Nino apagou as luzes. Como sempre, meu corpo paralisou de medo no escuro. Foquei na respiração tranquila de Nino. Ele estava muito longe de mim para sentir o calor do seu corpo, mas o escutava. Ele não estava dormindo. Não sei como eu sabia, apenas sabia. Fechei os olhos e contei sua respiração até o sono me levar.

*

NINO

A respiração de Kiara continuou tensa por um longo tempo depois do pesadelo que teve. Eu sabia que ela estava tentando me fazer acreditar que havia pegado no sono, e lhe permiti pensar que tinha conseguido. Era curioso o quão frequentemente as pessoas esqueciam os detalhes em relação à linguagem corporal. A respiração durante o sono tinha uma qualidade diferente do que quando despertos, principalmente se seus momentos acordados estavam cheios de medo.

O medo das outras pessoas era algo com que eu estava acostumado; as pessoas me temiam por causa do meu nome e da

minha tatuagem da Camorra. Mesmo não me conhecendo, me temiam porque me viam no octógono ou porque se davam conta de que eu não sentia. Quando as pessoas percebiam que a minha expressão vazia não era forçada, isso deixava a maioria delas profundamente quieta. Acontecia naturalmente.

Kiara se mexeu levemente. Agora, ela dormia, mas nem a minha mente nem o meu corpo queriam adormecer. Normalmente, eu não tinha nenhum problema em sentir sono depois de torturar alguém. Isso não acelerava meu pulso nem fazia meu sangue ferver, e, no entanto, desta vez, havia uma inquietação implícita nos meus membros enquanto estava deitado ao lado de Kiara.

Não tinha certeza do porquê tinha essa reação tão forte. Talvez fosse porque, sendo minha esposa, eu me sentia obrigado a protegê-la.

Acabei me levantando da cama e saí do quarto. A casa e os jardins estavam silenciosos a esta hora. As pessoas saíram da festa enquanto Remo e eu estávamos ocupados com Durant. Presumi que Luca os tinha aconselhado a irem embora. O escuro nunca abrigou horrores para mim como fazia com Kiara. Eu gostava da sua tranquilidade. Desci as escadas e segui a brisa leve em direção às portas de vidro. Como esperado, Remo também estava acordado. Ele estava parado no cume do monte e olhava para o mar. Ele não se incomodou em vestir uma calça ou uma camisa depois que acabamos com Durant. Ele estava apenas de cueca.

Seu corpo ficou levemente tenso com a minha aproximação, mas depois seus músculos relaxaram. Parei ao lado dele, porém, ele não se virou para olhar para mim. O cheiro de cobre inundou meu nariz, e meus olhos passearam pelo seu corpo. Mesmo na penumbra da luz do luar ficou óbvio que ele não havia se incomodado nem em se limpar.

— Por que você ainda está coberto de sangue? — Perguntei, curioso.

— Quando foi que teve um dia sem sangue nas nossas vidas? — Ele me devolveu as palavras que falei mais cedo. Franzi a testa. Remo estava com um humor estranho. — Você sabe que dia é hoje?

— Vinte e cinco de abril — Falei, mas sabia que não era o que ele

pretendia com a pergunta.

Ele virou a cabeça e sua expressão teria feito a maioria das pessoas correr.

— É aniversário dela.

— Eu sei.

— Neste exato momento, ela está respirando, respirando um ar que não deveria. Ela deveria queimar no inferno.

Meu peito apertou como fazia, às vezes, quando Remo se sentia compelido a mencionar a nossa mãe.

— Ainda podemos matá-la — Falei.

Remo cerrou os punhos.

— É. Poderíamos. — Seus olhos me avaliaram. — Malditos quatorze anos e ela ainda está respirando.

— Poderíamos pedir a Fabiano que fizesse isso. Ele entenderia.

— Não — Grunhiu Remo. — Aquele dia é coisa nossa. E se alguém matar a nossa mãe, seremos nós. Juntos. — Ele estendeu a mão e sua tatuagem da Camorra ficou à mostra.

Assenti e segurei seu antebraço ao mesmo tempo que ele segurou o meu.

— Eu atravessaria a porra do fogo por você.

— Você já atravessou, Remo — Falei.

Ele soltou meu braço e respirou fundo.

— O cheiro de sangue sempre me lembra daquele dia. Não é meio irônico considerando quanto sangue derramamos ao longo dos anos? Seria de se pensar que isso nos faria abafar aquela porra de dia.

— Algumas coisas não nos deixam — Falei.

Remo assentiu. — Você está aqui, então, suponho que não comeu sua mulher.

— O passado dela também não a deixou. Matar o tio não mudou isso.

— Será que matar a nossa mãe mudaria as coisas para nós? — Perguntou em voz baixa.

Pensei nisso, mas, pela primeira vez, não sabia a resposta.

— Não sei.

CAPÍTULO 8

NINO

Como sempre, acordei por volta das 6h da manhã, de costas, olhando para o teto. Eu tinha dormido por cerca de duas horas, o que não era muito pior do que a minha média por noite. Virei a cabeça em direção ao som de uma respiração suave. Kiara estava encolhida, com o rosto escondido debaixo dos seus cabelos castanhos ondulados. Depois do pesadelo, ela dormiu profundamente e, quando voltei para o quarto após minha conversa com Remo, também dormi depressa. Eu não tive nenhum problema em dormir ao lado dela, mesmo fazendo anos que não dividia a cama com ninguém; na época, dividia com meus irmãos, porque tínhamos apenas duas camas.

Eu me sentei, querendo preparar tudo para a apresentação do lençol… e de Durant.

Kiara acordou, com os olhos arregalados e apavorados quando pousaram em mim. Seu corpo se encolheu ainda mais antes de ela engolir em seco visivelmente, depois finalmente relaxou.

— Desculpe.

— Pelo quê? — Perguntei.

Ela se desculpava demais pelas reações naturais do seu corpo. Não sei por que ela achava que seu medo me ofenderia. Depois do que ela passou, e levando em consideração quem eu era, era natural que ela reagisse desse jeito. Matar seu tio e não reivindicar seu corpo não mudaria isso.

Ela não respondeu e eu não consegui ler sua expressão. Coloquei as pernas para fora da cama e me levantei.

Kiara se engasgou atrás de mim. Olhei por sobre meu ombro para

ela. Eu estava nu porque preferia dormir sem roupas.

— Vou tomar banho. A minha nudez te incomoda?

Ela movimentou a cabeça numa mistura nervosa de aceno e tremor, olhando para o cobertor.

— Isso é um sim ou um não?

— Você é meu marido.

— Sou. Mas isso não responde a minha pergunta. — Eu me virei, ficando totalmente de frente para ela, para tentar forçar uma reação mais forte.

Ela engoliu em seco, ficando com o rosto ruborizado.

— Não me incomoda.

Estreitei o olhar. — Ser digna de confiança significa sem mentiras, Kiara.

Seus olhos foram para o meu rosto, e ela comprimiu os lábios em… frustração?

— Certo. Eu menti. Me incomoda muito. Você me dá medo quando está nu. Feliz?

— Não consigo enxergar como isso me faria feliz.

Ela balançou a cabeça. Então, seus olhos correram para a minha virilha e ela ficou tensa outra vez e desviou o olhar.

— Minha nudez não representa um risco para você. Não me torna mais perigoso, assim como as roupas não te oferecem nenhum tipo de proteção. É uma questão de força física, não de camadas de pano.

Minhas palavras não tiveram o efeito pretendido. Ela murchou os ombros, se diminuindo. Medo. Eu não sabia como lidar com ela. Minha falta de emoções nunca foi um problema tão grande ao lidar com meus irmãos ou com Fabiano; eles não se ofendiam com facilidade e se assustavam menos ainda. Com outras pessoas, minha falta de emoções era algo útil.

— Kiara — Suavizei meu tom de voz, algo que nunca havia feito.

Seus olhos cor de avelã subiram para o meu rosto. — Sou mais forte do que você. Isso é um fato. Se eu quisesse te machucar, nada me impediria. Isso também é um fato. Mas, como te disse, não tenho intenção de te machucar. O fato de eu estar nu não muda isso de maneira nenhuma. Nem se você estivesse nua perto de mim mudaria isso. Sou completamente capaz de controlar meus impulsos assim como qualquer outro homem.

— Meu tio — Murmurou ela.

— Seu tio não queria controlar seus impulsos e ele pagou com a vida por isso.

Para mim, o assunto estava encerrado, então, eu me virei e fui tomar banho.

*

Quando estávamos os dois vestidos, olhei a hora. Eram apenas 7h30. Cedo ainda.

— Por que não vamos tomar café da manhã antes da apresentação do lençol?

Kiara arregalou os olhos. — Que lençol?

— O lençol onde seu tio sangrou — Falei.

— Todos vão se dar conta do que aconteceu comigo — Sussurrou ela, contorcendo o rosto.

— Você está com vergonha? — Perguntei, porque eu ainda não conseguia ler sua expressão nem seus olhos. Demoraria um tempo para ligar suas expressões faciais com as emoções correspondentes.

Ela soltou uma risada sem ar e engoliu em seco. — Claro que estou.

— Não tem do que se envergonhar. Você não fez nada de errado. Não se transforme no agressor quando você é a vítima.

Ela balançou a cabeça com os olhos arregalados.

— Você não entende. Ele ter feito isso comigo não importa. As

pessoas vão me culpar. Por algum motivo, as vítimas sempre terminam sendo tratadas como cúmplices. Você é homem. Você não entende.

Sua voz e suas palavras me fizeram perceber que a emoção mostrada em seu rosto era raiva.

— Não é questão de ser homem. É o fato de você não ter feito nada de errado. Ele te obrigou.

— Você não entende? Eu sou mulher. Sou culpada por definição. É sempre assim. Dirão que eu pedi por isso. Um sorriso significa que estou seduzindo. Uma palavra gentil significa que pedi por isso. Roupas reveladoras significam que estou convidando a me tocar. *Esses são fatos*, Nino.

Encarei-a, surpreso com sua veemência. As mulheres com as quais meus irmãos e eu lidávamos não eram propensas a respostas prolixas, mas Kiara era eloquente e inteligente, e ela poderia se virar sozinha se conseguisse superar o medo de mim e dos homens em geral.

— Se você tem vergonha, se permite que te façam se sentir desse jeito, fortalece a ignorância dos outros. Lute contra isso.

— Eu lutei uma vez e isso só o fez me machucar ainda mais! — Gritou.

Ela engoliu em seco de novo. Presumi que era sua tentativa de controlar suas emoções, deter suas lágrimas, entretanto, elas se reuniram em seus olhos mesmo assim. Talvez eu devesse ter prolongado a tortura do seu tio por alguns dias, mas deveríamos voltar a Vegas hoje.

Seus olhos foram para o meu rosto e ela enrijeceu.

— Desculpe.

Inclinei a cabeça. — Por quê?

— Por gritar com você. Não deveria fazer isso, não deveria te provocar.

— Me provocar?

Ela franziu a testa para mim. Minhas palavras pareciam fazer

pouco sentido para ela assim como as palavras dela faziam pouco sentido para mim. Ela abraçou a si mesma num gesto protetor.

Será que estava com medo da minha reação?

— Expressar sua opinião não me provoca, Kiara. E, como eu disse, não ajo pela raiva. Não precisa ser submissa. Não vou me sentir atacado se você se impuser. Tenho ciência do meu status e do meu poder e não preciso da sua submissão nem de bajulação.

A ruga na testa dela se aprofundou, mas ela soltou os braços. Seus seios se acomodaram bem na blusa ao fazer isso, mas mudei o olhar para o seu rosto. Outro pensamento cruzou a minha mente, algo que eu não havia considerado antes.

— Quando ele foi até você, deve ter tido sangue no lençol.

Ela empalideceu. — Teve, sim. Todas as vezes.

— Por que as empregadas que trocaram seus lençóis não alertaram os seguranças? Seu tio Felix teria agido, já que Durant a desonrou sob seu teto. É o que a honra dita.

Ela visivelmente lutava contra si mesma, e eu lhe permiti alguns segundos para formular uma resposta.

— Ele pagou uma das empregadas para me limpar e trocar os lençóis depois… depois do que fez comigo.

Sem uma decisão consciente, coloquei a mão em seu ombro, sabendo que muitas pessoas encontravam conforto na proximidade física. Seu corpo era agradável de se olhar e gostoso ao toque. Ela não recuou. Engoliu em seco mais uma vez e deu um leve sorriso.

— Qual o nome dela?

— Da empregada?

Assenti.

Kiara hesitou, seus olhos analisavam meu rosto, mas seja lá o que ela quisesse ver, não estava ali.

— O que você quer saber?

— Qual o nome dela? — Repeti a pergunta, agora com a voz mais dominante.

Como esperado, ela cedeu à posição dominante. Ela foi criada para obedecer.

— Dorma. Ela trabalha para tio Felix e tia Egidia. — Ela arregalou os olhos. — O que você vai fazer com ela?

— Não vou fazer nada — Falei com sinceridade e ela relaxou. Remo faria. Estendi a mão. — Venha. Vamos comer alguma coisa.

Depois de um momento de hesitação, ela pôs a mão na minha. Meus irmãos, Kiara e eu, e Fabiano com Leona fomos os únicos que passaram a noite na mansão, mas as pessoas deveriam chegar para o *brunch* e para a apresentação do lençol dentro de duas horas.

Kiara me seguiu tranquilamente pela casa.

— Este lugar pertenceu aos seus pais antes de serem assassinados.

— Sim, agora pertence aos meus irmãos.

— Luca matou seu pai.

— Matou — Respondeu simplesmente.

— Não sente falta dele?

Ela encontrou o meu olhar brevemente. — Você sente falta do seu pai?

Inclinei a cabeça. — Não.

Entramos na cozinha. Algumas empregadas das famílias Rizzo e Vitiello estavam ocupadas preparando tudo para o *brunch*.

Meus irmãos já estavam à mesa da cozinha, tomando o café da manhã. Fabiano e Leona ainda estavam lá em cima, provavelmente ocupados fodendo.

As empregadas se viraram quando entramos e, ao me verem, logo abaixaram as cabeças. Uma delas, uma mulher com cerca de trinta anos com cabelos curtos castanhos, olhou para Kiara, cujo pulso

acelerou sob meu polegar. Esta devia ser Dorma.

Puxei-a para a mesa e me sentei na cadeira ao lado de Remo. Ele vestia uma calça de moletom, nada mais. Devia ser de Savio, já que Remo não havia voltado para o quarto para pegar uma dele. Kiara se sentou perto de mim com um sorriso hesitante.

— Bom dia.

— Bom dia — Respondeu Adamo. — Dormiu bem?

Seus olhos correram para mim, e ele corou. Remo se debruçou sobre a mesa e deu um tapa na testa dele com um sorriso malicioso.

— Ela não dormiu. O que você acha?

Kiara me lançou um olhar inseguro como se não tivesse certeza de como reagir. Ela teria que aprender a não pedir a minha aprovação. Soltei seu pulso, peguei uma maçã e a mordi.

— Seria uma manhã melhor se vocês tivessem me deixado fazer parte da diversão — disse Savio para mim.

Adamo olhou novamente para Kiara.

— Las Vegas é muito legal. Tem muita coisa para fazer.

— Tenho certeza de que vou gostar de lá — Afirmou Kiara, docemente.

Remo levantou uma sobrancelha para mim quando me inclinei sobre ele e sussurrei em seu ouvido: — Depois que o tio a estuprou, uma das empregadas da casa o ajudou a manter segredo. Ela limpou o sangue de Kiara.

Remo recuou, curvando os lábios num sorriso.

— Onde posso encontrá-la?

Meus olhos foram para a mulher com os cabelos curtos. Remo seguiu meu olhar, depois olhou de volta para mim, com um brilho animado nos olhos.

— Vou cuidar dela depois da apresentação do lençol. Não quero perder a cena.

— É melhor falar para o nosso piloto que vamos embora mais tarde?

Remo pensou um pouco. — Não devo demorar muito.

Dorma se aproximou com uma frigideira gigantesca.

— Fiz ovos e bacon como o senhor pediu — disse ela para Remo.

Ele sorriu maliciosamente. — Isso. Preciso reabastecer minhas reservas. — Ela colocou um pouco de ovos e bacon no prato dele.

Ela olhou para mim. — O senhor quer alguma coisa? Tenho certeza de que vai precisar de algo depois da noite de núpcias. — Seus olhos se moveram para Kiara, que afundou em sua cadeira.

— Verdade — Falei com a voz baixa. Meu olhar parou no colar caro em seu pescoço. — Você tem uma joia refinada. Os Rizzo te pagam tão bem assim?

Ela piscou e pôs a mão no colar, olhando para Kiara mais uma vez.

— Foi… foi um presente — Contestou ela com indignação.

Eu sorri friamente. — Tem certeza? Ou será que outra pessoa pagou o preço para que você o tivesse, *Dorma*?

Ela empalideceu e deu um passo para trás. Remo olhava para ela como um gato olha para um rato. Ela se virou e colocou a frigideira no fogão, depois foi para perto das outras empregadas. De vez em quando, ela lançava um olhar fuzilante para Kiara, que estremecia todas as vezes.

— Ela está começando a me irritar de verdade — Murmurou Remo. Ele se levantou e se espreguiçou. Todas as empregadas olharam para ele. Este era o seu show. A calça de moletom estava em seus quadris e elas encaravam seu peito cheio de cicatrizes. Remo, assim como eu, tinha os músculos definidos devido a anos de luta. Dava para notar que nossos músculos não eram apenas de levantar peso. Nós sangramos por eles. Ele pegou seu suporte de faca e o colocou sobre seu peito nu. Kiara arregalou os olhos. E logo desviou o olhar. As

empregadas ficaram presas em algum lugar entre boquiabertas em choque, medo e fascinação.

Savio revirou os olhos e resmungou: — Exibido.

Remo foi até as empregadas e parou bem atrás de Dorma.

— Parece deliciosa — disse ele sombriamente ao olhar sobre o ombro dela para seja lá o que ela e outra empregada estavam preparando. Claro que ele não se referia à comida. Dorma se aproximou da bancada, mas Remo se inclinou para mais perto. — Mal posso esperar para experimentar. Estou *faminto*.

Adamo balançou a cabeça e fez uma careta para o seu prato.

Dorma balançou a cabeça. — É para mais tarde. O senhor não pode comer agora.

Remo pôs a boca perto do ouvido dela. — Posso esperar. Não se preocupe. Vai valer a pena.

Ela estremeceu visivelmente, porém, Remo se retirou, pegando outro pedaço de bacon da frigideira antes de voltar à mesa.

*

Kiara permaneceu na cozinha com Leona, Adamo e Fabiano, enquanto Savio, Remo e eu levamos Luca e Matteo para o quarto principal no andar de cima.

Abri a porta para Luca entrar. Ele e o irmão captaram a cama e os arredores.

— Não falei para não espirrar sangue nas paredes? — disse Luca irritado, mas havia uma pontada de alguma outra coisa em seus olhos. — O único jeito de limpar este quarto é com um jato de mangueira.

— Melhor ainda, coloque fogo nele — Sugeriu Matteo. Ele balançou a cabeça e trocou um olhar com o irmão.

Remo deu de ombros e ergueu um canto da boca.

— As coisas saíram um pouco do controle no final.

— Não duvido — disse Luca secamente, avaliando o outro Capo.

Savio deu a volta na cama, analisando Durant. — Cara, da próxima vez que estiverem se divertindo me chamem. Por que tenho que ficar de babá de Adamo enquanto vocês vão com tudo?

Luca meneou a cabeça. — Caralho, vocês, Falcone, são todos loucos.

Gesticulei para o cenário: — Acredito que o quarto será suficiente para mandar a mensagem que você pretende.

Matteo bufou: — *Suficiente,* meu cu. É meio irônico que sejam vocês a entregar uma mensagem contra estupro.

Encarei os outros homens com calma, depois olhei para Luca.

— Vocês desaprovam nossos meios.

— Desaprovo — Confirmou Matteo mostrando os dentes.

— Como vocês punem as mulheres no seu território?

— Se possível, não punimos.

— O que vocês fazem com as mulheres traficantes que roubam dinheiro ou os traem e se vendem para a *Bratva*? Como lidam com as prostitutas que não pagam para trabalharem nas suas ruas, ou com as mulheres que pegam dinheiro emprestado e não devolvem?

Remo se aproximou de Matteo: — Vocês lidam com elas como fazem com os homens, presumo. Ou encontraram um jeito de torturá-las de um modo amigável para mulheres? Vocês encontraram um jeito de tornar a morte menos definitiva para elas?

A mão de Matteo se aproximou da sua faca e eu coloquei a mão na minha arma, mas Remo podia se virar sozinho e viu o movimento de Vitiello. Ele sorriu.

— Nós damos uma escolha a elas. E o que vocês acham que todas elas escolhem?

Matteo zombou: — Então, vocês deveriam reconsiderar seus métodos.

Remo gargalhou. — Não se preocupe com meus métodos. Eu sou Las Vegas. Sou dono de todas as boates, prostitutas e traficantes. E logo vou banir todos os filhos da puta da *Bratva* de todo o meu território e, depois disso, vou cuidar dos filhos da puta dos mexicanos, e aí, eu serei o Oeste.

Não seria tão fácil assim. Las Vegas e Reno estão totalmente sob nosso controle, mas ainda tínhamos que dividir muitas outras cidades do Oeste com os russos e o Cartel. Bani-los de todas as cidades custaria esforço e forças consideráveis. Forças que estávamos utilizando atualmente para a nossa vingança contra a *Outfit*.

— Temos convidados que precisam ver isso — disse Luca com firmeza. — Mas acho que vamos excluir as mulheres desse espetáculo. Não acho que a maioria delas tem habilidade para digerir *isso.*

— Talvez você devesse parar de mimá-las como se fossem bonecas frágeis de porcelana — Resmungou Remo.

Luca sorriu friamente.

— Faço como quero no meu território e você pode fazer o que quiser no seu.

Voltamos para o andar de baixo. Na sala de estar, os Subchefes e Capitães de Luca estavam reunidos, assim como suas esposas e alguns soldados de baixo escalão da *Famiglia*. Eles nos encaravam com uma curiosidade evidente. Fabiano, Leona, Kiara e Adamo vieram até nós.

— Houve uma ligeira mudança nos planos — disse Luca. — Vamos fazer a apresentação do lençol no quarto principal.

Um burburinho começou entre os convidados.

— Alerto fortemente às pessoas sensíveis que há muito sangue lá — Anunciou Luca.

Algumas pessoas riram hesitantes, mas se fez silêncio quando perceberam que ele não estava fazendo uma piada.

Todos os homens que estavam na sala o seguiram. Claro que eles nunca admitiriam que tinham algum problema com sangue, mas algumas mulheres também foram junto. Entre elas, estavam Egidia, a tia

de Kiara, e Giulia, apesar da aversão óbvia do marido dela à ideia. Criminella, esposa de Durant, não estava lá. Ela voltou para casa depois que Luca lhe contou o que o marido havia feito. Ela sabia qual era a punição para esse tipo de coisa. Todos sabiam.

Como esperado, a visão de Durant causou o efeito esperado de choque. Egidia correu para o banheiro e não voltou, e Giulia cambaleou até o marido, enterrando o rosto em seu peito. Ele olhava para a cena com a mesma surpresa moderada que Luca e Matteo anteriormente.

— Contem aos seus soldados, contem a todos que isso é o que acontece aos estupradores de crianças no meu território — Falou Luca.

Quando os convidados saíram e voltaram para o andar de baixo para o *brunch*, apenas Felix continuou com Luca, Matteo, Remo e eu.

— Eu não sabia — disse ele calmamente, sem olhar para Durant.

— Acho difícil imaginar que você não teria percebido uma mudança no comportamento de Kiara depois do estupro. Ela ainda tem pavor da proximidade masculina. Calculo que não devia ser muito melhor quando ela tinha treze anos — Falei asperamente.

Luca ergueu uma sobrancelha.

— É verdade, Felix. Você sabe que eu esperaria ser informado de tamanho crime para poder aplicar a punição adequada.

Felix ficou pálido. — Eu não sabia. Kiara não é minha filha e ela sempre foi peculiar. Se algum dia ela agiu de maneira estranha, eu atribuí ao que aconteceu ao pai dela.

Estreitei os olhos para ele. Até alguém com uma percepção medíocre teria percebido algo diferente se prestasse atenção. Mas Kiara, sendo filha de um traidor, provavelmente viveu a maior parte da sua vida nas sombras. Agora, ela era uma Falcone. Iria aprender a manter a cabeça erguida.

CAPÍTULO 9

KIARA

Depois que me despedi de Giulia, fiquei tremendo. Pareceu mais do que apenas uma despedida temporária. Sempre moramos em cidades distintas, mas isso era diferente. Agora, eu fazia parte da Camorra. Se a trégua não se mantivesse, e pelo que soube não iria durar muito, eu nunca mais a veria.

Só que isso não foi a única coisa que transformou meu estômago num poço de cobras. Até agora, Nino estava sendo mais gentil do que o esperado. E se isso fosse parte do plano? E se sua máscara de gentileza caísse assim que chegássemos em Las Vegas? Lá era território deles. Era onde eles podiam fazer o que quisessem. Não era como se eu pudesse voltar para Baltimore se as coisas não dessem certo – muito menos agora que todos sabiam o que Durant tinha feito comigo.

Os olhares de pena foram quase demais para suportar, mas os olhares analíticos esporádicos eram ainda piores. Era como se as pessoas se perguntassem se fui em quem atraiu isso para mim mesma.

Leona e eu caminhamos na frente, com os homens atrás de nós. Ela me lançou um olhar hesitante. Nós não havíamos conversado muito até agora, mas ela parecia legal, e eu não conseguia ver nenhum julgamento em seus olhos, nem mesmo agora que ela sabia sobre o meu passado.

Entramos no avião particular e eu parei, sem saber onde me sentar. Leona sorriu.

— Por que não se senta comigo para podermos nos conhecer? Acho que os homens têm coisas a discutir.

Aliviada pela sua oferta, a segui em direção à parte de trás, e nos sentamos uma de frente para outra. Nino, seus irmãos e Fabiano se acomodaram nos assentos perto uns dos outros na outra ponta do avião.

Nino não pareceu se importar que eu não tivesse escolhido me sentar ao seu lado. Este casamento era um mal necessário para ele. Um meio para chegar a um fim.

— Então, você é casada com Fabiano? — Perguntei a Leona.

Ela corou, o que fez suas sardas se destacarem ainda mais. Seus olhos correram para o homem loiro.

— Ah… não… não somos casados. Não estamos juntos há muito tempo.

— E sua família permite que você esteja com ele antes do casamento?

Leona soltou uma gargalhada. — Eu não sou italiana. Sou uma forasteira.

Surpresa, arregalei os olhos. — Ah. Eu não sabia, por causa do seu nome. Eles permitem isso em Vegas?

Leona comprimiu os lábios. — Não tenho certeza se isso é algo permitido, mas Remo permitiu a Fabiano.

Eu soube imediatamente que Leona desconfiava do Capo da Camorra tanto quanto eu. Todos, exceto seus irmãos, provavelmente desconfiavam dele.

— Então, você cresceu numa família normal? — Eu não tinha muito contato com pessoas de fora, então, achava a companhia delas excitante.

Leona fez uma careta.

— Bem, eu não chamaria a minha família de normal pelos padrões comuns. Meus pais são viciados. Digo, eram… minha mãe ainda é. — Ela respirou fundo.

— E seu pai?

— Fabiano o matou.

Congelei, meus olhos foram para o namorado dela. Como se ele pudesse sentir meu olhar, seus olhos azuis pousaram em mim antes de se moverem para Leona e se aquecerem. Tentando reprimir a minha reação inicial, perguntei: — Por que você está com ele se matou seu pai?

Leona se virou para me olhar. Uma pontada de culpa atravessou seu rosto antes de desaparecer, e ela encolheu os ombros.

— Meu pai não era um homem bom.

— E Fabiano é?

— Ai, não — Respondeu Leona com uma risada. — Aqueles homens ali… eles não são bons. — Ela acenou em direção aos Falcone e a Fabiano.

Assenti. — Mas ele é bom com você?

Leona sorriu. — Ele é. — Seus olhos azuis analisaram meu rosto. — Não sei o que aconteceu entre você e Nino ontem à noite, mas ele matou o homem que te machucou, então, acho que ele quer ser bom com você.

Encarei Nino. Ele estava recostado em seu assento, parecendo relaxado, seus lábios estavam praticamente formando um sorriso. Eu me perguntei se era algo que ele tinha que forçar ou se seus músculos faciais faziam isso por conta própria quando seu corpo registrava certo nível de satisfação. Ele encontrou meu olhar. Eu não tinha certeza se ele queria ser bom comigo ou se sequer sabia o que queria comigo. Desviei o olhar porque seu escrutínio me fez sentir constrangida, mesmo tendo sido eu quem começou a encarar.

— Ele não tem emoções, certo?

Leona deu de ombros. — Ele não demonstra emoções. Eu não sei o que se passa na cabeça dele. Sinceramente, não quero saber. Ele e Remo… — Ela balançou a cabeça e, em seguida, se segurou — Desculpe. Nino agora é seu marido.

— Não — Expressei, gesticulando para ela. — Eu entendo. Me

sinto do mesmo jeito.

Eu ainda não sabia o que pensar do meu marido. Ele não era o que eu esperava. Eu havia esperado crueldade e sabia que ela estava na natureza dele, levando em consideração o que ele e Remo haviam feito com Durant. Mesmo meu tio tendo merecido morrer, pelo estado abalado de Giulia, eu só conseguia imaginar como foi horrível. Será que este lado cruel dele acabaria aparecendo quando ele estivesse comigo?

A ideia de baixar a minha guarda e depois ser espancada com uma crueldade que não mais esperava era algo que já tinha aguentado… e não queria passar por isso de novo.

*

A mansão era uma propriedade com várias alas, cada uma delas pertencia a um dos irmãos Falcone. Mesmo assim, eu preferiria ficar mais distante de Remo. Savio não me assustava tanto, e Adamo ainda era um garoto, mesmo já sendo mais alto do que eu. Remo, Savio e Adamo foram para suas respectivas partes da casa quando chegamos, me deixando sozinha com Nino. Eu ainda não estava segura de como agir perto dele. Eu ainda tinha medo dele, mas não tanto quanto antes.

— Venha, vou te mostrar a casa — disse ele, segurando meu pulso mais uma vez. Desta vez, nem me abalei porque já esperava por isso. Ele fazia isso com frequência e eu me perguntava o motivo. Será que andar de mãos dadas era muito íntimo? Seria por dominância que ele segurava meu pulso desse jeito?

Do salão, nós fomos para um enorme espaço aberto de teto alto com portas de vidro que ocupavam a parede inteira. Presumi que, em algum momento, este local já fora a sala de estar. Agora, parecia um enorme salão de jogos com uma mesa de sinuca, máquina de *pinball* e um bar com prateleiras cheias de bebidas. Um saco de boxe pendia do teto e havia dois sofás enormes em frente a uma televisão que ocupava quase toda a parede. Mas a coisa mais estranha era o ringue de boxe no lado direito do cômodo.

— Antes de nosso pai morrer, esta era a sala de estar e de jantar. Nós derrubamos as paredes. Aqui é onde meus irmãos e eu passamos a

maioria das noites, a menos que a gente saia. — Nino franziu a testa ao me encarar. Talvez ele tenha percebido agora que esta não era mais uma casa só dos meninos. Eu era a intrusa que estragou tudo.

— Eu não vou te incomodar durante seu tempo com sua família — Afirmei, poupando-o do trabalho de tentar me decepcionar facilmente. Passei a maior parte da minha vida à margem. Isso não me destruiria.

— Agora, você é da família.

Duvidava que Remo e Savio concordassem com ele. Adamo parecia ser gentil o suficiente, mas ele devia apenas estar tentando ser educado e eu não sabia se queria passar muito tempo com os irmãos Falcone.

— Vou te mostrar a cozinha, mas quase nunca a usamos. Só temos algumas coisas para o café da manhã. Pedimos comida para o jantar todos os dias.

— Vocês não têm empregadas ou algo assim? — Indaguei, seguindo-o para os fundos da casa em direção à cozinha. Ela era toda em aço inoxidável e grande o bastante para preparar o jantar para muitas pessoas.

— Não. Temos duas faxineiras que vêm duas vezes por semana para cuidar da pior parte, mas não gostamos de pessoas por aqui.

— Ah... — Nunca tentei cozinhar porque nossas empregadas sempre o fizeram, mas não me importaria de dar uma chance a isso. Sem nenhuma empregada respirando no meu pescoço, agora era uma opção.

Continuamos nosso *tour* pela parte de Nino da casa. Consistia numa sala de estar menor e escassa com nada além de um sofá e uma televisão. No andar de baixo, tinha um lavabo social e outra sala cheia de mobília antiga. No primeiro andar tinham mais três quartos e um quarto principal – o quarto que Nino e eu dividiríamos agora.

Entrei no quarto espaçoso com uma cama de dossel enorme à esquerda, que ficava de frente para a porta. Janelas altas emolduravam ambos os lados dela. Cortinas vermelho-escuras cobriam as janelas.

Nino apertou os dedos em volta do meu pulso.

— Eu te disse que não tem nenhum motivo para ter medo.

Olhei confusa para ele, mas ele não desenvolveu. À nossa direita, percebi duas portas. Uma delas estava entreaberta, expondo um chão preto de mármore. A porta seguinte estava fechada. Nino seguiu meu olhar.

— Aquele é o *closet*. Tem bastante espaço para as suas roupas. Eu não preciso de muito espaço.

Ele me soltou e eu entrei no banheiro anexo e me deparei com um chuveiro ao nível do chão, uma *Jacuzzi* e pias duplas numa bancada de mármore preto. Uma janela atrás da banheira dava para os jardins amplos.

Nino me esperou no quarto, perto da cama. Respirando fundo, me aproximei. Ele parecia relaxado, calmo, controlado.

— Vamos dormir na mesma cama.

— Claro — Respondi depressa.

— Você mudou de ideia quanto a eu ir procurar satisfação em outro lugar? — Perguntou ele naturalmente, mas eu me perguntei quais eram seus pensamentos em relação a isso.

Meu estômago contraiu. Seu olhar passeou pelo meu rosto com uma pontada de curiosidade. Por algum motivo, demorei um pouco para lhe responder.

— Não — Respondi finalmente.

Ele assentiu. — Não vou trazer mulheres para cá comigo, então, não precisa se preocupar.

— Obrigada. — Eu não sabia o que mais dizer.

— Vamos descer. Eu ainda não te mostrei a biblioteca nem os jardins.

Minha animação disparou. — Você tem uma biblioteca?

A boca de Nino contorceu. — Tenho, sim. É na ala principal, mas

meus irmãos não leem.

Segui Nino para o andar de baixo, entretanto, parei na área de estar. Ainda havia muitos cômodos e eu não havia visto um piano em lugar nenhum. Nem mesmo considerei não ter um piano à minha disposição. A música sempre fez parte da minha vida. Eu não conseguia imaginar viver sem ela.

— Tem algum piano na casa?

Nino balançou a cabeça em negação. — Não. Você toca?

— Toco. Bem, tocaria se tivesse um piano.

— Onde você colocaria um piano?

Olhei em volta. O cômodo era minimamente mobiliado. Eu não achei que Nino passasse muito tempo aqui. Os irmãos Falcone pareciam preferir passar o tempo na ala principal durante o dia, se a quantidade de copos e pratos vazios no salão de jogos queria dizer alguma coisa. Apontei em direção a um local perto das portas de vidro. Ali me permitiria olhar o céu enquanto tocasse piano.

— Acho que este seria um bom lugar.

Nino assentiu, mas não disse nada.

— Para a biblioteca? — Incentivei, e ele gesticulou para que eu o seguisse.

Enquanto caminhava ao lado de Nino, arrisquei olhar para ele. Sua expressão era relaxada, à vontade, mas imaginei que fosse sua expressão padrão, dada sua falta de emoções. A camisa de manga comprida escondia suas tatuagens e eu percebi que suas roupas sempre as cobriam. Eu me perguntei o motivo de ele escondê-las debaixo de camadas de tecido. A maioria das pessoas não tinha orgulho da arte em seus corpos? E não era como se ele tivesse que cobrir as tatuagens por causa de um trabalho certinho. Mesmo sem as tatuagens perturbadoras à mostra, Nino conseguia carregar uma energia de autoridade, de violência sutil. Não era tão evidente quanto a de Remo, mas estava lá. Todos que olhavam para Nino sabiam que ele era um homem cujo caminho não se deveria cruzar. Não por causa dos seus músculos ou

dos seus movimentos que gritavam “força”, mas por causa de um certo ar de autoconfiança, uma confiança que dizia que ele sabia que era mortal.

Os olhos cinza de Nino encontraram os meus e eu corei. Por quanto tempo fiquei encarando? Abaixei a cabeça depressa e senti uma onda de alívio quando ele abriu a porta para a biblioteca. Ela fazia a biblioteca que eu frequentava em Baltimore parecer um armário de vassouras miserável. Localizada na parte de trás da ala principal, tinha dois andares e as prateleiras iam até o teto. Tinha uma escada de rodinhas encostada em todas as fileiras e alcançava os livros do alto. Meu coração perdeu um compasso quando tentei adivinhar o número de livros.

— Uau! — Murmurei.

— É melhor te avisar: nossa seleção de títulos de ficção é limitada. A maioria deles é de clássicos antigos ou de romances picantes horríveis que a minha mãe costumava ler quando era viva. Eu não leio ficção e passei a comprar *e-books* porque simplifica o armazenamento e a acessibilidade.

Eu só escutei pela metade enquanto caminhava pelo corredor mais próximo, meus olhos passeavam pelas lombadas. Havia livros sobre história e ciência, medicina e guerra. Clássicos como *1984* e *A Revolução dos Bichos*, *Jane Eyre* e todas as peças de Shakespeare. Então, vi a série completa de *Harry Potter,* as lombadas rachadas como se os livros tivessem sido muito lidos. Toquei no primeiro livro. Já tinha lido na época mais sombria da minha vida e encontrar refúgio no mundo desses livros foi a única luz para mim. Parei, respirando fundo. Livros e música sempre foram a minha salvação. O cheiro de couro antigo e papel empoeirado era puro conforto. Eu poderia passar a vida inteira neste lugar e morrer feliz.

Quando finalmente virei de costas para os livros, peguei Nino me observando com uma leve carranca. Corei. Devo ter parecido uma lunática, inalando o cheiro da livraria e sorrindo para mim mesma.

Limpei a garganta. — Tem algum lugar onde eu não possa ir?

Nino ergueu as sobrancelhas escuras. — Como a zona das Artes

das Trevas?

Congelei, sem fala, paralizada e em choque absoluto. Engoli em seco.

— Você… você acabou de fazer uma referência a *Harry Potter*? — Ele deve ter percebido quando toquei nos livros.

— Fiz — Falou secamente e tive que reprimir uma risada.

— Não me diga que você leu esses livros.

— Eu não os li para o meu próprio prazer. Eu os lia para Adamo quando estávamos fugindo. Ele era obcecado por eles e Remo não tinha a paciência necessária para ler histórias para dormir. Além disso, ele tinha o hábito de deixar os *Comensais da Morte* e *Valdemort* vencerem, e isso chateava Adamo quando ele era pequeno.

Eu ri, depois me calei, confusa e impressionada por tudo o que descobri sobre Nino nesses últimos dias. Ele era um homem de muitas camadas, e eu não achava que algum dia conseguiria chegar totalmente à última. Fui até ele.

— Deve ter sido difícil proteger seu irmão caçula quando estavam lutando pelo território de vocês.

Nino deu de ombros.

— Foi difícil, mas Remo e eu matamos todos que representavam o menor risco para Savio e Adamo. Não podíamos fazer muitas perguntas. O lema pelo qual vivíamos era matar primeiro. Quando estabelecemos uma fortaleza no território, nos certificamos de torturar as pessoas por informações antes de matá-las.

Olhei para ele, tentando imaginar como deve ter sido naquela época. Durante o dia, Nino e Remo abatiam seus inimigos e à noite se reuniam em qualquer que fosse o lugar lúgubre onde se escondiam no momento e liam histórias para Adamo e Savio dormirem.

— Você me confunde — Admiti baixinho.

Nino assentiu pensativo. — Este é um elogio que posso devolver.

— Obrigada — Agradeci e limpei a garganta.

— Agora, vou te mostrar os jardins. Você pode passear pelas instalações o quanto quiser, mas fique longe das alas de Remo e Savio, principalmente a de Remo, ele não vai gostar se te encontrar no domínio dele. — Assenti. Eu não tinha absolutamente nenhuma intenção de ir a nenhum lugar perto de Remo se pudesse evitar. — Adamo provavelmente não vai se importar de você estar no espaço dele, mas ele é um adolescente porco, então, você vai ver e cheirar coisas que mulheres não deveriam.

Eu ri de novo, e Nino me encarou com curiosidade. Meu rosto aqueceu sob seu escrutínio. Ele estendeu a mão e tocou na minha pele quente com a ponta do dedo, quase como se estivesse tentando dar sentido à minha reação. Não recuei, ficando ainda mais confusa a cada segundo.

— Você queria me mostrar os jardins? — Resmunguei, limpando a garganta de novo.

Ele abaixou a mão e se virou. Eu fui logo atrás dele, tentando entender meu marido, mas ele era um enigma.

Havia uma coisa que percebi passando pelo salão de jogos a caminho do jardim.

— Não vi nenhum segurança por aqui.

— Não precisamos deles. Até Adamo é capaz de se defender — Replicou Nino ao me conduzir em direção a uma piscina quadrada. — Eu nado nesta piscina todas as manhãs. Meus irmãos a usam de vez em quando também, mas eles preferem exercícios práticos.

— Eu não sou capaz de me defender — Destaquei depois de um momento.

Ele me olhou intrigado, passeando o olhar pelo meu corpo.

— É verdade. Você é um alvo fácil. Como falei, não queremos pessoas na mansão. Remo e eu teremos que dar um jeito nisso. Será melhor se um dos meus irmãos ou Fabiano estiver por perto quando eu não estiver por aqui. Eles podem te acompanhar para onde você for.

— Então, eles são minhas babás?

— Como destacou, você não consegue se proteger sozinha e, enquanto as pessoas em Vegas nos temem, existem forças exteriores que podem arriscar um ataque, com você sendo o alvo — Opinou ele e gesticulou para que eu o seguisse pela casa em direção à outra piscina. Este espaço foi definitivamente criado para propósitos recreativos e não para se exercitar. Era uma piscina sinuosa com pequenas cachoeiras e fontes. Um sofá inflável gigantesco flutuava tranquilamente na água. — É melhor não tocar naquilo. É do Savio e ele usa para suas companhias femininas.

Fiz uma careta. — Obrigada pelo aviso.

Nino assentiu.

— Você já contou aos seus irmãos que é para brincarem de babá? — Por mais que eu tentasse, não conseguia imaginar Remo me vigiando. Provavelmente, eu só iria conseguir chateá-lo com alguma coisa que dissesse e ele acabaria me matando.

— Eles vão te proteger porque você é uma Falcone.

Kiara Falcone. Era difícil acreditar que eu realmente fosse a esposa de alguém. A esposa de Nino Falcone, dentre todas as pessoas. Meus olhos trilharam seu rosto frio e perfeitamente esculpido, me perguntando mais uma vez por que ele não havia me reivindicado na nossa noite de núpcias, por que ele estava sendo gentil. Embora, gentil não fosse o termo certo para o comportamento de Nino. Não sabia bem do que chamar. Parecia que ele não sabia o que fazer comigo. Casamento nunca deve ter sido parte do seu plano de vida.

Eu não podia acreditar que o meu pânico havia aquecido seu coração. Afinal, ele não era capaz de emoções, mas eu não era corajosa o bastante para questionar seus motivos, para que ele não começasse a questioná-los também.

— Mas é crucial que você se torne capaz de se defender. Não entendo por que a *Famiglia* mantém suas mulheres incapazes de se defender. É um risco desnecessário.

Franzi a testa. — Você quer que eu aprenda a lutar?

Nino balançou a cabeça, sua boca contorceu como se eu tivesse dito algo engraçado.

— Não acho que isso faça muito sentido neste instante, dado seu medo de contato físico. Talvez depois. Só que você terá que aprender a atirar. Esse é o primeiro passo e vai te dar uma sensação de segurança.

— Você vai permitir que eu ande por aí com uma arma? — Perguntei chocada.

Ele franziu a testa. — Claro.

— Tudo bem. — Eu não sabia o que mais dizer. Pensei que ele ficaria desconfiado por eu me armar, mas talvez ele fosse tão seguro de suas próprias habilidades de luta que não se preocupasse com isso.

— Acho que é melhor deixar uma coisa clara desde o começo — Começou Nino, e eu enrijeci, preocupada com o que ele estava prestes a falar. — Se algo que meus irmãos e eu fizermos te incomodar, ou se você quiser alguma coisa, tem que dizer categoricamente. Sem dicas sutis nem expressões misteriosas. Nem meus irmãos nem eu somos bons em sutilezas femininas, e não temos paciência para descobrir o que for. Então, diga o que pensa se quiser facilitar para todos nós.

— Posso fazer isso — Afirmei, porém, seria uma experiência nova para mim. Minha família me criou para ser prudente com palavras e não falar o que penso. Expressar minhas opiniões para os homens como meu marido e seus irmãos parecia um desafio ainda maior. Ele estava certo. Se eu quisesse ter uma chance de sobreviver com os homens da família Falcone, teria que superar meus medos. Mas havia muitos deles, alguns tão profundamente forjados no meu ser que eu não sabia se tinha alguma chance de lutar contra eles.

CAPÍTULO 10

NINO

Kiara continuou lançando olhares mal disfarçados em minha direção enquanto entrávamos no nosso salão de jogos. Remo já estava lá dando uns chutes no saco de boxe. Ele parou quando entramos, seu olhar se estreitou brevemente para Kiara antes de voltar a chutar.

— Estou faminto. Vamos pedir pizza.

Assim que viu Remo, Kiara enrijeceu ao meu lado e sua respiração ficou instável. Eu não sabia se era porque ele estava apenas de calção de luta ou porque estava espancando um objeto inanimado, mas o medo que ela tinha dele era óbvio. Peguei do bar o cardápio de *delivery* de uma das nossas pizzarias preferidas. Ele estava grudento com alguma coisa que tinha derramado. Virei-me para ela.

— Você vai ter que se acostumar com a presença de Remo.

Ela deu um pulo, tirando seu olhar do meu irmão.

— Não sei se consigo. Sei o que ele faz, o que ele gosta de fazer — Sussurrou ela.

Encarei meu irmão, que nos observava do outro lado da sala enquanto metia outro chute no saco de boxe. Remo fazia muitas coisas que eram perturbadoras para alguém como Kiara, e ele gostava de todas.

— Ele não representa um perigo para você.

Ela ergueu o olhar para mim, tremendo, com a pele toda arrepiada.

— Tem certeza?

— Tenho. — Não havia hesitação na palavra. Eu sabia com certeza que Remo não encostaria um dedo em Kiara porque ela era minha.

Ela assentiu lentamente, mostrando desconforto no olhar. Ela estava relutante em acreditar em mim, não conhecia Remo como eu. Pouquíssimas pessoas neste mundo estavam seguras perto do meu irmão, não adiantava negar isso, porém, o mesmo podia ser dito de mim.

— Por que não dá uma olhada no cardápio e vê que pizza você quer? — Estendi a ela.

Ela pegou, olhando atentamente. O papel manchado parecia já ter tido dias melhores.

Fui até o meu irmão, que parou de chutar e ergueu as sobrancelhas para mim.

— Esse olhar significa que eu não vou gostar do que você tem a dizer.

— Você a assusta.

Remo me deu um sorriso divertido. Existiam poucas pessoas que não tinham medo do meu irmão.

— Eu agradeceria se você tentasse não a assustar tanto.

Remo gargalhou, enfiando o joelho no saco mais algumas vezes antes de dizer: — Eu não fiz nada.

— Eu sei — Falei. — Nós não fazemos bem a mulheres sensíveis, mas Kiara mora sob o nosso teto agora. Ela faz parte da nossa família e devemos garantir que ela se sinta o mais confortável possível dado o seu passado e o nosso temperamento.

Ele inclinou a cabeça.

— Você quer que a tratemos bem? — Segui seu olhar em direção a Kiara, que estava avaliando o bar, cheio de copos sujos, garrafas de cerveja e pratos. O pessoal da limpeza viria de manhã.

— Quero. Quero que ela seja tratada como família. Quero protegê-la. Eu a quero segura de qualquer ameaça. Agora, ela é uma

Falcone. Ela é minha.

Remo assentiu, sem parar de olhar para a minha esposa. Ela pôs o cardápio no balcão depois olhou para cima e percebeu nossos olhares. Ela piscou, enrijecendo, então, engoliu em seco, pegou depressa o cardápio de novo e mexeu nele com nervosismo. *Medo.*

— Ela está segura, Nino. — Remo se virou para mim, pegando no meu antebraço. — Você é meu irmão e ela é sua. Vou garantir que todos nesta cidade, e para além dela, saibam que ela está sob nossa proteção.

Remo não tinha muitas qualidades redentoras, assim como eu, mas uma delas era sua lealdade. Se ele resolvesse que alguém estava sob sua proteção, nada o impediria de garantir a segurança desta pessoa.

Ele soltou meu braço. — E aí? Trepou com ela, finalmente?

Revirei os olhos. — Não. E não vou até ela querer. Ela tem muito medo por causa do estupro.

Remo voltou a olhar para Kiara. Ela ainda estava olhando atentamente para o cardápio. A esta altura, já devia ter memorizado todas as pizzas que eles disponibilizavam.

— Kiara não é capaz de se proteger sozinha. Precisamos nos certificar de que ela esteja segura onde quer que esteja — Falei.

— Não quero nossos soldados na mansão. Esta é a nossa casa.

— Concordo. É por isso que você ou Savio, ou até mesmo Adamo, deveriam protegê-la quando eu não estiver por aqui.

Remo sorriu com ironia. — Tem certeza de que Kiara quer que eu a proteja? Ela pode morrer de medo se eu ficar sozinho com ela.

— Ela vai se acostumar com você.

— Duvido — disse Remo com um sorriso.

— Não vai ser fácil, mas em algum momento ela vai mudar de ideia se você não perder a cabeça perto dela.

— Vou dar o meu máximo.

Nós dois sabíamos o que isso significava. Voltei para perto de Kiara. Ela estava mordendo o lábio e seu corpo estava tenso.

— Achou uma pizza que queira?

— Não estou com muita fome — Respondeu suavemente. — Tudo bem se eu pedir só uma salada com muçarela e azeitonas?

— Você pode comer o que quiser. E se ainda ficar com fome, pode comer uma fatia de uma das nossas pizzas — Esclareci.

Ela sorriu. — Certo. Obrigada.

Remo veio até nós dois e parou ao nosso lado.

— Prontos para pedir? — Perguntou ele.

— Vou fazer o pedido. Fabiano vem?

— Vem. Leona passa as noites com a puta viciada da mãe dela.

Kiara arregalou os olhos. Eu não tinha certeza se por causa do insulto ou porque outro homem viria esta noite.

Peguei meu celular e liguei para o nosso restaurante italiano preferido. As pizzas deles eram as melhores da cidade. Pedimos o de sempre, então, a adição de uma salada causou certo silêncio de surpresa do outro lado.

— Por que não se senta? Pode ligar a televisão se quiser. A comida vai chegar em meia hora — Falei para Kiara, que estava congelada ao meu lado e de Remo.

Ela assentiu e foi para o sofá, onde se sentou no meio.

— Espero que ela perca esse comportamento submisso logo. É irritante pra caralho — Resmungou Remo.

— Isso é novo para ela. Ela não fica tão tensa quando estamos só nós dois.

Cinco minutos depois, Fabiano entrou. Ele tinha uma chave extra e nunca tocava a campainha.

— Preciso de um *whiskey* — Foi a primeira coisa que saiu da sua

boca. — A mãe de Leona é um puta pesadelo. Aquela mulher fuma e injeta mais cristal do que a maioria das pessoas e consegue sobreviver.

— É porque você dá um suprimento de graça para ela. A tolerância a essas substâncias aumenta — Expliquei.

Fabiano me fuzilou com o olhar. — Eu sei. Mas se eu não der a ela, a puta estúpida vai para as ruas de novo, e ver a mãe chupando paus feios acaba com Leona.

Kiara inspirou suavemente no sofá, e todos nos voltamos para ela. Ela corou. Fabiano foi até o balcão do bar e pegou uma garrafa de *whiskey* da prateleira e se serviu de uma dose generosa.

— Mais alguém?

— Vou querer uma — disse Savio ao entrar, dando um tapinha no ombro de Fabiano. — Soube que você é um pau-mandado.

Fabiano o empurrou. — Ainda posso limpar o chão com a sua cara feita, Savio, não se esqueça disso.

Savio sorriu de maneira arrogante. — Não por muito tempo. Sou um lutador nato.

Abri a geladeira debaixo do balcão e peguei duas garrafas de cerveja, uma para Remo e outra para mim, depois olhei para Kiara, que estava concentrada na televisão. O noticiário local estava mostrando uma reportagem sobre um incêndio que tinha colocado um dos restaurantes dos nossos soldados abaixo.

— Desligue isso — Gritou Savio. — O noticiário me irrita. Eles sempre entendem errado.

Kiara deu um pulo e desligou a televisão depressa.

— Cuidado com seu tom — Falei para Savio, que franziu a testa para mim. Virei-me para Kiara. — O que você quer beber?

Seus olhos correram de mim para os meus irmãos e depois para Fabiano.

— Alguma coisa sem álcool, por favor.

— Álcool contribui para a diversão — Exprimiu Savio com um sorriso.

Kiara estremeceu. Adamo descia naquele momento.

— Pegue uma das suas *Coca-Colas* na cozinha para Kiara — Mandei.

Ele grunhiu, mas deu meia-volta e foi. As pizzas chegaram logo depois. Fabiano e eu as levamos para onde Kiara estava sentada e abrimos as caixas na mesa ampla. Eu me sentei ao lado dela e Remo do outro lado; era seu lugar de sempre. Kiara ficou com os ombros rijos, mas não reagiu de nenhuma outra maneira. Entreguei a salada para ela.

— Isso é seu.

— Eu realmente não entendo por que as garotas sempre comem salada. Isso me irrita pra caralho — Expôs Savio enquanto pegava uma fatia de pizza.

Adamo se jogou no sofá entre Fabiano e Savio, fazendo-os olhar para ele de cara feia. Ele entregou uma garrafa de *Coca-Cola* para Kiara. Ela pegou, murmurando um agradecimento, e se serviu de um copo.

— O que está passando? — Perguntou Adamo entre uma mordida e outra.

— Testamos uma corrida no Kansas. Foi um sucesso enorme — Anunciou Remo ansioso, ligando a televisão e abrindo a gravação de uma corrida ilegal de rua.

— Legal — disse Adamo, com o olhos atentos quando a câmera deu zoom nas filas de carros.

Kiara comia em silêncio entre nós. Se eu fechasse os olhos, nem saberia que ela estava ali, com exceção de quando sentia o cheiro do seu perfume floral. Era óbvio que ela ficava desconfortável cercada por tantos homens, e o álcool parecia incomodá-la ainda mais. Ela teria que se acostumar a isso. Na nossa casa era sempre assim.

— Talvez possamos convencer Vitiello a estender as corridas para o território dele — Sugeriu Savio.

— Não acho que Luca queira cooperar mais com a gente do que o necessário. Todos sabemos que essa trégua não vai durar para sempre. Aí, todas as apostas já eram.

Kiara se mexeu. Inclinei a cabeça em sua direção, mas ela estava concentrada na salada.

Fabiano ergueu uma sobrancelha para mim como se eu soubesse o que estava se passando na cabeça dela.

— Seria bom para Luca se lembrar de que ele tem sorte de nos ter ao seu lado — disse Remo, pegando uma fatia da minha pizza; nós costumávamos dividir todas as pizzas. Ele se debruçou sobre as pernas de Kiara para alcançar a caixa, roçando em sua perna. Ela se engasgou, chegou para trás e deixou a salada cair. Pressionada no encosto, com o peito arfando, ela encarou Remo como se ele fosse pular em cima dela. Ele estreitou os olhos e eu soube que isso não ia acabar bem. — Que porra há de errado com você, mulher? — Grunhiu ele. — Eu ia pegar um caralho de uma fatia de pizza, não te apalpar. Eu não tenho nenhuma intenção de te comer, nem agora nem nunca. Para começar, não tem graça nenhuma quebrar alguém que já está destruído e, depois, você é do Nino, então, ele é o único que vai entrar na sua boceta. Nenhuma outra pessoa vai te tocar desse jeito, entendeu?

Os olhos de Kiara encheram-se de lágrimas.

— Ai, caralho — Resmungou Savio.

— Remo — Falei em tom de advertência.

Ele fez uma careta, pegou a pizza que queria desde o início e se afastou.

— Cala a boca, Nino. Estou de saco cheio dela se abalando. É irritante pra caralho, principalmente porque eu nem dei motivo para isso. Esta é a minha casa e não vou pisar em ovos porque ela não consegue se controlar.

Kiara engoliu em seco audivelmente e pegou alguns pedaços de alface que havia derrubado na sua calça com as mãos trêmulas. Depois, ela se levantou lentamente.

— Tem um esfregão para eu poder limpar isso? — Perguntou ela em voz baixa.

— Deixa aí. O pessoal da limpeza virá amanhã.

— Não quero que encontrem queijo e salada no chão — disse ela.

— Acredite, eles já viram coisa muito pior nesses chãos — disse Fabiano.

Ela assentiu bruscamente. — Vou limpar e depois vou para cama. — Ela se encolheu para passar pelas minhas pernas. Para minha confusão, ela não foi para o lavabo social, em vez disso, caminhou em direção às portas de vidro e saiu para os jardins.

— Por que ela está indo lá para fora?

Fabiano balançou a cabeça. — Pelo amor, ela está indo lá para fora para chorar em paz.

Eu o encarei e ele estreitou o olhar.

— Você é um gênio do caralho, mas ainda é um babaca estúpido quando se trata de mulheres.

— Você deveria ir atrás dela — Sugeriu Adamo.

Franzi a testa. — Se ela quer chorar em paz, não deve querer a minha companhia.

— Mulheres — Resmungou Remo, enfiando outro pedaço de pizza na boca.

— Ouça o garoto — disse Fabiano. — Vá atrás dela e a console, ou seja lá o que você é capaz de fazer.

— Nunca consolei uma mulher.

Fabiano suspirou. — Então, improvise, simule emoções ou sei lá. Não dou a mínima.

— Já que é você que tem uma namorada e tem experiência em lidar com emoções femininas, parece lógico que deva ser você a ir lá para fora e consolá-la.

Fabiano bufou. — Eu sabia que esse casamento era uma péssima ideia. — Ele se recostou. — Não sou eu quem ela quer ver, acredite. Ela provavelmente vai gritar até a morte se eu for atrás dela no escuro. Você é o marido, então, aja como um.

Levantei-me.

— Boa sorte — disse Savio, abafando uma risada.

Não demorei muito para encontrar Kiara. Ela estava numa espreguiçadeira. O brilho azulado da piscina iluminava seu rosto e eu pude ver as lágrimas escorrendo pelas suas bochechas. Ela rapidamente passou as costas da mão pela sua pele, mas era tarde demais. Eu me sentei ao seu lado, ignorando a tensão do seu corpo

— Desculpe por estragar seu jantar.

— Você não estragou nada. Já tivemos incidentes muito piores e a maioria deles envolvia ossos quebrados, então, isso não é nada.

Estendi a mão e limpei outra lágrima. Ela ficou bem rígida e parou de respirar. Segurei em seus ombros e aproximei nossos rostos. Ela respirou fundo, porém, eu precisava falar com ela.

— Se algo te incomodar, diga. Se não quiser Remo te espezinhando, terá que se impor a ele. Eu posso te proteger, mas isso não vai te trazer o respeito dos meus irmãos. Se quiser fazer parte desta família, precisa ganhar o respeito deles. Ser submissa e tímida desse jeito não resolve, entende?

Ela desviou o olhar.

— Não — Ordenei.

Seu olhar voou de volta para o meu. Apertei seus ombros um pouco mais e ela se retraiu.

— Não sei se consigo fazer isso. Meu medo é muito forte.

— Seu medo é inútil. Ele te paralisa. Não permita isso.

Ela estreitou os olhos. — Não é tão fácil assim.

— Também não é tão difícil quanto parece. A escolha de encarar

seus medos ou de deixá-los te dominar é sua.

— Me solta — disse ela tremendo.

Assenti e soltei seus ombros. — É um começo.

Levantando-me, estendi a mão para ela.

— Agora, venha. Vamos voltar. Você pode comer pizza.

Ela hesitou, entretanto, pegou minha mão e se levantou. Seu pulso ainda estava acelerado sob meu polegar, mas ela parecia menos abalada.

— Não posso comer suas pizzas.

— Nós sempre dividimos as pizzas. Ninguém vai se importar.

— Sou vegetariana. Todas as pizzas têm algum tipo de carne — Explicou.

Eu não havia percebido que ela não comeu carne no casamento.

— Da próxima vez, pediremos uma pizza vegetariana para você.

Ela ficou tensa quando voltamos para o salão de jogos e sua pele ruborizou de constrangimento. Eu a conduzi de volta para o sofá e me sentei ao lado de Remo para Kiara não precisar fazer isso. Remo fingiu não perceber e continuou assistindo à corrida na tela. Kiara apertou a minha mão brevemente antes de me soltar e dar um gole na *Coca-Cola.*

Fabiano me lançou um olhar que devia transmitir reconhecimento, embora eu não soubesse o motivo. Ninguém mencionou a saída de Kiara nem seus olhos inchados e ela acabou ficando mais relaxada e assistiu à corrida conosco.

Seus olhos começaram a cair, porém, ela não se levantou; provavelmente não tinha certeza se tinha permissão para sair. Resolvi facilitar para ela.

— Vamos para a cama — Sugeri e me levantei.

Isso provavelmente foi a coisa errada de se dizer, porque a tensão em seu corpo voltou com força total. Lancei um olhar questionador para Fabiano. Afinal, ele era o encantador de mulheres. Ele apenas deu de

ombros.

— Boa noite — disse Kiara antes de me seguir em silêncio para a nossa ala.

Tentei descobrir o motivo de sua tensão. Pensei que estava fazendo um favor a ela quando sugeri irmos para a cama. Eu nem estava cansado.

Quando chegamos ao nosso quarto e seu olhar se fixou na cama, ela engoliu em seco densamente e eu caí em mim.

— Você está preocupada porque acha que quero sexo?

Ela mordeu o lábio. — Eu sou uma péssima esposa.

— Eu também não sou um bom marido. As coisas são como são. — Apontei para a cama. — Como já disse, você não tem que me temer. Não vou te tocar a menos que você deseje. Já discutimos isso. Suponho que entenda que o nosso quarto não representa uma ameaça a você.

— Acho que é difícil de acreditar — disse ela.

— Cumpro minha palavra.

Eu não sabia se ela havia finalmente entendido ou se eu precisava de mais tempo. Quando me juntei a ela na cama mais tarde, ela estava de costas para mim e coberta pela metade do corpo. Não conseguia ver se ela estava tensa, mas sua respiração definitivamente mudou. Esperei que ela adormecesse antes de me levantar. Esta iria ser uma daquelas noites em que eu não conseguiria dormir nada. Olhando uma última vez para a minha esposa adormecida, saí para o corredor. Eu nunca seria um bom marido; meu caráter sempre impediria isso.

*

KIARA

Quando acordei, demorei bastante tempo para me dar conta de onde estava. E, então, meu pulso acelerou. Eu me sentei, olhando em volta. Nino não estava, também não escutei nenhum barulho vindo do banheiro. Saí da cama e fui para lá. Como havia percebido ontem, não havia tranca na porta. Isso era um pouco perturbador, já que Nino

poderia entrar a qualquer momento. Pelo mesmo motivo, me apressei no banho e me vesti depressa com um vestido maxi de gola alta. Mesmo preferindo manter a maior parte do meu corpo coberto, estava muito quente lá fora para colocar mangas compridas. Meu olhar foi atraído para a janela atrás da *Jacuzzi* e para o céu azul lá fora. Pelo que parecia, seria outro dia quente em Las Vegas. Os irrigadores nos jardins lançavam água. Imaginei que não havia outro jeito de manter a grama tão lindamente verde.

Depois disso, me ocupei arrumando minhas roupas nas gavetas que Nino provavelmente desocupou para mim no *closet*. Quando terminei, hesitei, incerta de como proceder. Eu estava com fome e não poderia ficar no quarto o dia inteiro, mas a mansão ainda não parecia um lar para mim. Eu não tinha certeza se algum dia pareceria, então andei por ali sozinha me sentindo uma intrusa.

Por fim, minha fome me levou para o lado de fora. Era silencioso nesta parte da casa, o que não era um surpresa considerando seu tamanho. Nino devia estar na ala principal com os irmãos. Eu não estava triste de verdade por ele não me acordar quando saiu do quarto de manhã. Eu estava acostumada a ficar sozinha na maior parte do tempo e preferia a solidão à companhia de pessoas.

Desci para a pequena área de estar na ala de Nino e congelei no último degrau. Ali, ao lado das portas de vidro, estava um lindo piano *Steinway D*. Não consegui fazer nada além de ficar olhando. Desci o último degrau e me aproximei do instrumento quase com medo. Como Nino conseguiu trazê-lo para cá tão rápido? Mas aqui era Las Vegas e ele era um Falcone, então, devia ter seus meios. A pergunta mais importante era: Por que ele comprou isso para mim?

Claro que eu lhe disse que adorava tocar, mas não era como se ele precisasse fazer um esforço para me conquistar. Nós já éramos casados e eu estava ligada a ele para sempre. Se alguém deveria agradar alguém, era eu como esposa. E, até agora, falhei miseravelmente.

Sentei-me no banco de couro preto, deixando meus dedos deslizarem reverentemente pelas teclas pretas e brancas, e comecei a tocar, mas, para minha surpresa, não foi a canção que estive praticando

nos últimos meses. Era algo completamente novo, uma melodia que nem mesmo sabia que eu conhecia, mas, conforme meus dedos se moviam pelas teclas, tomou forma. Devagar, o nó no meu peito afrouxou e eu percebi que as notas eram meus sentimentos em forma de música.

O som era assombrado e assustador, as notas perseguiam umas às outras, rápidas e imprevisíveis, depois, desacelerando quase abruptamente. Tumulto e medo, resignação e rebeldia, e, por baixo disso tudo, uma dor implícita que não conseguia afastar.

Não conseguia parar de tocar, mesmo quando recomeçava a melodia, a reformulava, mas a emoção permaneceu e encheu a sala e a mim. Por um instante, me senti em casa, quase em paz.

— Vejo que você descobriu seu piano — Falou Nino, e meus dedos cravaram nas teclas, fazendo o lindo instrumento gritar quase furiosamente.

CAPÍTULO 11

KIARA

Meu olhar correu para a esquerda, onde estava Nino me observando com uma leve curiosidade. Ele usava uma calça preta com uma blusa justa preta que expunha seus braços tatuados. Seus cabelos estavam para trás, presos num rabo de cavalo curto.

Corei e me levantei depressa.

— Desculpe. Eu deveria ter perguntado antes de começar a tocar. Nem mesmo sei se tenho permissão para isso.

Nino franziu a testa e se aproximou, não parando, apesar da minha tensão crescente. Ele se encostou no piano, perto, porém ainda com mais de um braço de distância. Seus olhos me analisaram da cabeça aos pés, e eu me obriguei a continuar parada, permitindo-lhe sua avaliação. Era seu privilégio. Finalmente, seus olhos encontraram os meus.

— Por que você não teria permissão para tocar o piano? — Indagou. — Eu o comprei para você e ele deve ser tocado.

— Obrigada — Falei baixinho. — Não precisava fazer isso. É muito caro.

A boca de Nino contorceu com uma diversão sombria.

— Não precisava, mas quis comprar, e dinheiro não é problema, Kiara. Temos mais do que jamais conseguiremos gastar.

Olhei de volta para as teclas e arrastei as pontas dos dedos sobre elas.

— Toque aquela canção de novo — Pediu Nino.

— Acabei de começar a trabalhar nela hoje. Ainda não está pronta. — Não mencionei que nunca ficava contente com uma música que criava e, se possível, evitava tocá-las na frente de outras pessoas. Música era sentimento para mim. Expor-me a outras pessoas assim nunca pareceu sábio.

— Toque — Ordenou Nino.

Meus olhos voaram para o rosto dele. Sua expressão era de comando, mas não cruel. Voltei a sentar-me no banco, respirando fundo, e repousei meus dedos nas primeiras notas.

Fechei os olhos porque, com o olhar intenso de Nino em mim, não conseguia me concentrar. Então, comecei a tocar, e a melodia ganhou vida, fluiu ao meu redor, *evoluindo* conforme eu acrescentava algumas notas.

A última nota morreu quando ousei abrir meus olhos. Nino me encarava, e o calor subiu pelo meu rosto.

— Não é boa, te falei, mas…

Nino se inclinou e eu prendi a respiração.

— Não se diminua. Agora, você é uma Falcone.

Pisquei e assenti. Durante a minha vida inteira, fui diminuída pelos outros e por mim mesma. Giulia já havia me dito a mesma coisa, mas nenhuma de suas palavras fez algum efeito. Ao olhar para o rosto maravilhosamente frio de Nino e ver o domínio em seus olhos, parecia impossível não levar suas palavras a sério.

Quando ficou claro que Nino esperava uma resposta, falei: — Certo.

Ele acenou levemente, mas eu não sabia o que isso queria dizer. Ele se esticou.

— Tenho que sair agora para uma reunião com o dono do nosso clube de luta, a Roger’s Arena. Você pode passar o dia como quiser, é livre para andar pelas dependências da mansão, mas, como falei, não vá à ala de Remo. — Remo devia ter uma pobre mulher trancada numa masmorra lá. Eu estremeci.

— Vou ficar aqui sozinha? — Perguntei.

Nino balançou a cabeça em negação. — Savio vai ficar com você.

Fiquei aliviada quando me dei conta de que o Capo da Camorra não ia ficar de babá, mesmo que o Falcone mais novo também me deixasse nervosa. Depois do episódio constrangedor de ontem, eu não estava nem um pouco ansiosa para encontrar nenhum irmão Falcone.

— Se quiser sair da casa, diga a Savio e ele vai te levar aonde quiser ir. Amanhã, terei tempo para te mostrar Vegas.

Ele esperou uma resposta, então, assenti.

Ele respondeu com um aceno breve antes de sair.

Fiquei olhando para ele de costas, atordoada.

Por um momento, hesitei entre voltar a me sentar ao piano e ver alguma coisa para comer, entretanto, meu estômago, que roncou, venceu este combate. Fui para o corredor que ligava esta à parte principal da casa. Ainda estava silenciosa, mas quando me aproximei da cozinha, pude ouvir uma voz masculina. Quando parei em frente à porta, reconheci a voz de Savio.

— Estou preso aqui de babá. Vou até aí quando Adamo chegar do colégio e me render.

Eu estava prestes a me virar e voltar para a ala de Nino apesar da minha fome, quando a porta abriu. Tentei recuar, mas consegui ser atingida no ombro, caindo de bunda no chão. Fiquei sem ar por causa da pontada, depois, corei de vergonha quando vi Savio me encarando com os olhos estreitos.

Da posição em que eu estava no chão, ele parecia ainda mais alto, o que não ajudava na minha ansiedade.

— Você estava bisbilhotando? Nunca ouviu falar em privacidade? — Resmungou. Ele enfiou o celular no bolso e se inclinou sobre mim, e eu estremeci. Ele congelou, arregalando os olhos logo antes de controlar sua expressão. Ele era quase tão bom quanto Nino. — Jesus, eu não ia encostar em você, *mulher.* — Ele estendeu a mão. — Pare de se

encolher e pegue a minha mão.

Peguei, e ele me levantou, depois soltou. Estiquei o vestido depressa, agitada.

— Desculpe. Não quis bisbilhotar, e sinto muito por você ter que bancar a babá quando claramente tem coisas melhores a fazer.

Savio deu de ombros. — Nino me pediu para fazer isso e você é indefesa.

Indefesa. Ele pareceu quase aborrecido ao dizer isso. Eu não sabia como reagir, então, falei: — Eu ia fazer o café da manhã. Você quer alguma coisa?

Savio bufou. — Boa sorte. Não tem comida na geladeira, só cerveja. Nino é praticamente o único que se lembra de comprar comida e ele tem estado ocupado nesses últimos dias.

— Ah — Falei.

Savio suspirou, passando a mão pelos cabelos escuros. Eram mais curtos que os de Nino e um pouco mais escuros.

— Vamos comprar alguma coisa para comer. Podemos fazer um pequeno desvio para eu poder dar uma olhada em um dos nossos soldados que está tendo problemas com vândalos.

Arregalei os olhos. Assim como Nino, Savio comentou comigo sobre negócios. Geralmente, na *Famiglia*, era desaprovado envolver as mulheres em qualquer tipo de negócio, até mesmo mencioná-los perto de nós.

— Não precisamos sair — disse ele, avaliando minha expressão. — Só que você vai ter que ficar sem comida.

— Não foi por isso que fiquei espantada. Não estou acostumada a ouvir sobre os negócios.

Savio deu de ombros. — É o que meus irmãos e eu fazemos o dia inteiro, então, é um tópico constante por aqui. Com exceção de Adamo, cuja atividade principal é o mau humor.

Eu ri. Savio olhou para mim como se estivesse tentando me

desvendar.

— Você pode sair e esperar na entrada. Vou pegar mais algumas armas e depois podemos ir.

Mais algumas armas? Ele já tinha um coldre preso ao seu peito, que continha uma arma e uma faca, mas não era da minha conta para comentar, então, saí. Estava quente e ensolarado. Tinha vários carros estacionados na entrada; um deles era uma *Ferrari* em cobre metálico, que brilhava à luz do sol. Meus olhos foram atraídos em direção ao que deveria ter sido uma fonte de mármore algum dia. Agora, os restos quebrados de uma estátua jaziam num monte no centro.

Savio correu para fora. Ele se cobriu com uma jaqueta preta de couro, provavelmente para esconder suas armas, e acenou em direção à *Ferrari* metálica. Claro. Eu o segui até o carro e entrei. Dei um pulo quando o motor roncou ganhando vida como uma besta ressuscitada do *Tartarus*. Savio conduziu o carro pelo longo caminho de entrada e passou pelo portão.

— Por que a fonte está quebrada?

— Era o orgulho e alegria do nosso pai. Ele a mandou fazer na Itália e trouxe para cá. Quando meus irmãos e eu voltamos, depois que tomamos o poder, Remo a destruiu com uma marreta.

Dava para imaginar a cena, Remo empunhando aquela marreta como um louco.

— Vocês não tentaram impedi-lo?

— Não tem quem detenha Remo quando ele quer sangue — Expôs Savio ao nos conduzir por uma estrada ampla com cassinos e pequenos hotéis dos dois lados. — Nós odiávamos nosso pai. Estávamos ocupados colocando fogo no quadro dele e da nossa mãe.

Sua voz continha tensão e decidi mudar de assunto.

— Você não tenta se misturar, não é? — Perguntei, apontando para o carro.

Savio revirou os olhos.

— Com um nome como Falcone e essa tatuagem… — Ele mexeu o braço para eu poder ver o antebraço tatuado com um olho e uma lâmina — Não tem como eu conseguir me misturar por aqui. E por que eu iria querer isso? Meus irmãos e eu trouxemos a honra de volta para a Camorra. Tenho orgulho de quem sou, por que iria querer esconder?

Assenti. Este era um conceito estranho para mim. Eu tentei me misturar durante a maior parte da minha vida, tentei me esconder.

— É um pouco estranho que você esteja me pajeando embora eu seja dois anos mais velha, não acha?

A expressão de Savio endureceu.

— A idade não importa. Sou um Camorrista há quase quatro anos. Já lutei no octógono. Já matei e torturei. Sou capaz de defender você e a mim mesmo, e não tenho nenhum escrúpulo para fazer isso.

— Quatro anos? — Perguntei incrédula. — Mas isso significa que você só tinha treze anos quando começou.

Ele assentiu. — Eu queria me tornar um Camorrista e meus irmãos precisavam de mim.

— E quanto a Adamo? Ele já foi iniciado?

Savio comprimiu os lábios.

— Não. Remo acha que é melhor esperar até ele fazer quatorze anos, para que ele tenha um tempo para parar de olhar para o próprio rabo.

Savio estacionou no meio-fio em frente a um Café, e saiu sem dizer nada. Também saí logo e imediatamente percebi que o Savio da mansão ou de dentro do carro não era o Savio que o mundo do lado de fora via. Sua expressão havia endurecido, não tão cruel quando a de Remo e não tão fria quando a de Nino, mas o bastante para fazer um arrepio percorrer a minha espinha. Ele não parecia mais um adolescente. Parecia um homem.

Ele me surpreendeu quando se aproximou. Lancei-lhe um olhar curioso.

— Eu devo te proteger. Não serei eu quem vai levar uma surra de Nino porque alguma coisa aconteceu com você.

Eu duvidava que Nino se importasse. Talvez ele ficasse insatisfeito porque sua posse fora prejudicada ou, talvez, até preocupado que isso pudesse comprometer a trégua com a *Famiglia*.

— Pensei que Las Vegas fosse segura.

— E é — Garantiu Savio, analisando a calçada e a rua. Alguns transeuntes pareciam turistas, mesmo não estando perto da Strip — Só que desde que a *Outfit* atacou, tomamos mais cuidado.

Isso fazia sentido. Ser atacado em seu próprio território deve ter sido um golpe duro. Savio gesticulou para que eu o seguisse para o Café, e eu tentei ficar perto dele. Ele não me deixava tão nervosa quanto Remo, o que era um alívio. Ele segurou a porta para mim e eu entrei. A barista atrás do balcão sorriu para mim, mas seu sorriso sumiu assim que Savio entrou.

Ele caminhou até o balcão. Depois de pedirmos café para viagem e alguns *donuts*, fomos esperar nosso pedido. As mãos da barista tremiam tanto que ela derramou o leite repetidamente. Seus olhos continuavam indo para Savio e, de vez em quando, para mim. Não pude deixar de me sentir mal.

— Todos por aqui têm tanto medo assim de você e dos seus irmãos? — Perguntei quando voltávamos para o carro. Dei um gole no meu café, observando Savio.

— Nem todos. O irmão dela nos deve dinheiro. Recentemente, ele recebeu uma visita de Fabiano. É por isso que ela estava daquele jeito.

Assim que coloquei o cinto de segurança, Savio saiu com o carro. Ele dirigia sem jeito com o copo encaixado entre suas pernas porque não havia um porta-copos.

Dei um gole e ergui a caixa com os *donuts*.

— É proibido comer no seu carro?

— Não. Me dê um com cobertura de limão. O pessoal da limpeza pode tirar as migalhas.

Entreguei para ele um dos *donuts* e peguei um simples para mim. Dei uma mordida e ficamos em silêncio. Olhei novamente para ele.

— O que foi? — Resmungou ele.

— Você mudou quando saímos.

Savio estreitou o olhar para mim. — Nós, Falcone, precisamos mostrar certa imagem para o mundo. Até Adamo sabe disso. Algo de que você também deveria se lembrar.

— Eu? — Perguntei surpresa.

— Agora você é uma Falcone, não é?

Assenti. — Sim. Você está certo. Uma Falcone. — Demoraria um bom tempo para aceitar o fato de que eu fazia parte da família mais famosa dos EUA.

Savio estacionou. — Tenho que cuidar de uns negócios, mas pode vir junto.

Esvaziei o copo de café depressa e segui Savio. Estávamos em frente a um restaurante italiano chamado Capri.

— Como eu disse, este restaurante pertence a um dos nossos soldados. O filho dele é um amigo e um soldado.

Desta vez, quando entramos no restaurante sombrio, as reações foram bem diferentes. Nada de medo nem de mãos trêmulas. O restaurante ainda não estava aberto. Dois caras com cerca da idade de Savio e dois homens mais velhos estavam sentados à uma mesa, discutindo alguma coisa. Todos eles olharam em nossa direção assim que entramos. Eles acenaram para Savio, entretanto, seus olhares ficaram fixados em mim. Desconfortável sob seus escrutínios, tive que lutar contra o impulso de abaixar meu olhar, lembrando-me das palavras de Savio.

Ele caminhou até os homens, e eu segui alguns passos atrás dele, sem saber se deveria ficar ao seu lado quando ele fosse discutir negócios. Os caras mais novos se levantaram. Ambos abraçaram Savio, dando tapinhas em seu ombro. Depois, o alto e bombado deu um

assobio baixo.

— Mandou bem, Savio. A nova garota da semana?

Savio olhou para mim e eu pude sentir meu rosto esquentar. Quando ele se voltou para o homem, seu sorriso afinou.

— Ela é esposa de Nino.

Um silêncio estranho se seguiu e o bombado corou, o que pareceu divertir Savio, porque sua boca contorceu. Um dos homens mais velhos se levantou depressa e deu um tapa na nuca do adolescente.

— Peça desculpas agora, Diego!

— Não quis faltar com respeito — Murmurou Diego.

— Ainda bem que Nino não está aqui — disse Savio encolhendo os ombros. — Ele é um canalha possessivo.

Nino era? Ou isso fazia parte das aparências que os Falcone queriam mostrar. Não tinha certeza. Eu não conhecia Nino.

— Por que não se sentam conosco? Tenho certeza de que a nossa cozinheira pode preparar uma refeição rápida para vocês — disse o homem mais velho. Ele e Diego compartilhavam as mesmas características faciais, presumi que fossem pai e filho.

Savio inclinou a cabeça, concordando, e se sentou em uma das cadeiras, depois empurrou para trás a cadeira ao seu lado para que eu me sentasse. Eu me sentei, contente por aquele homem estar agora evitando propositalmente olhar para mim, embora isso também parecesse estranho.

— Vá até a cozinha e lhes diga que temos convidados, Diego — Mandou o pai.

Quando Diego voltou, ele não parecia mais tão abalado, e acabou superando o choque inicial.

— Então, você é a prima do Vice?

Agora sua completa atenção estava voltada a mim.

— Sou, mas Luca tem muitos primos.

— Como ele está? — Perguntou Diego.

Seu pai lhe lançou um olhar, e Savio revirou os olhos.

— Ele é um Capo forte. Impiedoso e bem respeitado.

— Ninguém é mais forte do que o nosso Capo — afirmou Diego, e todos os homens concordaram. Os olhos de Savio se iluminaram de orgulho.

Concordei porque era o que se esperava de mim. Eu não tinha certeza de quem era o mais forte: Remo ou Luca. Remo tinha a vantagem de ter três irmãos ao seu lado, mesmo que Adamo ainda não fosse iniciado.

— Estou aqui para discutir o ataque em seu outro restaurante, Daniele. Você tem alguma pista de quem fez isso?

— Eu não sei. Alguns anos atrás eu teria dito a *Bratva*, mas desde que vocês os colocaram para fora da cidade, isso parece improvável.

— Pode ser que eles estejam pensando em voltar — Sugeriu Diego.

— Deixe que tentem — disse Savio de maneira furiosa. — Nós vamos acabar com eles.

A porta da cozinha se abriu novamente. Uma mulher gorducha e uma garota com cerca de treze ou quatorze anos, com cabelos escuros compridos e olhos cor de oliva impressionantes, saíram, cada uma carregando uma bandeja com doces, pão e queijo. A garota era um pouco moleca e seus olhos se estreitaram quando me viu. Ela colocou a bandeja no meio da mesa.

— Quem é essa? — Perguntou curiosa, acenando para mim.

A mulher mandou que se calasse.

— Sou Kiara, esposa de Nino — Falei e ela relaxou.

Seus olhos correram para Savio e eu soube por que ela desconfiou de mim.

— Então, Savio — Começou ela. —, quando você vai lutar comigo como prometeu?

— Nunca prometi nada — disse Savio com um sorriso.

— Gemma, pare de incomodá-lo. Savio não tem tempo para ficar brincando com menininhas irritantes — Resmungou Diego.

Ela se aproximou da mesa e deu um soco em seu ombro. Ele tentou pegá-la, mas ela saiu correndo antes de ele conseguir, mostrando a língua para ele. Depois, com um último sorriso para Savio, ela sumiu pela porta da cozinha. Eu fiquei aliviada por ver que nem todos em Vegas tinham pavor dos Falcone.

Quando voltamos para a mansão no início da tarde, eu estava mais relaxada do que estive em semanas.

— Obrigada por passar o dia comigo — Agradeci quando entramos na área de estar.

Savio me lançou um olhar estranho.

— Não foi uma escolha minha, mas você é muito menos desagradável do que a maioria das mulheres.

Ergui as sobrancelhas. — Hmm… obrigada?

Ele acenou em direção a Adamo, que estava largado no sofá, com fones de ouvido, jogando videogame.

— É a vez dele agora.

Dito isso, ele saiu, me deixando parada ali. Eu me senti uma irmã caçula irritante que era entregue de um irmão para o outro, o que era idiota, já que os dois eram mais novos do que eu.

Adamo tirou um dos lados do fone. — Quer jogar comigo?

Olhei para a tela. Ele estava jogando um jogo de corrida. Eu nunca havia jogado videogame porque meu tio e minha tia não tinham nenhum console, e eu não achava que era algo que fosse gostar. Assenti mesmo assim e me sentei em frente a Adamo. Até agora, eu mal havia falado com o Falcone caçula. Ele era o mais acessível deles, quase normal, exceto pelo fato de que uma arma repousava ao seu lado

no sofá.

Ele tirou os fones. Seus cabelos cacheados estavam muito bagunçados. Eu imaginei que ele não se incomodou em penteá-los quando se levantou hoje de manhã.

— Espero que Savio não tenha sido um idiota. Se foi, não se preocupe. É o jeito dele.

— Ele foi legal — Falei.

Adamo me olhou com dúvidas, seus olhos castanhos eram muito mais gentis do que os dos seus irmãos.

— Você já jogou esse jogo?

— Nunca joguei nenhum tipo de jogo.

Ele arregalou os olhos. — Merda. Sério?

Sorri. — Acho que é algo que eu deveria experimentar.

— Melhor se sentar ao meu lado para eu poder te explicar o controle.

Eu me levantei e Adamo colocou a arma na mesa à sua frente, para eu poder ter lugar para me sentar. Hesitei por um momento. Adamo fez uma careta.

— Não precisa ter medo de mim.

Eu me sentei mais perto do que teria me sentado de qualquer um dos seus irmãos. Adamo era uma criança, mesmo sendo mais alto do que eu.

Ele estendeu o controle. Peguei-o com um sorriso sincero.

— Receio ter que começar com o básico. Não tenho noção nenhuma.

— É fácil — Prometeu ele, sorrindo também. Ele apontava para os botões e os explicava pacientemente.

Não foi uma surpresa muito grande o quanto eu era totalmente péssima. Eu batia o carro na parede o tempo todo.

Quando Nino voltou para casa mais tarde, o rosto de Adamo estava vermelho de tanto rir da minha falta de habilidade com o videogame.

O olhar frio de Nino voou do irmão para mim.

— Estão se divertindo?

Assenti, porém, logo o meu sorriso diminuiu. Nino ainda me deixava nervosa com sua indiferença fria. Não tinha como adivinhar o que se passava em sua cabeça. Ele me surpreendeu quando veio até nós e se sentou ao meu lado. Ele me encarou por um segundo mais antes de falar: — Se quiser, posso assumir.

Entreguei o controle para ele, que o pegou, seus dedos roçaram na minha pele. Eu me arrepiei levemente com o contato. Nino se recostou, com o controle na mão, mas estreitou o olhar para mim por um breve momento. Agora eu sabia que seu olhar não era de raiva. Ele estava tentando me entender.

Adamo não pareceu muito contente em ter que jogar com Nino. Não demorou muito para que eles disputassem seriamente, incluindo comentários sarcásticos de Nino e xingamentos fervorosos de Adamo.

Um leve sorriso se formou em meus lábios. Meus irmãos e eu nunca fomos tão próximos. Era bom ver que, apesar de tudo, os irmãos Falcone haviam conseguido se manter como uma família. Eu só queria descobrir um jeito de me sentir parte dela.

CAPÍTULO 12

NINO

Assim como eu fazia todos os dias, me levantei às 6h da manhã e peguei minha sunga. Kiara despertou atrás de mim, então, fui para o banheiro me trocar. Pelo bem dela, eu vinha usando cueca à noite, e isso pareceu ter diminuído sua aflição perto de mim. Ela ainda ficava desconfiada de estar na cama junto comigo. Não sabia bem por que ela achava que a cama era um lugar particularmente perigoso. Se eu quisesse fodê-la, poderia muito bem fazer isso na sala de estar ou em qualquer outro cômodo da casa.

Depois de voltar para o quarto, Kiara estava apoiada na cabeceira, com o cobertor na altura da cintura e os cabelos escuros bagunçados. Seus ombros e braços magros estavam à mostra, e sua camisola fina não escondia muito o contorno dos seus mamilos. Meu corpo definitivamente queria tomá-la, porém, ter seu corpo aterrorizado chorando debaixo do meu teria me dado muito pouca satisfação.

— Bom dia — disse ela com uma voz ligeiramente rouca, o que aumentava seu apelo sexual. Pude sentir uma agitação traidora no meu pau, mas a reprimi depressa.

— Estou indo fazer minha natação matinal. Quando acabar, podemos sair. Quero te mostrar a cidade, como prometi, e, quanto mais cedo, menos tumultuado.

Ela assentiu. — Vou me arrumar.

Meus olhos permaneceram no volume dos seus seios. Então, virei-me e saí. A água fria me faria bem.

*

Ela estava calada ao meu lado enquanto seguíamos pela Strip. Era onde todas as excursões por Las Vegas deveriam começar, mas meus lugares preferidos ficavam às margens, principalmente os cânions e córregos. Os olhos de Kiara foram atraídos para os hotéis espetaculares que ladeavam os dois lados da rua, mas ela não pareceu impressionada.

— Não está gostando do passeio? — Perguntei.

Ela balançou a cabeça rapidamente.

— É fascinante, só não sou uma pessoa da cidade. Prefiro paisagens e tranquilidade.

— Então, vamos mudar os nossos planos. — Virei a direção do carro e segui para fora dos limites da cidade, em direção ao Red Rock Canyon.

Kiara arregalou os olhos quando as formações rochosas vermelhas radiantes apareceram à nossa volta.

— Este é um lugar que gosto de visitar quando estou a fim de escalar.

— Você escala? — Perguntou.

— Escalo e faço trilha. É um bom exercício com o bônus de estar na natureza.

Eu nos guiei pelo passeio panorâmico, e parei em um mirante de nível alto. Kiara e eu saímos do carro e nos sentamos nos bancos que havia ali. Ela ficou calada enquanto encarava as montanhas multicoloridas à nossa volta. Sua expressão tão serena quanto estava quando tocou piano. Nenhum medo nem tensão ou preocupação.

— Lindo — Sussurrou ela.

— É, sim — Concordei, olhando diretamente para ela.

Ela se virou e sorriu. — Obrigada por me trazer aqui. Prefiro isso à cidade.

— Venho aqui sempre que posso, o que não é muito. Agora que estamos prestes a atacar a *Outfit*, haverá cada vez menos tempo. Tem

sempre uma luta para vencer, um inimigo para capturar ou uma cidade para conquistar ou defender.

Ela comprimiu os lábios. — Não é cansativo lutar o tempo todo? Vocês lutaram durante anos para recuperar seu território, não foi?

— Sim. Depois que nosso meio-irmão matou o nosso pai, Las Vegas virou um caos. Sem um Capo forte, todos os Subchefes no Oeste resolveram fazer o que queriam. Eles não seguiam o comando de Vegas porque o Capo mudava sempre alguns meses depois.

— Há quanto tempo você está no poder?

— Quase cinco anos, mas é Remo quem está no poder. Eu sou o *Consigliere* dele.

Kiara balançou a cabeça, brincando distraidamente com o tecido fino do seu vestido.

— Vocês comandam juntos. Vocês fazem tudo juntos.

— Ainda assim, Remo é o Capo, e isso é bom. Ele foi feito para comandar.

Ela mordeu o lábio inferior mais uma vez. Peguei a mão dela, que repousava na sua coxa, e pressionei o polegar em seu pulso. Seus batimentos não estavam rápido o bastante para significar medo.

Suas sobrancelhas formaram um V quando ela olhou para o meu dedo em seu pulso, depois para o meu rosto.

— Não faria mais sentido ter alguém que não deixa as emoções prevalecerem à lógica comandando a Camorra?

— Não. Nossos soldados respeitam Remo. Sua brutalidade feroz, sua raiva descontrolada e sua lealdade fervorosa… são coisas que eles buscam num líder. Não lógica. Os seres humanos não querem lógica. Querem emoções.

— Acho que sim.

*

KIARA

Acordei assustada de um pesadelo e percebi que estava sozinha na cama. Tateei em busca do meu celular na mesa de cabeceira até, finalmente, a tela acender com o meu toque. Eram 2h da manhã. Confusa, me sentei. Nino sempre vinha para cama comigo, então, onde ele estava? Desde o nosso passeio pelo Red Rock Canyon há dois dias, eu só o tinha visto no jantar à noite, em que ele pediu pizza ou massa. Fora pelo fato de comermos juntos, eu passava meus dias sozinha na biblioteca enquanto meus pajens, Savio ou Adamo, ficavam em algum lugar da casa.

Agora, acordada, resolvi ir para a cozinha pegar alguma coisa para beber e, talvez, uma maçã. Duvidava que a cozinha já tivesse sido usada. Todos esses pedidos de comida à noite haviam reduzido consideravelmente minha ingestão de frutas e vegetais, e eu estava com fome, apesar do adiantado da hora. Vesti um robe e saí do quarto, indo para o andar de baixo. A porta para o corredor anexo estava fechada, o que era estranho, mas a abri em silêncio, com cuidado para não acordar ninguém. Passei pelo corredor e fui para a cozinha, onde peguei um copo d'água e uma maçã. Depois, já ia voltando para o quarto e um barulho estranho me fez parar de repente. Não sabia de onde vinha. No escuro, caminhei devagar em direção ao som. Uma luz fraca da sala de jogos atravessava o corredor. Talvez Adamo estivesse jogando. Ele parecia não fazer outra coisa quando estava em casa.

Saí do corredor escuro e congelei, meu corpo convulsionou de choque. Demorei um segundo para compreender o que estava acontecendo. Remo estava com uma mulher debruçada na mesa de sinuca, segurando-a pelo pescoço, enquanto ele a pegava por trás. Ela gemia alto, apesar do seu rosto estar pressionado na mesa. Do outro lado da sala, tinha uma mulher de joelhos na frente de Savio, enquanto ele puxava seus cabelos loiros, guiando seus movimentos.

O copo escapou da minha mão e espatifou aos meus pés quando meu corpo se encheu de pânico. Os olhares de Savio e Remo correram para mim. Tentei me virar e sair correndo, contudo, escorreguei na água derramada e caí de bunda no chão. Senti uma dor aguda na coxa, uma queimação que me impedia de respirar, mas isso não deteve meu corpo.

Levantando-me cambaleante, saí correndo, lutando por equilíbrio

com meus pés descalços escorregando. Minha respiração vinha em suspiros curtos e minha visão escureceu nos cantos dos olhos. Eu mal conseguia respirar por causa do medo quando corri para dentro do quarto e tranquei a porta. Então, fui para o banheiro. Por um instante, tive certeza de que iria vomitar, mas, depois de jogar água no rosto, minha náusea parou. Não conseguia me livrar da sensação de estar suja. Eu sabia que era coisa da minha cabeça, o que despertava as lembranças que assombravam as minhas noites.

Uma pontada aguda na parte interna da minha coxa chamou a minha atenção brevemente, e eu olhei para baixo. Escorria sangue pela minha perna. Rios vermelhos desciam pela minha pele.

Comecei a tremer, mais lembranças horríveis ressurgiam e arranhavam meu peito.

Devagar, levantei a camisola para procurar um pedaço de vidro na minha coxa. Agarrei a pia. O sangue cobria as minhas pernas como aconteceu anos atrás. Eu continuava vendo Remo e Savio com aquelas mulheres.

Tremendo, incapaz de me manter de pé, caí no chão.

O barulho da porta do quarto sendo arrombada foi registrado na minha mente turva, e, então, duas pernas masculinas fortes entraram no meu campo de visão. Nino entrou, apenas de cueca.

— Kiara?

*

NINO

Savio invadiu o quarto de hóspedes sem bater, subindo a calça enquanto isso. Parei, e a puta de joelhos na minha frente olhou por sobre o ombro.

— Qual o problema? — Perguntei.

— Sua garota acabou de nos ver comendo as putas. Ela surtou.

— Caralho. Eu não falei para irem para a porra de um cômodo fechado?

— Nós estávamos num cômodo fechado. E por que nos escondermos na nossa própria casa? — Resmungou Savio.

Saí de dentro da bunda da puta, peguei minha cueca e a vesti antes de seguir Savio de volta para a sala de estar.

Remo parou de comer a puta dele quando me viu.

— Você continua assim. Não acabei com você — Grunhiu ele quando soltou o pescoço da mulher, saindo de dentro dela e vindo em minha direção, sem se incomodar em se cobrir.

Estilhaços de vidro e água, assim como sangue, cobriam o chão. Contudo, não havia muito sangue para ter sido algo sério.

— O que aconteceu aqui?

— Ela entrou em pânico e se cortou — Explicou Remo. — Você precisa controlá-la.

Eu o deixei parado ali e fui para o quarto, porém, a porta estava trancada.

— Kiara?

Nenhuma resposta. Não tinha noção do quanto ela havia se machucado. Um estilhaço de vidro poderia causar uma lesão grave, dependendo de onde foi o corte. A quantidade de sangue no chão não me causou preocupação, mas se ela tirasse o vidro sem verificar a posição dele, poderia ter uma hemorragia em minutos.

Quando ela não respondeu depois de outra batida alta, chutei a porta para abri-la e entrei. O quarto estava vazio, então, segui para o banheiro. Manchas de sangue cobriam o mármore cor de creme e Kiara estava sentada no chão, olhando para si mesma.

Aproximei-me.

— Kiara?

Já havia visto um olhar parecido em seu rosto na nossa noite de núpcias. Seu passado a pegou com suas mãos implacáveis mais uma vez. A parte interna da sua perna estava coberta de sangue, porém, sua camisola escondia da minha visão de onde ele vinha. Eu sabia que ela

não lidaria bem com o meu toque, mas não podia me incomodar em levar isso em consideração, uma vez que ela tinha um ferimento que precisava ser tratado.

Abaixei-me e a peguei no colo. Ela ficou tensa e emitiu um leve som no fundo da garganta, mas não teve nenhuma outra reação. Eu a levantei para a superfície de mármore da pia.

— Kiara, olhe para mim — Ordenei com firmeza e ela ergueu o olhar para o meu. Ela não estava tão distante quanto na noite do nosso casamento, mas eu não sabia o que havia causado seu episódio. A visão dos meus irmãos comendo as putas, o sangue em suas pernas, ou uma combinação dos dois.

— Preciso dar uma olhada no seu ferimento.

Ela piscou para mim e acenou levemente, mas não fiquei seguro de que ela registrou o que falei. Seus cachos escuros estavam grudados à sua testa suada. Alcancei a gaveta e peguei um kit de primeiros socorros, depois, uma toalha de rosto, encharquei de água fria e limpei o rosto de Kiara. Ela estremeceu, porém, seu olhar se tornou mais focado. Larguei a toalha e peguei a bainha de sua camisola. Ela paralisou e sua respiração mudou. *Medo.*

Analisei seu rosto. Ela me observava com olhos arregalados, seu peito subia e descia depressa. Contudo, ela não me impediu. Levantei o tecido até amontoá-lo em sua pélvis. Consegui ver a ponta do estilhaço de vidro, mas com suas pernas fechadas, eu não conseguia olhar direito. Coloquei as mãos em seus joelhos e pressionei. Ela resistiu. Eu poderia tê-las aberto, mas isso parecia uma escolha estúpida, dado o seu passado.

— Kiara — Falei com firmeza —, eu preciso dar uma olhada nisso.

Os músculos da perna dela relaxaram sob as minhas mãos e consegui, finalmente, abrir suas pernas, revelando uma calcinha branca de renda e um estilhaço saliente na pele sensível da parte interna da coxa.

— Incline-se um pouco para trás.

Ela o fez e eu coloquei sua perna machucada para o lado, abrindo-a.

Ela respirou fundo.

— Relaxe. Vou cuidar do seu ferimento, só isso, Kiara.

— Eu sei — Sussurrou.

Desinfetei minhas mãos. O estilhaço não estava muito profundo ao que parecia, mas eu teria que senti-lo para ter certeza.

— Isso pode doer um pouco — Avisei antes de sentir a área em volta do estilhaço com as pontas dos dedos.

Ela estremeceu violentamente, choramingando. Olhei para cima e vi lágrimas brotando dos seus olhos.

Ela era muito sensível à dor. Eu cuidava principalmente dos meus irmãos e de Fabiano tratando de ferimentos, então, não levei sua reação em consideração. Nós não tínhamos nenhum *spray* anestesiante e *Tylenol* não ajudaria com a dor imediata.

— Kiara, preciso tirar o vidro. Vai doer. Vou fazer isso rápido. — Ainda sem lhe contar que teria que dar pontos no ferimento. Mais notícias ruins depois da lesão inicial.

Ela engoliu em seco e acenou de leve. Segurei a ponta do vidro com os dedos e envolvi a cintura de Kiara com a mão livre para estabilizá-la, pressionando entre suas pernas para ela não ser capaz de fechá-las. Sua respiração acelerou, mas eu não lhe dei tempo para se preocupar. Arranquei o estilhaço com um movimento brusco.

Ela gritou, estremecendo violentamente. Ela se projetou para frente e repousou a testa no meu peito, ofegante, ainda tremendo. Passei o polegar pela lateral do seu corpo.

— Esta foi a pior parte — Falei. Ela não reagiu. — Kiara, agora você precisa se deitar para eu poder dar uma olhada no seu machucado.

Devagar, ela se esticou. Seu rosto estava pálido e lágrimas desciam pelas suas bochechas. Joguei o vidro na pia e me agachei na frente de Kiara para avaliar melhor o corte. Ele havia começado a

sangrar outra vez porque o vidro foi removido. Como esperado, não era muito profundo. Limpei a área com cuidado, ignorando os estremecimentos de Kiara. Eu não sabia se era por causa da dor ou do medo porque minhas mãos tinham que trabalhar perto de onde ela se sentia mais vulnerável. Quando peguei a agulha para dar os pontos, ela soltou o ar bruscamente.

Olhei para ela. — Você já levou ponto?

Ela balançou a cabeça.

Isso seria bem desconfortável para ela. Não havia mesmo como evitar. O ferimento precisava de pontos e eu não poderia levá-la a um hospital nem chamar um dos médicos da Camorra. O hospital, porque nós não envolvíamos pessoas de fora; e os médicos, porque eu não confiava naqueles homens para fazer um trabalho melhor que o meu. Analisei seu ferimento mais uma vez. Cinco pontos bastariam e seria rápido.

Kiara choramingou, mas não emitiu nenhum outro som quando enfiei a agulha em sua perna. Os músculos da sua coxa tremiam sob a agulha e eu pressionei a palma da mão sobre eles para que o movimento não estragasse o trabalho com os pontos.

— Pronto — Falei, por fim, e me levantei para lavar as mãos. Depois, peguei outra toalha de rosto e limpei o excesso de sangue nas pernas de Kiara.

Ela ainda estava bem quieta. Ergui seu queixo para que ela encontrasse meu olhar.

— O que aconteceu?

Ela desviou o olhar.

— Você viu meus irmãos transando. — Principalmente Remo. Kiara não precisava vê-lo em ação.

Ela soltou o ar.

— Aquilo lhe trouxe lembranças?

— Sim — Murmurou.

— Vou conversar com eles para manterem suas atividades em suas partes da casa de agora em diante — Falei para ela. Remo não iria gostar nem um pouquinho disso, nem Savio, só que era Remo quem eu precisaria convencer.

— Onde você estava? — Perguntou ela com uma voz tranquila.

Analisei sua expressão, mas seu olhar estava voltado para baixo e isso era claramente ela tentando manter o rosto impassível.

— Nós concordamos que eu buscasse prazer em outro lugar, Kiara. Ou você mudou de ideia? — Ela ainda não parecia estar pronta para se submeter a mim na cama.

— Não — Falou tranquilamente, mas percebei uma hesitação.

— Mas?

— Sem mas — Respondeu com mais firmeza.

— Tudo bem. — Isso era algo que claramente a incomodava, porém, ela não estava disposta a compartilhar. Entreguei dois comprimidos de *Tylenol* a ela, que os colocou na boca. — Por que não volta para a cama?

Ergui-a da bancada e a levei para o quarto, ainda estava com as pernas um pouco instáveis. Ela se deitou debaixo da coberta.

— Você não vai se deitar comigo?

Parei. Eu tinha a intenção de voltar para a puta que estava comendo antes de Savio me interromper, mas algo nos olhos de Kiara me fez deitar debaixo da coberta com ela. A puta acabaria se dando conta de que eu não iria voltar. Talvez Savio ou Remo tivessem uma utilidade para ela. Não consegui entender os motivos de Kiara querer que eu ficasse. Ela estava deitada de costas, mas com o rosto virado para mim. Apaguei as luzes.

— Pode me contar alguma coisa sobre você que eu ainda não saiba? — Sua voz surgiu no escuro.

— O que você *sabe* sobre mim?

Houve silêncio por um segundo.

— Sei que seu pai era Capo antes de Remo assumir. Sei que você e seus irmãos moraram na Inglaterra por um tempo, mas voltaram para os Estados Unidos para recuperar seu território depois que o pai de vocês foi assassinado pelo Executor dele, Growl. Sei que você é um gênio.

Isso era o básico. Era difícil decidir que tipo de informação divulgar a esta altura.

— Falo fluentemente cinco línguas. Russo, italiano, inglês, espanhol e francês.

— Deixa adivinhar — disse ela. — Russo e espanhol para poder lidar melhor com a *Bratva* e o Cartel.

— É verdade. Faz pouco sentido torturar alguém por informações se não se entende o que estão dizendo. Isso nega o propósito.

Kiara soltou um barulho baixo, mas não pude identificar se era uma risada abafada ou se ela bufou.

— Por que o francês?

— Por causa da União Corsa no Canadá. Eles não se envolveram nos nossos negócios até agora, mas é bom estar preparado. O território deles é perto do de Dante. Ele pode procurar o apoio deles.

— Tem alguma coisa que você faça que não sirva a um propósito ou seja ilógico? Algo que você faça porque gosta?

— Tem muitas coisas. Sexo, por exemplo. — Não precisava enxergar Kiara para saber que ela enrijeceu mais uma vez. — Embora alguém possa dizer que isso serve ao propósito de me relaxar. Talvez trilha e escalada.

— Eu gostaria de fazer uma trilha um dia desses — Expôs ela.

— Tem alguns cânions menores em Vegas que são bons para trilhas, e o Red Rock oferece algumas pistas mais avançadas. Eu posso te levar qualquer hora dessas. Ou você pode fazer uma escalada comigo.

— Não sou muito atlética, então, pega leve comigo — disse ela,

depois bocejou.

— Vá dormir — Falei.

— Tudo bem — Sussurrou ela, sua voz já estava rouca de sono. — E, Nino, obrigada por tudo até agora.

Franzi a testa no escuro. Eu não sabia pelo que ela tinha que me agradecer.

*

Na manhã seguinte, Kiara ainda estava dormindo profundamente quando me levantei e fui para a piscina nadar. Em seguida, fui para a nossa sala de jogos, onde encontrei Remo esparramado no sofá, com uma xícara de café na mão. Ele estava ao telefone, parecendo irritado. Ninguém havia limpado o vidro e o sangue do chão ainda, e se eu não fizesse isso, ninguém faria até o pessoal da limpeza chegar amanhã.

— Não se preocupe. Essa entrega vai chegar. Sempre mantemos nossa palavra. Certifique-se apenas de manter a sua — Resmungou Remo antes de desligar.

— *Famiglia*?

— A porra do Matteo Vitiello. Aquele filho da puta deixa meus nervos no limite.

— Porque vocês têm o temperamento parecido — Falei.

Remo estreitou o olhar.

— Então, como vai sua esposa? Ela superou o choque de ver como é foder direito?

— Tive que dar uns pontos porque ela se cortou com um pedaço de vidro. Acho que seria prudente manter suas atividades sexuais na sua própria ala. Agora que Kiara mora sob o mesmo teto, o risco de ela ver outra vez é muito alto.

— Esta casa é minha. Não temos empregadas porque não queremos nos sentir observados em nossa casa e, agora, você quer que eu me esconda na minha ala quando quero foder uma puta?

Sentei-me no banco em frente a ele.

— Não transforme isso num problema maior do que é. Você tem muitos lugares onde foder, Remo. Quando Adamo era mais novo, éramos mais cautelosos também, e você conseguia lidar com isso.

— Sua esposa é adulta. Ela não deveria ser capaz de lidar com isso?

— Você sabe por que ela não consegue. Ela é traumatizada por causa do passado e, mesmo que não fosse, não quero que ela veja nem você nem Savio fodendo por aí. Ela não precisa ver o pau de vocês.

Remo gargalhou. — Ela também não vê o seu. Talvez esse seja o problema. Talvez você possa foder com o passado dela.

Remo estava tentando me irritar e, apesar da minha falta de emoções, eu estava ficando cansado dessa discussão.

— Nunca te pedi nenhum favor, Remo, mas te peço isso.

A expressão de Remo ficou séria. — Por que você se importa com ela, caralho?

— Como já te disse, ela agora faz parte da família. Assim como protegemos Adamo e Savio, deveríamos proteger Kiara agora. Ela é inocente e está à nossa mercê e deveríamos tratá-la como ela merece, como minha esposa e uma Falcone.

Remo balançou a cabeça e pôs a caneca de café na mesa fazendo barulho, derramando um pouco do líquido.

— Caralho. Você inventou esse discurso agora? Mas, se você me pede para fazer isso, eu vou fazer. Savio vai ficar bem irritadinho por causa disso, tenho certeza.

O som de um movimento, nos fez ficar em silêncio. Eu sabia, pelo passo suave, que só podia ser Kiara. Adamo pisava duro pela casa para nos irritar e os passos de Savio eram mais confiantes. Os passos dela eram lentos e hesitantes, como se estivesse preocupada com o que encontraria na sala de estar hoje de manhã.

— A barra está limpa — Gritou Remo. — Ninguém mais vai foder

por aqui de novo.

Lancei-lhe um olhar, mas ele me deu um sorriso doentio.

Kiara surgiu do corredor. Seus olhos pousaram nos cacos e no sangue no chão. Sua bochecha ficou rosada. Ela olhou para Remo e, depois, depressa para mim.

— Onde tem um esfregão para eu poder limpar isso?

Eu me levantei. — Deixa que eu faço isso.

Fui até o pequeno armário de limpeza que nenhum dos meus irmãos jamais abriu. Eles não se importavam se a casa ficasse suja até o pessoal da limpeza aparecer outra vez, mas eu preferia as coisas arrumadas e limpas. O fato de morar sob o mesmo teto que aqueles porcos era uma batalha perdida para manter tudo limpo.

Kiara me seguiu.

— Eu que tenho que fazer isso. Afinal, fui eu que fiz essa bagunça.

— Seguindo essa lógica, Remo e Savio deveriam limpar tudo — Falei.

— Não vai rolar — Gritou Remo.

— Ele está com raiva? — Perguntou Kiara em voz baixa.

— Remo está sempre com raiva. Você precisa ser mais específica do que isso.

— Porque eu o incomodei com a… mulher.

— Você não o incomodou. Acredite. Remo está acostumado com um monte de merda. O fato de você ter surtado por causa dele não o impediu de comer uma puta.

Kiara ficou tensa. — Vocês chamam todas as mulheres de putas?

— Não, mas é o que são. Elas trabalham para nós na Sugar Trap.

Ela enrugou o nariz. — Então, vocês sempre usam as prostitutas?

— Não, mas se estivermos ocupados, é a maneira mais fácil de

conseguir sexo. Encontrar uma mulher direita exige que a gente saia e as conquiste. Isso dá mais trabalho.

Kiara suspirou. — Você e seus irmãos são perturbados.

Remo se levantou do sofá. — Tem comida na geladeira? Estou faminto.

— Comprei ovos e bacon ontem.

Peguei o esfregão, uma pá e uma vassoura pequena no armário enquanto Remo desaparecia de vista. Kiara pegou a vassoura e a pá de mim e caminhou um pouco rígida de volta para os restos do copo quebrado no chão. Enchi um balde de água antes de ir atrás dela.

— Como vai o seu machucado? — Perguntei.

— Dói, mas seus pontos parecem segurá-lo — disse ela, acalmando a expressão. — Você é muito bom em bancar o médico.

— Tenho anos de prática em costurar meus irmãos e a mim mesmo, embora Remo tenha sido quem mais me fez praticar.

— Todos vocês têm muitas cicatrizes — disse ela com os olhos contemplando meu tronco. Eu tinha dificuldade de ler sua expressão. Ela não parecia insegura por eu estar seminu.

— Todos têm cicatrizes. Algumas são na pele, outras vão além dela.

— Na alma — Sussurrou ela.

— Está falando de si mesma?

Ela ficou me olhando limpar o sangue e varreu os cacos para a pá, depois sorriu de maneira estranha para mim.

— Não acho que minhas cicatrizes irão sumir algum dia.

— Elas não precisam sumir. — Segurei sua mão e a levei até a cicatriz acima do meu umbigo. Seus dedos pairaram sobre a minha pele, seus olhos estavam arregalados pelo choque. — Entrou uma faca aí. Uma lâmina suja. A ferida não curou por um bom tempo. Eu cheguei a pensar que não curaria de maneira nenhuma. Qual a sensação?

Ela franziu a testa.

— A pele é um pouco mais dura, mas suas tatuagens cobrem tudo.

— A pele é mais dura aí por causa do tecido cicatricial espesso. É menos sensível à dor, ao frio e ao calor. É mais forte.

Seus olhos castanhos fixaram-se nos meus.

— Eu não entendo.

Aproximei meu rosto. — As cicatrizes que ele deixou, seu corpo pode curá-las se você deixar, e o resultado vai ser te deixar mais forte do que era antes.

CAPÍTULO 13

KIARA

Levantei-me quando Nino desapareceu no banheiro para colocar a sunga. Todas as manhãs desde que me mudei para cá há três semanas, ele seguia o mesmo ritual. De vez em quando, no início, eu o observava da janela até encontrar coragem para ir com ele lá para fora há uma semana. Agora, ele sempre me esperava.

Ele ergueu as sobrancelhas quando me viu colocando o robe e pegando um livro.

— Pronta?

— Pronta.

Eu o segui pela escada, olhando para seu corpo. Ele ficava bem de sunga. Nos últimos dias, frequentemente me pegava olhando para ele. Seu corpo me fascinava, isso eu conseguia admitir, e tocar sua cicatriz não havia invocado os demônios do passado como eu temia. Suas cicatrizes e tatuagens me fizeram querer descobrir a história por trás de cada uma delas. A história de Nino.

Ao me deitar em uma das espreguiçadeiras, observei Nino ir até a beira da piscina e pular com elegância. Ele sempre seguia a mesma rotina. Duas voltas de borboleta, duas de costas e duas de *crawl*. Depois, repetia tudo do começo. Ele nunca fraquejava nos movimentos durante os trinta minutos que nadava, e eu não lia nenhuma palavra. Não conseguia parar de olhar para ele, para os músculos dos seus braços e das costas quando flexionavam. Era hipnotizante e lindo, elegante.

As manhãs de maio em Las Vegas eram surpreendentemente quentes, e eu gostava da sensação do sol na minha pele enquanto meus

olhos repousavam no meu marido.

Meu marido. Ainda não parecia real. Ele manteve sua palavra, nunca fez nenhuma menção de me tocar e, às vezes, eu me pegava imaginando como seria se ele me tocasse… se ficássemos íntimos. Eu sabia que essa não era uma possibilidade na qual eu deveria pensar.

Quando ele nadou em direção à escada, eu rapidamente levantei o livro e voltei meu olhar para a página, mas, por cima do livro, observei Nino sair e um leve arrepio subiu pela minha espinha.

Depois de um tempo de Nino tomando sol – uma visão que sempre deixava o ar preso na minha garganta e lançava calor pelo meu corpo –, ele veio em minha direção, pingando. Eu lhe entreguei a toalha que ele havia colocado na espreguiçadeira ao meu lado e tentei não agir como se o estivesse observando secretamente durante todo o tempo.

— Obrigado — disse ele, e começou a se secar. — Você também pode usar a piscina, sabia?

— Eu não nado há anos, e nunca fui muito boa nisso — Admiti, com dificuldade em focar em seu rosto. Por algum motivo, a presença de Nino era ainda mais avassaladora quando ele estava na minha frente, todo molhado.

— Posso te ensinar se quiser — Falou Nino.

— Talvez em algumas semanas — Falei depressa porque não tinha certeza se estava pronta para ficar de roupa de banho perto de Nino, mesmo que ele já tivesse me visto nua na nossa noite de núpcias. Aquele dia parecia ter sido há séculos.

— Preciso tirar seus pontos hoje. Se não tivesse ficado ocupado nestes últimos dias coletando informações sobre os locais da *Outfit*, já teria feito isso. Por que não fazemos logo isso e depois tomamos café?

Eu sorri.

— Parece uma boa ideia. — E acrescentei depressa: — Não a parte dos pontos, mas do café.

Ele estendeu a mão. Meu estômago revirou de maneira estranha quando sua mão quente se fechou sobre a minha pele e ele me

levantou. Ele franziu a testa quando seu dedo roçou no meu pulso, mas depois, me soltou.

— Que tipo de informação você conseguiu? — Perguntei enquanto voltávamos para dentro de casa.

— Remo está planejando atacar Chicago. Supomos que o pai de Fabiano seja o mandante por trás do ataque em nosso território. Ele tem apoiadores poderosos na *Outfit*, um deles é Fiore Cavallaro, e, enquanto o velho viver, Dante provavelmente não se livrará de Scuderi.

— Mas Scuderi é o pai de Fabiano. Por que ele iria tentar matar o próprio filho?

— Ele já tentou matá-lo, quando Fabiano era uma criança. Remo o encontrou logo depois, e Fabiano faz parte da nossa família desde então. Scuderi guarda rancor dos filhos. Tenho certeza de que você conhece a história do motivo da guerra entre a *Outfit* e a *Famiglia* ter estourado.

— Claro que sim. Liliana, irmã de Fabiano, matou o marido com a ajuda de um soldado da *Famiglia* e fugiu.

— Scuderi quer salvar a honra dele, se podemos acreditar em Fabiano.

Franzi a testa. — Mas o que isso tem a ver com você coletando informações?

— Como falei, pretendemos comandar um ataque no verão. Nosso objetivo é conseguir Scuderi para que Fabiano possa matá-lo e nós possamos enviar seus restos de volta para Cavallaro como um presente.

Isso parecia um plano insano. Sequestrar o *Consigliere* da *Outfit* era uma tarefa impossível. Homens como ele eram sempre cercados por soldados e pelos seguranças. Chegamos ao nosso banheiro e eu fiquei parada sem jeito ao lado da pia enquanto Nino pegava os instrumentos que precisava para tirar meus pontos.

— Onde eu me sento?

— Eu vou te levantar na bancada. Assim, não tenho que me

abaixar muito.

Nino se aproximou e seu cheiro de homem limpo invadiu meu nariz. Meu rosto esquentou e eu dei um pulo quando suas mãos fortes tocaram a minha cintura ao me levantar para a pia como se eu não pesasse nada. Abri o robe e esperei nervosa.

Nino pôs a mão em meus joelhos e eu não me mexi. Seu toque era leve, decidido – nada sexual, mas uma mistura de medo e excitação me invadiu mesmo assim. A última sensação me pegou de surpresa, mas Nino não me deu muito tempo para pensar nisso porque ele abriu as minhas pernas. A reação natural do meu corpo de se fechar durou apenas um segundo. Depois, permiti que ele abrisse as minhas pernas para poder olhar o meu ferimento.

Meu rosto ficou quente quando ele se agachou na minha frente e levantou a minha camisola, lhe dando uma visão clara da minha calcinha. Era uma posição vulnerável, mas, apesar do nervosismo percorrendo meu corpo, meu medo era apenas uma voz distante no fundo da minha mente, onde eu havia enterrado as lembranças mais dolorosas.

Os dedos de Nino eram gentis e clínicos ao sentirem o meu ferimento.

— Ainda está doendo?

Balancei a cabeça em negação, assustada com o leve formigamento que seu toque causou. Eu esperava que Nino não percebesse como meu corpo reagiu a ele.

Ele foi bem cuidadoso ao tirar os pontos, então, só doeu um pouquinho. Quando Nino tirou o último ponto, seus olhos analisaram a pequena cicatriz e ele passou o polegar ali. O ar ficou preso na minha garganta por causa da sensação que ia até o meu centro. Nunca havia experimentado algo assim.

Nino se levantou. — Pronto. A pequena cicatriz vai desaparecer.

— Não é como se alguém além de você fosse ver — Falei e sua expressão se tornou curiosamente atenta.

— É verdade.

Ele segurou na minha cintura novamente e me desceu. Desta vez, suas mãos permaneceram na minha cintura por mais tempo, e eu engoli em seco, meu estômago se agitou mais uma vez. Mas Nino tirou as mãos. Ele apontou para o chuveiro.

— Vou tomar banho. Depois, podemos fazer o café.

Saí, mas fiquei ouvindo o barulho da água correndo, confusa pela minha reação ao corpo de Nino e à sua proximidade. Ele ainda era intimidante por causa da sua força, frieza e reputação, mas parte de mim, começou a confiar um pouco nele. Nino nunca fez nada que me deixasse insegura.

Quando ele saiu apenas com uma toalha na cintura, a sensação avassaladora de sua simples presença ressurgiu.

— Enquanto você toma um banho, vou para a cozinha e vejo o que posso fazer.

Assenti em silêncio e logo desapareci dentro do banheiro, fechando a porta.

*

Trinta minutos depois, ao entrar na cozinha, Nino estava picando cebola e olhava seu *iPad*, que estava apoiado na bancada, de vez em quando.

— Você sabe cozinhar? — Perguntei surpresa.

— Eu não diria que sei cozinhar. Mas não é muito difícil contanto que siga as instruções.

Parei ao lado dele. Uma receita de omelete de queijo estava aberta em seu *iPad* e uma frigideira com batatas picadas no fogão. Estava com um cheiro delicioso, e as cebolas foram picadas com a precisão de um chef.

— Posso te ajudar com alguma coisa?

— Por que não faz outra garrafa de café? Meus irmãos

provavelmente vão descer daqui a pouco como lobos famintos. O cheiro do bacon vai tirá-los da hibernação.

Como se fosse uma deixa, a porta abriu e Savio entrou, bocejando, vestindo apenas uma calça de moletom. Ele não nos cumprimentou. Em vez disso, se sentou numa cadeira, esfregando a nuca. Ele olhou de Nino para mim.

— Agora vocês dois cozinham juntos? Nino tem sido o único que cozinha por aqui.

— Eu não sou boa na cozinha — Falei.

A porta se abriu novamente e Remo entrou, só de cueca, revelando aqueles músculos inflexíveis e as cicatrizes perturbadoras. Ele tinha um ar imprevisível, o que disparava alarmes no meu corpo.

— Preciso conversar com vocês dois — Falou para Nino e Savio, sorrindo de um jeito que não me caiu bem.

Minhas interações com o Capo assustador eram limitadas a jantares e cafés da manhã esporádicos.

— Sobre o quê? — Perguntou Nino enquanto virava o omelete.

— Nada que eu deva discutir na frente da Kiara, se bem me lembro do seu sermão — Descarregou, seus olhos sombrios pousaram em mim.

— Eu posso sair — Falei.

Nino meneou a cabeça. — Isso pode esperar até depois do café.

A expressão de Remo deixou claro que não concordava, mas, como sempre, ele se segurou por eu estar por perto. Comi meu omelete depressa antes de pedir licença para improvisar uma nova canção.

*

NINO

Remo estava excepcionalmente animado, até mesmo para os seus padrões. Ele se recostou em sua cadeira, com um sorriso largo de um jeito muito perigoso.

Savio ergueu uma sobrancelha, mas eu meneei a cabeça. Eu não sabia o que estava acontecendo.

— Kiara já foi. Podemos conversar agora — Falei.

Remo olhou para o seu celular. — Só um segundo.

Às vezes, meu irmão me deixava louco com suas artimanhas. Passos soaram no corredor. Um homem. Adamo estava no colégio, mas devido à postura relaxada de Remo, só podia ser Fabiano.

O homem loiro abriu a porta com um empurrão e entrou, parecendo nada contente em estar aqui.

— Tenho uma agenda cheia, preciso arrebentar uns devedores, Remo. — Ele acenou para nós antes de se sentar na cadeira ao lado de Savio. — O que está acontecendo? — Ele olhou para mim.

Meneei a cabeça. — Remo ainda não revelou nada.

— Mudei de ideia quanto aos nossos planos — Expôs Remo.

— Com relação ao ataque à *Outfit*? — Perguntei. Passei dias tentando coletar informações úteis sobre os hábitos semanais do Scuderi, indo a eventos sociais que ele poderia comparecer. E agora, Remo decidiu mudar os planos.

Fabiano se apoiou nos antebraços, intrigado.

Remo assentiu com um sorriso largo.

— Dante é um homem de lógica, igual a você, Nino. Ele vai esperar que miremos nele, ou em Scuderi, ou em um dos outros homens da família dele. Mas eu não vou fazer isso porque a história provou que não tem jeito melhor de desmoralizar o inimigo do que mirar nas pessoas que eles deveriam proteger. — Ele parou, seu rosto era pura animação. — Suas mulheres.

Estreitei o olhar. — Dante vai colocar todas as proteções possíveis para garantir que nós não cheguemos perto da sua esposa nem dos seus filhos.

Ele fez um gesto de desprezo e pegou seu celular, mostrando-o para nós.

Na tela, estava uma mulher jovem, com cabelos loiros e olhos azuis, parada ao lado de Dante Cavallaro. Ela tinha a mesma expressão impassível em seu rosto.

— Você a conhece?

— Essa é Serafina — disse Fabiano devagar. — Ela é sobrinha do Cavallaro.

— Já se encontrou com ela?

— Eu costumava brincar com ela e seu irmão gêmeo quando éramos pequenos — Explicou ele, parecendo desconfiado. — Qual é o seu plano?

Remo olhou para a tela com um sorriso doentio.

— O casamento dela com o Subchefe de Indianápolis está programado para primeiro de agosto. Sempre quis invadir um casamento.

Fabiano balançou a cabeça.

— Você quer entrar em Chicago e atacar uma cerimônia de casamento? Todos os Capitães e Subchefes estarão lá. A gente pode entrar, mas não vai sair. Acredite em mim, Remo.

Remo gargalhou.

— Não, nós vamos atacar no dia anterior. A futura noiva vai passar a noite antes do casamento num hotel em Indianápolis com as mulheres da família. Os homens da família vão estar numa despedida de solteiro. Só vai ter os seguranças de sempre.

— Tem certeza de que não haverá medidas de segurança adicionais lá? — Perguntei.

Remo ergueu as sobrancelhas para Fabiano, que deu de ombros.

— Eles não esperam um ataque assim. Isso nunca foi feito antes. Prejudicar um casamento é visto como sacrilégio pela maioria dos membros da *Outfit*.

Remo bufou. — Sacrilégio. Dante me atacou no meu território. Eu

vou mostrar a ele a minha versão de sacrilégio. Não se preocupe.

— Já te falei, aquilo foi coisa do meu pai — Resmungou Fabiano. — Nós deveríamos tentar pegá-lo, não uma mulher.

O sorriso de Remo se tornou perigoso.

— Nós vamos pegá-lo. Tenho certeza de que Dante vai criar juízo e trocá-lo pela sobrinha… *em algum momento*. Eu vou mostrar a ele o quanto somos sacrílegos em Las Vegas.

Fabiano fez uma careta. Ficou óbvio que ele não gostou da ideia, mas ele sabia que era melhor não discutir com Remo quando meu irmão estava animado com alguma ideia.

— Isso é genial ou uma insanidade — disse Savio rindo. — Já que é um plano seu, Remo, deve ser insanidade.

— Acho que tenho um plano melhor — Comecei. — Vai mandar uma mensagem mais simbólica. A noiva deve ser levada do hotel para a igreja em uma limusine. Vai ter menos gente por perto. A mãe vai estar com ela no carro, junto com um segurança e o motorista e, talvez, um ou dois carros como escolta. Podemos atacar nesse momento. Isso seria totalmente desonroso a se fazer, mas sempre temos nossa própria maneira de interpretar a honra.

Remo riu sombriamente.

— Nino, você é um puta gênio. A garota já vai estar vestida de noiva. Vamos roubar uma noiva debaixo dos narizes deles, logo antes do casamento. Não tem símbolo melhor do que esse.

Fabiano me lançou um olhar, mas se, a esta altura, ele achava que eu tinha o poder de impedir Remo, ele não havia visto o jeito que Remo olhou para a sobrinha do Cavallaro. Remo se levantou, claramente incapaz de continuar sentado por mais tempo.

— Eu preferiria que pudéssemos manter esse plano longe da minha esposa. Pode desencadear algumas imagens do passado dela que não quero que ressurjam.

Remo gesticulou para mim, andando de um lado para o outro como um tigre enjaulado. Seus olhos focaram na imagem na tela do seu

celular.

— Se atacarmos a família de Dante, ele vai levar a guerra a um novo nível — Comentou Fabiano.

— Espero que leve — Murmurou Remo.

*

Duas horas depois, encontrei Kiara ao piano, com os olhos fechados, a cabeça inclinada para o lado enquanto ela tocava uma melodia em que vinha trabalhando desde que mudou para cá. Ela nunca falava sobre a sua música, mas eu tinha um bom ouvido.

— Arranjei um tempo para treinar tiro hoje — Falei.

Ela endireitou a coluna, com os olhos atordoados para mim. Devagar, se levantou. Ela estava com um dos seus vestidos recatados que iam até os joelhos, mas nem mesmo essas roupas escondiam o volume encantador dos seus seios, sua cintura fina e a curva suave dos seus quadris.

— Onde? — Perguntou ela com curiosidade enquanto vinha até mim com os pés descalços. Para a minha surpresa, as unhas dos seus pés estavam pintadas de vermelho. Era uma cor que eu gostaria também em suas roupas.

— Montei um alvo no jardim. — Apontei para o meu coldre. — E você tem uma seleção dessas armas ou podemos ir até ao nosso arsenal no porão.

Ela riu, depois, mordeu o lábio.

— Acho que uma das suas armas vai servir.

Eu a levei para o lado oeste dos jardins, e paramos perto do alvo.

— Já segurou uma arma?

— Não — Admitiu.

Balancei a cabeça. Por crescer na máfia, as meninas deveriam aprender a manejar armas desde cedo. Elas são menores e menos musculosas que os homens. Por que acrescentar a desvantagem de ser

incapaz de usar uma arma? Entreguei minha semiautomática para Kiara. Era fácil de manejar. Ela a pegou com cuidado, mas não a segurou direito. Dei a volta e me posicionei atrás dela. Seu perfume doce penetrou no meu nariz. Eu nunca pensei que gostaria disso, mas Kiara com certeza usava uma marca que favorecia meus sentidos. Ela olhou por sobre o ombro com uma pontada de timidez. Fiquei contente por suas expressões faciais irem lentamente se tornando menos um mistério para mim. Isso tornava as nossas vidas infinitamente mais fáceis.

— Levante os braços e mire no alvo.

Ela o fez, mas tínhamos trabalho a fazer.

— Vou ajustar sua postura — Expliquei.

Coloquei a mão em seu quadril e ela enrijeceu, mas a posicionei do jeito que queria, depois, peguei seus braços e os empurrei alguns centímetros para baixo. Fiquei de frente para ela de novo e corrigi seus dedos na arma.

— Não tenho certeza se é uma boa ideia você ficar na frente do cano. E se eu atirar por acidente?

— Você teria que destravá-la primeiro. Isso me daria tempo para sair da frente.

Ela levou o lábio inferior entre os dentes mais uma vez. Isso era estranhamente distrativo.

— Sou tão sem noção.

— Por isso estou aqui, para te ensinar tudo o que precisa saber. — Um rubor delicado se espalhou em seu rosto, mas não consegui ligar nenhuma emoção a isso.

Guiei sua mão nos primeiros tiros para deixá-la acostumada ao coice. Ela deu um pulo todas as vezes que o tiro retumbou, mas, no fim, ela pareceu gostar e até riu quando conseguiu atingir o alvo sem a minha ajuda. Era gratificante vê-la ganhar confiança.

CAPÍTULO 14

KIARA

Fabiano deixou Leona na mansão a caminho do trabalho. Era apenas a segunda vez que ela vinha, em quatro semanas, desde que me mudei para Las Vegas. Contudo, de vez em quando, trocávamos mensagens. Esperei na porta enquanto ela beijava Fabiano em sua *Mercedes* antes de sair do carro, e ele se foi com um breve aceno para mim.

Leona estava de short jeans e camiseta. Já estava desconfortavelmente quente lá fora.

— Que vestido bonito — Elogiou ela com um sorriso enquanto me abraçava. Era um dos meus muitos vestidos maxi. Não sabia por que ainda hesitava em andar por aí de short. Nenhum dos homens da família Falcone deu em cima de mim, nem mesmo Nino.

— Obrigada. Eu adoro seu short.

Ela olhou para trás de mim. — Quem está de segurança?

Bufei. — Adamo. Afinal de contas, é fim de semana.

— Os homens da máfia são protetores.

— Espero algum dia ser capaz de proteger a mim mesma. Tenho tido aulas de tiro com Nino. Estou melhorando.

— Fabiano tem tentado melhorar as minhas habilidades de autodefesa há quatro meses, mas é um processo muito lento. E, na maioria das vezes, acabamos nos pegando… — Ela parou, ficando corada. — Desculpe. Informação demais.

Eu sorri.

— Não se preocupe. Não me importo. — Levei-a para o jardim. Um grande guarda-sol sombreava os móveis do *lounge* para não termos uma insolação sob o sol do meio-dia. — Pensei em pedirmos sushi.

— Aí, sim. — Ela levantou sua bolsa. — Trouxe biquíni. Vai ficar bem quente. Pensei que podíamos dar um mergulho mais tarde.

Meia hora depois, estávamos nas espreguiçadeiras, com pratos de sushi espalhados na mesa à nossa frente.

— Quando você soube que queria estar com Fabiano? — Perguntei, pegando uma peça de maki de abacate.

Leona ponderou a pergunta, mastigando pensativamente.

— Você diz no sentido físico ou num relacionamento?

— Acho que os dois.

— Foi um processo gradual. De início, fiquei atraída por ele, mas também preocupada em me aproximar. No fim, meu coração e meu corpo venceram a razão. — Ela riu.

— Às vezes, eu imagino como seria estar com Nino — Despejei.

Leona pousou sua peça de sushi que estava prestes a colocar na boca e piscou.

— Você ainda não esteve com Nino?

Corei. Será que eu deveria ter mantido isso em segredo? Talvez Nino não quisesse que outras pessoas soubessem que ele não era o monstro – não, que ele não *agia* como o monstro que era. Só que eu precisava conversar com alguém sobre isso, e Giulia não era mais uma opção, porque, agora, eu fazia parte da Camorra e ela, da *Famiglia*. Com trégua ou não, as famílias eram inimigas. Nossas ligações ao telefone eram uma tarefa difícil, contar a ela sobre o meu dia a dia sem lhe revelar alguma informação importante, e dava para notar que para ela era igual.

— Não, eu fiquei apavorada com ele na nossa noite de núpcias e ele não tentou nada desde então.

Leona piscou. — Uau. Sério?

— Sério. Eu falei para ele procurar outras mulheres se precisasse satisfazer suas necessidades.

Leona meneou a cabeça com os olhos arregalados. — E isso não te incomoda? Só de pensar em Fabiano tocando em outra mulher fico enjoada.

— No começo, não incomodava.

— Mas agora incomoda?

Eu tentava não pensar sobre isso, mas quando pensava, me incomodava muito.

— Incomoda, sim. Eu gosto de passar um tempo com Nino, de verdade. Ele é calmo e incrivelmente inteligente. Ele me faz sentir segura ao seu lado. Isso é estranho?

Leona franziu a testa. — Bem. Eu me sinto segura com Fabiano e a maioria das pessoas morre de medo dele, então, não sou a pessoa certa para se perguntar isso.

Mergulhei uma peça de sushi no molho shoyo e a coloquei na boca, mastigando devagar para pensar direito.

— Não sei se deveria sequer considerar mudar nosso relacionamento.

— Converse com ele. Diga que gostaria de estar com ele. Ele não deve se negar.

Ele não negaria.

— E se eu não conseguir ir em frente com isso? E se as lembranças me impedirem mais uma vez? Ou se Nino quiser tudo ou nada. Não sei ainda até que ponto consigo ir.

— Você não vai descobrir se não falar com ele. Se ele ainda não te pressionou, você acha que faria isso depois de lhe pedir por mais?

Eu não tinha certeza. Mas se iria ficar íntima de Nino, precisava que ele parasse de procurar outras mulheres, e eu não tinha certeza se ele concordaria com isso enquanto eu não lhe desse o que ele

precisava. Por que ele deveria aceitar os meus termos?

*

Fiquei nervosa durante todo o dia por causa da minha conversa com Leona, e nem mesmo a música conseguiu me deixar à vontade desta vez. Meus dedos continuavam tropeçando nas notas, então, eu ficava tendo que começar do zero.

Quando Nino chegou em casa no fim da tarde, parecendo mais lindamente frio do que nunca – vestido todo de preto, alto e musculoso – e se apoiou no piano para me ouvir tocar, eu finalmente reuni coragem.

— Eu gostaria de sair para jantar.

Ele franziu a testa. — Claro.

— Só nós dois — Soltei.

Ele me encarou calmamente, analisando minha expressão. Eu me perguntei o quanto dos meus sentimentos ele conseguiria adivinhar e quantos deles sempre permaneceriam um segredo para ele. Às vezes, o fato de ele ter dificuldade em ler emoções, vinha como um alívio.

— Esta noite?

Meus dedos paralisaram nas teclas.

— Seria ótimo. Mas será que conseguimos uma mesa sem antecedência?

Ele gargalhou e eu soltei uma risadinha, lembrando com quem eu estava falando. — Deixa pra lá.

— O que você gostaria de comer? Comida asiática? Europeia?

— Asiática. Não conheço muito, exceto pelo sushi.

— Então, vou reservar uma mesa no melhor restaurante Szechuan da cidade.

— Como tenho que me vestir? Tem algum código de vestimenta?

Os olhos de Nino passearam pelo meu corpo. — Algo vermelho.

Fiquei intrigada. Não era a resposta que eu esperava.

— Por que vermelho? — Eu não conseguia imaginar que fosse exigido aos clientes vestirem certa cor, mas era Las Vegas, e tudo era possível.

— Porque eu acho que vai ficar bem com seus cabelos escuros e sua pele de mel. Quero que você se destaque, não se misture.

Olhei para o meu braço. Ninguém jamais descreveu a minha pele como sendo cor de mel. Um calor agradável se instalou no meu peito.

— Eu não tenho nada vermelho. A maioria das minhas roupas é feita para me misturar — Falei.

Nino assentiu. — Eu entendo. — Ele olhou para seu relógio. — Se sairmos agora, podemos comprar alguma coisa para você e ainda teremos tempo o bastante para voltar para casa e nos arrumarmos, se eu reservar a mesa para as 20h.

Ele não esperou pela minha resposta. Pelo contrário, pegou seu celular, digitou um número e, dois minutos depois, tínhamos uma mesa. Outro cliente iria ouvir algum tipo de desculpa dizendo o motivo de não jantarem no Chengdu esta noite.

— Vamos — disse Nino, estendendo a mão. Precisava admitir que eu gostava dos seus pequenos toques. Minha mão na dele não parecia me prender de maneira nenhuma. Ela me fazia sentir segura.

Coloquei a mão na dele e o segui até seu *Bugatti Veyron.*

— Para onde vamos? — Perguntei enquanto saíamos para a estrada.

— É uma butique onde Fabiano compra vestidos para Leona de vez em quando. Pelo que ele me diz, eles têm peças singulares. Nunca estive lá. Não vendem roupas masculinas.

Ri de nervoso. — O quanto de atenção eu devo atrair para nós?

— O máximo de atenção que você merece, Kiara. Você é linda demais para se esconder nas sombras. E, como minha esposa, vai ter que se acostumar com os holofotes.

Meu interior ardeu diante do seu elogio. Ele já havia dito que me achava bonita, mas, ainda assim, era maravilhoso ouvi-lo dizendo outra vez.

A loja oferecia uma seleção esmagadora de vestidos de todas as cores e, assim que entramos, a vendedora ficou em cima da gente como uma mamãe ganso. Ela ficava lançando olhares nervosos para Nino, claramente ansiosa para agradá-lo, mas, é claro que a expressão dele não denunciava nada.

— Estamos procurando vestidos vermelhos — Informou ele, com a mão ainda levemente nas minhas costas.

— Ah, temos algumas lindas peças nesta cor. Vou lhes mostrar. Sua esposa vai ficar absolutamente deslumbrante com elas.

Nino olhou para mim com brilho nos olhos. — Vai, sim.

Eu me arrepiei e, novamente, não havia medo. Eu não sabia o que estava acontecendo, mas meu corpo reagia a Nino de um jeito que era perturbador e estimulante ao mesmo tempo. Nós seguimos a mulher em direção a uma parte isolada da butique, onde ficavam os provadores.

— Volto já. Vocês gostariam de beber alguma coisa?

— Não, obrigada — Respondi sorrindo.

Nino assentiu, concordando. Então, a mulher saiu apressada. Ele tirou a mão das minhas costas. A vendedora voltou com três vestidos no braço. Entrei no provador e ela me entregou o primeiro vestido. Parecia uma segunda pele e ia até os joelhos, acentuando todas as curvas, com uma gola alta e sem mangas. As pessoas ficariam me olhando se eu vestisse isso, principalmente os homens.

O nervosismo fez meu estômago se agitar quando saí. Nino estava encostado na parede, com os braços cruzados, parecendo um modelo de passarela em cada detalhe. Ele se esticou assim que me viu, seus olhos cinza passeavam pelo meu corpo.

— É sexy demais, não acha? — Sussurrei.

Nino se aproximou. — É perfeito. — Ele inclinou a cabeça. — Você não quer que as pessoas vejam o quanto é linda?

Eu me agitei. — Não estou acostumada com isso.

— Você vai se acostumar. Não se preocupe.

Experimentei um vestido longo com uma fenda longa, e outro com um decote profundo na frente e ainda mais profundo nas costas e os dois, também, definitivamente não me ajudariam a passar despercebida, mas com o jeito que Nino ficou me olhando vestida com eles, senti um estranho arrepio de satisfação. No fim, compramos todos os três vestidos e até um macacão vermelho. Quando estávamos de volta ao carro, não consegui evitar uma gargalhada.

— Você gosta mesmo de vermelho.

Nino não tirou os olhos da rua, mas os cantos de sua boca se ergueram numa sombra de um sorriso.

— No geral, não prefiro nenhuma cor, mas vermelho é a sua cor e eu também gosto de seu valor simbólico.

— Vermelho como o sangue — Falei.

— Isso. É sempre bom perturbar as pessoas.

Não mencionei que ele não precisava de mim ao seu lado usando um vestido vermelho sangue para perturbar as pessoas. Nino já era perturbador por si só e ele sabia disso.

Duas horas depois, eu estava com um vestido justo na altura do joelho e sapatos de salto combinando, vermelhos sangue. Deixei meus cabelos soltos porque me faziam sentir menos exposta, e eu preferia meu pescoço coberto.

Nino estava me esperando no andar de baixo, apoiado no meu piano, vestido todo de preto, como de costume. A camisa social e a calça justa lhe caíam como uma luva. Pela primeira vez, seus cabelos estavam soltos, mas penteados para trás. Seu olhar me seguiu enquanto eu descia a escada. Peguei sua mão estendida, e seu polegar encontrou meu pulso quando ele se aproximou.

Por um segundo, tive certeza de que ele me beijaria, e meus lábios se abriram numa mistura de ansiedade e nervosismo, porém, ele

se abaixou para o meu ouvido e sussurrou: — Esta noite, as pessoas vão começar a falar sobre um Falcone novo. A mulher de vermelho.

Estremeci, meus cílios se agitaram diante da sensação do seu hálito quente no meu ouvido e seu cheiro inundando meu nariz. Então, ele se afastou, mas não soltou meu pulso.

— Pronta? — Perguntou com a voz baixa e, por algum motivo, ele fez soar como se não estivesse se referindo ao jantar.

Assenti silenciosamente, tentando me entender. Nino me conduziu para a parte principal da mansão. Remo estava sentado no sofá, com o *laptop* à sua frente. Ele ergueu o olhar quando entramos, fixando-o em mim. Eu não me mexi.

O aperto de Nino no meu pulso se intensificou e seu polegar roçou levemente na minha pele.

— Vamos sair para jantar.

Remo assentiu, estendendo os lábios.

— Vermelho sangue. Boa escolha. — Eles trocaram um olhar. — Você está muito bem para ser devorada — Falou para mim, e meu coração acelerou quatro vezes mais.

— Obrigada — Mal consegui dizer.

Nino me puxou para fora, em direção ao seu carro.

— Remo não apresenta perigo para você, Kiara. Acredite em mim. As palavras dele são para te perturbar. É o jeito dele. Mas você é minha e isso te deixa fora dos limites. Remo nunca encostaria um dedo em você. Nunca.

— Você confia nele? — Perguntei enquanto me acomodava no banco do carona.

— Confio totalmente. Com a minha vida. Com a sua.

— Certo — Falei, tentando compartilhar da sua confiança de que Remo me protegeria. Ele me protegeu de Durant no dia do meu casamento, mas em se tratando de Remo não tinha como saber o que ele faria.

Todas as mesas do restaurante estavam ocupadas quando chegamos, contudo, o gerente nos cumprimentou pessoalmente. Ele apertou a mão de Nino e curvou ligeiramente a cabeça antes de se voltar a mim. Estendi a mão, sorrindo. Ele hesitou brevemente, mas, depois de Nino inclinar a cabeça, ele pegou e beijou as costas da minha mão.

— Sua esposa é linda, Sr. Falcone.

— É, sim — Concordou Nino.

As pessoas nas mesas à volta nos lançavam olhares velados e, enquanto o gerente nos conduzia para a nossa mesa com uma vista deslumbrante para a Strip, começaram a murmurar.

Meu rosto esquentou quando me sentei na cadeira que o gerente puxou para mim. Nino parecia não se incomodar de modo algum com a atenção. Ele me encarou por cima do cardápio.

— Você parece agitada.

Eu ri. — Eu estou. Todos estão falando da gente.

Nino deu de ombros. — Deixe que falem. Ficaria mais preocupado se não falassem.

— Você nunca quis se misturar, andar pelas ruas sem ser notado?

Nino abaixou o cardápio com uma expressão dura em seu olhar.

— Meus irmãos e eu nos escondemos por um tempo quando nossa família nos caçava. Nós lutamos para recuperar o que era nosso. Nós matamos e sangramos pelo nosso direito de primogenitura. Arrancamos Las Vegas das mãos sangrentas de homens indignos. Lutamos pelos holofotes. Cansamos de nos esconder.

O garçom nos trouxe nosso vinho naquele instante. Um *Shiraz* tinto encorpado. Nino ergueu sua taça com um sorriso curioso. Era muito difícil lê-lo.

— Por um lugar sob o holofote. Chega de se esconder, Kiara.

Bati minha taça na dele e tomei um gole. — Chega de se esconder.

O garçom chegou com as entradas logo depois. Tudo estava delicioso, picante e extravagante. Era fácil conversar com Nino. Eu poderia ficar ouvindo-o responder as minhas perguntas sobre a história de Las Vegas a noite toda.

Ele sabia de tudo. Posteriormente, mais perguntas pessoais passaram pela minha cabeça.

— Por que seu pai mandou vocês para o colégio interno na Inglaterra? A maioria dos Homens de Honra mantém seus filhos por perto porque querem ensiná-los tudo que precisam saber para se tornarem seus iguais.

A menção de Benedetto Falcone trouxe uma mudança imediata à linguagem corporal de Nino. Quando, antes, ele estava relaxado, agora, seus ombros retesaram consideravelmente e sua expressão se tornou mais fria.

— Nosso pai não nos queria, Remo e eu, sob seu teto, e ele sabia que não precisava mais nos preparar para nos tornarmos Camorristas.

— Mas vocês tinham doze e quatorze anos na época, e seus irmãos eram ainda mais novos.

Nino sorriu, e eu tomei outro gole do vinho, porque sua expressão me deu arrepios.

— Nosso pai sabia que Remo e eu o teríamos matado se ficássemos. Remo matou pela primeira vez três anos antes, quando tinha onze e, pouco antes de nosso pai nos mandar embora, eu matei pela primeira vez com Remo. Nosso pai sabia que não tinha como nos controlar, então, ele nos mandou embora. Ele sabia que não iríamos sem nossos irmãos, por isso, mandou Adamo e Savio embora também.

— Que coisa horrível — Sussurrei.

Nino tomou um gole do seu vinho.

— Isso nos deixou mais fortes, nos aproximou. Se arrepender pelo passado é perda de tempo.

Já dava para sentir os efeitos do vinho. Vinho tinto com certeza era mais forte do que as taças de champanhe esporádicas ou do que o

vinho branco que eu tomava antigamente.

Nino inclinou a cabeça. — Acho que chega de vinho para você.

Eu sorri. — Você acha? — Por algum motivo, tomei outro gole do líquido vermelho, e Nino meneou a cabeça, contraindo a boca.

— Você vai se arrepender disso amanhã de manhã.

— Pensei que arrependimento fosse perda de tempo — Falei.

Ele contraiu a boca novamente.

— E é, só que neste momento você ainda tem a oportunidade de impedir de se arrepender de alguma coisa.

— Acho que é tarde demais para isso — Falei. Eu me sentia quente e desorientada. Provavelmente teria a pior dor de cabeça da minha vida de manhã.

Nino acenou para o garçom e pagou a conta. Eu me levantei e percebi imediatamente que estava um pouco mais tonta do que pensei, mas me estiquei, sem querer aparecer bêbada em público. Nino envolveu um braço na minha cintura e eu fiquei agradecida demais pelo efeito estabilizador para ficar tensa com o contato. Ele me conduziu para fora do restaurante.

— Obrigada pela noite agradável — Sussurrei antes de me jogar no banco do carro com menos elegância do que pretendia.

— Foi surpreendentemente agradável — Concordou Nino, e eu caí na gargalhada. Não consegui evitar. O vinho me fez perder o controle.

Nino ergueu as sobrancelhas e fechou a porta. Eu me encostei na janela, fechando os olhos.

*

Acordei com a cabeça em algo quente e duro. Meu corpo enrijeceu quando me dei conta de que estava sendo carregada nos braços de alguém.

— Shh, Kiara. Você está segura.

Olhei para cima, para o semblante calmo de Nino e obriguei meu corpo a relaxar no dele.

— Onde estamos? — Perguntei atordoada. Meu cérebro estava enevoado.

— Em casa.

Demorei um tempo vergonhoso para descobrir o que ele queria dizer. Então, reconheci nosso quarto. Ele me colocou no chão, no meio do quarto.

— Por que não se arruma para ir dormir?

Assenti com a cabeça e logo me arrependi do movimento. Nino me segurou pelo quadril para me estabilizar.

— Consegue fazer isso?

— Sim — Falei depressa, porque não queria que Nino tirasse a minha roupa.

Não sei bem quanto tempo levei para tirar o vestido e fazer a minha rotina noturna, mas pareceu uma eternidade até finalmente me deitar na cama.

Nino se juntou a mim logo depois. — Me diga se for vomitar.

Ele tocou na minha testa com a palma da mão e eu cedi ao seu toque, entretanto, ele abaixou o braço. Ele se deitou de costas ao meu lado e eu deslizei para mais perto dele, buscando seu braço. As pontas dos meus dedos tracejaram curiosamente a tatuagem de uma imagem sombria em meio a chamas crescentes. Quando minha visão conseguiu entrar em foco, notei um nome escrito nas chamas. Era pequeno e precisava olhar com atenção para distingui-lo do fogo. Remo.

— Você tem o nome de Remo tatuado em seu braço.

Nino me encarou sem nenhum pingo de emoção.

— Tenho os nomes de Savio e Adamo tatuados no meu outro braço.

— Por que está em chamas?

— Porque ele se queimou por mim — Respondeu Nino em voz baixa.

Analisei seu rosto, mas deu para notar que ele não me diria mais nada. Meus dedos seguiram as chamas até o seu pulso. Fiquei intrigada quando senti uma coisa rígida sob meu toque. Virei ligeiramente seu braço para poder ver o antebraço. Abaixo da tatuagem da Camorra, que também estava envolta em chamas, havia uma cicatriz fina e comprida ao longo da sua veia. Olhei para ele, que me encarou de volta na mesma hora. Não ousei perguntar, porque, pela primeira vez, seus olhos não apresentaram não ter emoção.

Acariciei levemente a cicatriz.

— Te incomoda se eu te tocar assim? — Perguntei num simples sussurro.

— Seu toque não me incomoda, Kiara.

Queria que ele me tocasse desse jeito sem que meu corpo me levasse de volta ao passado, sem que meus medos assumissem o controle.

— Eu queria… eu queria conseguir ser tocada sem medo.

— Um dia você vai conseguir. Vai eliminar a parte do seu tio que não consegui eliminar para você.

Ele parecia totalmente seguro, como se não fosse um problema, mas era. E, porque ele era Nino Falcone, e talvez porque eu estava bêbada, acreditei nele.

CAPÍTULO 15

KIARA

Nino se mexeu ao meu lado e meus olhos se abriram. Assim como eu fiz nas últimas manhãs desde o nosso jantar, eu me aconchegava nele à noite e me enfiava debaixo do seu braço, com a cabeça na curva do seu pescoço, meus joelhos encostado na lateral do seu corpo. Seu calor e cheiro reconfortante me envolviam e conseguia banir meus pesadelos.

— Desculpe — Murmurei como fazia todas as manhãs, porque tinha quase certeza de que a posição não era confortável para Nino, mas ele nunca me afastava. Eu me sentei, liberando seu braço.

— Seu subconsciente procura proteção à noite e eu posso proporcioná-la — disse ele encolhendo o ombro ao se levantar. A cueca justa não escondia o contorno dele.

Obriguei meu olhar a se desviar dela, meu coração bateu mais rápido. Ele pegou sua sunga e foi se trocar no banheiro, porém, não fechou a porta. Ele só não se despia no quarto por minha causa. Tinha pensado em lhe dizer que eu conseguia lidar com sua nudez, mas sempre que estava a ponto de falar, minha coragem me deixava.

Levantando-me também, peguei meu robe de cetim. Não porque estava frio, mas porque me sentia desconfortável em andar pela casa só de camisola.

Nino voltou e abriu a porta para mim. Pegando meu livro da mesa de cabeceira, eu o segui em silêncio para o andar de baixo, passando pelas portas de correr. Já estava quente lá fora. Eu me acomodei na espreguiçadeira perto da piscina e abri o livro, entretanto, meus olhos não foram atraídos para as letras na página. Em vez disso, observei Nino ir para a borda da piscina e mergulhar, seus músculos se

flexionaram ao fazê-lo.

Ele deu suas voltas na piscina e, da cadeira, eu o assisti por cima do livro. Em certo momento, tive que tirar o robe porque o sol batia em mim implacavelmente, apesar da hora.

Às vezes, eu me sentia ridícula por trazer um livro. Eu mal lia uma palavra. Meu olhar era atraído para o homem na água. O livro era como o meu escudo, porque eu também era covarde para admitir que gostava de ver Nino – e, definitivamente, com medo demais de que ele descobrisse que eu gostava.

Depois de trinta minutos, ele nadou até a escada e subiu. Escorria água dele, pelo seu corpo escultural. Meu olhar passeou pelos seus ombros musculosos, seu abdômen trincado e seus quadris estreitos até suas coxas musculosas. Sua sunga justa mal escondia seu corpo, e eu pude ver novamente o contorno dele por baixo do tecido molhado. As tatuagens horríveis, com suas chamas, rostos em agonia, e palavras de dor e sangue que corria de seus antebraços, subindo até os ombros e descendo até o abdômen, em volta das escápulas, não me assustavam mais do que assustaram no início. Nino era uma obra de arte.

Seus movimentos eram lentos e exatos enquanto ele se enxugava. Eu não conseguia parar de pensar nele. Seus olhos cinza e frios encontraram os meus, e eu respirei fundo e voltei a olhar depressa para o meu livro. Quando sua sombra pairou sobre mim, não tive escolha a não ser parar de fingir que estava lendo. Eu não prestava atenção ao meu livro há um tempo.

— Você finge que está lendo, mas fica me assistindo todas as manhãs — disse ele. Não havia julgamento em sua voz.

Não tinha certeza do que dizer. O constrangimento subiu pelo meu pescoço.

— Eu… eu não… — Comecei a protestar, porém, assim que levantei a cabeça, sua expressão me silenciou. Ele sabia que eu ficava olhando. Claro que ele iria perceber. Ele era um homem que foi criado para ficar atento aos seus arredores. Negar teria sido ridículo.

— Pode olhar. Você é minha esposa — Falou. Ele inclinou a

cabeça, buscando meu rosto com o olhar, e pareceu que podia ler todos os meus pensamentos. Algumas gotas distrativas de água escorriam pelo seu lindo rosto. O que milhões de modelos masculinos deviam ter que praticar por anos, essa expressão fria, de outro mundo, vinha naturalmente para ele. — Mas me pergunto por que você faz isso. Pensei que meu corpo te assustava.

E ainda assustava. Nino transbordava força. Mas o medo se tornou uma parte pequena do que eu sentia quando o observava. Também havia aquela pontada de curiosidade na boca do meu estômago e a explosão de calor lá no fundo quando ele se mexia de um jeito que destacava seus músculos.

Coloquei meu livro na mesinha lateral, sem saber como dizer o que queria dizer e sem saber se deveria sequer considerar dizer. Algumas portas devem permanecer fechadas. Mas o que me segurava – e, talvez, sempre fosse me segurar *se eu permitisse* – era algo imposto a mim no passado, algo de que eu queria me libertar.

— Às vezes, me pergunto como seria ser mais como marido e mulher — Admiti, apesar do calor no meu rosto, apesar do medo e da preocupação com a reação de Nino. Falcone ou não, ele nunca me deu motivos para ter medo de verdade dele.

— Você está falando no sentido físico? — Perguntou Nino com a voz baixa. Havia uma pontada de algo em seu tom de voz que eu não consegui identificar, mas, como sempre, seu semblante não revelou nada.

Assenti, soltando um suspiro tenso. Não achei que me atreveria a admitir isso, mas Nino sempre estava no controle. Eu não temia um rompante emocional da parte dele. Às vezes, eu sentia que não precisava sentir medo dele de modo algum.

Ele largou a toalha, me permitindo uma visão do seu membro. Segui o convite e passeei lentamente com meu olhar sobre cada centímetro dele. Ele não se mexeu, mas seu olhar era uma presença insistente na minha pele.

— Podemos explorar as opções físicas do nosso relacionamento, se você quiser. Para ser sincero, eu te desejo.

Ele já havia me dito isso, porém, ainda me assustava. Olhei para minhas mãos, brincando com a bainha da minha camisola. Apenas um homem me quis na vida, e ele pegou o que queria sem pedir. Nino não era assim. Ele podia ter me possuído na nossa noite de núpcias e todas as noites depois disso. Certamente, não havia ninguém que poderia tê-lo impedido, muito menos eu.

— Em que você está pensando? — Perguntou.

Suspirei. — Estou com medo.

— Eu te dei motivos para ter medo?

Voltei a olhar para seu rosto atento. — Não, mas tenho medo porque você me deseja e porque eu te desejo, mas não sei se consigo fazer isso.

— Podemos estabelecer limites e ir devagar. — Ele parou, sua expressão se tornou contemplativa. — Se a minha força física te deixa inquieta, podemos tentar me conter. Não me importo.

Fiquei boquiaberta de choque.

— Você está falando de se amarrar? — Imagens de Nino amarrado com laços de seda à cabeceira invadiram a minha mente e quase me fizeram gargalhar. Parecia impossível que um homem como ele sugerisse algo assim.

Nino assentiu. — Desse jeito, você ficaria livre para explorar sem ter que me temer.

— Entretanto, eu teria que conduzir.

— Não é assim que você prefere, dadas suas experiências passadas? Eu não tenho nenhum problema em ser dominante, mas duvido que você reaja bem a isso.

Eu não tinha certeza do que fazer. Parecia a solução perfeita, mas ainda me apavorava, só que agora por um motivo diferente.

— Você já chegou ao clímax? — Perguntou ele tranquilamente, ainda me encarando com seu escrutínio silencioso.

Arregalei os olhos e balancei a cabeça rapidamente. Meu estômago afundou quando me lembrei da sensação de tê-*lo* dentro de mim.

— Eu só senti dor… e vergonha.

Ele acariciou meu ombro levemente, o toque foi quente e gentil. Como ele conseguia ser sempre tão quente quando seu rosto era tão lindamente frio?

— Eu não falei de quando você foi estuprada. Quis dizer depois. Você já se tocou e se sentiu bem?

Mordi o lábio, tentando me livrar das lembranças e me concentrar no presente.

— Na verdade, não. Tentei me tocar algumas vezes, mas pareceu errado.

Nino me surpreendeu quando se sentou na ponta da espreguiçadeira, com suas costas nuas roçando nas minhas panturrilhas. Não me afastei, e tive a sensação de que era uma tentativa dele de ver se eu podia suportar sua proximidade.

— Seria bom se você explorasse seu corpo e descobrisse o que gosta, e condicionasse seu cérebro a perceber que o toque sexual pode ser muito prazeroso.

Meu rosto ficou impossivelmente quente, mesmo que parecesse que Nino estivesse falando sobre o que jantar esta noite.

— Não sei se meu corpo é capaz de encontrar algo *prazeroso* — Sussurrei.

Nino curvou seu corpo para o lado, e tocou no meu tornozelo devagar. Por um breve instante, fiquei tensa, mais confusa do que qualquer coisa. Ele parou, estreitando o olhar, e quando relaxei, seus dedos roçaram no meu tornozelo antes de segurarem meu calcanhar. Ele começou a aplicar uma leve pressão com os dedos enquanto acariciava a parte inferior da minha panturrilha e olhava dentro dos meus olhos. Seus dedos não subiram para além da minha panturrilha, porém, o toque pareceu fazer formigar meu joelho, minha coxa, indo direto para

o meu centro de prazer.

Meu olhar vagou por Nino enquanto ele me acariciava, pelos seus braços fortes, seu peitoral musculoso e seu abdômen definido. Depois de um tempo, minha respiração acelerou, e o formigamento aumentou até eu conseguir sentir uma umidade se formar entre as minhas pernas. Assustada, balancei levemente os quadris.

Nino soltou a minha panturrilha, curvando o canto da boca.

— Acho que seu corpo vai se ajustar bem ao prazer.

Meu rosto aqueceu ainda mais, mas, mais do que constrangimento, senti alívio. Nino engoliu em seco antes de murmurar: — Agora que seu corpo já está excitado, faria sentido que você se explorasse.

— Você quer que eu me toque?

— Isso — Rosnou. — Não aqui. Em algum lugar privado, onde se sentir relaxada. Eu recomendaria que você se concentrasse primeiro no seu clitóris. Tente massagear levemente com dois dedos e, se você se sentir perto do alívio, pode tentar descer um pouco e dar atenção ao seu lábio. É um ponto em que muitas mulheres são bem sensíveis, algumas até preferem este ao clitóris. Eu acho que ainda não vai se sentir confortável com um dedo dentro de você, mas isso aumentaria o prazer.

Meu centro ficou mais quente e ainda mais molhado, só de ouvir sua voz grossa.

— Imaginar alguma coisa que te excite também pode ajudar.

— Você — Soltei, me sentindo repentinamente encorajada.

Nino respirou fundo e algo mudou em seu olhar.

— Se ajudar, sim. Me imagine. — Sua voz estava mais baixa do que nunca, e uma leve rigidez tomou conta da parte superior do seu corpo. Confusa, estava prestes a perguntar se isso o tinha ofendido de alguma forma quando registrei o jeito que sua sunga se esticou.

Respirei fundo. Uma pitada de medo me percorreu, mas eu estava mais curiosa do que com medo.

— Eu disse que te desejo — Murmurou. — E se você quiser explorar as opções físicas, vai ter que superar seu medo da minha ereção.

— Não estou com medo — Falei, depois modifiquei minhas palavras por causa da sua regra de não mentir. — Não totalmente.

Ele se levantou e, mais uma vez, meu olhar foi atraído para sua virilha.

— Por que você não vai para o nosso quarto e faz o que sugeri para encontrar um pouco de alívio?

— E quanto a você?

— Eu também vou em busca de alívio — Falou com naturalidade.

Você prefere que eu satisfaça minha libido em outro lugar? Eu disse que sim na nossa noite de núpcias.

— Onde? — Perguntei.

Ele não falou nada, apenas me observou com uma intensidade fria.

Eu também me levantei porque me sentia mais forte, mesmo que Nino ainda fosse bem mais alto que eu.

— Eu não quero mais que você procure outras mulheres.

Pronto. Falei. E fiquei aliviada. Havia um tempo isso me incomodava, desde que percebi que queria que este casamento fosse mais do que por necessidade. Eu não sabia como eles faziam aqui em Las Vegas, se talvez ele nunca tivesse a intenção de ser fiel, se ele esperasse continuar transando por aí simplesmente porque podia, mas isso não era algo que eu poderia aceitar se realmente levássemos nosso relacionamento para o nível físico.

Nino me encarou.

— Então, você quer que eu te procure para satisfazer as minhas necessidades sexuais? — Sua voz continha um tom estranho e ele deu um passo em minha direção.

Havia uma pontada de curiosidade em seus olhos. Percebi que ele estava conduzindo um experimento. Aprendi a lê-lo muito melhor. Eu me mantive firme e não recuei. Ele se aproximou ainda mais até eu quase conseguir sentir o calor irradiando do seu corpo. Ele não iria me tocar.

— Em algum momento, sim — Falei calmamente. — Claramente ainda não sou capaz de fazer isso. — Para ser sincera, eu não tinha certeza se algum dia seria, mas queria ser.

— Então, até se sentir pronta, você sugere que eu me alivie com as minhas próprias mãos?

Franzi a testa. Ele estava zombando de mim? Ou era sério? Era muito difícil dizer, porque ele falou secamente, sem nenhum pingo de emoção. De repente, me senti uma tola por ter trazido o assunto à tona. Isso aqui era Las Vegas, ele era um Falcone, e, apesar de sua consideração para comigo até agora, ele ainda era um homem acostumado a ter mulheres, dinheiro e poder à sua disposição. Por que ele deveria desistir de uma dessas coisas por mim? Eu não significava nada para ele. Eu era um fantoche em seu jogo pelo poder.

Desviei o olhar, incapaz de suportar sua beleza fria. Virando-me, estava prestes a sair quando ele entrou na minha frente. Meus olhos voaram de volta para ele.

— Me responda, Kiara. É isso que você sugere?

Suspirando, assenti. — Eu sei como as coisas funcionam. Sei que suas boates são cheias de mulheres dispostas, mas, sim, quero que você seja fiel a mim. Não posso explorar uma intimidade física com você enquanto estiver com outras mulheres.

— Você se dá conta de que não pode explorar sua sexualidade com ninguém além de mim?

— É mesmo? — Não tinha certeza do porquê falei isso.

E, pela primeira vez, Nino deixou sua expressão se tornar a que a maioria das pessoas conhecia, a dominante e de violência reprimida.

— É. Eu nunca vou ultrapassar seus limites, mas só porque eu

ainda não reivindiquei seu corpo com o meu pau, não quer dizer que não tenha reivindicado você. Você é minha. Só minha. E, enquanto eu viver, ninguém vai te tocar além de mim.

Foi o menos contido que eu já o vi, e isso me lembrou do homem que ele realmente era. Eu me senti sobrecarregada e à beira de fugir.

Nino exalou profundamente e deu um passo se afastando de mim, depois se sentou na cadeira.

Fiquei intrigada. Ele estava se diminuindo de propósito? Ele me observava atentamente.

— Melhor? — Perguntou calmamente, novamente no controle.

— Sim.

— Eu não quis te assustar.

— Não concordamos que não haveria mentiras? — Perguntei brincando.

A boca de Nino contorceu.

— Concordamos. E você está certa até certo ponto. Eu sabia que você cederia ao meu modo de ver as coisas se eu exercesse a dominância, e dada sua história, pude antecipar como isso te faria se sentir. Mas te assustar não foi uma decisão consciente.

— Tudo bem.

Ela franziu a testa.

— Quando sugeri satisfazer os meus desejos sexuais em outro lugar, você ficou aliviada.

De volta ao assunto em questão. Nino nunca se deixava distrair.

— Fiquei, mas não quero mais isso. Quero que tenhamos um casamento de verdade.

— Este não é um casamento de verdade? Afinal, é oficial.

Meneei a cabeça.

— Não é o que quero dizer. Quero um casamento normal. Para

mim, isso significa ser fiel e íntimo apenas do seu parceiro. Significa cuidar um do outro, mostrar afeto, tentar amar um ao outro. — A última parte saiu porque era algo que, lá no fundo, eu queria.

Nino se levantou de novo e se aproximou.

— Posso ser fiel e posso mostrar afeto…

— Mas não pode amar, eu sei.

Nino me assustou ao segurar meu rosto, seus olhos estavam mais acolhedores, sua expressão era mais suave do que nunca.

— Posso simular emoções muito bem, Kiara. Se isso te ajudar a se sentir mais confortável, posso fingir afeto e até amor.

Olhei para ele. Sem suas palavras, eu teria acreditado que a ternura em seu rosto era real. Engoli em seco.

— Não finja se importar. Não minta.

Sua expressão se tornou lindamente fria novamente e meu coração apertou.

— Quero cuidar de você e, mesmo que não consiga ter emoções, vê-las em seu rosto, especialmente felicidade e alegria, me dá um certo nível de satisfação. Não posso lhe dar mais do que isso.

— Tudo bem — Sussurrei, porque não havia outra coisa a dizer. Teria que ser o suficiente. Eu esperava muito menos dessa união e que seria muito pior. Eu não poderia guardar rancor de Nino não conseguir sentir nada.

— Quer entrar agora?

— Acho que não estou mais no clima de me explorar — Falei baixinho.

Ele inclinou a cabeça. — Entendo.

— Quem sabe depois? — Perguntei calmamente.

— Claro — Respondeu. — Que tal eu me vestir e praticarmos suas habilidades de tiro um pouco mais?

Para ele, era sempre fácil seguir em frente, porque nenhum assunto o movia tanto que seu cérebro não poderia prosseguir, mas eu não queria fazer disso maior do que era, então assenti.

Ele voltou meia hora depois com calça e camisa pretas, suas roupas de sempre. Já o tinha visto com roupas parecidas tantas vezes antes e, no entanto, a visão me pegou hoje. Ele parecia alto, forte e elegante, e as tatuagens em seus braços criavam o contraste certo ao seu rosto perfeitamente lindo.

Duas armas pendiam de seu coldre preso ao peito, mas eu sabia que ele escondia mais armas em seu corpo. Eu havia me tornado uma atiradora melhor ao longo das nossas últimas aulas, porém, hoje, minha concentração estava combalida.

*

Algumas horas depois, eu estava sentada na sala de estar, tocando a música na qual comecei a trabalhar há quase seis semanas. Era uma música que me ajudava a lidar com o meu casamento com Nino, me ajudava a entender meus sentimentos em relação a ele. A brisa passou pelas janelas e eu respirei fundo. Sentia falta do cheiro do mar no ar, mas o calor de Las Vegas era bom. Eu não sentia mais um frio constante.

— Que música é essa?

Meus dedos mexeram-se sobre as teclas e o piano soltou um lamento baixo em resposta.

— Desculpe, eu não quis te assustar — disse Adamo ao entrar na sala pelas portas de correr abertas.

Relaxei e sorri. — Está tudo bem. Eu me assusto fácil.

Ele pôs as mãos nos bolsos e acenou em direção ao piano.

— Pode continuar tocando. Gosto de escutar.

Será que ele já me ouviu tocar antes? Pousei meus dedos levemente nas teclas e comecei de onde havia parado quando ele me assustou. Ele se aproximou e apoiou os cotovelos na lateral. Havia um

hematoma no lado esquerdo do seu rosto e seu lábio estava cortado. Acho que nunca o vi sem um lábio cortado.

— O que aconteceu com o seu rosto?

— Meus irmãos praticam luta comigo.

— Quando você vai ser iniciado?

Ele olhou para os nós dos seus dedos ensanguentados.

— Em dois meses. Agosto. No meu aniversário de quatorze anos.

— E você não quer?

Adamo deu de ombros. — Eu sou um Falcone. A Camorra é o meu destino. — Ele franziu a testa. — Mas eu não quero fazer a maioria das coisas que esperam de mim.

— Matar pessoas.

— Isso — Concordou ele, com um olhar sombrio atravessando seu rosto. — Eu já fiz isso. Matei alguém. Atirei no cara. Sou um bom atirador.

Assenti e parei mais uma vez de tocar.

— Eu não gosto de matar e não quero torturar pessoas, nem machucar mulheres — Sussurrou.

— Então não faça nada disso — Falei, e percebi o quanto isso foi estúpido. Adamo não podia escolher seu caminho, não como outras pessoas podiam.

Ele caiu na gargalhada. — Eu preciso.

— O que você preferiria fazer?

Seus olhos se iluminaram. — Correr de carro.

— Você sabe dirigir?

— Remo me deixou dirigir o carro dele quando eu tinha onze anos e eu consegui me infiltrar em algumas corridas desde então. Bati com dois carros dele. Ele ficou muito puto, e agora fica de olho em mim para eu não fazer mais isso.

— É por isso que você fica amuado pelos jardins e me ouve tocar? — Perguntei com um sorriso.

— Eu tenho que ficar de olho em você.

Soltei uma gargalhada, depois me calei diante do seu olhar indignado. Eu ainda achava engraçado que o Falcone mais novo tivesse que ser meu guarda-costas.

— Desculpe.

— Eu sou um bom atirador e um lutador decente, e até parece que alguém vai atacar a nossa mansão. É o lugar mais seguro de Vegas.

— Porque as pessoas morrem de medo de Remo.

— E de Nino — Acrescentou Adamo, depois curvou os lábios em desgosto. — Desde que lutou oficialmente no octógono, Savio está ainda mais arrogante do que antes. Ele acha que é tão assustador quanto eles, mas não é. Nem perto disso.

— Concordo. Ninguém assusta tanto quanto Remo e Nino — Declarei. Luca era apavorante, mas talvez por conhecê-lo desde criança, conseguia lidar com seu tipo assustador melhor do que o dos Falcone.

— É — Murmurou Adamo, depois ficou sério, seus olhos castanhos hesitavam. — Nino é legal com você?

Fiz um bico. Legal não era bem um termo que eu usaria com Nino.

— Ele…

— Está aqui — Falou Nino, me fazendo dar um pulo, assim como Adamo.

Eu me virei em direção à sua voz. Ele estava apoiado no batente da porta, alto e frio, com os braços musculosos cruzados. Pela primeira vez, estava com as mangas da camisa arregaçadas, revelando suas tatuagens.

— Você deveria estar fazendo o dever de casa ou trabalhando em suas habilidades com a faca — Falou Nino, afastando-se da parede e

vindo em nossa direção.

Adamo projetou o queixo, mas não protestou.

— Tchau, Kiara — Resmungou ele antes de sair pelas portas de correr.

Nino apoiou os quadris no piano como sempre fazia e meus olhos absorveram o jeito que sua calça destacava suas pernas musculosas, o jeito que sua camisa se grudava ao seu torso.

— E eu estou sendo *legal* com você?

Assenti, mas não conseguia parar de olhar para ele e me lembrar da sua sugestão de hoje de manhã.

— Quer ir para o nosso quarto explorar? — Perguntou tranquilamente.

Apesar do calor no meu rosto, concordei. Nino se levantou e estendeu a mão para mim, e, como sempre, a aceitei. Seus dedos curvaram-se levemente em volta da minha mão, mas de um jeito que sugeria que eu poderia tirá-la a qualquer momento. Respirando fundo, me levantei do banco, assustando-me ligeiramente quando seu polegar pressionou meu pulso. Por que ele sempre faz isso?

Meus olhos passearam pelo seu antebraço musculoso e tatuado enquanto o seguia para o andar de cima. Assim que entramos no nosso quarto e meus olhos pousaram na nossa cama, meu pulso começou a acelerar nas minhas veias.

Nino olhou para mim.

— Medo ou excitação… ou os dois?

— Como? — Perguntei confusa.

Ele pressionou o polegar no meu pulso. — Seu pulso acelerou.

— É por isso que você sempre me toca aí?

— É um bom indicador do seu humor, e me ajuda a descobrir suas emoções, combinadas com sua expressão e sua respiração.

Eu ri, depois fiquei quieta quando ele me levou para perto da

cama. Nino ergueu uma sobrancelha.

— Os dois — Admiti.

Ele se sentou na cama, me puxando para poder ficar à sua frente.

— Seria bom se pudéssemos conseguir diminuir uma coisa e aumentar a outra.

— Qual você gostaria de aumentar? — Questionei no mesmo tom científico que ele usou.

Ele contraiu a boca. — Bem — Começou ele com a voz baixa. —, o medo seria mais fácil de aumentar do que a excitação, você sendo você e eu sendo eu, mas prefiro tarefas difíceis. Qual você prefere?

Ele levantou minha mão devagar para seus lábios, sem deixar de me olhar nos olhos, e depositou um beijo de boca aberta no meu pulso, depois passeou com a língua por ali.

Um leve arrepio correu pela minha espinha. Como era possível eu conseguir sentir tudo isso no meio das minhas pernas?

Ele me encarou atentamente. — Medo?

Balancei a cabeça, minha língua estava pesada.

— Os dois?

Refleti sobre isso e balancei a cabeça hesitante.

Os olhos de Nino ficaram ainda mais atentos. — Tem certeza?

Eu não tinha, porque ele invocava sensações no meu corpo que nunca senti, mas o formigamento entre as minhas pernas havia aumentado e eu me sentia quente e molhada lá embaixo.

— Não.

Nino assentiu. — Vamos tentar mudar isso. Certo?

Deus do Céu, ele parecia tão seguro de si, como se simplesmente soubesse que faria bem para mim.

*

NINO

A frequência cardíaca de Kiara acelerou novamente.

— Tudo bem.

Soltando sua mão, fui até a gaveta da minha mesa de cabeceira e peguei as algemas que guardava ali.

Kiara soltou uma risada sufocada. Uma análise rápida do seu rosto me disse que ela estava nervosa.

— Eu não costumo ter algemas na minha gaveta — Falei antes que ela pudesse tirar conclusões que a perturbariam. Nunca vi o apelo de me conter desse jeito e preferia dominar na cama, então, nunca permiti que uma mulher o fizesse, e o contrário teria feito pouco sentido porque eu não precisava de algemas para conter ninguém. — Eu as coloquei ali depois que conversamos hoje de manhã.

Kiara mordeu o lábio, porém, não reagiu de nenhuma outra forma.

— Posso algemar uma das minhas mãos na cabeceira. O que me diz? Isso lhe dará uma sensação de segurança, não acha?

— Acho que sim — Respondeu hesitante.

— Quer que eu tire a minha roupa?

Ela balançou a cabeça rapidamente. — Não.

Encarei-a atentamente. — Kiara. Não precisamos fazer isso.

— Eu quero. Só estou um pouco aflita pela situação, só isso.

Assenti e voltei para a cama até minhas costas repousarem na cabeceira e, depois, algemei minha mão esquerda a ela.

Kiara não se mexeu.

— O que você gostaria de fazer primeiro?

Ela corou, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Eu não sei. O que você sugere?

Ela estava enviando sinais confusos. Por um lado, estava com medo de perder o controle, mas, por outro, precisava que eu o assumisse.

— Que tal começarmos nos beijando?

Seus olhos correram para os meus lábios, o rubor em suas bochechas ficou mais intenso quando ela concordou. Ela subiu na cama. Tentei me sentar o mais relaxado possível, com as pernas cruzadas na altura dos tornozelos e meu braço livre no colo enquanto a observava. Olhando para o meu rosto, ela se aproximou até estar ajoelhada ao meu lado, encostando os joelhos no meu quadril.

Eu não me mexi.

Ela expirou suavemente. — Nunca fui beijada.

— Confie em mim, Kiara, não é difícil.

Ela me lançou um olhar que não consegui decifrar. — É fácil para você falar. Quantas mulheres você já beijou?

Não conseguia enxergar por que isso tinha alguma relevância.

— Cento e doze. E não beijei todas que fodi.

Ela se engasgou. — Você já transou com mais de cem mulheres?

— Sim. Comecei tarde em comparação a Remo e Savio. Minha primeira mulher foi com quase quinze anos.

— Então, tive minha primeira vez antes de você — disse ela com amargura, engolindo em seco e olhando para a cama.

Levantei minha mão e ergui seu queixo para ver sua expressão.

— Você ainda não teve sua primeira vez. O que você teve não conta. O que você vai fazer não tem absolutamente nada a ver com o que vivenciou.

Seus olhos marejaram e eu abaixei a mão, sem saber se minhas palavras a haviam chateado, mas ela deslizou mais para perto e levou uma mão ao meu ombro hesitantemente.

— Como consegue dizer coisas que me fazem sentir melhor

quando nem entende o que sinto?

— Só estou constatando os fatos. Só isso.

Ela riu. — *Fatos.*

Então, ela abaixou o olhar para a minha boca e lambeu os lábios. Duvido que ela tenha percebido, porém, a visão teve um efeito imediato no meu pau.

— Você vai me beijar? — Perguntei.

Ela assentiu, mas não se mexeu.

— Kiara, se quiser estar no controle, precisa assumir o controle de verdade.

Ela era o tipo de mulher que eu julgava submissa na cama e, sob circunstâncias normais, eu teria conduzido naturalmente, contudo, por ela estar presa às lembranças do estupro, isso teria terminado mal.

Ela, enfim, se inclinou para frente e encostou os lábios nos meus, fechando os olhos. Eu preferia que ela os mantivesse abertos para eu ter a chance de lê-la, no entanto, deste jeito, não tive escolha a não ser confiar que ela recuaria se algo a perturbasse.

Seus lábios eram muito macios e a pressão foi leve, quase inexistente, como o beijo no dia do nosso casamento. Resistindo ao impulso de puxá-la para mim e lhe mostrar como seria a sensação de um bom beijo, deixei-a estar no controle. Depois de um instante, ela se afastou com uma ruga na testa, ficando vermelha.

— É estranho porque você não está se mexendo.

— Quero que você esteja no controle.

— Tudo bem se você tomar a iniciativa e conduzir, porque sabe o que fazer e eu não, e isso está me deixando nervosa.

Eu a encarei, sem saber o que ela precisava exatamente que eu fizesse.

— Nós me prendemos para que você se sentisse no controle.

— É, e tudo bem quanto a isso, mas quero que você me beije

como costuma fazer.

— Normalmente, eu conduzo.

Ela mordeu o lábio mais uma vez. Nervosismo. Peguei seu pulso e pressionei o polegar nele. Ela soltou uma gargalhada.

— Você pode conduzir… quero dizer, você pode conduzir sem ser dominante e violento.

— Eu não serei violento com você, Kiara. E, se em algum momento você sentir que estou sendo dominante demais, me diga e eu vou adaptar meu comportamento, certo?

Ela sorriu ligeiramente, mas sua pulsação acelerou mesmo assim. Ela era muito difícil de ler.

— Podemos tentar de novo?

— Claro que sim. Vou tocar nas suas costas.

Novamente, um disparo na sua frequência cardíaca. Soltei seu pulso e coloquei a mão na sua lombar, esfregando levemente com o meu polegar. Suas bochechas estavam coradas e sua pele era macia sob meu toque. Ela se inclinou ligeiramente para frente, até seus lábios quase tocarem os meus.

Decidindo ver se o fato de eu conduzir funcionaria, prendi os lábios dela nos meus, aplicando mais pressão do que ela e cutuquei seus lábios com a minha língua. Ela os abriu sem hesitar e eu entrei. Seu gosto e o calor suave da sua boca foram direto para o meu pau. Ela se submeteu ao beijo sem hesitar, me acompanhando.

Ela cedeu com tanta facilidade aos meus comandos, tão prontamente, que eu soube que ela continuaria a fazer isso se fôssemos mais longe, o que me fez querer fazer exatamente isso, mas me contive.

Ampliei minhas carícias em suas costas, esfregando sua coluna. Ela emitiu um som baixo no fundo da garganta, intensificando o aperto em meus ombros. Sua outra mão estava no meu peito, arrastando no meu mamilo e eu a beijei com um pouco mais de intensidade.

Movimentando minha mão livre pelas suas costas, quis segurar

sua cabeça, mas assim que toquei em seu pescoço e meus dedos deslizaram pelas ondas escuras dos seus cabelos, ela se afastou.

— Não — Sussurrou depressa.

Tirei a mão, vendo resquícios de pânico em seu rosto. Não era um tipo de toque que eu considerava problemático, por isso, sua reação me surpreendeu.

— Seus cabelos?

Ela assentiu rapidamente. — E o pescoço. — Ela engoliu em seco. — Meu tio… ele me segurava por aí… Ele me prendia lá embaixo quando me obrigava a… — Ela olhava para mim com desespero. Não tive nenhuma dificuldade em ler isso em sua expressão e não precisei tocar em seu pulso para saber que estava acelerado, porque ela se lembrou como o filho da puta do tio a havia obrigado a chupar seu pau quando ela era apenas uma criança. E, mais uma vez, desejei ter prolongado sua tortura. Ele sofreu profundamente sob as minhas mãos e as de Remo, e, no entanto, não parecia o suficiente.

— Eu entendo — Falei.

Ela estremeceu impotentemente e, depois simplesmente caiu para frente, me pegando de surpresa ao encostar o rosto no vão do meu pescoço e começar a tremer. Coloquei a mão em suas costas e seu tremor piorou. Então, algo molhado atingiu a minha pele. Ela estava chorando.

— Kiara?

Ela se agarrou aos meus ombros e eu a envolvi com meu braço livre. Ela se pressionou com mais força ainda em mim. Deixei-a chorar o quanto queria. Talvez isso a ajudasse. Afastando-se, ela me beijou suavemente, seus olhos me sondavam como se ela estivesse procurando alguma coisa. Retribuí o beijo, sentindo o gosto de suas lágrimas.

— Desculpe — disse ela depois de um momento.

— Pelo quê?

— Por ter ficado emotiva. — Ela suspirou e fechou brevemente os

olhos. Depois, os abriu de novo e acenou em direção à algema. — Onde está a chave?

— Na gaveta.

Ela se debruçou sobre mim, me dando uma visão da sua bunda firme e redonda. Meu corpo definitivamente reagiu com vigor aos seus dotes. Ela abriu a algema.

— Acho que vou tomar um banho.

Não a impedi de se retirar para o banheiro.

Pelo contrário, saí e fui para a sala de jogos. Remo estava lá, esparramado no sofá, assistindo às últimas lutas no Roger's Arena.

Ele olhou para mim quando me joguei na poltrona, peguei a garrafa de *bourbon* na mesa e servi um copo.

Remo acenou com a cabeça para o meu pulso, que tinha marcas vermelhas por causa das algemas de metal.

— O que aconteceu aí? Já está ficando pervertido com sua esposa?

— Kiara tem medo da minha força física, então, me algemei na cama.

Remo se recostou com as sobrancelhas erguidas. — Como se isso fosse te deter.

— Não deteria, mas ela se sente mais segura e é sobre isso. Ela precisa se sentir confortável perto de mim.

Remo estreitou o olhar. — Quer dizer que você ainda não trepou com ela?

Dei um gole no meu *bourbon*. — Não fomos além do beijo, então, não.

Remo ficou calado por um segundo e isso nunca era um bom sinal.

— Você tem a paciência de um santo. Quer que chame alguém para te entreter?

— Concordei em não procurar mais outras mulheres.

Remo riu. — Certo. — E ficou sério. — Você está falando sério?

— Estou.

— Está tentando se tornar um cara certinho?

— Não tenho nenhuma intenção nesse sentido.

Remo balançou a cabeça. — Primeiro Fabiano, agora você. Por que todo mundo está sendo dominado por uma boceta?

— Eu não tenho tocado na boceta dela, então, o termo que você usou é equivocado.

— Ah, vai se foder, Nino. Não dê uma de espertinho. Você acha mesmo que pode fazer um casamento dar certo? Mesmo que não foda outras mulheres, não vai ser um marido carinhoso, e você sabe disso.

Dei de ombros. — Eu sei, mas, por enquanto, vou dar uma chance a ele e ver para onde isso me leva.

— Então, isso é algum tipo de experimento científico para você?

— Pode ser.

Era algo novo, algo que nunca vivenciei e não podia dizer como lidar com isso em longo prazo, mas estava curioso e Kiara queria que esse casamento fosse de verdade.

CAPÍTULO 16

KIARA

Não consegui dormir depois do beijo. Minha mente o reproduzia. A boca de Nino era tão quente e suave. Não era nada como o que eu havia imaginado, nada como eu temi. Ele conseguia me surpreender todos os dias e o havia feito desde a noite do nosso casamento.

A porta se abriu e alguém entrou. Abrindo os olhos, dei uma olhada pela fresta no cobertor. Eu o havia puxado até minhas orelhas porque me sentia mais segura assim. Deixei a luz do banheiro acesa, porque a escuridão ainda tinha poder sobre mim. Pude ver a figura alta de Nino no brilho aconchegante.

Meu rosto aqueceu quando seus olhos pousaram em mim. Eu tinha corrido para o banheiro depois do nosso beijo, mas não por causa dele. Fiquei envergonhada pela crise, por ter chorado nos braços de Nino. Eu precisava de tempo para me controlar. Para um homem tão controlado e sem emoções como Nino, estar casado comigo devia ser uma tarefa particularmente difícil. No início, tinha certeza de que meu casamento com Nino era um castigo pelos atos do meu pai, mas, agora, eu tinha quase certeza de que era ele que poderia ter feito um acordo melhor.

— Está tarde — Murmurou.

— Não consigo dormir.

Ele assentiu antes de ir para o banheiro e fechar a porta. Quase nenhuma luz vinha do banheiro pela fresta estreita embaixo da porta, mas me concentrei nela e ouvi o barulho da água corrente.

Depois de alguns minutos, Nino saiu, só de cueca. Eu sabia que ele preferia dormir nu e agora só vestia roupas à noite para me deixar à

vontade. Mesmo em sua própria cama, ele tinha que se conter por minha causa. Ele apagou a luz do banheiro e se aproximou de mim no escuro.

Meu pulso acelerou quando o colchão afundou sob seu peso – mas por motivos diferentes do que no passado. Como seria se eu simplesmente me aproximasse e o beijasse? Sem aviso, sem algema. Apenas meus lábios tocando os dele, meu corpo encostado ao dele. Como seria ser livre para agir de acordo com os meus desejos? Como seria não estar acorrentada ao passado?

— Você está bem? — Perguntou Nino.

Como ele podia saber? Ele não tocou meu pulso, então minha pulsação não poderia ter me entregado.

— Por que pergunta?

— Porque sua respiração se alterou. Isso costuma ser um sinal de que algo está te incomodando. É por causa do nosso beijo?

Hesitei, imaginando o que dizer, mas optei pela verdade. — É.

— Mudou de ideia sobre os aspectos físicos do nosso casamento?

Eu queria saber o que ele estava pensando. Ele disse que me queria, mas talvez o meu beijo e o rompante de choro que tive em seguida o tenham feito mudar de ideia.

— Não, eu gostei do nosso beijo —Admiti.

— Que bom.

Não era a resposta que eu esperava. Será que ele também tinha gostado? Será que queria me beijar de novo?

— Quer dar outro beijo?

Às vezes, era assustador como ele conseguia me ler tão fácil, mesmo no escuro, mesmo sem entender minhas emoções. O funcionamento interno do cérebro de Nino era totalmente inexplicável para mim.

— O que você quer?

Ele ficou calado. — Falando de beijo ou em geral?

— Em geral — Sussurrei, meu estômago contraiu de nervoso.

— Me dê seu pulso — Pediu ele e eu obedeci. Seu polegar pressionou meu pulso e eu tive que reprimir uma risada. Ela logo cessou quando ele começou a falar com aquela voz grossa e baixa.

— Eu quero *você* em todos os sentidos. Quero te beijar, é claro. Quero te mostrar o prazer, Kiara. — Meu pulso acelerou com cada palavra. — Quero te dar um orgasmo com a minha boca e com os meus dedos. Quero sentir o seu gosto em todos os lugares e quero… dormir com você.

Percebi que ele quis usar um termo diferente, mas ele escolheu suavizar suas palavras para o meu bem. Meu peito se aqueceu diante da sua consideração. Apesar de quem era, Nino sempre representaria segurança para mim.

— Eu sei todos os pontos do seu corpo que vão aumentar sua excitação. Se você deixar, vou te fazer gozar várias vezes.

Engoli em seco audivelmente. Meu centro de prazer pareceu liquefazer, latejando com uma necessidade que eu mal conseguia entender.

Ele bateu no meu pulso. — Medo?

Eu ri de nervoso porque, neste exato momento, o medo era apenas uma leve centelha no canto da minha consciência.

— Não — Admiti com o sussurro mais suave.

Nino esperou pacientemente que eu falasse mais alguma coisa. Quando meus olhos se acostumaram ao escuro, consegui distinguir o contorno de seus ombros fortes. Ele estava de frente para mim, respirando calmamente, relaxado. Aquelas palavras… será que não o afetaram?

— Excitação?

Assenti, sem ter certeza se ele conseguia ver.

— Que bom — Veio sua voz baixa.

Eu estremeci. — E você?

— Está me perguntando se estou excitado?

Assenti.

— Estou — disse ele.

Minha pulsação começou a acelerar de verdade.

— Kiara?

— Os dois — Falei depressa, porque eu estava tanto com medo quanto excitada por sua admissão.

— O que posso fazer para tirar seu medo?

— Nada — Falei, porque lá no fundo eu sabia que era uma batalha que eu precisava lutar sozinha. — Mas quero tentar alguma coisa.

— Tudo bem — Respondeu devagar.

— Podemos nos beijar sem você estar preso?

— Claro que sim. Agora?

— É — Falei baixinho e deslizei um pouco mais para perto dele, até seu hálito quente soprar no meu rosto, e a quantidade de calor irradiando do seu corpo me dizia o quanto ele era grande, o quanto ele era mais alto e mais forte.

Percebi álcool em seu hálito, algo defumado e picante.

— Você está com cheiro de… *bourbon*?

— Tomei um copo. Mas não precisa se preocupar. Não é o bastante para diminuir minhas inibições. Nem perto disso.

— Não estou preocupada com isso.

Eu me aproximei até seu rosto aparecer bem na minha frente, e então reduzi a distância que restava entre nós e encostei meus lábios nos dele. Ele esperou alguns segundos antes de aumentar a pressão, e sua língua escorregou por entre meus lábios, explorando a minha boca.

As pontas dos seus dedos subiram pelo meu pulso, acariciando a pele macia do meu antebraço, o vão do meu cotovelo, depois uma pouco mais para cima, voltando a descer. Finalmente, seu polegar chegou ao meu pulso outra vez.

Ele fazia isso porque precisava me ler melhor, se certificar de que perceberia quando eu ficasse angustiada ou com medo. Essa constatação fez algo estranho ao meu coração.

Nós nos beijamos por um bom tempo e eu comecei a sentir um calor entre as minhas pernas. Os beijos de Nino eram incríveis, arrebatadores; ele conduzia com facilidade sem me fazer sentir como se estivesse sob seu controle. Sua respiração ficou ligeiramente mais pesada quando sua boca deslizou sobre a minha, e a fricção enviou uma nova onda de calor ao meu centro de prazer. Eu me contorci, contraindo minhas coxas. Se Nino percebeu, não reagiu, mas apertou com mais força o meu pulso.

Coloquei minha mão livre em seu peito nu e senti seus músculos flexionarem sob meus dedos. Sua pele estava coberta de cicatrizes e eu comecei a tracejá-las com curiosidade até acidentalmente passar pelo seu mamilo. Ele gemeu na minha boca, se contorcendo levemente, e o movimento fez algo duro se enterrar na minha coxa.

Congelei encostada nele. O medo e a minha excitação travavam uma batalha no meu corpo. Ele me disse que estava excitado, mas sentir tornava as coisas mais reais.

Ele parou de me beijar e respirou fundo.

— Me diga como se sente.

— Eu estou bem.

— Isso não é um sentimento.

— Eu estou me sentindo bem — Falei novamente com mais força. — Só estou assustada.

— Talvez devêssemos parar, então.

Eu não queria parar, mas talvez Nino estivesse certo. Mesmo que meu corpo gritasse pedindo mais, eu não tinha certeza se poderia

aguentar. Eu me senti… angustiada de novo.

— Você tem razão.

Ele soltou meu pulso e se pôs de costas, afastando-se de mim. Um buraco se abriu no meu estômago. Engoli em seco mais de uma vez. Eu sabia que havia dito a Nino que não precisava que ele fingisse afeto, mas talvez eu estivesse errada.

Nino virou a cabeça em minha direção.

— Você está chateada de novo.

Eu não sabia como ele percebeu desta vez. Talvez a minha respiração tivesse mudado de novo.

— Eu… eu mudei de ideia em relação a fingir afeto. — Eu estava atravessando um caminho perigoso. Eu não queria viver uma mentira, mas era tudo o que eu teria com Nino. Talvez fingir afeto fosse melhor do que nada.

— Tudo bem — Respondeu calmamente. Ele virou o corpo em minha direção. — Quer dormir nos meus braços?

Minha garganta fechou. Não respondi e ele chegou mais perto de mim. Ele colocou um braço em volta do meu ombro e me puxou para si. Seu toque era leve, nada como uma jaula, sempre atencioso. Lágrimas idiotas apareceram em meus olhos quando repousei o rosto no seu peito forte. Seu coração batia num ritmo calmo. Será que ele nunca acelerava? Será que ele nunca apertava quando olhava para mim como às vezes acontecia com o meu quando eu olhava para ele, ou como aconteceu quando me dei conta de que ele sempre tocava meu pulso para se certificar de que eu estava bem.

*

Quando acordei na manhã seguinte, Nino não estava mais lá. Já havia passado das 9h, então, não fui vê-lo nadar na piscina. Fiz a minha rotina diária, vesti um short e uma blusa simples e desci. Atravessei a parte principal da casa e fui para a cozinha. Depois de preparar um mingau de aveia rápido para o café da manhã, resolvi comer lá fora para poder aproveitar o clima maravilhoso. Quando estava saindo, o som de

um videogame me atraiu para a sala de jogos. Adamo estava lá outra vez, concentrado numa corrida de carros na tela gigantesca na parede.

— Oi, Kiara — disse ele sem tirar os olhos do jogo. — Fabiano trouxe Leona hoje. Ela está no jardim, tomando banho de sol.

— Por que ninguém me falou?

Ele me olhou estranho.

Sorri para ele.

— Deixa pra lá. Aproveite seu jogo.

Saí correndo pelas portas de correr e desci o caminho para a piscina e as espreguiçadeiras. Como Adamo dissera, Leona estava deitada em uma delas, lendo um livro. Algo sobre a história da Suprema Corte. Ela ergueu o olhar sorrindo quando me aproximei, e colocou o livro na mesinha ao seu lado.

— Não parece uma leitura leve — Falei, sentando-me nunca cadeira em frente a ela, prendendo a minha tigela de mingau entre as coxas.

— Não é, mas quero me preparar para a faculdade. Vou começar em alguns meses e não quero estar totalmente sem noção. E você? Já pensou em fazer faculdade?

Franzi a testa. Fui criada para ser esposa e mãe.

— Para ser honesta, sempre quis apenas ser mãe — Falei calmamente. — Quero cuidar de uma família. Crianças agitadas que encham a casa de vida e risos. — Talvez isso seja uma coisa que desejo porque nunca tive uma família assim. Amor incondicional era algo que só as crianças poderiam oferecer no nosso mundo.

— Tudo bem também — disse Leona sorrindo. Então, sua testa enrugou.

— O que foi?

— Estou tentando imaginar Nino sendo pai e Remo, tio… — Ela balançou a cabeça — Mas não consigo. Eles não fazem o tipo família. Quero dizer, eles são próximos como irmãos, mas de outra forma… não.

Eu sabia o que ela queria dizer. Nino e seus irmãos eram mais do que próximos. Eram um só. *Somos nós contra o mundo.* Ele devia querer continuar morando com eles mesmo se tivéssemos filhos. Crianças agitadas e barulhentas perto de Remo? Isso definitivamente era algo que me deixava desconfiada. Dei de ombros.

— Não é como se fôssemos ter filhos logo. — Apontei para o meu mingau. — Quer um pouco? Fiz mais do que consigo comer.

— Já tomei café da manhã com Fabiano.

Assenti e comi uma colherada. Por algum motivo, eu não estava mais com fome.

— Como estão indo as coisas entre você e Nino?

Meu rosto esquentou quando tentei formular uma resposta.

— Melhor do que achei que seriam. Ele está sendo muito atencioso.

Leona arregalou os olhos. — Sério?

Dei uma risadinha diante da sua expressão. — Sério. Digo, fica claro que não é fácil para ele entender minhas emoções, mas faz o melhor e é só o que eu peço.

— Eu admiro sua força. Sinceramente, Nino me assusta demais, quase tanto quanto Remo.

Sorri, porque a entendia muito bem. — Eu sei. E Remo ainda me assusta. Não acho que isso vai mudar algum dia. Tem alguma coisa tão… descontrolada em relação a ele.

— Descontrolado é um eufemismo — Afirmou Leona. — Pelo jeito que ele governa Vegas… — Ela suspirou.

— Eu não sou casada com ele. Acho que isso deve ser uma benção.

— Espero mesmo que ele nunca encontre uma pobrezinha com quem queira se casar.

Eu não conseguia imaginar Remo sossegando por uma mulher.

Talvez seria apenas pela adrenalina da conquista ou pela satisfação de destruí-la. Eu estremeci e me livrei de qualquer pensamento em relação a ele.

— O seu Fabiano não é menos assustador do que Nino. Você nem sequer cresceu perto de homens como ele, no entanto, está com ele. Ele é o *Executor.*

Leona se sentou com uma expressão pensativa.

— Eu sei que o que ele faz, que o que todos eles fazem é errado, mas eu o amo. Não consigo evitar. Ninguém nunca foi bom comigo, mas ele é. Talvez eu seja egoísta.

Pousei minha tigela de mingau e peguei a mão ela, apertando.

— Não precisa justificar seu amor. É uma coisa pura e linda, e tenho certeza de que tudo acontece por um motivo. Às vezes, simplesmente não entendemos o porquê.

Seus olhos azuis procuraram os meus. — O que você sente por Nino?

Eu não tinha certeza. Gratidão. Afeto. E, às vezes, algo mais caloroso e profundo, que me assusta.

— Me apaixonar por Nino seria tolice. Ele não pode retribuir meus sentimentos, independentemente de quais sejam.

— O amor tende a nos transformar em tolos — disse Leona calmamente, porém encerrou o assunto e se recostou na espreguiçadeira.

Decidi me deitar também, mesmo não estando de maiô como Leona. Ao refletir sobre a minha situação, eu não tinha intenção nenhuma de me tornar esse tipo de tola. Apaixonar-me por alguém sem emoções seria um erro terrível.

*

No início da noite, eu estava de volta ao piano, ajustando minha música, quando Nino entrou. Meus dedos tropeçaram nas notas seguintes. Ele estava vestido apenas com um calção de luta, sua pele

coberta com um fino brilho de suor que fazia suas tatuagens se destacarem ainda mais. Meus olhos desceram pelo seu abdômen definido, seguindo pelos seus braços musculosos e suas mãos fortes enroladas com uma fita branca. Estavam vermelhas em alguns lugares. Desviei o olhar depressa, claro que foi tarde demais, porque Nino me encarou com uma expressão de quem havia percebido. Felizmente, ele não falou nada.

— Remo está pedindo pizza para nós. Vou tomar um banho, depois, podemos ir para lá.

— Claro — Respondi devagar. — Não sei se Remo gosta de mim por perto o tempo todo quando vocês estão jantando.

Nas últimas semanas que se passaram, eles estiveram cada vez mais ocupados planejando o ataque à *Outfit*, por isso, eu frequentemente jantava com Leona na nossa ala ou até mesmo com Adamo, que ainda não se envolvia nos negócios da Camorra. Além disso, por duas vezes, Nino me levou para jantar fora. Felizmente, passar as noites com todos os irmãos Falcone era um evento raro.

Nino inclinou a cabeça. — Você é minha esposa. Você é da família. Ele pode lidar com isso.

Meus olhos desceram para o peitoral dele outra vez, imaginando como seria explorar cada centímetro da sua pele com minhas mãos. Havia tocado apenas brevemente em seu peito.

Algo na expressão de Nino mudou e ele pairou em minha direção. Não havia mesmo nenhuma outra maneira de descrever seus movimentos. Ele se pôs de cócoras ao meu lado para que ficássemos praticamente olho no olho enquanto eu estava sentada no banco do piano. O ar ficou preso na minha garganta quando sua boca se curvou num sorriso e seus olhos refletiam calor.

Meu Deus, ele era tão bom em fingir afeto. Bom demais. Isso seria minha ruína, eu sabia, mas não conseguia lhe dizer para parar. Seu cheiro me inundou, suor masculino e algo que era apenas de Nino.

Minha respiração acelerou, assim como o meu pulso. Nino pegou a minha mão, que estava relaxada na minha coxa, e pressionou o

polegar no meu pulso. Depois, ele a levou ao seu rosto e depositou um beijo na palma da minha mão, sem tirar seus olhos cinza do meu rosto. E eu olhava para ele também. Aquele rosto lindo, sempre perfeitamente frio, agora cheio de uma ternura conscientemente criada. Mesmo sabendo que era uma mentira, uma mentira que poderia me destruir no final, inclinei-me para frente e o beijei, porque ao receber aquele olhar terno dele, eu precisei me aproximar mais.

Ele retribuiu o beijo e tocou em meu rosto com sua mão calejada. Sem querer que percebesse o que isso fazia comigo, fechei os olhos. Se eu quisesse que isso desse certo, precisava ou aceitar a verdade de que Nino estava fingindo suas emoções para mim ou teria que tentar fingir que elas não eram falsas. Eu sabia que a última opção seria mais fácil, porque Nino era assustadoramente bom em simular.

Afastando todos os pensamentos da minha mente, me permiti mergulhar no beijo de Nino, em sua proximidade e em seu cheiro, e meu corpo ganhou vida. Quando Nino se afastou, meu rosto estava corado e eu, ofegante. Seu polegar acariciava levemente meu pulso e o leve toque passeou por cada parte do meu corpo. Ele não era bom apenas em simular as emoções, ele era bom nisso também. Gênio e monstro.

— Podemos explorar mais um pouco depois do jantar se você quiser. — Sua voz era profunda e rouca.

Assenti fracamente, sem confiar que minha voz sairia diferente de um guincho. Nino beijou a palma da minha mão mais uma vez antes de se levantar, me dando uma visão do volume em seu calção, antes de se virar e subir para tomar banho. Meus olhos seguiram suas costas musculosas e tatuadas, seus quadris estreitos e sua bunda firme.

Encostei meus dedos trêmulos nas teclas do piano. Onde eu parei? Não conseguia lembrar. Em vez disso, transformei meu estado emocional atual em música. Era rápido e imprevisível, mas, no fim, a melodia se acalmou, assim como meu coração. Encontrei meu caminho de volta à música em que vinha trabalhando antes de Nino chegar. A cada minuto que se passava, eu relaxava mais.

— Você já está trabalhando nela há um tempo — Comentou.

Eu dei um pulo. Como de costume, ele se movimentou tão

silenciosamente que não o ouvi se aproximar. Agora, ele estava encostado na parede com as mãos nos bolsos. Ele vestia uma camisa branca justa que acentuava seus músculos e mostrava os contornos escuros de suas tatuagens por baixo.

— Você reconhece essa música? — Perguntei surpresa.

— Tenho um bom ouvido e uma boa memória.

— Existe alguma coisa em que não seja bom?

Eu me levantei e fui até ele. Seus olhos permaneceram nas minhas pernas nuas, depois subiram, detendo-se brevemente no meu peito antes de pararem no meu rosto. Um calor inundou o meu corpo. Não foi a primeira vez que percebi ele me olhando desse jeito.

— Algumas coisas — disse tranquilamente, estendendo a mão. Coloquei a minha na dele sem pensar duas vezes. — Venha. Remo vai ficar insuportável se a pizza esfriar.

— E não é sempre?

A boca de Nino contorceu. — Ele vai ficar ainda mais insuportável.

— Nós não queremos isso. Um dia desses, ele vai fazer de você um viúvo.

Nino apertou a minha mão. — Você é a mulher mais segura da cidade. Confie em mim.

Enquanto íamos para a parte principal da mansão, arrisquei um olhar esporádico para o rosto dele. Ele não parecia exatamente sem emoções, estava mais para relaxado.

Ele olhou para mim. — Está tudo bem?

Assenti depressa, contente por termos chegado na sala de jogos onde Savio e Remo já estavam nos esperando. Como sempre, o jantar não seria na sala de jantar numa mesa adequada e, sim, no sofá com caixas de pizza espalhadas desordenadamente pela mesa da sala de estar.

Na tela grande da televisão, passava uma luta. Remo estava sentado em um sofá e Savio no outro. Nenhum dos dois estava usando

blusas. Estava quente lá fora, mas eu queria realmente que eles tivessem optado por usar mais do que apenas calças de moletom. Diferente de Nino, eles não tinham nenhuma tatuagem no torso, apenas a marca da Camorra em seus antebraços e o anjo de Remo nas costas.

Ainda não haviam começado a comer.

— Onde está o garoto? Ele está me enlouquecendo — Resmungou Remo, depois gritou: — Adamo, traga esse rabo aqui para baixo. A pizza está esfriando.

Eu havia comido mais pizza na minha vida de casada com Nino do que na minha vida inteira antes dele. Nino me conduziu em direção ao sofá de Remo, mas, felizmente, ele se sentou ao lado do irmão. Os sofás eram enormes, então, não precisávamos nos sentar muito perto, e, no entanto, sentar-me ao lado de Remo teria sido demais. Nino soltou a minha mão e pegou uma cerveja da seleção que estava sobre a mesa.

Olhei para as cinco pizzas gigantes. Estava bem claro qual delas era a minha. Espinafre, queijo feta, tomates… a única sem nenhum tipo de carne.

Passos soaram descendo os degraus e, logo depois, Adamo apareceu na sala de estar. Sem cumprimentar ninguém, ele pegou uma fatia de pizza, se jogou ao lado de Savio e começou a comer.

Remo balançou a cabeça, porém, também pegou uma fatia de pizza. Todos eles dividiam as pizzas, claro que nenhum tocava na minha. Peguei uma fatia cuidadosamente e olhei em volta, procurando pelos guardanapos que o serviço de entrega costumava mandar junto, mas não encontrei.

— Tem guardanapo? — Perguntei, mas recebi olhares vazios.

— Acredito que tenhamos um pouco no bar — disse Nino. Ele estava prestes a se levantar, mas fui mais rápida. Virei a cabeça para o bar.

— Ela tem uma bela bunda, é só não a esconder debaixo das roupas — Comentou Savio.

Enrijeci, mas continuei andando.

— Cuidado — Murmurou Nino com uma voz que fez os pelos da minha nuca eriçarem.

— Ela não é uma das suas putas, Savio. Ela é de Nino e é melhor você se lembrar disso da próxima vez que abrir a porra da boca — Resmungou Remo.

— Caralho. Não fique todo irritadinho — Falou Savio.

Relaxando, encontrei um punhado de guardanapos perto de alguns copos sujos de *whiskey*, peguei-os e voltei, esperando que meu rosto não estivesse vermelho. O olhar atento de Nino percorreu meu rosto quando me sentei ao lado dele. Coloquei os guardanapos na mesa e um no meu colo, antes de pegar minha fatia de pizza.

— Savio está arrependido, sabia? Ele é um idiota estúpido — Falou Adamo, prendendo meu olhar do outro lado da mesa com um sorriso. Sorri de volta.

— Ah, cala a boca — Queixou-se Savio.

Encontrei seu olhar. Seus olhos sombrios continham desconfiança, mas também curiosidade. Ele ainda me via como uma intrusa. Eu entendia isso. E com exceção de Remo, ele mostrava isso abertamente. Era uma das poucas coisas que me lembravam de que ele era dois anos mais novo do que eu.

Dando outra mordida na pizza, fiquei agradecida quando a atenção voltou para a luta na televisão, a qual eu estava tentando ignorar. Eu sabia que Leona havia trabalhado lá por um tempo e eu me perguntei como ela conseguia suportar a violência.

— Onde está Fabiano? — Perguntou Adamo com a boca cheia.

— Com Leona — Respondeu Nino simplesmente.

Savio revirou os olhos. — Cachorrinho.

Depois da terceira fatia, eu estava cheia. Havia sobrado mais da metade da pizza. Os homens haviam devorado até o último pedaço da comida deles, é claro.

— Podem comer a minha pizza se ainda estiverem com fome —

Sugeri.

Quatro cabeças se viraram em minha direção.

— Não tem nada morto aí — Observou Savio.

— Podemos mudar isso num segundo — Respondeu Nino secamente.

— Tenho certeza de que tem alguns membros de que você não precisa — Acrescentou Remo, trocando um sorriso com Nino.

Savio bufou: — Se alguma coisa vai entrar nessa pizza, é o pau do Adamo. Ele não usa mesmo.

Adamo corou, olhando para mim antes de fazer uma careta para o irmão. Eles provavelmente teriam começado a brigar se eu não estivesse ali.

— Está deliciosa. Não precisam colocar membros nem outras partes do corpo, acreditem — Falei antes de as coisas saírem do controle.

Nino deu de ombros e pegou uma fatia, dando uma grande mordida e um aceno satisfeito.

— É comível.

Bufei. Recostando-me no apoio de cabeça, encolhi as pernas debaixo do meu corpo. Nino colocou o braço no descanso atrás de mim. Deslizei um pouco mais para perto dele até estar encostada em seu corpo. Seus olhos cinza se detiveram no meu rosto por um momento antes de ele abaixar o braço e colocá-lo no meu quadril.

— Por que você não come carne? — Quis saber Remo, reclinando-se no encosto, com sua segunda fatia da minha pizza vegetariana. Ele parecia realmente relaxado.

— Eu gosto de animais — Falei. Eu não queria discutir com eles sobre a crueldade com os animais em frigoríficos, porque duvidava que eles entenderiam, afinal, eles torturavam seres humanos diariamente.

— Eu também gosto. Mais do que dos humanos — Replicou Remo com um encolher de ombros. — Isso não significa que não os

coma.

— Eu os prefiro em forma de linguiça — disse Savio com um sorriso, mas ele também comeu uma fatia da minha pizza e se esticou no sofá, colocando os pés descalços em cima das pernas de Adamo, que franziu o nariz.

— Ótimo, agora tenho que cheirar o seu pé a noite inteira.

Não consegui evitar uma risada. Nino me lançou um olhar, mas não consegui interpretar sua expressão. Remo também olhava para mim e, pela primeira vez, ele não parecia chateado ou furioso, mas também dificultava que eu avaliasse suas emoções.

— Que tal assistirmos à luta agora? — Indagou Remo depois de um tempo e aumentou o volume.

Arrisquei um olhar para a tela, onde um homem gigantesco, com braços tão grossos quanto as minhas coxas, batia em seu adversário antes de jogá-lo na grade. Estremeci diante do barulho da grade e dos gritos bêbados do público.

Nino pegou meu pulso, sem tirar os olhos da tela, e eu reprimi um sorriso, que desapareceu quando o gigante pegou o adversário e o esmagou de joelhos. As costas do homem rangeram de forma doentia e ele caiu imóvel no chão.

Estremeci violentamente contra Nino, que apertou o braço que me envolvia.

— Ele está… está…? — Engoli em seco e meu pulso acelerou. Nino franziu a testa.

— Morto — disse Remo dando de ombros.

Meu estômago contraiu violentamente.

— Foi um movimento espetacular — Comentou Savio, enfiando outra fatia de pizza na boca. Como ele conseguia comer enquanto um homem morria?

Nino bateu no meu pulso, atraindo minha atenção para o seu rosto.

— Podemos trocar para uma das corridas de rua.

Vi o olhar que Remo lançou para Nino. Ele não concordava… e estava certo.

— Não. Se eu quiser fazer parte desta família, é melhor me acostumar a assistir a isso.

Savio se recostou com um olhar desafiador.

— Então, você deveria ir ao Roger’s Arena daqui a duas semanas. Vai ser a próxima luta de Nino.

— Como é? — Olhei nos olhos arregalados de Nino.

— Faz tempo que não luto. Está na hora.

— É por isso que estamos assistindo a isso — Acrescentou Remo. — O filho da puta gigante é o adversário dele.

Encarei Nino sem acreditar. — Você não pode estar falando sério. Ele quebrou a coluna do outro.

— Eu vou quebrar o pescoço dele. É mais fácil e tem o mesmo efeito — Falou Nino.

Peguei a garrafa de cerveja, que ele ainda segurava com a mão que não estava ocupada verificando meu pulso, e dei uma golada. Depois, comecei a tossir por causa do gosto horrível.

Nino tirou a garrafa delicadamente da minha mão, esvaziando-a com um longo gole, e a colocou na mesa.

— Mulheres — Resmungou Savio num sussurro.

Abaixei a cabeça para o ombro de Nino e me concentrei em seu peitoral enquanto a luta seguinte começava na tela. Quando senti a mão de Nino no meu tornozelo, olhei para ele, mas ele estava com toda sua atenção voltada para a luta. Só consegui me concentrar nas leves carícias de seus dedos na minha pele. Os irmãos começaram a discutir estratégias para a próxima luta de Nino enquanto assistiam às lutas anteriores do gigante. Nino mexeu a mão mais uma vez, deslizando-a para o meu culote. Travei, o ar ficou preso na minha garganta. A sensação da sua mão áspera e quente foi surpreendentemente boa

apesar da sua proximidade a áreas mais problemáticas, áreas que detinham lembranças dolorosas.

Ele não mexeu a mão, apenas a deixou ali, e eu não sabia se ele percebeu isso ou não, porque estava discutindo com Remo sobre se era melhor matar rápido ou deixar a luta rolar por um tempo para entreter o público. Em algum momento ele deve ter percebido que eu estava imóvel e abaixou o olhar para mim. Ele movimentou delicadamente o polegar pela minha pele, mantendo os olhos no meu rosto. Arrepios apareceram na minha pele. Ele se abaixou para o meu ouvido, sussurrando: — Medo?

Refleti sobre isso por um segundo e meneei a cabeça. Nervosismo, com certeza, mas não medo.

Ele assentiu, claramente contente.

— Se isso vai virar uma sessão de foda, nos avise, certo? — Resmungou Savio.

Nino estreitou os olhos, endurecendo sua expressão.

— Savio, cuidado com o que fala.

— O quê? Agora não posso falar ‘foda’ porque *ela* está aqui? — Ele se recostou, fazendo uma careta para mim. — Nada de strippers, nem putas, e agora você não quer que eu diga ‘foda’? — Ele olhou para Remo. — Diga que ele precisa parar de agir como um veadinho e mostrar a Kiara quem é que manda.

— Acho que ela sabe quem manda — disse Remo com um sorriso doentio. — E você, pare de reclamar. Leve uma puta para o seu quarto se estiver ansioso por uma boceta.

Savio se recostou com um olhar desafiador para Nino.

— Por que não disse “cuidado com o que fala” quando Remo falou boceta?

Nino revirou os olhos e relaxou novamente. — Ainda há esperança para você. Remo é uma causa perdida.

Savio gargalhou. — É, isso é um fato.

— Eu não ligo se você fala ‘foda’ — Falei. — Esta casa é sua e você pode falar o que quiser.

— A casa é *nossa* — Afirmou Nino. — E ele pode falar ‘foda’ e o que mais quiser, contanto que não te insulte. Você é minha e eu não vou deixá-lo te insultar.

— Jesus, eu não a insultei. Perguntei se vocês estão prestes a foder. É uma pergunta válida, não acha?

Adamo me lançou um olhar, que me fez rir de novo.

— Não estamos prestes a foder, satisfeito? — Indagou Nino.

Savio sorriu. — Mais satisfeito do que você, evidentemente.

*

Felizmente, o tema da conversa retornou para as estratégias da luta depois disso, mas as palavras de Savio continuavam se reproduzindo na minha mente. Será que seria capaz de satisfazer Nino algum dia? Nem mesmo tinha certeza se seria capaz de tocá-lo *lá.*

Quando Nino saiu do banheiro apenas de cueca, percebi o quanto minhas preocupações eram estúpidas. Meus olhos nunca pareciam se cansar de observá-lo, mas, agora, meus dedos coçavam para tocá-lo também.

— O que você quer? — Perguntou ele ao caminhar para a cama.

— Tocar em você — Admiti.

Ele parou bem em frente à cama, me permitindo vê-lo em toda sua glória musculosa. Engoli em seco, me sentindo angustiada de novo.

— Quer que eu fique de cueca?

Assenti depressa, porque se ele ficasse nu, eu perderia a coragem.

— Claro. — Ele acenou em direção à mesa de cabeceira. — Algemas?

— Sim.

Ele pegou as algemas da mesa de cabeceira, prendeu a mão esquerda na cama e se deitou.

Eu me ajoelhei ao seu lado. Nino parecia completamente à vontade ao se deitar esparramado na cama. Seu olhar passeou pelo meu corpo, assimilando cada centímetro.

— Pode me tocar onde quiser.

— Onde você quer que eu te toque? — Claro que eu sabia a resposta para essa pergunta.

— Isso é sobre você, Kiara. Toque-me onde quiser.

Reunindo coragem, corri as mãos pelo seu peito, descendo pelo seu abdômen até meus dedos roçarem em seu cós. Aí, subi depressa. Mantive o olhar nas minhas mãos enquanto explorava seu peitoral musculoso, mas os olhos dele estavam em mim o tempo todo. Passei as unhas levemente pelo seu peito, arranhando seus mamilos, e ele expirou profundamente.

Reprimi um sorriso e repeti o movimento e desci. Evitando sua cueca, fui para as pernas, massageando suas coxas fortes antes de voltar para seu torso mais uma vez. Algum tempo depois dos meus avanços, ele ficou duro por baixo da cueca. Minhas mãos se detiveram em seu abdômen.

— Você está no controle — Garantiu-me. Sua voz estava mais profunda do que antes. Meu tio havia guiado minha mão na última vez, forçando-a para baixo, em sua ereção, me obrigando a esfregá-lo. Eu odiava senti-lo. Engolindo o nó crescente na minha garganta, afastei todos os pensamentos do passado.

Subi as mãos de novo para seu peito e desci mais uma vez, pelos seus quadris e coxas, e subindo novamente, rocei nele com os polegares, mal o tocando. Ele ficou mais duro imediatamente e eu repeti o movimento, voltando para o seu peitoral. Os olhos de Nino eram perspicazes ao me observar, sua respiração mais profunda e seu corpo tenso como a corda de um arco. Sua mão subiu para acariciar meu braço, um sopro de um toque que fez formigar cada terminação nervosa.

— Posso te tocar desse jeito também se você quiser.

— Mas não vai precisar das duas mãos?

Ele inclinou a cabeça.

— Isso aumentaria seu prazer, mas se você se sentir ameaçada, devemos continuar comigo preso.

— Não, vamos tentar sem as algemas.

Eu me debrucei e as abri para ele. Ele se levantou, aproximando nossos rostos. Encostei a boca na dele, e ele tomou a liderança como sempre fazia. Fechei os olhos quando o calor se instalou no meu centro de prazer por causa do jeito habilidoso que seus lábios e língua faziam comigo. Gemi suavemente dentro da sua boca, e ele se afastou. Olhei para ele de forma questionadora.

— Acho que podemos avançar agora — Falei.

Sua boca contorceu num meio-sorriso e uma pontada de carinho refletiu em seus olhos. Afeto simulado, mas muito bom.

— O que devo fazer? — Perguntei insegura.

— Você pode se deitar de costas e eu vou começar a massagear suas pernas e braços para ver se você gosta.

Deslizei mais para baixo e me deitei de costas. Nino se ajoelhou ao lado das minhas pernas, me dando uma visão perfeita do seu corpo forte. A sensação esmagadora de perda de controle, ou pior, de medo, nunca chegou. Ele tocou em meu pé esquerdo e começou a massagear minha sola com a quantidade de pressão exata. Depois, foi para o meu tornozelo. Seu toque se alternava entre leve como uma pluma e com mais pressão conforme ele trabalhava na minha panturrilha.

Meu centro de prazer latejava e eu pude me sentir ficando cada vez mais molhada sob seu toque. Seu olhar seguiu a trilha de suas mãos.

— Posso tirar seu short?

— Claro — Falei baixinho.

Ele o desabotoou devagar e o puxou pelas minhas pernas,

roçando a mão na minha pele. Meu coração estava pronto para sair do meu peito. Nino levantou meu pé para suas coxas e acariciou meu joelho, aplicando uma pressão delicada na pele acima. Suspirei suavemente. Olhando-me no rosto, ele segurou meu tornozelo outra vez e o levantou enquanto se inclinava para frente. Ele depositou um beijo na parte interna do meu tornozelo antes de sua língua passar pelo mesmo ponto, quente e molhada, inexplicavelmente perfeita.

Eu me arrepiei e senti que ficava cada vez mais excitada. Como isso podia ser tão bom? Ele movimentou a minha perna novamente e depositou um leve beijo na minha panturrilha. Finalmente, seus olhos desceram do meu rosto e correram para baixo. Demorei um segundo para perceber para o que ele olhava. Do jeito que segurava a minha perna, ele podia ver até a minha calcinha que se agarrava ao meu centro latejante e encharcado.

Ele soltou um suspiro longo e sua expressão se tornou mais tensa. O constrangimento e a insegurança me invadiram, acompanhados por um pontada de desconfiança por causa da minha posição exposta.

Nino encontrou meu olhar e os seus olhos enviaram outro arrepio agradável para o meu centro de prazer. Ele parecia imensamente satisfeito.

— Seu corpo responde perfeitamente ao estímulo — Murmurou. — Isso é muito bom. Vai tornar nossas explorações muito prazerosas para você.

— Muito confiante — Falei com uma risada fraca e nervosa.

Nino sorriu e beijou mais uma vez a minha panturrilha antes de chupar minha pele e mordiscá-la levemente enquanto sua outra mão subia pelo meu braço. Estremeci novamente. Isso era inacreditavelmente bom.

Ele soltou a minha pele. — Eu queria focar um pouco no seu peito.

Parei. Meus mamilos já estavam dolorosamente eriçados contra a minha roupa, mas eu não tinha certeza se já estava pronta para tirar a blusa e o sutiã. Nino já havia me visto dessa maneira, mas, por algum

motivo, eu ainda tinha dificuldade em me despir para ele.

— Pode ficar de blusa, eu só vou subi-la um pouquinho. A pele acima das suas costelas e da sua barriga é muito sensível. Se eu der um pouco de atenção ali, você pode chegar perto do clímax sem nenhum contato entre suas pernas, para o que sei que ainda não está pronta.

Era muito assustador o quão fácil ele conseguia me ler.

— Tudo bem — Respondi sem ar.

Suas mãos fortes alcançaram a bainha da minha blusa e puxaram-na devagar. Eu me arrepiei quando seus polegares roçaram levemente na minha pele ao fazê-lo. Seus olhos fixaram-se nos meus quando ele se abaixou de lado, com a cabeça ao nível do meu peito. Meu estômago contorceu de nervoso, mas eu queria isso. Nino colocou a mão na minha barriga e meus músculos contraíram com o seu toque.

— Diga quando quiser que eu pare.

Assenti. Ele começou a movimentar o polegar, roçando na minha pele e fazendo todo o meu corpo se arrepiar. Seus olhos passearam pela minha barriga, descendo pela minha calcinha preta de renda, depois, pelas minhas pernas antes de focarem nos meus olhos.

— Você tem um corpo lindo — Falou de maneira apreciativa.

Corei. — Obrigada.

Ele passou a mão pela minha barriga e colocou os dedos sob o cós da minha calcinha. Quando fiquei tensa, se afastou. Ele não chegou perto da minha calcinha depois disso e acariciou minha barriga. Prendi o fôlego quando ele abaixou a cabeça e beijou a minha pele. Como ele conseguia ser tão bom na delicadeza?

Nino era um homem paciente. Sempre que eu estremecia, ele parava, apenas para tentar outra coisa. Beijos e toques delicados. Seus lábios demoraram-se na pele sensível sobre a minha costela, beijando e mordiscando. Meus mamilos se eriçaram contra o tecido do meu sutiã e Nino os olhou enquanto beijava o ponto onde o tecido se amontoou. Seus olhos cinza ergueram-se para encontrar os meus.

— Quer que eu fique preso de novo?

Por um segundo, fiquei tão presa nas sensações que ele havia provocado, que não sabia do que ele estava falando, mas assenti mesmo assim. Ele saiu da cama e voltou com as algemas. Depois, algemou uma das mãos na cama, encostando-se nela. Tirei a blusa antes de meu cérebro se meter.

— Se você se abaixar, posso beijar seus seios se quiser.

Muito calmo, controlado e clínico, mas com uma tensão implícita em sua voz sedosa que traía sua excitação.

Corei e coloquei a mão nas minhas costas para abrir o sutiã. Minhas mãos tremiam demais.

Nino olhava calmamente para mim.

— Posso usar minha mão livre para abri-lo. É a esquerda, então, pode demorar um pouco.

Eu me aproximei e ele alcançou o sutiã, abrindo-o depois de alguns segundos. Então, abaixou a mão novamente e a repousou no abdômen definido. Tirei o sutiã. Ele já havia me visto nua na nossa noite de núpcias, mas eu ainda me sentia desconfortável com seu escrutínio calmo. Não tinha como saber se ele aprovava o que via.

— Suba — Falou.

Subi e me ajoelhei ao lado dele. Ele subiu a mão lentamente e tocou o meu ombro, sua palma era quente na minha pele. Ele aplicou a mais leve pressão até que eu me inclinei, trazendo meu seio em direção ao seu rosto. Ele abocanhou meu mamilo num casulo delicioso de calor e umidade. Fiquei sem ar por causa da sensação e tive que me apoiar em seu peito, levando meu seio mais perto do seu rosto. Seus olhos pareciam enxergar através de mim, sabendo exatamente o que eu desejava quando sua língua começou a circular meu mamilo.

Foi incrível, avassalador e bom demais.

Ele se encostou e começou a chupar o meu mamilo sem pressa, puxando, enrolando, mordiscando, até eu estar ensopada. Nunca fiquei tão excitada assim, mas a boca de Nino e seu olhar intenso causavam sensações inesperadas. Comprimi as pernas, sentindo como se fosse

implodir se não encontrasse logo um alívio.

Os olhos de Nino foram atraídos para o movimento, porém, ele continuou seus avanços. Eu não conseguia desviar o olhar do seu rosto, do desejo em seus olhos e do jeito que ele se saciava com o meu seio.

Ele soltou meu mamilo com um som molhado e expirou. Meu rosto ardia. Ele tirou a mão da sua barriga e a colocou na minha perna, depois a repousou levemente no meu joelho. Eu travei, mas meu centro de prazer ganhou vida, carente e desesperado. Eu não sabia que podia ser assim.

Ele também estava imóvel, seus olhos cinza passeavam pelo meu rosto.

— Pode conduzir a minha mão se quiser.

— Oi? — Sussurrei, meu cérebro mal funcionava.

— Se você quiser que eu te toque e te dê prazer, pode conduzir a minha mão.

— Mas eu nem sei o que fazer. É você que sabe.

— Sei, e meu toque será muito prazeroso, mas você ainda está muito tensa.

Franzi a testa diante da sua confiança. — Você é um pouco convencido.

Ele inclinou a cabeça com uma pitada de diversão.

— Só sou bom em estimar meus talentos, e sou bom em dar prazer.

— E causar dor — Acrescentei.

— Isso também, só que não é algo com o que você tenha que se preocupar. — Seu polegar acariciava levemente meu joelho. — Por que não me deixa chupar seu mamilo de novo? Parece que gostou disso.

Assenti e me inclinei para frente. Ele pegou meu mamilo e eu gemi na mesma hora.

— Agora, seu outro seio — Murmurou quando eu mal podia me

segurar em cima dele. Eu me mexi e ele circulou a língua sobre meu mamilo, depois o chupou enquanto sua mão subia para massagear meu outro seio. Meu centro começou a pulsar, levemente no início, e então um tremor me atingiu, se espalhando desde o meio das minhas pernas.

Nino chupou meu mamilo com um pouco mais de intensidade. Ofeguei e senti outra poça entre as minhas pernas enquanto meu centro latejava. Congelei em cima de Nino e ele soltou meu mamilo.

— O que aconteceu? — Perguntei, atordoada.

— Acho que você pode ter tido um orgasmo. Não foi forte, mas chupar seu mamilo foi o suficiente para estimular sua boceta sem atrito.

Meu rosto aqueceu. — Ah, uau.

Os olhos de Nino estavam atentos quando ele passeou pelo meu peito e desceu.

— Se eu tocar sua boceta, vai ficar dez vezes mais intenso, acredite.

Eu o encarei e meu olhar correu para o contorno duro por baixo da sua cueca. Sem me dar um tempo para me preocupar, toquei nele e o segurei através do tecido. Ele exalou bruscamente e se contorceu na minha mão. Deslizei para baixo, apesar do meu pulso acelerado.

Nino estava algemado na cabeceira. Era seguro para mim.

Eu estava farta de permitir que meu passado me segurasse. Estava farta de ser uma prisioneira de Durant. Ele estava morto. Nino o havia torturado e matado por mim. Agora, era a minha vez de matar a lembrança do homem.

Com as mãos trêmulas, enganchei os dedos no cós da cueca de Nino e a puxei para baixo. Sua barriga ondulou de tensão, mas ele não emitiu som algum. Não me atrevi a olhar em seu rosto com medo de perder a coragem.

Eu já havia visto Nino nu, mas nunca arrisquei mais do que olhares passageiros. Desta vez, me permiti olhar sua ereção enquanto minhas mãos desciam pelas suas coxas. Não havia motivos para ter medo da nudez de Nino. E eu não repudiava seu corpo, nem mesmo sua

ereção, como repudiava Durant. Nino era todo lindo, até mesmo as cicatrizes e tatuagens… ou talvez por causa delas. Elas faziam parte dele, e eu não conseguia imaginar como ele seria sem elas.

Meu olhar permaneceu em sua ereção. Ele era grande, grosso e circuncidado. Um breve momento de pânico explodiu pelo meu corpo diante da ideia de tê-lo dentro de mim, lembrando-me da dor de anos atrás, mas o repeli. Envolvi sua base e Nino soltou um suspiro baixo, mas se manteve bem imóvel. Eu estava no controle. Ninguém me obrigou a isso. Eu queria. *Minha escolha*.

Comecei a mover minha mão lentamente, para cima e para baixo, me concentrando no presente, na minha respiração, nos suspiros baixos de Nino, na sedosidade dele na minha mão. Ele estava tenso sob meu toque e, quando eu finalmente me atrevi a olhar para cima, seus olhos ardiam dentro dos meus com desejo.

Estremeci, meus movimentos fraquejaram por um momento, entretanto, segurei com mais força e acelerei. Desta vez, fiquei olhando para o rosto dele, precisando vê-lo, precisando ver o que fazia com ele. Nino não desviou o olhar enquanto eu o massageava mais forte e mais rápido, sua respiração estava ofegante. A minha respiração ficou mais difícil enquanto o observava, observava seu lindo rosto. Sua mão livre segurava a beirada do colchão enquanto sua expressão se alterava e seus músculos da coxa se contorciam debaixo da minha mão.

— Se continuar assim, vou gozar — Rosnou ele.

Não parei. Precisava continuar. Abri os lábios quando Nino fechou os olhos. Seus quadris se projetaram para frente e ele gozou com um tremor. Nada era mais bonito do que o rosto perfeitamente frio de Nino aceso de paixão. Meu olhar voou para a minha mão enquanto ele gozava nos meus dedos.

Acalmando-me, o ar ficou preso no meu peito. Ele se contorceu duas vezes e, depois, Nino também se acalmou. Ficou muito silencioso à nossa volta com exceção do martelar do meu coração nos meus ouvidos.

*

NINO

Kiara olhou para sua mão envolvendo meu pau que amolecia cheia do meu gozo. Ela estava tensa e sua expressão era impossível de ler. Eu me sentei, abri a algema e tirei sua mão de mim gentilmente. Depois, me levantei e puxei-a junto comigo. Ela me seguiu para o banheiro sem falar nada, onde abri a torneira da pia e segurei sua mão sob a água, lavando meu esperma. Eu só conseguia presumir que isso havia ativado lembranças do passado.

Ela franziu a testa e finalmente ergueu o olhar para o meu.

— Por que você fez isso?

Eu a encarei, tentando decifrar sua expressão, mas estava apenas intrigada, não chateada. Sequei sua mão e segurei seu pulso. Seus batimentos estavam acelerados, mas não tão rápidos quanto quando ela ficava com medo.

— Suponho que você ficou chateada porque eu gozei na sua mão.

— Não fiquei — Falou tranquilamente.

Inclinei a cabeça. — Então, por que você ficou tensa? Parecia chateada.

— Eu fiquei atordoada e aliviada — disse ela devagar. — Porque estava preocupada que não fosse conseguir fazer isso. Que isso me lembraria demais do que ele fez, mas não lembrou. Eu não fiquei enojada.

— Isso é bom— Murmurei. Eu não esperava que ela me tocasse hoje, mas deve ter se sentido segura comigo estando preso. Ela sorriu para mim e eu retribui o sorriso. Sua expressão se suavizou ainda mais. Ela se encostou em mim e eu a envolvi pelos quadris automaticamente. — Deixe-me tocar sua boceta, Kiara. Quero te fazer sentir bem. Quero fazer você gozar com força.

Um rubor se espalhou pelas bochechas dela. Ainda havia insegurança em seu rosto.

— Meus dedos não te trarão dor, apenas prazer. Confie em mim.

— Eu confio — Respondeu ela baixinho.

Eu a levei de volta para o quarto e Kiara se deitou na cama, me observando com um sorriso fraco e tenso. Eu me ajoelhei ao seu lado.

— Eu vou massagear suas pernas e ir subindo. Por enquanto, não vou tirar sua calcinha, tudo bem?

Ela assentiu.

Quando coloquei as mãos abertas em suas coxas, sua pele se comprimiu sob meu toque.

— Só diga “pare” quando quiser que eu pare — disse-lhe com firmeza, olhando-a nos olhos.

— Tudo bem — Confirmou ela.

Comecei a apalpar seu culote e, após alguns instantes, ela relaxou, mas não continuei. Em dado momento, expandi meus movimentos, acariciando a parte macia do interior das suas coxas, onde estava a pequena cicatriz. A respiração de Kiara ficou mais pesada. Subi a mão, finalmente alcançando seu montículo coberto pela calcinha. Ela respirou fundo e eu olhei para ela, vendo que ela me observava.

— Quer que eu pare?

Ela balançou a cabeça de leve e sorriu.

— Que bom.

Passei a mão novamente por sua calcinha, e ela balançou levemente os quadris. Desta vez, enquanto roçava minha mão nela, deslizei o dedo médio sobre a leve abertura, encostando em suas dobras e em seu clitóris. Ela arqueou as costas com um gemido fraco de surpresa e eu repeti o movimento. Sua calcinha ficou presa à carne molhada, me dando uma perfeita visão da sua abertura. Atenuando o movimento da minha mão enquanto a passava nela, me certifiquei de que a ponta do meu dedo estivesse encostada em seu monte. Continuei com a palma da minha mão em sua boceta. Seu calor e umidade eram tentadores contra a minha pele. Seu cheiro inebriante provocou meu

nariz e me fez querer enterrar a cara em seu abdômen e lamber sua excitação.

Movimentei meu dedo levemente pelo seu clitóris e Kiara gemeu, depois corou, mordendo o lábio. Repeti o movimento.

— Não se cale. Deixe-me ouvi-la. Assim, eu sei que você gosta do que estou fazendo. — Embora sua calcinha ensopada fosse um indicador do caralho também.

Movimentando a base da minha mão levemente nela, meu dedo roçava em seu clitóris. Em certo momento, ela movimentou os quadris contra mim, enquanto agarrava o lençol.

Seus olhos desceram para a minha virilha. Eu sabia que ela me encontraria duro.

— Goze para mim, Kiara — Exigi.

Ela gemeu mais uma vez, quase impotente, seu corpo começou a estremecer sob meu toque. Acelerei meu dedo.

— Nino — Falou ofegante. — Eu… eu… ai, meu Deus.

Seus olhos arregalaram e ela projetou os quadris, gritando enquanto estremecia violentamente. Diminuí minhas carícias, gostando do jeito que sua calcinha se grudava a ela por causa da sua excitação.

Meu pau doía pedindo por outro orgasmo, pela sua boceta, pelo seu gosto e seu calor. Ela estava molhada pra caralho. Teria sido tão prazeroso se eu a fodesse agora, mas seu medo ainda impedia isso.

Erguendo meu dedo, mantive a pressão da palma da minha mão em seu centro, sabendo que isso prolongaria seu orgasmo.

Ela me observava com a boca entreaberta, seus cachos estavam bagunçados selvagemente.

— Obrigada — Sussurrou.

— Por te dar um orgasmo? — Perguntei com uma pitada de diversão.

Subi de volta até ela e me deitei ao seu lado. Ela se aconchegou

e eu a abracei.

— Por não ir além do que consigo aguentar — Falou calmamente. — Por me mostrar que ser tocada lá não tem que ser dolorido.

Ela pôs a cabeça no meu peito e meu corpo relaxou diante da sensação do seu calor.

CAPÍTULO 17

KIARA

Eu estava uma pilha de nervos. Esta era a primeira vez que voltava a Baltimore desde que me casei com Nino, depois do escândalo do lençol ensanguentado. A descrição de Giulia dos dias que se seguiram deve ter sido suavizada pelo meu bem.

Eu seria o centro das atenções. As pessoas sussurrariam pelas minhas costas. Elas me julgariam por atos que não eram meus.

Nino apareceu do meu lado.

— É melhor irmos. A viagem de avião leva quase cinco horas e precisamos estar na casa do seu tio por volta das 19h.

Assenti e meu estômago contraiu ainda mais.

— Onde está o seu vestido? — Perguntou.

Apontei para o vestido azul-escuro discreto pendurado na porta. Era um dos vestidos que tia Egidia havia comprado para mim alguns anos atrás. Era uma escolha segura.

Nino balançou a cabeça. Ele entrou no nosso *closet* e saiu alguns minutos depois com o vestido longo vermelho de seda que comprei há algumas semanas.

Arregalei os olhos. — Se eu vestir isso, as pessoas vão me encarar ainda mais.

Nino inclinou a cabeça. — Você é uma Falcone, minha esposa, e não vai tentar se esconder. Você vai erguer sua cabeça e mostrar a todos que são inferiores a você. Mostre-lhes o quanto você é bonita. Deixe que encarem.

Pisquei e assenti sem dizer nada. Ele fazia parecer muito fácil.

Remo, Nino e eu pegamos o jatinho particular para Baltimore. Savio, Adamo e Fabiano ficaram em Vegas, já que isso estava mais para coisa de família, era o aniversário de setenta anos do meu tio. Remo, como Capo da Camorra, foi chamado como convidado de honra, mas eu supus que meus tios não estavam muito empolgados em tê-lo debaixo do seu teto.

Nós ficaríamos num hotel desta vez, porque Giulia e Cassio, assim como meus outros irmãos de consideração, já iam passar a noite na casa dos meus tios. E, é claro, porque quase todos os membros da *Famiglia* haviam ficado ainda mais desconfiados de Nino e Remo desde que mataram Durant na noite do meu casamento.

Às vezes, eu me perguntava se tinha alguma coisa errada comigo, porque não me sentia culpada pelo que aconteceu com ele. Eu não vi o cadáver dele, mas pelas reações de todos que viram, eu sabia que foi ruim.

Encarei Nino e Remo por cima do meu livro. Eles discutiam uma reunião iminente com Luca.

Chegamos mais tarde do que o esperado no nosso hotel, então, tive que me arrumar com pressa. Quando me vesti com o vestido vermelho com uma abertura que ia até a minha coxa, combinado com um decote profundo, não consegui parar de olhar no espelho. Meus cabelos escuros estavam caídos em ondas pelas minhas costas e ombros e eu coloquei um batom do mesmo tom de vermelho-sangue que o meu vestido. A dama de vermelho.

Nino chegou atrás de mim com um olhar satisfeito.

— Você vai ser o centro das atenções, Kiara, como deve ser. Você está um espetáculo. Vermelho-sangue é a sua cor.

Soltei uma risada. — As pessoas vão pensar no lençol ensanguentado, com certeza.

Nino pôs a mão nos meus quadris e, sem pensar, me encostei nele, desfrutando da sensação de seu corpo forte pressionado nas minhas costas.

— Deixe que se lembrem do lençol. É o que vai acontecer com qualquer um que ousar te tocar.

Estremeci diante da sua expressão. Tão frio e cruel. Tão lindo. Nino de *smoking* preto e gravata borboleta vermelho-sangue já era, sozinho, uma visão de tirar o fôlego, mas, juntos, nós estávamos perfeitos, como se fôssemos feitos para ficarmos juntos. Era um pensamento ridículo, um conceito romântico que nunca ousaria pronunciar em voz alta, porque Nino não entenderia.

— Vamos, não queremos nos atrasar — Murmurou ele, mas seus olhos passearam pelo meu decote mais uma vez, e o desejo em sua expressão fez meu centro contrair.

Remo já estava esperando no saguão do hotel quando Nino e eu chegamos. Remo também estava usando um *smoking*, mas com uma gravata borboleta preta. Nunca o havia visto tão bem-vestido, nem mesmo no meu casamento.

Seus olhos demoraram-se me avaliando. Então, ele sorriu.

— Aposto que algumas pessoas serão atingidas com lembranças desagradáveis quando virem seu vestido.

Torci minhas mãos quando a limusine alugada nos deixou na frente da minha antiga casa. Nino me abraçou pela cintura, repousando a mão possessivamente no meu quadril.

Respirei fundo.

— Mantenha a cabeça erguida — Lembrou-me Nino em voz baixa.

Remo nos olhava com curiosidade.

— Não deixe nenhum daqueles filhos da puta te diminuírem porque seu pai foi um traidor. Não deixe que te diminuam por nenhuma outra merda também. Agora, você é uma Falcone. Se um deles não mostrar respeito, diga a mim ou a Nino e vamos cuidar deles.

— Obrigada — Falei com um leve sorriso.

Remo acenou brevemente. Eu não tinha tanto medo dele quanto

antes, e ele tentava não me assustar muito. Talvez, em algum momento, nós chegássemos a um entendimento.

A porta da mansão foi aberta. Tia Egidia e tio Felix apareceram. Eles arregalaram os olhos quando me viram.

Nino apertou meu quadril e eu levantei a cabeça, forçando um sorriso.

Kiara Falcone. Uma pessoa nova. Não a garota que se escondia nos cantos.

Quando chegamos na frente deles, houve um momento de silêncio constrangedor, então, eu me apressei em falar: — Parabéns, tio Felix. — Dei um beijo em seu rosto e sua expressão suavizou.

— Obrigado, Kiara. Você está linda.

— Está, sim — Concordou tia Egidia. — Que cor forte.

Dei um abraço rápido nela também e me afastei para que Nino e Remo pudessem cumprimentá-los. Nino entregou o *whiskey* caro de edição limitada ao meu tio, que relaxou visivelmente. Ficou visível bem depressa que nem Egidia nem Felix gostavam de estar perto de Nino e Remo.

Nós os seguimos para dentro. A casa havia sido decorada com flores frescas e a sala de estar estava repleta de convidados, assim como o jardim. Um *buffet* foi organizado na sala de jantar anexa, e garçons andavam pelo local com bandejas cheias de champanhe e aperitivos. Assim que Nino e eu entramos na sala, todos os olhares se voltaram a nós e a maioria das pessoas não conseguiu esconder a surpresa em me ver vestida desse jeito.

Giulia gesticulou para que eu me juntasse a ela e Cassio. Olhei para Nino, que soltou minha cintura.

— Remo e eu vamos conversar com Luca. Por que não vai até sua irmã de consideração?

Assenti e logo fui até ela. Ela me abraçou apertado, se afastando para ver meu visual, com uma expressão orgulhosa em seu rosto.

— Até que enfim, está mostrando suas curvas. Você está absolutamente deslumbrante.

Sorri e acenei para Cassio. Ele não fez nenhuma menção de que iria me tocar. Ele sempre foi muito cauteloso em não fazer isso a menos que fosse totalmente necessário. Giulia e eu nunca falamos sobre isso, mas eu tinha quase certeza de que ela conversou com ele sobre o que aconteceu comigo anos atrás. Ele era seu marido, então, era natural que ela compartilhasse detalhes íntimos.

— Como estão as coisas em Las Vegas? — Perguntou ele, mas, pela tensão em sua voz, dava para notar que Giulia deve ter lhe dado trabalho, porque ela estava preocupada comigo.

Segurei a mão da minha irmã de consideração e apertei. — Eu estou bem. Não precisa mais se preocupar.

Seus olhos correram para Nino, que ouvia algo que Luca tinha a dizer.

— Pode me contar se algo estiver errado, Kiara. Podemos te ajudar.

Eu ri. — Giulia, eu não preciso da sua ajuda. Sou uma Falcone agora. Sou bem protegida.

Ela me encarou com surpresa, depois, trocou um olhar com o marido. — Nossa. O que eles fizeram com você?

Olhei para Nino e, como se pudesse sentir meus olhos nele, ele se virou, encontrando meu olhar. Meus lábios abriram-se num sorriso.

— Ele me ensinou o meu valor.

Giulia pôs a mão no meu ombro nu, abrindo a boca. — Você gosta dele?

Eu não conseguia desviar o olhar de Nino. — Eu gosto dele — Falei tranquilamente e meu corpo esquentou com a minha admissão. Lá no fundo, eu percebi que talvez eu mais que gostava dele.

Giulia pegou a minha mão e me levou para fora, numa parte isolada do jardim.

— Kiara, como isso é possível?

— O quê? Pensei que ficaria feliz por eu me sentir em casa em Las Vegas, por meu casamento com Nino não ser o inferno que temia no princípio.

— Eu estou feliz por você, só é difícil de acreditar que os Falcone te tratem bem.

Dei de ombros. — É como você disse: alguns homens não levam a violência para casa. Nino é um deles. Ele sabe o quanto é forte, o quanto é poderoso. Ele não tem que me humilhar para se sentir poderoso.

O primeiro sorriso de verdade se abriu no rosto de Giulia e ela me abraçou outra vez.

— Estou muito feliz por você.

As pessoas continuaram me encarando quando voltei para a festa, mas não se aproximaram. Antigamente, teria sido porque não queriam estar associadas a um traidor; agora, era como se tivessem medo. No fim, eu me vi ao lado de Nino, com sua mão como uma presença reconfortante no meu quadril

— Você está indo bem — Murmurou ele. Seu elogio me encheu de orgulho.

Fiquei aliviada quando voltamos para o nosso hotel mais tarde naquela noite. Mesmo depois de quase dois meses, Las Vegas já era mais como um lar do que Baltimore jamais fora, e eu ansiava por estar de volta onde as pessoas não me julgavam pelo meu passado

*

Alguns dias depois, acordei quando Nino se levantou para nadar. Resolvi ficar na cama desta vez e aproveitar umas horinhas de sono a mais. Nino me surpreendeu quando se sentou e se aproximou, sussurrando perto do meu ouvido.

— Esta noite, quero explorar cada centímetro do seu corpo com a minha boca — Anunciou ele, e o calor subiu até o meu rosto. — Será

mais intenso do que qualquer coisa que você já fez até agora. Sou muito bom nisso.

Só o que consegui fazer em resposta foi assentir, atordoada em silêncio, mas meu corpo explodiu de calor. Nino se levantou, com a barraca armada em sua sunga, e se virou para sair.

Fechei os olhos, tentando imaginar sua boca no meio das minhas pernas, me perguntando qual seria a sensação. Agitada e com calor, comprimi as coxas. Meus dedos encontraram seu caminho para o meio das minhas pernas, e eu me acariciei do jeito que Nino me disse para fazer, imaginando sua voz grossa e profunda, suas mãos, sua boca… e eu gozei com um leve tremor, mas não foi o suficiente. Nem perto disso.

Saindo da cama, decidi tomar um banho demorado para limpar minha mente.

*

Naquela noite, preparei o jantar pela primeira vez. Não sabia se os homens iriam gostar, levando em consideração que não tinha carne, porém, a lasanha três queijos parecia deliciosa e, enquanto cozinhava no forno, seu cheiro tentador me deu esperança de que eu conseguiria produzir algo comível de verdade.

Fui à procura dos homens, mas encontrei apenas um, Remo, que estava batendo no saco de boxe como se o objeto o tivesse insultado pessoalmente. Era seu passatempo preferido.

Ele me lançou um olhar, mas não parou de imediato o que estava fazendo.

— Cadê Nino?

— No banho. — Chute. — Ele treinou com Adamo hoje. — Chute. Soco. Soco. Chute.

— Cozinhei para nós.

Remo parou, estreitando seus olhos escuros. — Para você e Nino?

— Para todos nós — Falei em voz baixa, me mexendo de maneira

nervosa sob seu olhar.

Ele se aproximou, apesar da minha tensão crescente. Pegando uma toalha que estava jogada no sofá, ele parou na minha frente.

— Nada de fugir nem se abalar hoje?

Fiz um bico. — Nunca fugi de você.

— Fugiu quando eu fodia a puta na mesa de sinuca.

Passos soaram logo depois, e Nino apareceu ao meu lado, colocando a mão suavemente nas minhas costas.

— Aquela é uma visão perturbadora.

— Sua esposa cozinhou para nós — Anunciou Remo.

Nino olhou para mim. Ele estava com o cheiro do seu sabonete líquido provocante. Algumas mechas de cabelo molhado caíam pela sua testa.

— Adamo me levou ao mercado hoje. Pensei que seria legal ter uma refeição caseira para variar.

Meus olhos correram para a sua boca, tentando imaginar como seria, mas não consegui. Minha imaginação não era muito boa.

— Suponho que nenhum animal foi ferido — Resmungou Remo.

Nino lançou um olhar de advertência para o irmão.

— Sim, é vegetariana, mas seus níveis de colesterol vão agradecer. Não se preocupe. Tem camadas de queijo muçarela, pecorino e *taleggio*.

— Quase um quilo e meio de queijo — Acrescentou Adamo quando descia da escada com os cabelos molhados despenteados.

— Precisa de ajuda? — Quis saber Nino.

— Você podia trazer para cá. A assadeira é pesada.

Nino me seguiu até a cozinha, com a mão nas minhas costas.

— Precisa de mais cinco minutos — Falei para ele depois de dar

uma olhada dentro do forno, evitando olhar em seu rosto, porque isso me levaria a olhar para sua boca, o que me levaria a mais pensamentos distrativos. Nino me encarou tranquilamente. Ele segurou meu rosto e passou o polegar na minha bochecha.

— Você está nervosa.

Umedeci os lábios, meus olhos foram atraídos para sua boca, subindo um pouco depois. Ele se aproximou e me beijou, lento e sensual, com uma promessa de algo mais. Sua língua praticamente brincava ao circular a minha, provocante, mas ainda dominante. Nervosa, me afastei. Era a primeira vez que Nino tomava a iniciativa de um beijo, a primeira vez que tínhamos intimidade fora do quarto.

— É isso que vou fazer esta noite — Murmurou ele, depois acrescentou com um tom de voz ainda mais baixo: — Entre as suas pernas.

Eu estremeci. Nino estava menos cauteloso comigo; era excitante e apavorante, e eu não queria que fosse diferente.

Ele se afastou, seu olhos cinza avaliando meu rosto. Ele pegou meu pulso, encostando o polegar na minha pele sensível antes de beijar o local.

— Lembre-se: não há nada a temer quando estiver na cama comigo.

Assenti. Estava difícil de engolir por causa da minha garganta seca.

— Acho que a lasanha está pronta.

Nino pegou a assadeira grande e a levou para a sala de jogos. Eu levei os pratos, os guardanapos e os talheres. Savio, Adamo e Remo já estavam sentados em seus lugares de sempre. Por um instante, pensei em pedir-lhes para comermos na sala de jantar, entretanto, acabei resolvendo que não faria isso.

— O cheiro é bom — Declarou Adamo ao se debruçar sobre a lasanha quando Nino a colocou em cima do descanso de madeira.

— Tem certeza de que ela não envenenou a comida? — Indagou

Savio com um sorriso irônico, mas já estava enchendo o prato de lasanha.

Nino pôs a mão no meu joelho quando se sentou ao meu lado.

— Kiara e eu temos planos para esta noite, então, acho que ela ainda não vai me envenenar. Estou certo?

Meu rosto explodiu de calor.

— Informação demais, Nino — Resmungou Adamo.

— Informação de menos, na minha opinião — disse Savio sorrindo. — Era mais divertido quando você ainda compartilhava suas aventuras sexuais com a gente, Nino. Agora, eu só ouço as merdas doentias de Remo.

Eu estava certa de que a minha cabeça iria explodir de constrangimento a qualquer minuto.

— Se você não quer ouvir as minhas merdas doentias, só vou compartilhá-las com Nino e Fabiano a partir de agora.

— Não acho que algum deles vai querer ouvir — Falei.

Remo se recostou, me encarando com um sorriso sinistro.

— Nem todo mundo foi feito para um sexo chato de merda, então, me processe. E se eu bem me lembro, Nino e Fabiano também gostavam do lado violento das coisas antes de suas mulheres os castrarem.

Arrisquei olhar para Nino, porém, sua expressão não demonstrava nada. A lasanha estava deliciosa e os homens caíram dentro como se fosse a última refeição deles. Como sempre, eles se provocaram e discutiram. Eu sempre ficava com uma sensação estranha de pertencimento quando eles agiam como uma família perto de mim.

*

Depois do jantar, Nino e eu nos retiramos para a nossa ala. Quando Nino fechou a porta do nosso quarto, olhei para ele com curiosidade.

— O que Remo quis dizer com o lado violento das coisas?

Nino balançou a cabeça. — Não significa o que você está pensando.

— Você não sabe o que estou pensando — Falei calmamente. — Você pode ser um gênio, mas não lê mentes.

Nino segurou meu pulso e me puxou para perto de si. Depois se abaixou.

— Não preciso ler mentes para reconhecer a expressão em seu olhar, Kiara.

Suspirei. — Então, você nunca…? — Minha voz saiu trêmula.

— Nunca — Afirmou, e eu fiquei aliviada. Ele roçou o polegar no meu pulso. — Que tal nos exploramos um pouco agora?

Assenti sem falar nada, enquanto a adrenalina percorria meu corpo. Nino me levou para a cama.

— Se você quiser que eu te chupe, é melhor que eu não esteja preso… a menos que se sinta confortável em se sentar na minha cara.

Arregalei os olhos em choque. — Não — Respondi finalmente. — Definitivamente não.

Os lábios de Nino se curvaram nos cantos. — Foi o que pensei.

Minhas bochechas estavam quentes quando revirei os olhos. Aproximando-me, fiquei na ponta dos pés e coloquei a mão em volta do pescoço de Nino. Ele abaixou a cabeça imediatamente, reivindicando a minha boca e colocando um braço nas minhas costas. Eu me perdi no seu beijo até ele começar a nos deitar na cama. Senti o colchão macio embaixo de mim enquanto Nino vinha por cima.

Ele se afastou, contemplando meu rosto.

— Medo? — Perguntou em voz baixa, mantendo seu corpo acima do meu.

Era ridículo ter medo porque era Nino, mas a sensação de Durant pairando sobre mim sempre voltava à minha mente, mesmo que eu não

quisesse que as lembranças me contivessem.

Nino se deitou na cama ao meu lado e eu logo voltei a beijá-lo. Ele seguiu sem hesitar e, como sempre, assumiu o comando. Eu me rendi à sua língua experiente, sentindo meu centro ferver. Ele acariciou a lateral do meu corpo e pôs a mão por baixo da minha blusa, tocando a pele e me deixando arrepiada. Subindo a mão, ele chegou ao meu sutiã rendado. Meus mamilos contraíram sob seu toque e eu gemi na boca de Nino. Sua mão cobriu meus seios, apertando levemente no início, depois, seu toque ficou mais firme. Juntando coragem, toquei em Nino, precisando senti-lo. minhas mãos deslizaram pelo seu peitoral musculoso, descendo pelo seu abdômen trincado, até chegar à bainha da sua blusa. Puxei-a.

Nino tirou a boca da minha, se sentou e tirou a blusa. Meus olhos absorveram seu torso, os músculos, as cicatrizes, as tatuagens e, como sempre, meu corpo foi tomado por milhares de borboletas. Antes mesmo de ele se deitar, minhas mãos já estavam percorrendo seu peito. Ele se apoiou para permitir que eu explorasse. Seu olhar estava no meu rosto, mas o meu permanecia nos meus dedos acariciando seu abdômen e arranhando seus mamilos.

Ele exalou e eu repeti o movimento, adorando poder romper a postura fria de Nino com um toque tão simples. Foi empoderador. Estimulante.

— Que tal se nós nos livrássemos da sua blusa também? — Murmurou Nino, já com as mãos na bainha da minha blusa. Eu me levantei para ele poder tirá-la.

Seu olhar percorreu meu corpo, demorando-se nos meus seios, depois, seus lábios voltaram para os meus enquanto seus dedos puxavam meu mamilo por cima da renda. Ele ajudou a tirar meu sutiã. Dedos e lábios acariciavam meus seios, ombros e barriga e iam deixando uma necessidade ardente no caminho. Apesar da necessidade do meu corpo, congelei quando Nino chegou à minha calcinha. Até agora, ele só havia me tocado por cima do tecido. Isso me dava a ilusão de segurança.

Ergui meus quadris e Nino aceitou meu convite, mas seus olhos

permaneciam no meu rosto enquanto ele me desnudava. Sua mão acariciou minha coxa, em seguida, subiu lentamente, chegando no pedacinho de pelos escuros entre as minhas pernas. Prendi o ar quando seu polegar tocou no meu montinho molhado pela primeira vez sem uma barreira. Arqueando as costas, gemi.

Seu dedo acariciou minhas dobras com agilidade, porém, ele não deslizou para dentro delas. Eu não sabia o quão bom ele era em me ler… se entendia que o fato de seus dedos estarem tão perto da minha entrada arranhava a superfície das lembranças dolorosas. Nino foi para o fim da cama e abriu as minhas pernas. Eu sabia o que ele estava prestes a fazer e tentei fazer meu corpo relaxar.

Ele se esticou entre as minhas coxas, flexionando seus bíceps tatuados ao me abrir. Meu centro contraiu, seguido pelas minhas coxas, quando abaixou seu olhar para o meu centro.

— Medo? — Perguntou calma e atentamente. Eu não estava com medo disso. *Ele* nunca havia feito isso comigo.

— Nervosa — Admiti.

— Por quê? — Seu hálito soprou pelo meu calor molhado e eu estremeci de ansiedade, nervosismo e necessidade.

Era difícil de explicar. — Não sei.

Ele se inclinou para frente. — Isso vai ser bom para você, Kiara. Tente se concentrar na minha língua e nos meus lábios. Não pense em mais nada.

Seu hálito soprava no meu clitóris e, então, sua língua deslizou levemente sobre mim, mergulhando entre as minhas dobras antes de tremular sobre o meu montinho. Gemi por causa da sensação.

— Está bom? — Perguntou Nino contra mim, sua voz era grossa e calma.

Assenti, cravando os dedos no lençol. A língua de Nino se agitou novamente, e meus músculos finalmente relaxaram. Ele afastou ainda mais as minhas coxas com os ombros e passou a língua pela minha abertura. Fiquei tensa por um breve momento e ele recuou depressa.

Mais uma vez, sua língua tremulou pelo meu clitóris e pelas minhas dobras antes de descer e repetir o mesmo movimento na minha entrada. Um prazer intenso percorreu pelo meu corpo e, desta vez, meu corpo não retesou. A língua de Nino tremulou levemente pela minha abertura, então, ele a girou e aumentou a pressão, mergulhando a ponta dentro de mim. Soltei um suspiro surpreso.

Ele murmurou um som baixo, que parecia uma aprovação, e meus olhos desceram para observá-lo. Seu olhar repousava em minhas dobras enquanto ele circulava a minha abertura com a língua. Ele pareceu gostar, e essa percepção acabou com o que restava do meu nervosismo. Ele passou a língua pelo meu clitóris mais uma vez, com leves toques e giros e, então, pude sentir algo crescendo; a tensão comprimiu profundamente meu centro de prazer, acumulando com cada lambida, até eu desabar. Gritei, estremecendo com o meu orgasmo.

Nino gemeu contra mim, descendo, e dando lambidas lentas na minha entrada. Meus olhos arregalaram quando as minhas paredes contraíram mais uma vez com seus avanços.

— Mexa os quadris — Ordenou com a voz baixa.

Ele começou a dar lambidas firmes para intensificar meu prazer novamente. Era incrível, *impossível.* Isso era melhor do que qualquer coisa que já fiz.

— Nino — Gemi enquanto ele se ocupava de mim com carinho. — Isso é muito bom.

— Que bom — Rosnou ele contra as minhas dobras, e eu estremeci com o som. — Quero que você goze para mim de novo, Kiara. Pode fazer isso por mim?

— Sim — Ofeguei, e ele passou a língua pelo meu clitóris antes de se concentrar na minha entrada. Ele pressionou a boca com firmeza contra mim e sua língua entrou outra vez. A sensação da sua língua dentro de mim era boa demais, conforme ele a movimentava lentamente. Seu polegar encontrou meu clitóris e ele fez os mesmos círculos suaves.

Balancei os quadris com agitação, maravilhada com a sensação extraordinária. Ela se formou ainda mais rápido desta vez, meu corpo

estava supersensível, porém, ainda ansiava por mais. Minha mão desceu até a cabeça de Nino, agarrando seus cabelos, e, então, gozei com mais força ainda.

Os dedos de Nino acariciavam as minhas dobras.

— Quero enfiar um dedo em você.

Encontrei seu olhar. Sua expressão era calma, confiante. Engoli em seco.

Ele penetrou um dedo entre meus lábios.

— Fale alguma coisa. Me mande parar se não quiser isso.

— Eu… eu fico preocupada que machuque como da última vez.

— Não vai machucar — Afirmou Nino com certeza. A ponta do seu dedo desceu um pouco mais. Fiquei tensa, me lembrando da dor de tempos atrás, da sensação de destruição, de impotência.

Nino me encarou, seu dedo delineava levemente a minha abertura, mas ele não introduziu, apenas subiu sua outra mão e acariciou meu ventre.

— Tente relaxar, Kiara. Você está muito molhada e meu dedo será muito prazeroso nas suas paredes sensíveis se você permitir.

Tentei relaxar, mas meu corpo contraía de medo por causa do passado. Nino continuava acariciando minha abertura e minhas dobras.

— Deixa te ajudar — Murmurou.

Ele me assustou quando sua mão saiu da minha barriga e foi para o ponto sensível sobre a minha costela. Ri ofegante e me contorci. Então, Nino deslizou o dedo para dentro de mim. Isso fez parar imediatamente as cócegas.

— Ah — Suspirei e travei. Não doeu absolutamente. Devagar, seus olhos encontraram meu rosto. Ele começou a movimentar o dedo e eu gemi diante da sensação.

— Por que você me fez cócegas? — Perguntei de maneira grossa enquanto Nino continuava introduzindo o dedo dentro de mim. Ele

esfregava levemente meu clitóris.

— Eu distraí seu corpo. Seu cérebro presumiu que meu dedo na sua abertura era uma ameaça porque você esperava dor, então, simulei outra ameaça para suas sinapses focarem. Normalmente isso costuma funcionar melhor com dor de verdade, mas cócega também é efetivo porque o corpo reage de maneira similar.

Meneei a cabeça. — Você é bom nisso.

Ele contorceu os lábios e seus olhos cinza me questionaram.

— Tenho estudado as funcionalidades do corpo há muito tempo, principalmente suas reações ao prazer e à dor.

Eu não duvidava. Gemi quando ele fez alguma coisa com o dedo dentro de mim, uma leve rotação. Ele repetiu o movimento e esfregou o polegar levemente no meu clitóris.

— Gosta disso?

Como ele podia sequer fazer essa pergunta? — Gosto — Consegui falar.

Seus lábios assumiram o lugar do polegar no meu clitóris, enquanto seu dedo entrava e saía lentamente.

— Goze para mim de novo — disse ele com aquele tom suave e dominante, e eu desabei sob a sensação combinada do seu dedo com sua boca.

Todo o meu corpo explodiu em ondas de prazer. Fiquei tremendo por muito tempo, tentando recuperar o fôlego. Nino tirou o dedo e me assustou ao erguê-lo para sua boca e chupá-lo.

— Gosto do seu gosto, Kiara — disse ele com uma voz mais texturizada ao se ajoelhar entre as minhas pernas. Meu olhar foi atraído para sua calça. Ele estava duro, excitado, porque esteve com a boca em mim.

Eu me sentei, alcançando sua cueca. — Quero retribuir.

Nino tirou a cueca e se ajoelhou novamente na cama. Eu estava na frente dele e o toquei. Ele gemeu. Eu me movimentei devagar e me

inclinei para frente, e ele me encontrou no meio do caminho. Seus lábios reclamaram os meus e estavam com o meu gosto. Nós nos beijamos enquanto eu o bombeava para cima e para baixo com a mão, seus olhos estavam cravados em mim com mais do que aquele escrutínio frio. Nosso beijo se transformou em desespero, sem coordenação. Nino ficou tenso na minha mão. Observei os leves espasmos de seus músculos, o puxão brusco da sua boca, ouvi seus suspiros rápidos e me senti bem.

CAPÍTULO 18

KIARA

Leona me lançou um olhar.

— Você também está nervosa?

Eu ri. — Nervosismo nem começa a descrever. Não acho que serei boa em lutar. — Parei. — Mas por que você está nervosa? Pensei que já tivesse treinado com Fabiano.

— Sim, algumas vezes, mas sempre estávamos sozinhos. Agora, terá gente assistindo.

Assenti. Queria que Nino tivesse escolhido treinar sozinho comigo, mas eu sabia que ele vinha trabalhando muito por causa da sua luta contra aquele gigante, que estava para acontecer.

Quando entramos na sala de treinamento, meus olhos tiveram dificuldade em assimilar tudo. O lustre que pendia do teto, o papel de parede vermelho e dourado, as mesas de roleta quebradas, a lindas janelas em forma de concha sujas… era muito típico dos Falcone escolher algo tão chamativo quanto um cassino abandonado para construírem a academia de luta.

Os homens já estavam reunidos em volta do ringue de boxe. Eles vestiam apenas calção de luta, e meu coração martelou mais rápido diante da visão de tantos músculos e cicatrizes. Até Adamo era musculoso para um adolescente de quase quatorze anos.

— Ainda bem, nada de octógono — Resmungou Leona, e eu olhei de forma questionadora para ela. Ela sorriu. — Fabiano sempre insiste que treinemos dentro do octógono e aquilo me dá arrepios.

Meu olhar vagou pelo octógono e eu tive que concordar. Eu já

estava nervosa sem ele.

Nino pôs a mão no meu quadril quando cheguei do seu lado.

— Leona vai primeiro porque ela já tem um pouco de prática.

Tentando esconder meu alívio, assenti.

Fabiano abriu as cordas para Leona, que subiu com um olhar nervoso para os irmãos Falcone.

— Todos vão assistir?

— Não — disse Nino. — Eu vou te atacar.

Leona arregalou os olhos. — Como é? Pensei que Fabiano fosse treinar comigo.

Fabiano balançou a cabeça. — Não desta vez. Estar cara a cara com um adversário que te deixa nervosa é mais perto da realidade.

Nino se lançou sobre a corda e encarou Leona, seus braços pendiam ao lado do seu corpo de maneira relaxada.

— Assista com atenção, Kiara — Recomendou ele.

Assenti.

Nino avançou em Leona, e eu percebi que Fabiano balançou o corpo ligeiramente para frente. Leona soltou um grito de surpresa quando Nino agarrou seu pulso. Ele a puxou para si e, então, ela já estava de costas no chão. Ele se ajoelhou entre suas pernas.

— Leona — Sibilou Fabiano. — Lembre-se do que te ensinei.

Leona começou a se debater, mas Nino pressionou os pulsos dela no chão sobre sua cabeça, abaixando-se, abrindo ainda mais suas pernas com as coxas musculosas.

Remo emitiu um zumbido: — Não tem como você escapar agora. Você agiu tarde demais. Agora, ele te tem exatamente onde quer.

Eu estremeci.

— Ele teria que abrir a calça. Isso pode dar a ela uma abertura para atacá-lo com a mão livre — Falei.

Todos olharam para mim, e eu engoli em seco, mas me mantive firme.

Nino segurou os dois pulsos de Leona com uma das suas mãos, apesar de ela estar se contorcendo e me mostrou sua mão livre.

— Livre para abrir a minha calça.

Nino se levantou e puxou Leona.

— Por que você demorou tanto para agir? — Perguntou Fabiano franzindo a testa.

— Fiquei assustada e, para ser sincera… Nino me dá medo — disse indignada.

— Então, vamos esperar que seu agressor anuncie seu ataque com antecedência e não assuste você — Murmurou Remo.

Perdendo claramente o interesse, Savio e Adamo entraram no octógono e começaram a lutar, porém, Savio definitivamente tinha vantagem e não facilitou para o irmão caçula, julgando pela força de seus chutes e socos. Não é de se estranhar que Adamo sempre fosse espancado.

— De novo — disse Fabiano.

Nino pegou o braço de Leona, mas desta vez, ela agiu imediatamente. Ela ergueu a mão para arranhar seu rosto, mas ele a bloqueou com o cotovelo, ao mesmo tempo em que se esquivou do seu chute, que mirava em sua virilha, com o quadril. Depois, a jogou no chão. Eles acabaram na mesma posição que antes e Leona bufou.

— Melhor — disse Nino com um aceno, puxando-a para que ela ficasse de pé.

— Terminei no chão do mesmo jeito.

— Seu agressor não será Nino — disse Fabiano. — Provavelmente não será nem a metade do quão rápido e forte ou habilidoso ele é.

Eles fizeram mais dois treinamentos até o rosto de Leona ficar

muito vermelho e coberto de suor. Nino parecia ter acabado de dar uma caminhada matinal lenta e agradável.

Reprimi um sorriso e, quando ele encontrou meu olhar, os cantos da sua boca se contorceram. Meu corpo se encheu de calor como tantas outras vezes na presença de Nino.

— Sua vez — disse ele, abrindo as cordas para mim.

Engolindo em seco, pulei para dentro do ringue e Leona saiu cambaleando para fora depressa, sussurrando: — Boa sorte.

Fabiano a abraçou imediatamente de forma possessiva. Remo balançou a cabeça e pulou para a beirada do ringue, se jogando lá dentro.

Encarei Nino com meu pulso martelando nas minhas veias.

— Você vai treinar comigo, não vai? — Minha voz tremia.

Nino me encarou e meneou a cabeça. — Quero que você encare seus medos. Eles podem te imobilizar durante uma luta de verdade.

Comecei a tremer enquanto olhava para Remo, que estava parado com os braços cruzados, me observando com um divertimento sombrio.

Meneei a cabeça. — Não. Não consigo. — Eu me imprensei na corda. — Nino, por favor.

Nino trocou um olhar com o irmão, que revirou os olhos.

— Posso assumir — Sugeriu Fabiano.

Minha cabeça girou em direção a ele. Ele também me apavorava, mas não tanto quanto Remo.

— Então, vai — Grunhiu Remo, mas ele caminhou em minha direção com seus olhos escuros endurecidos. — Enquanto você não enfrentar seus medos, será fraca. Eles terão poder sobre você enquanto você deixar. Se deixar de ser uma covarde, venha a mim e eu vou te mostrar como lutar com um adversário pronto para te machucar.

Ele pulou por cima da corda e foi em direção a Adamo e Savio,

juntando-se a eles no octógono.

Nino pôs a mão na minha cintura, franzindo a testa. — Não ligue para ele.

— Você concorda com ele? — Perguntei baixinho.

Nino assentiu. — Remo seria a melhor opção para simular um ataque.

— Posso ser tão assustador quanto Remo se quiser que eu seja — disse Fabiano, encolhendo os ombros.

— Não — Apressei-me em responder. — Obrigada.

Fabiano já era bem assustador com seus olhos azuis analíticos.

— Você viu o que Leona fez — Começou Nino. — Claro que o passado dela não nutre os mesmos demônios, então, você vai ter que lutar contra dois inimigos: Fabiano e suas lembranças. Posso te ensinar como fazer com o primeiro, mas o outro é uma luta sua. — Ele gesticulou para que eu me aproximasse de Fabiano. — Você é menor e mais fraca, então, terá que fazer com que cada golpe conte. Mire onde dói mais. No saco dele. — Nino apontou para a virilha de Fabiano, que ergueu uma sobrancelha. — Plexo solar. Ele apontou para área embaixo das costelas. — Embaixo do queixo. Olhos. Nariz. — Ele apontou para o rosto de Fabiano.

— Aqui, deixe te mostrar — Falou Nino e se posicionou na frente de Fabiano, cujos lábios se alargaram num sorriso.

Nino levantou o joelho de lado em direção à virilha de Fabiano sem fazer contato. Depois, ele cerrou a mão em punho e fingiu socar o estômago de Fabiano duas vezes. Então, ele empurrou a base da mão no nariz de Fabiano.

— Você também pode arranhar e morder, mas não desperdice muito tempo. Em algum momento, você vai se cansar.

Nino se afastou e acenou para Fabiano.

Fabiano veio em minha direção imediatamente e eu travei. Tudo aconteceu muito rápido e, de repente, eu estava de costas no chão e ele

estava entre as minhas pernas. O pânico me sufocou. Soltei um soluço aterrorizado, fechando os olhos, e comecei a tremer.

— Caralho — disseram.

Então, outra voz fria e envolvente falou acima de mim. Esta voz já havia me trazido de volta antes.

— Kiara, abra os olhos. — E eu abri, olhando para seus olhos cinza frios. Nino. — Não permita que o passado te controle. Você está segura. Nada vai te acontecer. Eu estou aqui.

Engoli em seco e assenti brevemente. Fabiano havia se sentado nas coxas, me encarando intrigado. Fechei as pernas, envergonhada.

— Desculpe.

— Não tem do que se desculpar — disse ele dando de ombros, mas seus olhos estavam um pouco mais suaves do que antes.

Nino me ajudou a levantar.

— Mais uma vez? — Ele me olhava nos olhos e eu assenti brevemente. Ele se virou para Fabiano. — Desta vez, apenas monte nas pernas dela.

Fabiano assentiu. — Pronta?

— Sim — Falei, e ele pegou o meu braço e, mais uma vez, eu me vi de costas com Fabiano montado nas minhas coxas. O pânico arranhou meu peito e eu tentei lutar contra ele, mas não consegui. Minha visão escureceu. Fabiano me empurrou e eu respirei fundo. Nino se ajoelhou do meu lado, colocando a mão no meu ombro.

— Acho que não está dando certo — disse Fabiano. — Ela está com muito medo.

Nino concordou, mas manteve os olhos em mim e sua mão quente no meu ombro.

— Pode ir embora. Vou assumir daqui.

Fabiano me deu um sorriso apertado. Depois, ele saiu do ringue.

— Me desculpe — Falei, envergonhada por ter surtado dessa

maneira mesmo sendo uma farsa, mesmo Fabiano não tendo intenção de me machucar.

— Eu subestimei seu medo dos homens. Comigo, você tem relaxado.

— É porque eu confio em você — Sussurrei.

Ele franziu a testa e não falou nada.

— É por isso que eu quis que você lutasse com Remo ou Fabiano. Você desconfia deles. Isso teria feito a luta mais real.

— Eu sei, mas é demais nesse momento. Você pode treinar comigo?

— Claro, mas eu vou jogar duro com você, Kiara. Não faz sentido ficar na sua zona de conforto. Você não vai melhorar se sentindo segura.

Meu estômago contraiu de nervoso quando Nino me pôs de pé. Nino tinha razão e eu queria mostrar a ele que eu não era fraca e, mais do que isso, queria mostrar a mim mesma que podia superar meu passado de uma vez por todas. Eu havia permitido que ele controlasse a minha vida por tempo demais.

— Chegue mais perto. — Quando me aproximei, ele agarrou meus pulsos e eu fiquei tensa em preparação para o seu ataque, mas ele pôs as minhas mãos em seus ombros. — Use isso para ganhar tempo e agora levante o joelho com o máximo de força que conseguir.

Hesitei.

— Faça — Ordenou, e eu fiz. Nino bloqueou meu joelho com sua coxa, assim, eu não consegui atingir sua virilha. Pulei por causa do impacto, uma dor chata se espalhava pelo meu joelho, subindo pela minha coxa.

— Desculpe.

— Não peça desculpas. Você deveria me machucar. Mais uma vez e, agora, mais forte.

Ergui o joelho de novo e bati em sua coxa. Ele acenou de leve.

— Melhor. Ainda hesitante demais. Agora, cerre o punho.

Abaixei as mãos e as cerrei em punho.

— Me bata no estômago.

Eu bati nele, mas até mesmo eu pude perceber que estava me contendo. Nino segurou a minha mão e fechou meu punho ainda mais apertado. Depois, ele pôs a mão no local onde queria que eu mirasse.

— Aqui. E forte.

Eu bati nele de novo e sua boca comprimiu. Eu não sabia se foi porque eu havia conseguido de fato machucá-lo ou se ele ainda não estava satisfeito com a minha performance. Provavelmente o último.

— Agora, abra sua mão e leve a base dela para o meu nariz.

Fiz como ele instruiu e ele mudou ligeiramente o ângulo da minha mão.

— Desse jeito. Se você usar força suficiente, pode quebrar o nariz do seu adversário.

— Talvez você.

Ele balançou a cabeça. — Você pode. Acredite. Se eu usar esse movimento com força total, posso matar meu adversário empurrando seus ossos para dentro do cérebro, não apenas quebrar seu nariz.

Contorci o rosto em repulsa.

— Agora, vamos para um defesa de verdade. Eu vou te atacar, te jogar no chão, e me forçar entre as suas pernas, e você vai tentar me deter com tudo o que tem. Não se contenha, Kiara. Você não pode me machucar.

— Tudo bem — Respondi. Enxuguei minhas mãos na minha calça porque elas estavam suadas por causa do nervosismo.

Nino olhava calmamente para mim, entretanto, algo em sua expressão mudou, se tornando mais calculista e predatória, e eu sabia que ele estava prestes a dar o bote. Apesar de saber disso, gritei quando ele me agarrou pelos quadris. Depois de um segundo congelada, ergui o

joelho, mas ele se esquivou com a coxa e me pressionou no chão com seu corpo. Então, ele estava em cima de mim, ajoelhado entre as minhas pernas, com a pélvis pressionada à minha. Meus pulsos estavam presos acima da minha cabeça e nenhuma força o fez se mexer. Minha respiração se tornou irregular quando o pânico revirou a boca do meu estômago, não tão ruim quanto antes, mas ele estava lá com certeza.

— Lute — Ordenou Nino bruscamente.

Eu sabia o que ele queria dizer, mas era muito difícil lutar contra a minha própria mente. Foquei em seus olhos cinza e frios. Agora, eles haviam me libertado do pânico duas vezes e fizeram novamente. Devagar, meu terror desvaneceu e minha respiração acalmou.

Nino balançou a cabeça ao soltar meu pulso, mas continuou em cima de mim.

— É bom que você encontre conforto nos meus olhos, Kiara, mas isso não vai ajudar se você for atacada.

Fechei os olhos. — Talvez devêssemos aceitar que eu nunca serei capaz de me defender e que da próxima vez que alguém como meu tio aparecer, ele vai poder tomar tudo que quiser de mim.

Os lábios de Nino roçaram na minha orelha, fazendo meus olhos abrirem de surpresa.

— Você vai aprender a se defender e eu juro que ninguém mais vai te machucar de novo. Ninguém vai sequer chegar perto.

Ele se afastou e sua expressão fez meu coração arder com sentimentos bobos. Por um momento, nenhum de nós dois se mexeu, e eu coloquei as mãos em seu peitoral musculoso. Minha respiração acelerou por outro motivo. Pela primeira vez na minha vida, eu estava confortável com um homem em cima de mim, com ele entre as minhas pernas. Nino, enfim, quebrou o momento, saindo de cima de mim, e estendeu a mão. Eu a peguei e ele me levantou, porém, meu corpo ainda formigava por causa da sua proximidade.

— Outra vez — disse ele e a tensão na sua voz superou a agitação na minha barriga.

*

NINO

Depois de chegarmos em casa após o treino, Kiara não parava de me olhar, mas assim que eu olhava de volta, ela desviava. Não consegui decifrar seu humor. Ela parecia nervosa. Fui para o banho depois que ela acabou, mas mantive a porta aberta, como sempre. Kiara nunca entrava. Minha nudez ainda a deixava nervosa e não apenas por medo.

Remo estava certo. Ela precisava aprender a lutar com alguém que lhe dava medo… e essa pessoa não era eu. Kiara passou a confiar em mim, e eu não esperava por isso. Claro que eu a tratava de um modo que me fez ter esperança de que ela conseguisse relaxar na minha presença. Seu medo não era algo que eu poderia tolerar em uma esposa. Eu precisava de alguém que conseguisse me enfrentar, e Kiara estava chegando lá. Ainda tínhamos um caminho a percorrer, mas, diferente do meu irmão, eu era paciente.

Encostado no chuveiro, abri a água fria para que meu pau não tivesse ideias. Eu tinha a sensação de que Kiara não estaria pronta para mais exploração hoje. A luta com Fabiano a havia perturbado. E, para ser sincero, foi difícil para mim me manter distante assistindo-o tocá-la, segurá-la, se ajoelhar entre as pernas dela. Era algo que eu não havia vivenciado ainda. Eu não conseguia nomear o que eu estava sentindo.

Quando entrei no quarto depois do banho, Kiara estava apoiada na cabeceira da cama, vestindo uma camisola de seda fina que quase não escondia seus mamilos. Suas pernas esbeltas estavam cruzadas na altura dos tornozelos, um local onde Kiara era lindamente sensível. Ela ergueu o olhar do livro que segurava e deu uma olhada rápida no meu peito nu, demorando-se na minha cueca, antes de voltar o olhar para o livro, mas ela não conseguiu se concentrar no que estava lendo.

Secando meus cabelos, fui até onde ela fingia ler.

— O que houve? Eu fiz alguma coisa para te deixar nervosa? É por causa do treino de hoje? Preciso garantir que você aprenda a se defender. Facilitar para você não vai ter o efeito desejado.

Pensei que tivéssemos chegado a algum tipo de entendimento. Eu não desistiria de insistir na autodefesa. Kiara era bem protegida. Como uma Falcone, seu último nome carregava medo pelas ruas de Las Vegas. Todos sabiam que ela era minha. Todos sabiam que os Falcone protegiam o que era nosso e nossa vingança era cruel e impiedosa. Ela estava tão segura quanto uma mulher no nosso mundo poderia estar, contudo, eu não conseguia enxergar por que não deveríamos garantir o nível mais alto de segurança ao tornar Kiara um alvo difícil. Suas habilidades com a arma haviam melhorado, só que ela precisava aprender a se defender sem a ajuda de armas.

Ela corou e abaixou o livro, depois, enfim, olhou para mim. Seus olhos passearam pelo meu torso, descendo para a minha cueca e logo retornaram para o meu rosto. Estreitei o olhar, tentando avaliar seu humor. Ela estava nervosa. Larguei a toalha que usei para secar os cabelos e me deitei na cama ao lado dela.

— Se você não me contar o que te incomoda, não posso mudar o meu comportamento.

— Você não fez nada — Falou baixinho.

Mais uma vez seus olhos analisaram meu torso, descendo e voltando para o meu rosto. Percebi que esta não era ela chateada pelos acontecimentos de hoje. Eu tinha quase certeza de que ela estava excitada, mas, como de costume, permiti-lhe dar o primeiro passo.

— Eu… eu quero dormir com você.

Meu corpo reagiu imediatamente, o sangue disparou direto para o meu pau, mas não agi por impulso. Eu me virei em direção a Kiara, projetei meu corpo para mais perto, apoiando-me com o braço ao lado da sua perna, e ela escorregou para frente, deixando o livro cair no chão. Seus lábios encostaram nos meus e sua língua deslizou para dentro. Lutei contra o impulso de prendê-la no colchão, de cobri-la com o meu corpo e roçar em seu corpo dócil. Queria mergulhar em seu canal apertado pra caralho, queria senti-la em volta do meu pau e me perder. Não havia por que negar.

— Quer que eu fique preso? — Perguntei entre beijos.

Ela me olhou nos olhos e balançou a cabeça de leve.

— Eu confio em você. Não tenho mais medo da sua força.

Passei os nós dos dedos pelo seu braço. Confiança… isso era uma coisa frágil. Eu sabia. Eu sempre só confiei em meus irmãos, mas estava começando a confiar nela também.

— Vou fazer com que seja bom para você, Kiara.

Ela expirou e uma pontada de ansiedade comprimiu seus lábios.

— Não vai ser como da última vez, vai? — Sua voz tremia e seus olhos me fitaram como se ela soubesse que eu manteria o passado sob controle. E, puta que pariu, eu queria fazer isso por ela, queria lhe mostrar que aquilo pelo que ela passou era algo que nunca mais reviveria.

Delineei seus seios por cima do tecido.

— Não será nada parecido com aquilo. — Teci um caminho de beijos em seu queixo, descendo pelo pescoço e clavícula, absorvendo seu cheiro doce, apreciando a sensação de sua pele sedosa contra meus lábios. — Não haverá dor nem medo. Você estará no controle.

Sua mão encontrou a minha nuca e ela me puxou para baixo. Eu acompanhei, tirando a alça do seu ombro e deixando seu seio nu. Abocanhei seu mamilo eriçado e o chupei, gostando de como ele se contraiu sob meus avanços.

Ela ofegou e arrepios serpentearam pela sua pele. Segurei seu outro seio com a minha mão, massageando delicadamente antes de meu polegar encontrar seu mamilo e roçar nele, provocando um gemido da parte dela. Rocei mais uma vez ao circular seu outro mamilo com a língua. Ela começou a se mexer agitada ao meu lado ao se ajoelhar na cama.

— Nino — Sussurrou. — Por favor.

— Por favor o quê? — perguntei com a voz rouca. Eu estava dolorosamente duro dentro da cueca, mas tentei jogar minha necessidade para segundo plano.

— Eu preciso gozar.

— Você quer a minha boca?

Ela assentiu bruscamente.

— Então, deite-se.

Ela deslizou de costas e se deitou. Subi na cama e enganchei os dedos em sua calcinha e, uma vez que ela não ficou tensa, tirei-a. Ela ergueu a bunda para facilitar para mim. Devagar, coloquei um joelho entre suas pernas, observando sua expressão. Houve um segundo de resistência antes de ela se abrir para mim. Colocando o outro joelho entre suas pernas, rocei ligeiramente em suas coxas e abri mais ainda suas pernas. A visão de suas dobras reluzentes enviou um pontada de desejo pelo meu corpo, direto para o meu pau.

A paciência era uma virtude, só que neste momento, ser paciente parecia uma tarefa intransponível. Respirando fundo, me estiquei entre suas coxas enquanto ela me observava com necessidade, com a boca aberta, os olhos arregalados e confiança.

Ela já estava muito excitada por causa dos meus avanços em seus mamilos, excitada o suficiente para o sexo, mas eu queria que ela estivesse relaxada por causa de vários orgasmos antes de eu entrar nela. Beijei sua coxa, subindo para onde ela queria a minha boca. Respirei em cima das suas dobras, fazendo suas pernas tremerem de necessidade. Beijei seu osso púbico, depois, suas dobras, antes de dar uma longa lambida saboreando-a, sem me importar que isso deixasse meu pau ainda mais duro. O gosto dela era um puta catalisador para a minha própria luxúria.

Kiara respirou profundamente, quase aliviada. Determinei um ritmo de leves movimentos em seu clitóris e círculos lentos em sua abertura até ela se contorcer e ficar ofegante. Quando ela começou a balançar os quadris com movimentos curtos e desesperados, coloquei a língua em seu clitóris com firmeza e ela desabou gritando. Ela levou a mão à minha cabeça, me mantendo no lugar, enquanto eu me concentrava em sua entrada, mergulhando a língua, enterrando a cara em seu colo perfeito.

Acariciei sua coxa e aproximei a mão da boceta dela, roçando os dedos em sua carne molhada. Passando o dedo indicador pela sua abertura, esperei alguns segundos, e, como ela não ficou tensa, deslizei um dedo para dentro dela. Meu pau deu sinal de vida, sabendo que logo eu estaria enterrado em seu calor molhado. Comecei a fodê-la com o dedo devagar, enquanto fazia movimentos circulares em seu clitóris. E essa visão me pôs em chamas. Imaginei que isso chegava perto de vivenciar emoções, esta necessidade ardente e devoradora. Melhor do que sentir sua excitação foi o gemido ofegante que saía da boca de Kiara, a suavidade de suas coxas me dizendo que ela estava gostando disso sem nenhuma reserva, porque ela confiava que eu seria bom com ela.

Ergui o olhar para observá-la.

Meu dedo estava mergulhado em sua umidade, e ela agarrava o lençol, emitindo gemidinhos desesperados. Afastei-me alguns centímetros.

— Como está se sentindo, Kiara? — Minha voz saiu forte e grossa – *à flor da pele* –, mas Kiara não pareceu se incomodar com isso. Um calor estranho se instalou no meu peito, um calor que não consegui identificar.

— Bem — Sussurrou ela, então, ofegou quando curvei meu dedo dentro dela, pressionando a ponta levemente em seu ponto G.

— Está bom?

— Bom demais, Nino. Bom demais. — O jeito dela falar soava como se isso fosse um milagre do caralho, como se fosse uma revelação que eu lhe havia oferecido, e algo estranhamente possessiva preencheu meu peito.

Kiara era minha.

— Que bom — Murmurei contra sua carne molhada antes de abocanhar seu clitóris mais uma vez e roçar em seu ponto G. Ela gozou outra vez, arqueando as costas, agarrando o lençol, ofegando e gemendo, e eu abrandei meus movimentos, permitindo-lhe o controle. Eu sabia que precisava testar se ela estava pronta com mais um dedo,

mas avisá-la sobre isso representava o risco de ela ficar tensa outra vez. Contudo, ela precisava se sentir no controle. — Quero meter dois dedos em você.

Um momento de hesitação. — Tudo bem.

— Tente relaxar senão vou te fazer cócegas outra vez — Avisei enquanto deslizava meu dedo para dentro e para fora lentamente.

Ela riu e eu coloquei mais um dedo dentro dela. Surpresa, ela se contraiu e eu não me mexi, deixando que ela percebesse que não haveria dor. Ela estava molhada demais para isso.

— Está bom?

— Está tudo bem — disse ela.

— Então, vamos tentar deixar bom.

Subi pelo seu corpo, mantendo os dedos dentro dela e abocanhei seu mamilo. Brinquei com ele durante um tempo, antes de começar a movimentar os dedos num ritmo lento.

As paredes internas de Kiara os abraçaram firmemente e eu não pude mais esperar para senti-las em volta do meu pau. Depois de alguns segundos, Kiara começou a acompanhar minhas estocadas com a pélvis enquanto eu chupava seu mamilo com mais intensidade. Soltei-o para perguntar como estava, mas Kiara foi mais rápida.

— Está gostoso, Nino. Por favor, não pare.

Retornei a boca para seu mamilo ansioso, mordiscando ligeiramente, e logo Kiara se arqueou debaixo de mim, gritando ao gozar. Tirei meus dedos de dentro dela, que estavam cobertos dos seus fluidos, e aquela visão quase me desfez.

Ela abriu os olhos, com a visão desfocada, e seus lábios formaram um leve sorriso satisfeito.

— Seu corpo está pronto — Rosnei, oscilando no limite do controle. Eu raramente me permitia perder o controle, e esta noite com certeza não seria o momento.

— Eu estou pronta — disse ela suavemente, analisando minha

expressão. Sorri, sabendo que ela precisava estar à vontade.

Eu me ergui, afastando-me de Kiara.

— Acho que o melhor para você é ficar por cima.

— Não sei se consigo fazer isso. Você não pode ficar por cima?

Assenti, porém, dado seu nervosismo assim que ela se deu conta do meu poder físico, ficar por cima pareceu uma péssima escolha. No ringue de boxe hoje, ela lidou bem com tudo, mas era diferente do que se submeter a alguém na cama. Tirei a cueca. Eu já estava dolorosamente duro, mas sabia que precisava ir devagar por Kiara. Nunca na minha vida eu tive que me conter por alguém. Eu tomava qualquer que fosse o prazer que as mulheres me ofereciam, e ela ofereciam muito, mas Kiara era minha esposa e eu queria tratá-la da maneira correta, tratá-la como uma esposa deveria ser tratada.

Kiara não era nenhuma puta nem uma devedora. Ela era minha esposa. Uma Falcone. Minha responsabilidade.

Ela me olhava com nervosismo e confiança. Eu não sabia por que a constatação de que ela confiava em mim me satisfazia tanto; apenas os meus irmãos confiavam em mim e, agora, Kiara – mesmo seu passado tendo-lhe ensinado que as pessoas em que ela confiou acabaram machucando-a.

Voltei para a cama e Kiara sorriu, mas seus lábios tremiam ao fazê-lo. Eu queria estar dentro dela.

— Não precisamos fazer isso — Falei, mesmo que as palavras saíssem dos meus lábios com dor.

— Não — Afirmou imediatamente, colocando a mão no meu peito Suas mãos estavam tremendo. Levei sua palma à minha boca e a beijei. Ela relaxou ligeiramente, reagindo bem ao carinho, como de costume. Eu gostava de ser gentil com Kiara, porque a maneira com que ela respondia me dava uma enorme satisfação. Era uma nova experiência que eu não pensei ser possível.

Fui para cima dela devagar e ela abriu as pernas para mim, para que eu pudesse me ajoelhar entre elas. Apoiando-me nos braços, olhei

para a minha esposa. Já dava para perceber que ela estava ficando subjugada pela minha presença. Sua respiração havia acelerado e seus cílios se agitavam de maneira nervosa. Eu desejei que houvesse um modo de ela perceber que isso não tinha nada a ver com o estupro que ela sofreu no passado. A melhor solução para o problema ainda parecia ser ela ficar por cima.

Pairei sobre ela, sem me mexer.

— Você vai se sentir ainda mais sem controle da situação se eu entrar em você. Meu peso vai te pressionar no colchão e você vai ter que ceder à pressão que eu aplicar. Não tem como evitar isso — Rosnei, tentando ignorar a maneira com que meu pau se contorceu quando rocei na parte interna da sua coxa. Um ligeiro movimento dos meus quadris e apenas uma estocada seria o necessário para saciar o desejo ardente nas minhas veias.

— Por que você quer essa posição? — Perguntei calmamente.

— Porque quero que você assuma… e quero estar perto de você quando fizermos sexo.

— Mesmo se sentando em cima de mim, posso te abraçar. Posso facilmente assumir o comando com você montada.

Suas bochechas coraram diante do termo “montada”.

Eu me afastei dela e me recostei na cabeceira.

— Fique por cima — Ordenei, resolvendo tirar a decisão das suas mãos.

Kiara ficou de joelhos, mordendo o lábio inferior com incerteza. Suavizei minha expressão e tirei seus cachos desarrumados do seu rosto. Ela cedeu ao toque imediatamente. Acariciei seu rosto com o polegar, depois, passei os dedos pelo seu pescoço e braço. Ela soltou um leve suspiro.

— Pronta? — Perguntei com um forçado tom de voz calmo.

Kiara assentiu e se aproximou de mim. Segurei sua cintura e a ajudei a se colocar no meu abdômen. Exalei quando sua excitação se encostou em meu abdômen. Seu corpo estava pronto pra caralho.

Passando o braço pelas suas costas, puxei-a para mim, clamando sua boca na minha num beijo descontrolado.

Kiara retribuiu o beijo ansiosamente e esfregou sua boceta molhada na minha pélvis, escorregando sem perceber. Reprimi um grunhido. Eu só queria me enterrar dentro dela, mas me contive por ela, deixei-a se sentir confortável em cima de mim.

Quando ela finalmente se inclinou para trás e olhou para mim em busca de ajuda, falei: — Levante um pouco e desça de novo. — Ela fez o que mandei até estar montada nas minhas coxas. Segurei meu membro. Ela engoliu em seco intensamente. — Vai ser bom. Eu vou cuidar de você, Kiara.

Ela assentiu com um leve sorriso quando se agarrou aos meus ombros e se posicionou acima do meu pau. Devagar, suas mãos deslizaram para baixo, até chegarem ao meu peitoral e sua entrada ensopada roçar na minha ponta. Contive um gemido, sem querer assustá-la.

Meu saco comprimiu, meus músculos contraíram. Caralho. Eu não conseguia me lembrar da última vez que quis tanto alguém quanto eu queria Kiara neste exato momento.

— Pode ser que arda um pouco, mas você está muito excitada, Kiara.

Eu sabia que não encontraria nenhuma resistência se metesse nela. Seu corpo estava pronto para ser reivindicado, mas sua expressão mostrava apreensão. Eu já estava lendo melhor suas emoções.

— Me ajuda? — Sussurrou, seus olhos castanho-escuros estavam cheios de confiança e meu coração entrou no ritmo por algum motivo inexplicável.

Pressionei os calcanhares no colchão para alavancar e agarrei seus quadris para mantê-la no lugar.

— Vou movimentar meus quadris agora e entrar em você — Avisei. — Vou bem devagar para que seu corpo possa se adaptar. Avise se precisar que eu pare.

Empurrando ligeiramente para cima, a ponta do meu pau entrou e eu reprimi um gemido quando suas paredes me agarraram com força. Ela abriu a boca, franzindo a testa. Inclinou-se para frente, aproximando ainda mais os nossos rostos, de modo que seu hálito doce pairasse pelo meu rosto. Seus olhos arregalados fixaram-se nos meus.

— Está doendo? — Perguntei, com a voz mais grossa, mais áspera do que eu pretendia. Porque ela estava muito molhada, eu não conseguia imaginar que sentiu dor, só que ela também era muito apertada, uma combinação deliciosa para o meu pau e uma combinação que me fez querer meter duro e fundo nela.

— Não — disse ela. — Dilatada.

Esperei, mesmo que meu corpo gritasse para que eu projetasse os quadris e metesse todo o meu membro dentro dela. Seus olhos guardavam tantas emoções, não tinha como me prender a só. Como deve ser a sensação de ter esse tipo de caos dentro do seu corpo?

Ela movimentou a pélvis e eu tomei isso como uma permissão para erguer meus quadris. Deslizei mais fundo dentro dela, seu calor apertado me envolveu perfeitamente e ela fechou os olhos.

— Kiara — Falei com dificuldade. — Preciso ver seus olhos. — Eu não conseguia ler sua expressão facial direito sem olhar em seus olhos.

Suas pálpebras abriram. — Desculpe.

Acariciei a lateral do seu corpo e ela lambeu os lábios. — Pode ir mais fundo.

E eu fui. Desta vez, não parei. Enquanto levantava meus quadris, a ajudava a abaixar até sua boceta estar pressionada contra a minha pélvis. Eu me abaixei para o colchão e a levei comigo. Ela ficou imóvel em cima de mim quando a preenchi completamente. Caralho. Isso beirava à perfeição como havia imaginado.

Ela soltou o ar e cravou os dedos na minha pele. Engoli em seco. Nunca a sensação de ter alguém no meu pau foi tão boa. Meu corpo gritava para se mexer, para buscar o prazer que suas paredes apertadas poderiam oferecer. Ela se grudou em mim, totalmente inerte.

— Tudo bem? — Perguntei com a voz baixa.

Kiara exalou novamente.

— Isso é… bom. — Seus olhos estavam marejados e eu fiquei tão imóvel quanto ela.

— Por que essas lágrimas?

Ela se inclinou para frente para me beijar e meu pau mexeu dentro dela. Gemi na sua boca e ela estremeceu levemente. Seus lábios roçaram nos meus e eu aceitei seu convite, saboreando sua boca. Beijar sempre me pareceu um mal necessário que muitas mulheres exigiam durante o ato sexual, mas com Kiara o beijo disparou a minha excitação.

Devagar, ela se afastou, com os olhos escuros e marejados.

— Me sinto como se finalmente estivesse livre dele.

Acariciei suas costas carinhosamente, tentando entender. Eu o havia matado com o máximo de violência quanto fui capaz e, no entanto, este ato de carinho finalmente destruiu os demônios do seu passado, as lembranças dos atos dele. Abracei-a com mais força, juntando nossos corpos, encostado à cabeceira. Pela primeira vez, eu não soube o que falar e esta era uma experiência perturbadora.

Comecei a me mexer, girando os quadris devagar, com cuidado, e ela ofegou. Ela olhou dentro dos meus olhos e pôs os lábios sobre os meus. Confiança. Carinho. E tantas outras emoções que eu não entendia. Nunca me ressenti verdadeiramente da minha incapacidade de sentir, mas, neste momento, me ressentia.

— É tão gostoso, Nino.

Projetei os quadris do mesmo jeito e as pálpebras de Kiara se agitaram, mas ela não fechou os olhos. Era como se ela precisasse me ver, então, olhei para ela também. Seus lábios se abriram para um leve gemido Era um som perfeito, mais perfeito do que qualquer melodia que Kiara criara no piano e ela havia criado algumas das melodias mais lindas que eu já ouvi.

Ao roçar o polegar pelo seu clitóris, ele se moveu com facilidade sobre sua carne quente e molhada coberta com seus fluidos. Com a

outra mão, segurei seu seio, passando o polegar pelo seu mamilo eriçado. Ela gritou e se cerrou ao meu redor.

Revirei os olhos enquanto lutava por controle. Queria ir com mais força, mais rapidez. Caralho. Repeli o impulso e me concentrei na minha esposa, enquanto ela balançava os quadris quase impotentemente, tentando encontrar mais prazer, mas insegura dos seus movimentos. Deixei-a descobrir o movimento que ela gostava enquanto continuava empurrando devagar. Sempre que ela arregalava os olhos ou que abria a boca, a porra do meu coração apertava. Eu não sabia o que tinha de errado comigo. Essa não era uma resposta física que eu já houvesse tido durante o sexo.

Esfreguei mais rápido o polegar em seu clitóris e acelerei as estocadas. As paredes de Kiara se contraíram com força em volta do meu pau, enquanto suas unhas cravavam na minha pele. Ela balançou com mais rapidez, mal indo de encontro com as minhas estocadas. Era descoordenado e sem experiência, ainda assim, a melhor coisa que já presenciei. *A porra da melhor coisa que já senti*.

Ela arregalou os olhos, tensionando o corpo ao gozar gemendo alto. E, finalmente, eu me libertei, metendo com mais força dentro dela e esperando que ela aguentasse, porém, sem condição de perguntar, até o meu orgasmo me atingir como um tsunami. Minha cabeça caiu para trás na cabeceira enquanto eu me aliviava dentro dela. A porra do aperto no meu peito continuava.

Ela caiu para frente e colou em mim, com o rosto enterrado no meu pescoço, beijando sem parar meu corpo suado. Passei as mãos em suas costas e em seus braços, mas mantive distância do seu pescoço. Este ainda era um ponto que a deixava nervosa. Ela relaxou com o meu toque, respirando profundamente.

— Eu te amo — Sussurrou ela, e nós dois enrijecemos ao mesmo tempo.

Sua respiração se prendeu no meu pescoço.

Amor?

CAPÍTULO 19

KIARA

Eu te amo.

Nino ficou tenso embaixo de mim e eu também enrijeci. Fechei os olhos. Não conseguia acreditar que pronunciei aquelas palavras. Nunca considerei dizê-las, porque sabia que Nino não poderia retribui-las. Amor. Para ele, era algo incompreensível, ilógico, impossível. Ele simulava afeto por mim. Todos os atos de carinho, cada sorriso e expressão tenra eram um esforço consciente.

Engoli em seco. As palavras haviam saído sem a minha intenção porque estava muito aliviada, feliz e agradecida. Nunca falei “eu te amo” para ninguém, nem mesmo para a minha mãe e ninguém tampouco havia falado para mim.

Nino não estava sendo nada além de paciente e gentil comigo, e eu não esperava por isso. Nem nos meus sonhos mais ousados, não de um homem como ele, e não de um Falcone. Eu me sentia segura com ele. Mas dizer aquelas palavras que eu mal ousava admitir para mim mesma fora um erro. Sabia disso lá no fundo.

Reunindo coragem, recuei e me sentei. Nino ainda estava dentro de mim, só que estava começando a amolecer. Fiquei com medo de olhar para ele e vê-lo me encarando inexpressivamente. Para ele, era impossível entender por que eu tinha dito aquelas três palavras.

Quando ergui o olhar, Nino parecia estar tentando compreender o que havia acabado de acontecer. Ele franziu a testa, seus olhos cinza me penetravam até o âmago como se ele estivesse tentando ver dentro do meu coração e da minha alma, me desnudando quando eu já havia me desnudado para ele ao admitir a minha tolice.

Fui tomada pelo constrangimento e um desejo profundo, que parecia rasgar os veios do meu coração, encheu meu peito. Comecei a me afastar, porém, Nino não deixou. Ele me abraçou.

— Não — Falou com firmeza. — Não fuja.

Será que ficou tão óbvio na minha cara que eu queria fugir, mesmo que não tivesse como fugir dos meus sentimentos?

Ele segurou meu rosto e me beijou, relaxando a expressão.

— Você está confusa e aliviada porque fizemos sexo. Está tudo bem. Não se sinta envergonhada.

Lá no fundo, eu sabia que este ato de ternura também era um esforço consciente. Ele fez seus músculos faciais relaxarem porque sabia que era o que eu queria, porque sabia que eu precisava disso.

— Não foi da boca para fora — Sussurrei porque estava cansada de fugir. Nino estava certo. Durante toda a minha vida, eu fugi das lembranças, da minha família, dos homens. Estava cansada de fugir e, mesmo que Nino não pudesse entender meus sentimentos, isso não mudava o fato de que eu os tinha.

Nino me encarou, seus olhos quase… expressivos, pela primeira vez.

— Kiara... — Começou ele com a voz baixa.

— Eu sei — Apressei-me em dizer, com a garganta apertada. — Eu sei que você não pode retribuir o sentimento. Eu sei que você não sente nada por mim, e está tudo bem. Você está tentando ser um bom homem, mesmo que não seja da sua natureza. Você me trata bem, simula afeto por mim e está tudo bem. É mais do que esperava quando nos casamos e é o bastante.

Seu olhar tornou-se perscrutador e, mais uma vez, fiquei com a sensação de que ele estava tentando ver direto dentro do meu coração. Talvez ele tenha tido sucesso porque perguntou calmamente: — Tem certeza?

Não, foi tudo uma grande mentira. Pensar que Nino nunca poderia sentir por mim o que eu sentia por ele me enchia de desespero, mas ele

fora honesto quanto sua personalidade desde o início. Eu não poderia guardar rancor dele. Não iria.

— Isso importa? Você não pode mudar quem é. Não pode se obrigar a sentir, então, se isso me incomodasse não mudaria nada. Prefiro não me preocupar com as coisas que não posso mudar.

— Esta é uma escolha lógica, mas você não é do tipo que faz escolhas lógicas, Kiara.

Beijei-o intensamente, meus lábios demoraram-se nos dele enquanto eu olhava dentro de seus olhos cinza. Assim que fiz isso, eles se suavizaram novamente. Afeto simulado. Ele era tão horrivelmente bom nisso.

— Posso tentar simular amor — Murmurou ele, e meu coração bateu violentamente. — Não é difícil. Os seres humanos têm um certo modo de agir perto do outro quando estão apaixonados.

Eu estava dividida entre querer concordar… porque se Nino fosse bom em simular amor como ele era em todo o resto, poderia me fazer acreditar que seus sentimentos eram reais. Eu poderia me permitir acreditar em uma mentira. Eu sabia disso. Mas o que aconteceria nos momentos em que eu me desse conta da verdade, em que ele se esquecesse de mostrar emoções? Esses momentos iriam me destruir se eu me permitisse acreditar que seu amor poderia ser real de verdade.

— Kiara — disse ele tranquilamente, calmamente, e até este timbre em sua voz era falso, no entanto, meu coração se encheu de calor ao escutar.

Meneei a cabeça, roçando meus lábios nos dele porque estavam perto demais.

— Não finja amor. Consigo lidar com todo o resto, mas amor, não. Se você disser que me ama, terá que ser porque realmente me ama.

O abraço de Nino ficou mais apertado e um lampejo de desconfiança apareceu em sua expressão. Ele sabia que isso nunca aconteceria. Era impossível Nino me amar.

Era possível amar alguém que não vivenciasse emoções? Alguém

que analisava o amor como se fosse um problema matemático?

Não era uma pergunta que precisasse de resposta.

Eu sabia a resposta.

Eu amava Nino, mesmo ele nunca conseguindo me amar de volta.

*

Adormeci nos braços de Nino. E, como sempre, quando acordei na manhã seguinte, estava encolhida junto a ele como todas as manhãs, mas hoje era diferente. A luz entrava pela fresta das cortinas, e suspirei, meus dedos passeavam pela barriga de Nino.

— Como você se sente?

Sua voz me assustou, mesmo sabendo que ele estava acordado. Ele sempre acordava antes de mim. Não levantei a cabeça e encostei o rosto em seu peito.

— Bem.

Nino acariciou meu braço. — Não minta.

— Não estou mentindo — Falei, e finalmente ergui o olhar para seu rosto calmo. Não estava exatamente frio. — Ontem, eu finalmente me libertei dele e foi com a sua ajuda. É só o que importa.

Os dedos de Nino se moveram pela minha coluna, depois, subiram lentamente, passando pelo meu pescoço, e eu travei, esperando aquela pontada de pânico; houve um momento de desconforto, mais porque eu esperava pelo pânico e que as lembranças aparecessem do que pelo toque de Nino. Ele passou os dedos pelos meus cachos, colocando a mão na minha nuca, e eu sorri.

— Está vendo? Eu disse a verdade.

Ele estreitou ligeiramente os olhos, mas eu não sabia por quê. Ele parecia principalmente confuso, o que era estranho para Nino. Eu me apoiei em seu peito e o beijei, e ele retribuiu o beijo prontamente e logo me pôs em cima dele, sua ereção cutucava a minha coxa. Ele me puxou para baixo até sua ponta roçar na minha abertura, porém, ele não

entrou. Em vez disso, me beijou e massageou as minhas nádegas. Eu me permiti mergulhar no gosto de seus lábios, permiti que as carícias de seus dedos ásperos roubassem o resto do meu cansaço.

Ele se afastou um pouco, sua expressão estava tensa de desejo. — Eu quero você.

Beijei-o com mais intensidade, respondendo com o meu corpo e não com palavras. Sua mão foi para o meio das minhas pernas, escorregando entre as minhas dobras, e ele expirou.

— Tão molhada — Murmurou ele.

Mordi o lábio quando ele enfiou dois dedos dentro de mim. As sensações se espalharam do meu centro para todas as terminações nervosas, e eu arqueei as costas, permitindo que ele metesse mais fundo dentro de mim. Como eu pude sequer pensar que isso não seria bom? Nino conseguia fazer tudo de bom para mim.

Ele me olhou com intensidade quando balancei os quadris contra seus dedos. Meu prazer estava se instalando e eu pude me sentir chegando lá. Nino tirou os dedos antes de eu conseguir encontrar meu alívio e eu bufei em protesto, me contorcendo em cima dele em busca de algum atrito contra sua pélvis.

— Você vai ter o que quer — Grunhiu ele, e eu estremeci ao ouvir sua voz.

Ele agarrou meus quadris e me puxou para baixo até finalmente sua ponta deslizar para dentro de mim, e eu gemi diante da sensação. Ele projetou os quadris para cima, entrando todo, e eu estremeci com o meu orgasmo, agarrando-me desesperadamente a ele quando minhas paredes internas se fecharam em volta do seu membro.

Enterrei o rosto em seu pescoço enquanto ele balançava os quadris, estocando em mim repetidamente. Nada de dor, nem medo, nem lembranças.

Apenas o calor de Nino e o prazer que só ele conseguia me proporcionar. Agarrando-me aos seus ombros, olhei dentro dos seus olhos e, na minha mente, três palavras se repetiam incansavelmente.

Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo.

Nenhum de nós dois quebrou o contato visual enquanto Nino metia em mim sem parar e, quando seu polegar brincou com o meu clitóris, joguei a cabeça para trás enquanto o prazer percorria meu corpo. Nino grunhiu contra o meu pescoço, sua língua se arrastava pelo meu ponto de pulsação. Então, ele mordeu levemente ao gozar dentro de mim.

Ouvindo seu coração retumbante, relaxei. Amor: um jogo para tolos. Eu não tinha certeza de onde havia lido a frase, mas sabia que era verdade.

*

Naquela noite, Nino teria sua primeira luta desde que nos casamos. Eu estava mais nervosa do que ele, o que não era assim tão difícil. Mas, mesmo assim, eu estava *muito* nervosa.

Vesti o elegante vestido de coquetel vermelho que havia comprado com Nino. Este não era tão luxuoso quanto o outro vestido, mas acentuava as minhas curvas de um jeito que nunca havia me permitido antes. Sempre me preocupei que mostrar meu corpo faria as pessoas me culparem pelo que aconteceu, que isso as faria ver que eu não era a personificação da pureza que deveria ser, mas eu queria me livrar desse pensamento também.

Já fazia uma hora que Nino havia saído para poder se preparar para a sua luta, e eu deveria ir com Savio. Nas últimas semanas, ele vinha me evitando, provavelmente porque se ressentia pelo banimento das prostitutas no espaço comum da casa.

Quando fui até a parte principal da casa, encontrei Savio relaxado no sofá, mandando mensagem para alguém em seu celular. Ele estava com um sorriso estranho no rosto enquanto olhava para a tela, mas logo enfiou o telefone no bolso quando notou a minha presença e se endireitou. Seus olhos escuros me analisaram da cabeça aos pés e, apesar de ele ser dois anos mais novo do que eu, apenas com dezessete anos, ele conseguiu me deixar nervoso com sua atenção.

— Você fica gostosa de vermelho — Declarou ele, me

surpreendendo.

— Obrigada? — Falei hesitante, incerta de como lidar com o elogio.

Ele assentiu e veio em minha direção. Savio era quase tão alto quanto Nino e se comportava com total confiança.

Fiquei tensa quando ele parou ao meu lado.

— Não precisa ficar toda tensa porque estou perto de você. Você é da família. Estou aqui para te proteger.

Ergui as sobrancelhas. — Até agora, você não me pareceu muito feliz em me ter por perto.

Ele deu de ombros. — É irritante eu não poder foder as garotas onde quero, agora que você está aqui. Tenho que ir para a minha parte da casa. Eu gostava mesmo de trepar na mesa de sinuca.

Fiz uma careta. — Certo. Que bom que você e Remo gostam da mesa.

Ele sorriu, o que mudou seu rosto, deixando-o mais acessível. Ele era mais controlado que Remo em alguns aspectos, mas nem um pouco calmo como Nino, e ele era muito mais arrogante que os dois.

— Vamos. Não quero me atrasar para a luta. Nino vai acabar com aquele imbecil.

Savio me conduziu até sua *Ferrari*. Ele dirigia como um louco e eu me segurei no banco como se isso fosse me salvar se ele batesse com o carro. Pelo visto, Adamo não era o único que gostava de correr. Eu definitivamente não era uma viciada em velocidade.

Quando Savio e eu entramos na Roger’s Arena, senti um arrepio na espinha. O lugar estava lotado de pessoas. Todas as mesas e cabines estavam ocupadas e muitas pessoas estavam encostadas à parede. O cheiro de sangue, cerveja e suor pairavam no ar, e os tubos neon presos aos fios de malha nas paredes de concreto puro emitiam um brilho sinistro.

Meus olhos analisaram as palavras que eles formavam: Honra.

Dor. Sangue. Vitória. Força. O bar estava moldado no mesmo brilho vermelho e as mulheres atrás dele trabalhavam em ritmo acelerado para servir depressa os clientes. Olhando para mim mesma, percebi quanto o vermelho sangue do meu vestido combinava com a ocasião.

Savio acenou em direção a uma cabine vermelha perto do octógono, onde Fabiano e Leona estavam sentados.

— Venha. Vamos até eles.

Ao passarmos, cumprimentamos seus amigos e os pais deles e algumas pessoas que eu não conhecia, mas que evidentemente sabiam quem eu era.

Chegando na cabine, Leona me lançou um sorriso encorajador.

— Vai ficar tudo bem. Nino é indefectível no octógono.

Fabiano concordou. — Ele é só cérebro e músculos… isso é demais para os adversários.

Sorri em agradecimento para os dois enquanto entrava na cabine em frente a eles.

— Eu sei, mas não posso dizer que estou ansiosa para ver Nino se machucar.

Savio bufou. — Não se preocupe. Meu irmão é invencível.

Ninguém era invencível, nem mesmo Nino, mesmo que sua máscara de falta de emoções fizesse todo mundo acreditar nisso. Nino era humano. Ele podia falhar. Ele podia se machucar.

Leona me encarava com curiosidade e eu me perguntei se meus sentimentos por Nino estavam tão evidentes para as pessoas com quem eu convivia. Eu esperava conseguir esconder deles, porque eu pareceria muito tola se as pessoas percebessem que eu comecei a amar alguém incapaz de ter sentimentos.

— Já volto. Preciso falar com Diego — disse ele. Seu amigo estava fazendo sinais.

Savio saiu sem dizer mais nada e uma garçonete com cabelos pretos compridos e um batom rosa apareceu na nossa cabine. Ela sorriu

de maneira tensa para Leona, ignorando Fabiano, e, enfim, se voltou a mim com uma expressão desconfiada.

— O que gostaria de beber, Sra. Falcone?

Esse nome ainda me fazia travar. — Tem vinho?

A garçonete fez um bico. — Aqui é um bar de luta. Temos *whiskey* ou cerveja.

— Cuidado, Cheryl — disse Fabiano com uma voz baixa que me deu arrepios. Seus olhos azuis continham um claro aviso quando ele olhou para a garçonete. — É melhor se lembrar de quem ela é.

Leona pôs a mão no braço dele, que estava apoiado na mesa, porém, Fabiano não tirou os olhos da mulher. *Executor*. Era fácil esquecer o que isso significava.

Eu me senti mal por ela e falei depressa: — Uma cerveja, então. — Eu precisava de álcool para acalmar meus nervos e uma bebida forte estava fora de questão. Eu não tinha tolerância alcoólica para isso.

— E uma para mim — disse Remo ao aparecer atrás de Cheryl. Ela ficou tensa e se afastou para deixá-lo passar.

— Já trago — disse ela e saiu depressa.

Para minha surpresa, Remo entrou na cabine ao meu lado. Como sempre, meu corpo retesou com o desconforto de sua proximidade. Ele me lançou um olhar desafiador, mas não se aproximou o bastante para encostar em mim.

— Ainda? — Perguntou ele como um sorriso doentio.

Ele nem precisou elaborar. Eu sabia o que ele queria dizer, e não achava que deixaria de desconfiar dele tão cedo. Ele não me deu nenhum motivo para isso, só que algo em Remo simplesmente gritava “perigo”, e eu não era a única que se sentia assim.

Leona revirou os olhos quando Remo se voltou a Fabiano.

— Eu vi isso — Sussurrou ele.

Eu reprimi uma risada. Às vezes, muito raramente, eu conseguia

superar meu medo de Remo. Nestes momentos, eu quase entendia por que Nino tinha seu irmão em tão alta conta.

Dois homens vestindo calções de luta entraram no octógono. Franzi a testa.

— Pensei que a luta de Nino seria a próxima.

— A melhor luta é sempre a última — Explicou Fabiano. — Tem duas lutas antes da de Nino. Quem vencer pode terminar lutando comigo ou talvez com Savio.

— Por que você faz isso? Por que você luta? Até parece que as pessoas já não te temem o bastante.

— Se você relaxa, enfraquece. É o que acontece com muitas pessoas em posições de poder. É bom provar às pessoas e a si mesmo que você ainda é alguém a quem temer — disse Remo, seus olhos sombrios eram passionais e intensos.

O árbitro deu o sinal. Imediatamente, os dois homens se aproximaram e colidiram com grunhidos. Eu me retraí enquanto assistia seus chutes e socos. Cheryl voltou com as nossas cervejas e eu dei um grande gole, apesar da minha aversão ao sabor. Um dos homens voou para a tela do octógono e um jato de sangue saiu de sua boca.

Cobri a minha com a mão. — Meu Deus.

Remo ergueu uma sobrancelha. — Isso não é nada.

— Talvez para você — Murmurei.

— Você se acostuma a essa visão. — Ele acenou em direção a Leona. — Ela se acostumou.

— Mas ainda não gosto — Declarou Leona. — Principalmente se Fabiano estiver no octógono. É horrível vê-lo se machucar. — Ela estremeceu.

— Eu não me machuco — Afirmou Fabiano. — Eu sempre venço.

Savio voltou e se sentou ao lado de Remo. — Porque você nunca lutou contra mim.

— Eu já lutei contra você e te dei uma surra — Resmungou Fabiano.

— Já faz mais de um ano.

O público explodiu em aplausos e meus olhos correram em direção ao octógono onde um homem estava imóvel no chão enquanto o outro pairava sobre ele com as mãos erguidas.

Meu coração bateu na garganta quando o árbitro finalmente anunciou a luta de Nino. Seu adversário, um homem do tamanho de um gigante, já esperava no octógono quando Nino saiu do vestiário.

O público olhava para Nino com respeito e medo enquanto ele caminhava pelo corredor que fizeram para ele. Seus olhos miravam direto para frente, para o octógono, com uma expressão de fria determinação, no entanto, alguma coisa nele estava diferente. Pela primeira vez, a máscara de homem sem sentimentos parecia quase forçada, como se ele tivesse que parecer assim. Ou, talvez, meu nervosismo havia me feito imaginar coisas.

Nino subiu no octógono sob uivos e aplausos do público. Com seu calção de luta e suas tatuagens pavorosas, ele era uma visão intimidante. Assim que Nino entrou no salão, Remo, Savio e Fabiano mudaram o comportamento. Suas expressões não mostravam nenhum pingo de dúvida nem de preocupação, apenas de orgulho, e a ciência sombria de que Nino venceria.

Eu sabia que Nino era um bom lutador, porém, seu adversário era muitos centímetros mais alto do que ele e muito mais largo também. Meu marido não pareceu impressionado pelo homem à sua frente, e, assim que o juiz saiu do octógono e fechou a porta, ele mudou para o modo predador. Todo o seu corpo se tornou teso; seus olhos, cautelosos ao encarar o adversário.

O homem foi o primeiro a atacar. Fiquei tensa quando ele foi para cima de Nino, que deu um pulo para o lado e deu um chute forte na lateral do corpo do homem. Remo vibrou alto e Savio e Fabiano aplaudiram, mas eu não consegui me mexer.

Nino parecia desligado. Não consegui identificar o que era. Seu

adversário o acertou nos primeiros minutos da luta. Nino foi jogado na tela do octógono e caiu no chão com força. Eu estremeci violentamente, colocando a mão sobre a boca para impedir um grito enquanto as lágrimas se formavam nos meus olhos. Remo ficou tenso, inclinando-se para frente como se estivesse prestes a entrar lá.

Respirei fundo, tentando não chorar. Remo olhou para mim, analisando minha expressão e meus olhos.

— Não se descontrole. Estamos em público.

Pisquei. — E se ele perder? — Sussurrei. — E se ele morrer?

Remo estreitou o olhar com raiva, mas havia algo mais ali. Preocupação.

— Nino não vai perder e, definitivamente, não vai morrer, porra. Entendeu?

Assenti e, para o meu alívio, Nino já estava de pé novamente. Por um momento, ele não se mexeu, apenas encarou o homem que o provocava. Então, ele moveu seu olhar para mim por um segundo e meu corpo explodiu de emoções.

Ele retornou ao seu adversário e, como se um interruptor fosse ligado, Nino voltou à calma analítica. Eu nunca havia visto aquela expressão em seu rosto. Ele avançou no outro homem e o atacou brutalmente, parecia descontrolado, com sede de sangue e morte, e chutou e socou seu adversário incansavelmente, sem parar, mesmo quando o homem caiu no chão.

Era uma visão profundamente perturbadora.

— O que deu nele? — Resmungou Savio.

Remo não tirou os olhos do octógono, mas seus lábios comprimiram. — Não sei.

Nino deu um soco no homem inconsciente mais uma vez. Depois, ele se levantou, coberto de sangue, com seus olhos cinza acesos de fúria. Mais assustador ainda foi o quão depressa a emoção foi substituída pela sua calma de sempre. O que acabou de acontecer?

Nino saiu do octógono antes de o juiz declará-lo vencedor e foi em direção ao vestiário sob os aplausos do público.

Eu me levantei num pulo.

— Deixe-me sair — Falei.

Remo também se levantou e agarrou meu braço. Eu fiquei tensa, mas não me afastei porque as pessoas estavam olhando e eu sabia como manter as aparências.

— Não acho que seja um bom momento para você ir falar com Nino. Eu vou cuidar dele.

— Nino não vai me machucar — Falei tranquilamente.

Remo inclinou a cabeça. — Tem certeza disso? — Seu tom de voz era desafiador.

Assenti bruscamente. — Certeza. Deixe-me ir até ele.

Remo sorriu friamente e gesticulou para que Savio abrisse espaço. Os dois saíram da cabine para eu poder passar, depois voltaram a se sentar.

Remo me olhava fixamente.

— Nunca vi Nino desse jeito, mas se você acha que pode lidar com ele, fique à vontade.

Ficando com a coluna ereta, passei no meio do público, que recuou para eu passar como se eu fosse contagiosa. Algumas pessoas me lançavam olhares de pena; outras me encaravam como se eu fosse alguém a quem temer. *Kiara Falcone.* Ouvi os sussurros disfarçados.

Fiquei grata quando cheguei ao vestiário e entrei.

Nino não estava perto dos armários, mas ouvi o chuveiro aberto e dobrei o corredor até o ver no último boxe. Ele estava apoiado nos azulejos, com a cabeça baixa enquanto a água se derramava sobre seu corpo. Ele virou a cabeça e a expressão em seus olhos cinza me fez ficar preocupada.

— Você está bem? — Perguntei sem ar.

Nino se esticou com toda sua nudez gloriosa, coberto de cortes e hematomas. Majestoso.

— Venha aqui — disse ele como uma voz estranha.

Fui até ele, mas parei na frente do chuveiro. Nino olhou para mim como se eu fosse um problema que ele queria resolver. Sua expressão era intensa, beirando a raiva, o que não fazia sentido, levando em consideração que era Nino. Ele não sentia raiva. Ele não sentia nada.

Ele segurou meu pulso e me puxou para si, não desviando o olhar nenhuma vez.

— Nino — Protestei. — Minhas roupas.

Porém, ele não me ouviu. Seus lábios reivindicaram a minha boca, me impedindo de dizer mais alguma coisa. Ele se pressionou a mim, seu corpo alto me prendeu. Sua mão roçou na minha coxa, levantando meu vestido, chegando minha calcinha para o lado. Ele colocou um dedo dentro de mim, sua boca ainda era suave, porém, dominante, e eu me arqueei contra a parede de azulejos. Ele continuou, sem permitir que eu escapasse de sua presença avassaladora, com sua mão livre segurando meu seio por cima do meu vestido molhado. Não sabia o que tinha dado nele. Seu toque e seus beijos eram avassaladores, mas meu corpo reagiu com um tsunami de excitação enquanto ele colocava e tirava o dedo de dentro de mim.

Ele mordeu meu lábio inferior, tirando a água dali e clamou minha boca novamente, possessivo, impiedoso, desesperado… Mas como isso era possível?

Seu polegar deslizou pelo meu clitóris quando ele acelerou o movimento do dedo.

— Nino — Ofeguei. — O que…

Mais uma vez ele me interrompeu com um beijo praticamente feroz. Pisquei, confusa e excitada, e com uma pontada de inquietação, mas não o bastante para parar. Ele pôs mais um dedo e eu me segurei em seus ombros para me estabilizar. Ele enganchou uma das minhas pernas em seu quadril, me abrindo para poder meter os dedos mais profundamente. Balancei contra sua mão, segurando-me a ele enquanto

sua boca devastava a minha, e, o tempo todo, seus olhos não saíram dos meus, como se estivesse tentando me devorar. Como se ele precisasse de mim. Ele passou o polegar sobre o meu clitóris outra vez e eu gritei contra seus lábios quando meu orgasmo me sacudiu. Estrelas explodiram diante dos meus olhos, um prazer quase cegante. Cravei os dedos com mais força na pele de Nino.

Olhei para ele boquiaberta, ofegante. Ele diminuiu o ritmo das estocadas e tirou os dedos.

Ele me soltou, mas se aproximou ainda mais até preencher toda a minha visão e com a respiração pesada ao olhar para mim. Ele estava duro, cutucando minha barriga, mas não fez nenhuma menção para levar as coisas adiante, o que me confundiu, assim como sua expressão.

— Nino? — Toquei em seu peitoral, passeando com meus dedos por ali, depois desci. Ele não parou de me olhar, mas quando segurei seu membro, sua mão foi até a minha e ele se inclinou para frente, colocando a boca no meu ouvido.

— Se eu te comer agora, vai ser contra essa parede. Vai ser forte e rápido e completamente diferente da última vez. Completamente diferente do que você quer. Completamente diferente do que você precisa.

Estremeci diante da ameaça implícita em sua voz. Olhei em seus olhos e, mais uma vez, eles alternavam entre raiva e calma absoluta. Eu não entendi nenhuma nem outra. Será que a luta o estimulou tanto assim? Remo e Savio ficaram surpresos com seu comportamento, então, não era algo que acontecia em todas as lutas.

— Você não vai me machucar.

Ele respirou fundo, arfando, e fechou os olhos. Meu vestido estava grudado ao meu corpo e meus pés escorregavam, mas fiquei onde estava, perto de Nino, enquanto ele lutava com quaisquer demônios que a luta havia invocado. Sua respiração se acalmou e ele afrouxou a mão na minha, até, finalmente, me soltar totalmente.

Mantive a mão em sua ereção e roçava levemente o polegar em sua ponta sedosa. Nino abriu os olhos, mas, desta vez, não me deteve. Subia e descia a mão devagar, nem forte, nem rápido, tentando lhe dar

conforto e deixar que isso fosse seu escape para a violência emanando de seu corpo. Ele se apoiou, colocando as mãos em cada lado da minha cabeça, e me encarou com os olhos entreabertos.

Ele balançava os quadris ritmado com os meus movimentos e, no fim, um pouco da tensão se foi. Sua respiração ficou mais pesada enquanto eu o manipulava e, quando usei a segunda mão para segurar seu saco, ele suspirou baixo e bombeou mais rápido. Eu queria confortá-lo, queria lhe mostrar que eu estava ali para apoiá-lo.

Nino abaixou a cabeça e eu joguei a minha para trás para encontrar sua boca para um beijo. Foi delicado, sem pressa e deliciosamente devagar. Sem raiva nem violência, apenas uma sensualidade linda. Meu corpo respondeu ao beijo e à sensação de Nino se desfazendo sob meu toque. Seus movimentos se tornaram menos controlados e seu beijo mais apaixonado, e depois, seu corpo enrijeceu e ele gemeu na minha boca. Ele gozou na minha mão com os olhos fechados. Continuei minha manipulação e, por um longo tempo, ele permaneceu imóvel, sua testa estava levemente encostada à minha, e ele arfava.

Eu o soltei e a água lavou todos os vestígios dos seus fluidos. Nino voltou a abrir os olhos e sua expressão retornou à calma familiar. Eu estava dividida entre perder a versão mais descontrolada dele, a que ele nunca havia mostrado antes, e estar aliviada por Nino não se descontrolar completamente.

Ele se endireitou, me privando de seu calor. Fechando a água, ele me olhou de cima a baixo.

— Você não pode sair do vestiário com a roupa molhada — Falou com naturalidade.

Procurei em seu rosto por um indício de algo, mas ele retribuiu meu olhar de forma constante, assustadora. Ele saiu do chuveiro e pegou duas toalhas.

— É melhor você tirar a roupa e se secar. Eu vou me vestir e ver se consigo arrumar umas roupas para você.

Assentindo sem falar nada, peguei a toalha, enrolando-a nos

meus cabelos para impedir que pingassem por todo o chão. Tirei o vestido ensopado. Apesar de suas palavras, Nino não saiu nem fez menção de se vestir. Em vez disso, ele ficou me vendo tirar o vestido e a calcinha.

— Nino, você está bem? Desde a luta que você está disperso.

— Estou bem — Murmurou ele, finalmente indo se secar e se vestir. — Já volto.

— E se entrar alguém? — Perguntei, com uma pontada de preocupação na minha voz.

Nino meneou a cabeça. — Ninguém vai se atrever a entrar. Acredite. Não vou demorar.

Ele desapareceu e eu enrolei outra toalha no corpo, olhando para o pano vermelho aos meus pés. O que será que deu em Nino?

Como prometido, ele voltou logo depois vestindo um jeans e uma camisa preta lisa.

— As garçonetes da Roger’s guardam umas roupas extras para o caso de derramarem alguma coisa.

Peguei as roupas e vesti. Ficaram um pouco grandes em mim, mas, pelo menos, estavam secas e com cheiro de limpas. Estremeci, pensando no que as pessoas diriam se eu saísse com uma roupa diferente da que entrei.

— Tem alguma coisa te incomodando — Afirmou Nino, aproximando-se um pouco mais, franzindo a testa.

— Estou preocupada com o que as pessoas vão pensar de mim.

Ele me segurou pela cintura e me puxou para si. — Vão pensar que você deu um prêmio ao seu marido pela vitória.

Enrubesci. — É, isso.

— E daí? — Perguntou tranquilamente, com aquele olhar estranho. Ele mordiscou meu pescoço, depois, minha orelha. — Você é minha esposa.

Minhas pálpebras se agitaram e eu suspirei sufocada. Eu já estava ficando excitada de novo. Ele pegou meu vestido do chão, torceu, o colocou na bolsa e pegou a minha mão. Com a mão livre, peguei minhas sandálias e segui Nino para fora do vestiário, descalça.

A maioria das pessoas já havia ido embora do bar, mas todos que ainda estavam ali nos encararam. Custou-me todo o meu autocontrole para não abaixar a cabeça sob a força dos olhares. A presença de Nino ajudou. Claro que ele não pareceu nada incomodado. Quando chegamos à cabine com seus irmãos, Fabiano e Leona, todos nos olhavam com curiosidade. Meu rosto esquentou, sabendo o que eles estavam pensando.

O olhar analítico de Remo foi especialmente difícil de suportar. Ele estreitou os olhos ao olhar do irmão para mim.

— Presumo que você acabou com o comportamento estranho dele fodendo?

Fiquei boquiaberta. — Eu… eu não…

Nino apertou a minha mão. — Vamos para casa. Chega desse dia.

Remo concordou e trocou outro olhar com Fabiano e Savio. Eles estavam tão intrigados com o comportamento estranho de Nino quanto eu.

CAPÍTULO 20

KIARA

Nino não falou nada enquanto voltávamos para casa. Olhei para ele o tempo todo, mas seus olhos estavam fechados. Havia um corte em sua bochecha e estava inchado. Pelo menos não estava sangrando.

Remo nos observava de vez em quando pelo retrovisor enquanto dirigia, mas não falou nada.

Quando entramos na mansão, Nino foi direto para a nossa ala. Remo me segurou pelo pulso antes que eu pudesse ir atrás dele.

Estremeci, porém, ele não me soltou.

— Você vai parar com essa merda? — Grunhiu ele. Eu me obriguei a olhar em seus olhos. — Fique de olho no meu irmão. Não sei o que deu nele. Normalmente, ele analisaria a luta como se fosse a porra de um programa de computador logo em seguida. O fato de ele estar desse jeito é um péssimo sinal.

— Alguma vez ele já ficou assim? — Perguntei.

Algo nos olhos de Remo se alterou, como se ele estivesse se lembrando de alguma coisa. Ele me soltou.

— Só fique de olho nele.

Eu me virei e continuei caminhando em direção à nossa ala da mansão, então, subi a escada e entrei no quarto. Nino estava sentado na beira da cama, com os braços apoiados em suas pernas, olhando para o chão. Ele estava totalmente nu.

Eu me aproximei dele, mas ele não se mexeu. Devagar, passei os dedos pelos seus cabelos ainda úmidos e, enfim, ele levantou o olhar para encontrar o meu.

— Eu quero você — disse tranquilamente.

Inclinando-me para frente, beijei-o, arranhando sua cabeça, fazendo-o estremecer, e ele respirou fundo. Ele puxou minha calça jeans e a tirou. Eu não estava de calcinha. Ele se inclinou para frente e beijou meu ilíaco, mordiscando levemente e me fazendo dar um pulo. Então, ele acalmou o local com a língua. Devagar, do meu ilíaco, ele desceu com a língua para a minha coxa e entre as minhas pernas.

Ofeguei quando ele escorregou a língua por entre as minhas dobras. Eu já estava excitada, mas a sensação de sua boca na minha carne quente aumentou ainda mais a minha excitação. Nino enganchou uma mão sob meu joelho e levantou a minha perna, apoiando-a na cama e me abrindo para ele.

Observei-o com os olhos semicerrados, seus lábios se moveram pelas minhas dobras e sua língua deslizou pelas minhas pregas, me saboreando. Seus olhos encontraram os meus e eu não consegui desviar o olhar, apesar do constrangimento que esquentava meu rosto. Sem parar de me olhar, ele subiu e desceu a ponta da língua antes de chegar ao meu clitóris.

— Nino — Ofeguei, abrindo mais as pernas, precisando sentir mais da sua boca em mim.

Nino enterrou a cara no meu baixo ventre, abocanhando as minhas dobras enquanto sua língua se ocupava de mim. Ele segurou minha bunda e massageou minhas nádegas, empurrando-me ainda com mais força contra sua cara. Não consegui mais me conter, começando a estremecer e balançar meus quadris quase desesperadamente enquanto me segurava nos ombros de Nino. Meus gemidos o estimularam, e ele lambeu e mordiscou avidamente até eu estar certa de que gozaria outra vez, entretanto, ele se afastou, seu rosto brilhava com a minha excitação.

Seus olhos queimavam de desejo. Tirei a blusa depressa e mordi o lábio.

— Como? — Perguntei em voz baixa.

Ele segurou meu quadril e me puxou em direção à cama. Subi no

colchão.

— Deite-se de lado — Instruiu Nino com a voz baixa.

Surpresa, me deitei de costas para Nino. Ele se deitou ao meu lado e pressionou seu corpo ao meu, sua ereção cravou na minha bunda. Fiquei tensa. Sua boca roçou na minha orelha.

— Confie em mim. Eu não vou fazer anal, Kiara.

Eu me senti uma boba, mas assenti. Nino passou um braço debaixo de mim e levantou minha perna com o outro, movendo-a ligeiramente para trás para que meu pé ficasse em cima de sua panturrilha forte. Então, ele pressionou sua pélvis na minha bunda e eu senti a ponta do seu pênis cutucando a minha abertura. Ele mudou ligeiramente o ângulo e entrou devagar. Eu arqueei as coisas contra ele.

Ele não foi tão fundo nessa posição, mas adorei a sensação do seu peito nas minhas costas, da sua boca quente no meu ombro e pescoço, dos seus braços me envolvendo por trás. Seus movimentos eram lentos, mas sua ponta parecia massagear meu clitóris por dentro e, quando ele desceu a mão por entre as minhas pernas, gemi.

— Esta posição está boa para você? — Rosnou no meu ouvido quando sua estocada seguinte me atingiu ainda mais fundo.

— Está — Ofeguei.

A proximidade de Nino, seu abraço quente, seus beijos suaves pelo meu ombro… tudo deixava isso perfeito. Nino segurou meu seio, beliscando meu mamilo enquanto a outra mão dedicava-se agilmente ao meio das minhas pernas. Ele meteu em mim repetidamente, devagar, com estocadas precisas que me fizeram curvar os dedos dos pés e revirar os olhos de prazer.

Foi lindo e de tirar o fôlego, e eu me permiti ceder completamente. Confiei em Nino sem reservas para me guiar ao clímax, para cuidar de mim, o que ele fez.

Comprimi o corpo quando meu orgasmo veio e gritei o nome de Nino. Ele rosnou no meu ouvido, a palavra saiu quase desesperada quando ele ejaculou dentro de mim logo depois do meu orgasmo. Ele

não se afastou, me mantendo perto do seu corpo, ainda bem fundo dentro de mim.

Ele tirou de dentro e eu me virei em seu abraço. Tracejei levemente a pele em volta do corte em sua bochecha e dos hematomas que apareciam em suas costelas. Ele ficou tenso sob meu toque.

— Desculpe — Murmurei. — Está doendo muito? É claro que não tenho nada melhor a fazer do que me esfregar em você quando está machucado.

Ele entrelaçou a mão nos meus cachos, me encarando com uma expressão indecifrável.

— Fui eu quem comecei o sexo, Kiara. Eu te quis. Eu… — Ele parou, franzindo a testa — Eu sobrevivi a muitas lutas. Daqui a alguns dias, estarei curado.

Não falei nada, apenas me aconcheguei no peito de Nino, tomando cuidado para não forçar suas costelas. Beijei sua escápula e, na minha mente, pronunciei as palavras que nunca mais diria em voz alta. *Eu te amo.*

*

Um barulho alto que não consegui decifrar me tirou do meu sono. Mesmo com Nino ao meu lado, eu tinha sono leve, acordando rápido por causa do mais leve barulho. Fiquei olhando para o escuro e lá estava novamente: um som gutural cheio de desespero sombrio. O que era aquilo?

Uma onda de medo disparou pelo meu corpo quando um tom de voz familiar chamou a minha atenção.

Nino? Vinha de Nino?

O som despertou lembranças dentro de mim, mas as repeli e me virei. No escuro, não conseguia ver mais do que o contorno das costas de Nino, mas a cama estava chacoalhando por causa da força dos tremores do corpo dele.

— Nino? — Sussurrei, só que a minha voz saiu tão hesitante e

baixa que nem eu consegui ouvir direito.

Meu primeiro instinto foi de que seria uma convulsão, algo físico, porque parecia impossível as emoções tirarem tais sons de *Nino*. Essas inspirações guturais – não gemidos, nem engasgos, mas algo ali entre os dois – eram repletas de emoção. Eu não entendia. Devagar, me sentei, incerta se deveria acordá-lo, totalmente perdida quanto ao que fazer. Nino estava sempre no controle. Ele *era* o controle.

Estendendo a mão para a lateral do meu lado da cama, acendi a luz, precisando vê-lo e, ao mesmo tempo, apavorada com isso. Nino estava deitado de lado, tremendo, com uma mão agarrando a beirada do colchão com força; suas sobrancelhas formavam uma linha dura e sua testa estava coberta de suor.

Meus dedos tremiam quando o toquei. Meu Deus, o que estava acontecendo com ele?

Assim que as pontas dos meus dedos encostaram em seu ombro, ele abriu os olhos e o que vi neles me fez recuar. Nino avançou para pegar a faca em sua mesa de cabeceira, segurando-a ao sair da cama. Seu olhar percorreu o quarto e pousou em mim, no modo com que eu estava encostada na cabeceira, confusa e com medo. Suas pernas cederam. Com a faca encostada ao peito, ele se inclinou para frente, apoiado no chão com um braço, respirando fundo.

— Nino? — Sussurrei, rastejando para a beira da cama.

Nino disse que não era capaz de ter emoções, que não podia sentir, porém, em seus olhos e em seu rosto havia um puro descontrole emocional. E ele não conseguia lidar com isso, não sabia como. Talvez esta fosse a primeira vez em muito tempo que ele fora submetido a algo assim.

Suas costas arfavam, seus braços tremiam e, de alguma forma, no brilho difuso do abajur, suas tatuagens pareciam ganhar vida, as chamas pintadas crepitavam, os rostos contornados zombavam e agonizavam ao mesmo tempo.

Minha garganta fechou de emoção, impotente, apavorada e preocupada que fosse mesmo isso, que algo tivesse quebrado a

sanidade de Nino – o que restava dela. Meu amor por ele não me deixou cega para a verdade: Nino e Remo são perturbados de um jeito que não pode ser resolvido com algumas pílulas e inúmeras sessões de terapia. Alguma coisa horrível os transformou no que eles eram hoje, transformou as emoções de Nino num nó apertado. Alguma coisa conseguiu desatá-lo. Vê-lo deste jeito me fez pensar que talvez houvesse um bom motivo para que sua mente e seu corpo tivessem atado este nó lá atrás.

Saí da cama e me aproximei de Nino, hesitante, mas ele inclinou a cabeça para o lado.

— Remo — Resmungou. Mais alto depois, mais desesperado. — Traga Remo!

Cambaleando para a porta, abri-a e saí correndo pelo corredor. Meu coração batia na minha garganta e meus pés descalços estalavam alto no granito frio. O que estava acontecendo com Nino?

Um medo, primitivo e descontrolado, percorreu meu corpo. E se eu perdesse Nino para o que quer que fosse isso?

Atravessei a ala leste, domínio de Remo. Nunca havia estado lá e sabia que não era bem-vinda, mas Nino precisava do irmão, então, independente do quanto eu tivesse medo de Remo, iria atrás dele.

Demorei um tempinho para me orientar na parte desconhecida da casa. Eu não sabia onde ficava o quarto de Remo e com apenas uma leve luz do luar atravessando a janela no fim do corredor, ficava difícil distinguir mais do que contornos vagos de portas. Entrando em pânico, abri a primeira porta e, mesmo no escuro, pude distinguir uma cama. Um cheiro de coisa velha pairava no ar, algo empoeirado e abandonado. Ninguém morava ali há um tempo.

Havia muitos quartos nesta casa, eu nunca o encontraria a tempo. Tateei a parede em busca de um interruptor, porém, meu corpo estremeceu e eu não consegui me orientar. A escuridão estava começando a se fechar em mim, mas fui para a porta seguinte, pegando na maçaneta. Aí, senti uma respiração quente na minha orelha e um murmúrio baixo: — Que caralhos você está fazendo aqui?

Dei um grito e ataquei instintivamente, batendo a mão num queixo barbado pouco antes de perceber em quem tinha acabado de bater. Uma mão forte segurou meu pulso. Travei, repentinamente contente pela escuridão, porque ela me escondia a expressão de Remo.

— Me solta — Sussurrei com a voz trêmula.

Ele me soltou e eu dei um passo para trás.

— Desculpe por te bater — Falei. — Você me assustou.

Ele permaneceu em silêncio por mais um segundo, elevando-se sobre mim com aquela energia perturbadora de violência.

— Responda à minha pergunta — Ordenou.

— É Nino. Não sei o que está acontecendo com ele. Ele está transtornado.

— Transtornado — Repetiu Remo com dúvidas.

— Remo, por favor, pode acender a luz? — Engoli em seco. — Ficar no escuro com você está me deixando nervosa.

Ele se mexeu e seu braço roçou no meu, então, a luz preencheu o corredor. Quando meus olhos se acostumaram à luz, consegui focalizar Remo, alto e seminu, apenas de cueca. Seu olhar desceu pelo meu corpo, vestido apenas com uma camisola fina, antes de voltar para o meu rosto. Seu queixo estava ligeiramente vermelho de quando o bati.

— Estou perdendo a paciência, Kiara.

— Nino precisa da sua ajuda! — Falei irritada, porque não adiantava explicar a situação de Nino para ele. E, finalmente, ele se deu conta de algo e se virou e começou a correr. Eu não tinha nenhuma chance de alcançá-lo com aquelas pernas compridas.

Ofegante, cheguei no nosso quarto alguns minutos depois.

Remo estava ajoelhado ao lado do irmão, que estava no chão, com a mão no ombro de Nino. Os dois pareciam anjos caídos com as costas curvadas, cicatrizes e tatuagens, e músculos construídos por anos de luta. O anjo caído com as asas quebradas nas costas de Remo nunca fez tanto sentido quanto agora.

— O que está acontecendo? — Resmunguei.

Remo ergueu o olhar de onde estava ajoelhado ao lado do irmão. Por um momento, ele pareceu tão impotente, tão apavorado quanto eu, e aquela visão acabou comigo, porque era Remo, era um homem que sempre dominava, sempre duro, poderoso e cruel, sem medo de nada. Foi quase um alívio quando ele estreitou o olhar para mim, sua boca formando um sorriso perturbador, como se fosse culpa minha, como se sem perceber eu tivesse quebrado Nino, embora eu não detivesse nenhum poder sobre ele para tal.

— Saia — Grunhiu Remo, mas eu não queria sair. — Saia! — Rosnou ele e eu sabia que me obrigaria se eu não fosse, então, saí correndo pelo corredor, desci a escada e fui para a sala de estar, que não era chamada assim porque a maioria das atividades da sala de estar acontecia na área compartilhada da mansão quando todos os irmãos estavam juntos. Este era o meu santuário e, às vezes, o de Nino quando ele tentava simular afeto por mim.

Afundei no banco do piano. Meus dedos encontraram as teclas instantaneamente, precisando sentir a lisura fria delas. As primeiras notas da canção que compus para Nino soaram. Desesperadas, prolongadas, notas baixas no início, depois hesitantes, notas mais altas, notas mais leves até a melodia parecer quase agitada em seu *staccato*, seguidas por notas avassaladoras e agudas até que finalmente a melodia se tornou um fluxo suave, uma música de aceitação, mas esse final parecia errado agora, e meus dedos seguiram em frente, as notas cada vez mais altas, me preenchendo, até que minhas emoções criassem essa melodia.

Respirei com pesar conforme o desespero de Nino se tornava uma canção, conforme meu medo deixava a melodia explodir através de mim com notas fortes e curtas. A emoção estava em todos os lugares e eu não conseguia parar e sentir que este era o único modo de conseguir passar por isso.

Ouvi passos pesados e meus dedos saíram das teclas quando Remo entrou na sala, vindo em minha direção, ainda usando apenas uma cueca e um olhar assassino no rosto. Enrijeci, mas não segui meu

impulso de sair correndo. Pelo contrário, abaixei minhas mãos trêmulas para o meu colo e retribuí o olhar de Remo. Ele parou no meio da sala como se estivesse dividido entre raiva e desespero, entretanto, ele reduziu a distância entre nós, pairando sobre mim com sua altura e presença brutal e absoluta.

Ele se abaixou e eu recuei, mas não desviei o olhar.

— Que merda você fez? — Rosnou ele.

— Eu não fiz nada — Falei. O que eu poderia ter feito para descontrolar Nino desse jeito? Eu era apenas uma mulher. Não tinha nenhum poder sobre ele.

— Mentira.

— Deixe-a em paz, Remo. — Era a voz de Nino, sufocada, crua e, ainda assim, fria e controlada. Afundei de alívio. Remo se afastou de mim e se virou para o irmão, permitindo-me que Nino também entrasse no meu campo de visão.

Assim como Remo, Nino estava apenas de cueca e, mesmo assim, havia inúmeras camadas de barreiras que eu nunca poderia atravessar. Sua expressão era uma tela vazia com a qual me acostumei, mas havia algo atormentado, *alguma perturbação* em seus olhos cinza quando ele olhou para Remo; um olhar foi trocado entre os dois irmãos que falava de horrores que eu não podia captar, um olhar que me fez perceber que um irmão nunca poderia ficar sem o outro.

O que quer que os tivesse moldado em gelo e fogo, também os havia forjado reunidos de uma maneira que não poderiam ser separados. Talvez Nino tivesse se tornado um fluxo de gelo contra o inferno enfurecido de Remo. Talvez Remo fosse um escape para as emoções que Nino havia trancado atrás de paredes impenetráveis. Eu não podia e nunca iria ser capaz de entender estes dois homens.

Nino desviou o olhar do irmão e fixou-o em mim. Meu peito comprimiu de alívio e calor e eu quis ir até ele e abraçá-lo, queria acalmá-lo com palavras, lhe dar conforto com o meu toque, mas Nino não era assim. Ele não precisava de conforto, nem de carinho, *nem de amor*…

— Toque aquela canção de novo — Pediu em voz baixa.

Encostei meus dedos nas teclas e comecei a canção, uma canção que não era simplesmente uma sequência de notas, mas um buraco aberto no meu coração. Nino se aproximou de mim devagar e, conforme o fazia, Remo recuou alguns passos, mas continuou nos observando.

Nino se sentou ao meu lado no banco, porém, eu não parei de tocar. Fechei os olhos e deixei a música fluir, desejando que ele conseguisse entender que esta canção abrangia tudo o que eu sentia por ele, tudo o que eu sempre sentiria por ele. Então, novas notas soaram, e meus olhos abriram, meus dedos fraquejaram quando Nino começou a tocar a canção junto comigo. *Como assim?*

Ele acrescentou suas próprias notas e eu me dei conta de que era de propósito. Eu me juntei a ele e toquei a minha melodia, as duas melodias pareciam fluir juntas. Era mais bonita do que qualquer outra coisa que já ouvira. O olhar de Nino estava no meu rosto enquanto ele tocava a canção de cor sem fraquejar, mas eu tive que voltar o olhar para as teclas porque não conseguia entender a expressão em seus olhos.

Remo encontrou brevemente meu olhar sobre o piano e sua expressão era tão indecifrável quanto a de Nino. Então, ele se virou e saiu. Eu não entendia nada disso, mas ouvir a melodia de Nino se fundir à minha, criando algo inexplicavelmente lindo… parecia um presente.

Nino e eu tocamos até o sol nascer sobre a mansão e preencher a sala com sua luz. Nossa melodia havia evoluído, uma sequência de lindas notas e meu coração pareceu explodir de emoções quando nossos dedos deixaram as teclas. Nino parecia exausto e o meu corpo ansiava para dormir também, contudo, ao mesmo tempo, senti vontade de gritar meus sentimentos do telhado.

Levantei-me e peguei a mão de Nino. Seu olhar frio voou para mim.

— Vamos para a cama — Sussurrei.

Algo se alterou em seu olhar como se, pela primeira vez, alguma coisa o tivesse assustado, como se ele não confiasse em si mesmo

dormindo.

— Não temos que dormir, mas você precisa descansar um pouco — Falei para ele, que finalmente se levantou do banco do piano e me seguiu para o andar de cima.

Nino se deitou, e eu ao seu lado, perto, mas sem tocá-lo. Queria me encostar nele, queria sua proximidade. Antigamente, ele me abraçava para me confortar, não porque exigia esse tipo de atenção.

Meu olhar foi para o seu rosto. O dele estava distante e sua boca estava comprimida de um jeito que sugeria que ele ainda estava lutando contra algo dentro de si.

Eu não consegui mais me conter e toquei nele, deixando uma mão hesitantemente em seu braço. Era ridículo ficar preocupada em tocá-lo. Já estivemos mais perto do que isso, mas eu não queria forçar nada com Nino se ele não quisesse, só porque isso me ajudaria.

Seus olhos me miraram e ele levantou o braço para eu poder chegar mais perto, e eu me aconcheguei a ele, repousando a mão em seu abdômen definido. Eu queria saber se isso era algo que ele queria, algo de que ele precisava ou se o fazia por mim como parte de seu afeto simulado.

Não me atrevi a lhe perguntar o que causara esse ataque, ou o que ele havia visto em sua mente para lhe deixar de joelhos daquele jeito, mas a pergunta queimava na minha língua. Quem sabe um dia ele me contaria.

CAPÍTULO 21

KIARA

Nós ficamos na cama até o meio-dia e, pela primeira vez, acordei antes de Nino. Como de costume, eu estava encaixada nele, que parecia dormir tranquilamente, sem nenhum sinal visível em seu rosto do ataque da noite passada. Sua bochecha estava inchada com um tom azulado como esperado, mas isso não deixava Nino menos atraente. Por algum motivo, esta mancha em seu rosto perfeito o deixava ainda mais bonito.

Ele despertou e abriu os olhos. Sorri para ele.

— Como você se sente?

Ele continuou calado por alguns segundos. — Diferente.

— Diferente? — Repeti, confusa, porém, ele não elaborou. Ele se soltou da coberta e se sentou, se retraindo ligeiramente, colocando a mão nas costelas.

— Precisa de algum analgésico?

— Não — Respondeu. — Já vai sumir. E a dor é uma boa motivação. Da próxima vez terei que ser melhor para que meu adversário não dê golpes assim.

Também saí da cama e parei ao lado dele.

— Você vai nadar?

Nino assentiu. — Vai ajudar com o cansaço.

Peguei meu livro e vesti meu robe enquanto Nino colocava sua sunga. Ele não se incomodava mais em ir para o banheiro. Já havíamos passado desse ponto. Seguimos para o quintal em silêncio e eu fui para a espreguiçadeira de sempre enquanto Nino mergulhava. Seus

movimentos não estavam tão ritmados ou suaves como de costume. Ele se movimentava com mais intensidade do que antes, nadando rápido e quase furiosamente. Eu não sabia como alguém conseguia nadar com raiva, mas era o que parecia.

Abaixei meu livro e me levantei para poder ver melhor. As respirações de Nino eram curtas, menos controladas, a cada volta que ele nadava. Esta foi uma sessão bem mais longa de natação do que seus diários trinta minutos. Fiquei preocupada ao assisti-lo se sobrecarregar como se estivesse tentando nadar para fugir de alguma coisa.

Ele enfim parou e se segurou na parede da piscina, arfando e ofegando. Ele saiu da água, flexionando os braços tatuados, e ficou de pé. Entreguei-lhe sua toalha e ele a pressionou contra seu rosto. Quando a abaixou para secar o resto do corpo, a calma voltou à sua expressão, mas parecia errado. Estranho. Eu nem mesmo conseguia apontar por quê.

— Vamos entrar. Vou preparar alguma coisa para comermos.

Nino não se incomodou em trocar a sunga e me seguiu para a cozinha. Comecei a pegar tudo o que precisava para fazer panquecas. O barulho de potes tilintando fez Remo se juntar a nós. Ele estava vestido e parecia surpreendentemente bem descansado apesar da minha intromissão na noite passada.

Seu olhar correu de mim para Nino, que estava lendo as notícias em seu telefone celular sem erguer o olhar. Remo parou ao meu lado, ignorando meu espaço pessoal como sempre quando seu quadril bateu no meu. Ele ficou me olhando bater a massa.

— Como ele está? — Murmurou, seus olhos escuros estavam cheios de preocupação.

Parei, porque aquela visão ainda me abalava. — Eu não sei. Ele ainda está agindo estranho.

Remo foi para a mesa da cozinha e se sentou numa cadeira de frente para Nino.

— Está pronto para trabalhar hoje?

Nino abaixou seu celular e ergueu o olhar. — O que tem em mente?

— Pegamos dois filhos da puta da *Outfit*. Pensei que poderíamos tirar alguma informação deles. Quando acabarmos, podemos mandá-los de volta para Cavallaro em alguns pacotes bem embrulhados. O que acha? Será que uma boa rodada de tortura vai te animar? — Remo sorriu de maneira doentia.

Ele estava falando sério? Ele queria mesmo envolver Nino em algo tão violento num momento em que não estava sendo ele mesmo?

— Não acho que seja uma boa ideia.

Nino e Remo olharam para mim. Nino franziu a testa numa expressão quase confusa, enquanto Remo estava com cara de assassino. Eu estava começando a me acostumar com isso.

— É melhor você se lembrar do seu lugar — disse Remo asperamente.

Nino me olhou nos olhos. — Sua preocupação é desnecessária, Kiara.

Eu duvidava disso, mas calei a boca e preparei as panquecas, dividindo-as em três pratos, e as levei para a mesa.

Remo pareceu surpreso.

— Presumi que você queria comer conosco. Mesmo que você me ameace, eu não vou te deixar com fome.

Seus olhos sombrios analisaram minha expressão e eu retribuí seu olhar. Não era ele que sempre insistia que eu precisava aprender a ser uma Falcone? Não me acovardar a ele era um bom passo em direção a esse objetivo. Não dava para ter certeza, mas pensei ter visto uma pontada de respeito em seu olhar.

— Gosto mais de você agora que não tem mais medo da sua própria sombra.

Dei de ombros. — E eu gosto mais de você quando não está sendo assustador e mandão.

— Então, você não gosta de mim com muita frequência — Ponderou Remo, comendo as panquecas.

Eu me sentei ao lado de Nino e ele me surpreendeu ao colocar a mão na minha coxa e apertar de leve. Quando arrisquei olhar para ele, estava concentrado em comer.

— Quando temos que ir? — Perguntou Nino ao irmão.

— Os cuzões estão no porão da Sugar Trap. Savio e Fabiano já estão lá. Eu quis te esperar antes de começarmos.

Nino assentiu e terminou as panquecas.

— Vou me vestir e podemos ir. — Ele se virou para mim e hesitou. — Adamo está aqui?

— Deveria estar, mas o babaquinha escapou hoje de manhã e pegou a minha *Bugatti*. Se ele voltar, vou acabar com ele. Até lá, sua garota vai ficar sozinha em casa.

Nino meneou a cabeça.

— Não. Ela ainda não consegue se defender sozinha.

Franzi a testa. — A mansão é segura e eu lido bem com a arma. Bem… razoável, mas deve ser o suficiente.

— Razoável não é o suficiente contra a maioria dos nossos inimigos. Cavallaro logo vai se dar conta de que estamos com seus soldados. Não vou te deixar sem segurança.

— Ela pode vir com a gente — disse Remo dando de ombros.

Eu sabia que a Sugar Trap era um clube de strip-tease e um puteiro. Mas se os inimigos da Camorra foram levados para lá, este não devia ser seu único uso.

Nino me encarou.

— É um lugar complicado para Kiara.

— Posso lidar com isso — Afirmei.

*

Assim que entramos na Sugar Trap, todos os olhares se voltaram para nós. Algumas mulheres seminuas estavam reunidas perto do bar, conversando com um rapaz negro e alto que organizava garrafas. Ele acenou para Remo e Nino, porém, me encarou com curiosidade. As mulheres, contudo, apenas murmuraram algumas palavras de saudação antes de voltarem para o que estavam fazendo. Havia postes espalhados no salão em pequenos palcos e várias portas emanando do bar principal. Supus que eram para sessões particulares.

Os olhos endurecidos de Remo apenas passaram pelas mulheres como se a simples presença delas o irritasse. Nino se virou para mim.

— Você pode esperar no nosso escritório enquanto Remo e eu estivermos no porão.

Meneei a cabeça.

— Não, vou ficar aqui e conversar com as mulheres.

Remo bufou: — Essas mulheres são putas. O forte delas não é conversar.

Engoli uma resposta e me voltei a Nino, tentando esconder a minha preocupação. Devo ter deixado transparecer, porque ele levou minha mão aos seus lábios e beijou meu pulso. Várias mulheres que estavam no bar ficaram de queixo caído e até Remo pareceu ter sido pego desprevenido. Demonstrações públicas de afeto não eram muito típicas de Nino.

Nino se inclinou para mim, sussurrando em meu ouvido: — Eu sobrevivi a todos os horrores que você puder imaginar, Kiara. Não desperdice sua preocupação comigo. Torturar os filhos da puta da *Outfit* não fará nada comigo. Eu não sinto o medo. Não me importo com eles implorando. — Ele se afastou e eu soltei o ar. Sem dizer mais nada, Nino e Remo passaram pela porta dos fundos.

Assim que eles se foram, as cinco mulheres se atreveram a olhar para mim de novo e o rapaz atrás do bar também ficou me observando. Fui até eles.

— Oi — Falei, tentando esconder meu constrangimento. — Sou Kiara Falcone.

O rapaz riu. — Todos sabem quem a senhora é, Sra. Falcone. Eu sou Jerry. O que posso fazer pela senhora? — Seus dentes brancos contrastavam com seu rosto escuro e eu gostei dele imediatamente.

As mulheres sussurraram entre si, mas nãos disseram nada diretamente para mim. Há alguns meses, isso teria me feito sair de perto, mas aprendi a enfrentar situações inquietantes.

— O que você tem? — Perguntei a Jerry.

— Qualquer coisa que quiser. Vinho, cerveja, doses, coquetéis. E, mesmo que não tenhamos, eu consigo, Sra. Falcone.

Não consegui evitar uma gargalhada. — Não é necessário, por favor. Só me dê uma *Coca*. É muito cedo para tomar vinho.

— Na minha opinião, sempre é hora para um vinho — Declarou a mulher mais perto de mim, ao erguer uma taça de vinho tinto. Ela era bem alta, tinha cabelos loiros compridos, e estava com uma maquiagem pesada, assim como as outras mulheres. Presumi que era uma exigência na área de trabalho delas. Nunca havia falado com uma profissional do sexo. Enquanto meus olhos assimilavam as cinco mulheres, me perguntei como muitas delas começaram a trabalhar aqui de livre vontade e como muitas foram arrastadas para isto por um Romancer, ou para pagar suas dívidas. As outras mulheres também estavam com uma taça de vinho. Imaginei que o álcool facilitava uma vida como essa.

— Me dê uma taça de vinho branco — Falei. Não pude deixar de imaginar com quantas dessas mulheres Nino havia transado, mas decidi não perguntar.

Jerry riu.

— Não deixe que o alcoolismo delas te contagie. — Apesar de suas palavras, ele me serviu uma taça generosa e a deslizou para mim.

— Álcool de graça é uma das poucas regalias de trabalhar aqui — Resmungou outra mulher.

Tomei um gole do meu vinho e olhei para elas, procurando sinais de abuso. Algumas delas tinham pequenos hematomas nos braços ou nas pernas, mas nada grave.

— Eu sou C.J. — Falou uma mulher mais nova com longos cabelos castanhos e um sorriso gentil.

— Ela é uma Falcone — Sibilou a mulher ao lado dela.

Tomei outro gole. — Eu sou — Confirmei. — Também sou uma pessoa e uma mulher. Não precisa me temer.

A mulher alta balançou a cabeça.

— Uma coisa é certa: você não é uma de nós.

— Você tem razão, não sou, mas entendo mais do que vocês imaginam. Não sou inimiga de vocês.

C.J. deu a volta e se encostou no balcão do bar ao meu lado.

— Nós soubemos o que aconteceu em Nova York, o que os Falcone fizeram com o seu tio.

Jerry empurrou o ombro dela de leve.

— Dá para calar a boca?

Engoli em seco, entretanto, forcei um sorriso e assenti: — Nino e Remo o mataram.

— Acabaram com ele — Intrometeu-se a mulher alta.

— Se quer saber, ele teve o que merecia — Resmungou C.J.

— Muitos homens merecem o mesmo — disse a mulher alta.

Abaixei minha taça e descarreguei: — Vocês são escravas sexuais?

C.J. deu de ombros. — Não do tipo que foi sequestrada no meio da noite. A maioria de nós começou nisso porque não teve escolha. Precisávamos do dinheiro, nos sentimos obrigadas, e a maioria continua porque, uma vez que se entra nessa vida, é difícil conseguir um emprego normal novamente. Quando as dívidas com a Camorra são quitadas,

ganhamos um bom dinheiro.

A mulher alta estreitou os olhos para mim.

— Existem poucas mulheres nesse negócio que faz isso porque gosta. Talvez os clientes queiram acreditar que a maioria de nós é ninfomaníaca que vira puta para conseguir mais pica. Idiotas do caralho. Como se alguma de nós gostasse de chupar o pau de um babaca velho, peludo e sujo.

— Aí vem o idiota responsável pela carne fresca — Sussurrou C.J., e a expressão em seu olhar deixou bem claro: ele era o motivo de ela trabalhar na Sugar Trap.

Eu me virei e um homem alto, de cabelos castanhos, talvez alguns anos mais velho do que eu, entrou na boate. Ele era muito bonito e eu entendi por que ele havia se tornado o Romancer da Camorra. Era trabalho dele fazer com que as mulheres se apaixonassem até estarem tão caidinhas que fariam qualquer coisa por ele… até vender seus corpos. Ele não emanava a energia assustadora que muitos Homens de Honra emanavam. Ele sabia como escondê-la, o que deveria ser crucial quando se quer seduzir mulheres para sua armadilha. Seus olhos passearam pelas mulheres sem nenhum pingo de culpa. Então, eles pousaram em mim e sua expressão era de confusão. Eu ainda não o havia conhecido, ou, pelo menos, não o havia notado. Algo em seu comportamento mudou bem ligeiramente, como se ele não tivesse certeza de onde me colocar, entretanto, veio a passos largos em minha direção e seu rosto mostrou o reconhecimento.

Ele ignorou as mulheres ao meu lado, apertou a mão de Jerry e se voltou para mim.

— Sou Stefano — Falou com uma voz macia. — É um prazer te conhecer. — Seu sorriso encantador me atingiu com força total.

Remo apareceu na porta dos fundos, coberto de sangue, e bateu no balcão.

— Jerry, quatro *whiskeys*. — Então, seus olhos sombrios se moveram para Stefano. Ele balançou a cabeça, estreitou o olhar e veio ao nosso encontro. Não consegui desviar o olhar de seus braços e seu

pescoço cobertos de sangue. Sua camisa era preta, mas tenho certeza de que ela também estava encharcada de sangue.

Ele agarrou Stefano pelos ombros.

— Esta não é uma conquista à qual você sobreviveria, Stefano. Eu odiaria perder meu melhor Romancer, mas teria que te abater, e você me agradeceria por isso, porque Nino te faria em pedacinhos e te alimentaria com a sua própria carne.

Stefano ficou olhando para a mão ensanguentada de Remo em sua camisa branca, contorcendo o lábio.

— Eu sei quem ela é, Capo. Só estava me apresentando.

— Nós sabemos como isso termina. Você as encanta e elas ficam perdidamente apaixonadas e perdem os poucos neurônios que lhes restam. — Remo lançou um sorriso cruel para as mulheres reunidas.

Revirei os olhos. — Para começar, eu não vou me apaixonar por ele. Eu sou de Nino. E, depois, tenho mais do que poucos neurônios. — Não mencionei que independente do que Stefano fizesse, não poderia ganhar meu coração, porque meu coração pertencia a Nino.

Stefano arregalou os olhos e olhou para Remo como se esperasse que seu Capo me fulminasse pelo desplante.

— De fato. — Remo sorriu e soltou Stefano, deixando uma marca ensanguentada de mão na camisa do homem. Jerry entregou uma bandeja a Remo com quatro copos de uísque. — Estamos quase acabando — Falou Remo para mim, depois para Stefano — Não toque nela. — As mulheres recuaram quando ele passou por elas com a bandeja.

Stefano soltou um xingamento inaudível em italiano ao olhar para sua camisa estragada.

— Acho que você não vai conseguir conquistar o coração das garotas com sangue na camisa.

Ele deu de ombros.

— Se eu contasse a história certa, elas acreditariam que eu salvei

a vida de um homem e que é por isso que tenho uma marca de mão na camisa. As mulheres acreditam em todo tipo de merda se um homem atraente as faz se sentir especial e lhes diz como são lindas, mesmo que sejam no máximo bonitinhas.

Tomei um gole do meu vinho, sem saber o que dizer para *isso.*

Só que C.J. encontrou as minhas palavras: — Você é um babaca.

Stefano sorriu para ela. — Não foi isso que você disse quando te fodi até cansar e você declarou seu amor por mim.

Ela ficou pálida e girou nos calcanhares, desaparecendo pela porta atrás do bar.

— Isso foi muito rude — Falei. — Não sei por que você acha que pode tratar as mulheres como trata.

— Porque elas me permitem tratá-las desse jeito — Respondeu tranquilamente, seus olhos castanhos endurecidos. — Todo mundo tem o que merece.

Balancei a cabeça para ele e desci da banqueta para ir atrás de C.J. Um corredor levava a uma porta apenas para funcionários que fora deixada entreaberta e eu entrei, encontrando C.J. encostada em uma pia, chorando.

— Ei — Falei hesitante, repentinamente incerta se era uma boa ideia estar aqui. Eu era a esposa do dono da Sugar Trap e de outros lugares como esse. C.J. e as outras mulheres pertenciam à Camorra e, basicamente, a Nino também. Ele não era o Capo, mas nenhuma das decisões de Remo era tomada sem primeiro consultar Nino.

Entreguei-lhe um lenço. — Sinto muito pelo que ele falou.

— Por quê? É a verdade. Eu me apaixonei por ele porque ele falou exatamente o que eu queria escutar, o que nenhum homem havia dito para mim. Ele pareceu bom demais para ser verdade, mas eu não queria ver os sinais apontando para a verdade.

— Às vezes, é mais fácil acreditar numa mentira — Falei calmamente, porque também acreditava no afeto simulado de Nino… ardentemente.

Ela encontrou o meu olhar. — Eu transei com Nino.

Meu corpo paralisou de choque. Eu havia imaginado que algumas daquelas mulheres havia transado com ele, mas ouvi-la dizer doía mesmo assim.

— Mas já faz tempo. Eu não o vejo com nenhuma de nós há semanas.

Um pouco do peso foi tirado do meu peito – provavelmente desde que lhe falei que queria que ele parasse de ficar com outras mulheres. Então, ele manteve sua palavra.

— Ele transou com muitas mulheres antes de mim — Falei encolhendo os ombros levemente.

— É, todos eles transaram — Falou amargurada.

— Ele… ele te forçou?

Ela inclinou a cabeça. — Eu sou uma prostituta.

— O que não quer dizer que não tenha o direito de se negar.

Ela sorriu. — Não é assim que as coisas funcionam. Mas ele nunca me forçou. Eu nunca me neguei. Por que faria isso? Existem homens muito piores que Nino Falcone por aí. Ele é bonito e não é cruel durante o sexo. Isso é bom.

Assenti depressa, grata quando ela parou de falar sobre fazer sexo com Nino.

— Por que você não vai embora? Ou ainda está pagando sua dívida?

— Não mais. Já faz um ano que terminei de pagar, mas não tenho para o que voltar. Eu me acostumei a esta vida. Se a gente fica aqui por um tempo, não consegue mais um emprego normal. Todas nós já vimos coisa demais. Poderíamos trabalhar como garçonetes em uma das boates ou bares da Camorra, mas não existem muitas opções quando se está nisso.

— Então, você é uma prisioneira da Camorra.

C.J. pôs a mão no meu braço. — Não somos todas? Não me diga que sua vida algum dia foi sua?

Não. Não foi. Nascida no sangue. Era o caso de todas as crianças, menina ou menino, em nosso mundo. Eu não tinha mais ligação com a *Famiglia*. Agora estava ligada à Camorra. Mas, livre? Era algo que eu jamais seria. Não era algo que sequer poderia considerar uma opção. Um pássaro nascido em cativeiro nunca conhecerá a sensação de liberdade desmedida que o céu aberto pode oferecer. Como se pode ansiar por algo que nunca se vivenciou?

— Está tudo bem. Não se culpe. Algumas coisas simplesmente não podem ser mudadas.

— Eu sei — Falei, mas isso não mudava o fato de que eu queria mudá-las.

*

Nino estava limpo quando saiu pela porta dos fundos, assim como Remo. Eu tinha voltado para o bar com C.J., que estava sentada ao meu lado, tomando sua segunda taça de vinho.

— É melhor eu ir — Falou ela depressa. — Os primeiros clientes já vão chegar.

Assenti. Eu tinha toda a intenção de tornar meu objetivo visitar os bordéis da Camorra e conhecer as mulheres de lá. Se eu as conhecesse, me sentiria ainda mais na obrigação de ajudá-las… mesmo sabendo que era uma batalha perdida. Remo nunca me escutaria e nem mesmo Nino deixaria me meter em seus negócios.

Analisei seu rosto quando ele se aproximou de mim, procurando sinais de se o que aconteceu o havia incomodado, porém, ele parecia calmo, o que deveria ter me apavorado, mas eu só fiquei aliviada. Os olhos de Nino seguiram C.J. quando ela saiu. Então, ele me olhou intrigado.

— O que ela disse?

— Nada importante — Respondi sorrindo.

Nino não pareceu convencido, mas não insistiu no assunto,

apenas pôs a mão em meu pulso e me conduziu para fora da boate.

Assim que estávamos de volta à casa, nos reunimos na área de convivência e Remo pediu pizza.

— Como podem estar com fome depois do que fizeram? — Perguntei curiosa enquanto me sentava no sofá.

Nino me lançou um olhar vazio. — O corpo ainda exige que certa quantidade de caloria seja ingerida para manter suas funções.

Remo revirou os olhos. — Algum dia desses, vou perder a paciência com você quando soar como a porra de um livro didático.

Nino ergueu as sobrancelhas para o irmão. — Você já disse isso inúmeras vezes. Perde o efeito se nunca cumprir sua ameaça.

Remo sacou da sua faca e a arremessou em Nino. Dei um pulo quando a faca entrou no braço do sofá ao lado da perna dele.

— Você, Savio e Adamo são muito chatos.

Eu sorri. — Obrigada — falei. Quando Remo me lançou um olhar vazio, acrescentei — Por não me incluir.

— Ela está ficando muito atrevida — Resmungou Remo, mas não parecia com raiva.

Nino parecia relaxado, de volta ao seu estado habitual de calma. Talvez ele tivesse superado o que o atormentou ontem à noite.

— Cadê Adamo? Ele ainda não chegou?

O semblante de Remo obscureceu. — Adamo! — Urrou ele. — Desça aqui. — Houve um momento de silêncio. Remo pegou o telefone, pediu pizza e gritou mais uma vez. — Adamo, eu juro que se você estiver aí em cima e não descer neste segundo, eu vou aí te pegar e você vai se arrepender.

Passos soaram do andar de cima e Adamo apareceu na escada. Ele hesitou no meio dela, parecendo nervoso ao encarar seus irmãos mais velhos.

— O que você fez? — Indagou Nino.

Adamo olhou para Remo, que estava grunhindo.

— Não me diga que bateu com minha *Bugatti*.

Adamo balançou a cabeça. — Só tem um amassado na traseira porque alguém bateu em mim.

Remo caminhou até o irmão e o agarrou pela gola. — Que porra há de errado com você? Eu mandei parar de correr. Vai acabar se matando.

— E daí? Em algumas semanas, serei iniciado. Farei um favor a todo mundo se morrer antes de me tornar como você.

Prendi a respiração. Nino também ficou tenso ao meu lado.

Remo puxou Adamo ainda mais, fuzilando-o com os olhos.

— Você é uma criança, caralho. Não sabe o que está falando. Talvez eu tenha te protegido por tempo demais. Talvez eu devesse ter te iniciado mais cedo, como fiz com Savio.

— E quando é que você me protegeu?

Remo o soltou com um sorriso duro.

— Pedi pizza. Ou você é *bom demais* para comer com a gente?

Adamo ficou parado na escada, depois desceu devagar e veio até nós. Ele se jogou no sofá na nossa frente. Sorriu para mim e acenou em direção a Nino.

— Cadê Savio? — Resmungou ele.

— Saiu com Diego — Respondeu Remo.

— Acho que você deveria sair mais vezes também — Resmungou Adamo.

Remo se sentou ao lado de Nino. — Alguém tem que garantir que o Leste continue sob nosso domínio. Lutei muito por ele para perdê-lo por causa de comodismo.

Eu me dei conta de que Remo e Nino raramente saíam. Nino, pensei que fosse porque, agora, eu era sua esposa, mas Remo também

ficava a maior parte do tempo em casa, a menos que estivesse fora resolvendo negócios com os irmãos ou Fabiano. Eles viviam em seu próprio mundinho, um mundo no qual me permitiram entrar. Eu estava me acostumando a ser uma Falcone.

Nino e eu voltamos para o nosso quarto depois do jantar e de assistirmos a alguns vídeos de corridas antigas com seus irmãos. Nós nos preparamos para dormir. Eu estava sentada encostada na cabeceira da cama quando ele se juntou a mim, parecendo desconfiado. Será que estava preocupado com esta noite?

— C.J. te contou que transei com ela? — Perguntou serenamente ao se deitar ao meu lado.

— Sim… ela contou. Mas é passado. Não vou usar seu passado contra você. Você não usou o meu contra mim.

Nino ficou intrigado. — Não havia nada que eu pudesse ter usado contra você porque você não fez nada de errado.

— Eu sei.

— Sabe?

Suspirei. Na teoria, eu sabia, mas, às vezes, ainda sentia como se tivesse culpa, o que era estúpido, mas era algo profundamente arraigado em mim e difícil de tirar.

— Você já se sentiu culpado pelo que faz? Pelo que fez hoje?

Nino ponderou. — Na verdade, não. Como falei, não sinto pena. E aqueles filhos da puta da *Outfit* teriam feito a mesma coisa se pegassem um dos nossos.

Bocejei. Ele levantou o braço e eu me aconcheguei nele, me deitando em seu peito, e o beijei suavemente. Nós raramente nos beijávamos, na maioria das vezes era durante o sexo.

Nino pôs uma mão gentilmente na minha nuca enquanto a outra acariciava meu braço.

— Por que isso?

— Eu só queria te beijar — Admiti. — Ou te incomoda que eu te

beije? Se não estivermos fazendo sexo, quero dizer.

Nino inclinou a cabeça, acariciando levemente meu pescoço com o polegar.

— Por que isso me incomodaria, Kiara? Eu gosto de te beijar. Eu já te dei motivos para acreditar no contrário?

— Não, mas você nunca me beija durante o dia. Nós só nos beijamos quando vamos fazer sexo.

— E quando você quer que eu te beije?

Suspirei.

— Eu não quero que você me beije porque eu quero. Quero que você me beije porque você quer, porque tem vontade. — Eu percebi o quanto pareci boba. Nino nunca sentiria vontade de me beijar. Todos seus atos de carinho eram para o meu benefício.

Nino analisou meu rosto e me puxou para si, então, me beijou, o roçar dos seus lábios macios, seus olhos cinza quase inseguros.

Pisquei para ele. — Por que você fez isso?

— Não sei — Respondeu tranquilamente.

Abaixei a cabeça para seu peito nu, com o rosto encostado em seu corpo quente, confusa com suas ações e suas palavras.

CAPÍTULO 22

KIARA

Naquela noite, sons familiares de sofrimento me acordaram. Eu me sentei tateando em busca do interruptor, piscando com a luz repentina.

Nino se mexeu ao meu lado e, levando a mão à mesa de cabeceira, pegou sua faca.

Seus olhos insensatos fixaram-se em mim, seu peito arfava, e ele apertava o cabo.

— Vou trazer Remo — Murmurei e saí da cama devagar, preocupada em assustar Nino. Com a mão livre, ele me segurou pelo pulso, me detendo.

Ofeguei em surpresa, analisando sua face. O desespero insensato desaparecera de sua expressão, sendo substituído por uma mistura de confusão e o vazio familiar que ele sempre mostrou.

— Fique — Falou em voz baixa.

Hesitante, voltei para a cama e Nino me puxou para si. Eu me encostei em seu peito. Ele colocou a faca de volta na mesa de cabeceira, mas a tensão permaneceu em seu corpo. Delineando as tatuagens em seu torso, tentei contar suas cicatrizes para me distrair, mas era difícil saber onde muitas delas terminavam e outras começavam.

— Todas estas tatuagens… Por que as fez?

Os dedos de Nino subiram pela minha coluna, seguindo pelo meu pescoço, e subiram, enrolando-se nos meus cabelos. Seus lábios encostaram na minha testa e eu olhei para ele. Seria isso afeto simulado? Carinho simulado?

— Dor e prazer — disse ele em voz baixa. — Posso sentir os dois como ninguém, talvez até com mais intensidade.

— Mas se você sente dor com mais intensidade do que as outras pessoas, por que você se submeteria a uma agulha perfurando a sua pele repetidamente por várias horas? Por que você entra no octógono? Por que procura a dor?

Sua boca contorceu. — Para me lembrar de que estou vivo.

Olhei intrigada.

— Para me lembrar de quem eu sou, do que eu sou.

— Eu não entendo — Admiti. — O que aconteceu com você e Remo para que se tornassem desse jeito?

Nino abaixou a cabeça e olhou para mim. Retribuí seu olhar, mesmo não sabendo o que ele procurava.

— Como você disse, a história não é só minha, é de Remo também.

— Eu não vou falar com ele sobre isso — Prometi imediatamente. Nunca pensaria em falar com Remo sobre algo que tão evidentemente afetava tanto ele quanto Nino. Seria um suicídio.

— Nossa mãe era louca — Começou Nino com um tom de voz distante. — Talvez ela fosse desde sempre ou pode ser que nosso pai a tenha deixado assim. Eu só me lembro dela assim. Seus dias eram melhores quando nosso pai a enchia de comprimidos, só que nesse dia em particular, ela estava grávida de Adamo. Não podia tomar os comprimidos. Pode ser que ela já quisesse se matar há algum tempo.

Algo comprimiu meu estômago e quase pedi para ele parar, porque soube que foi naquele dia que a infância de Nino terminou. A mãe de Nino não era a primeira esposa de um Capo que se matava. Estar casada com alguém criado para ser cruel, poderia destruir qualquer uma.

— Nosso pai nos mandou para a nossa cabana nos Rockies, porque ele nos queria fora de Vegas. Nós éramos um fardo. Em uma noite, nossa mãe me tirou da cama e me levou para o seu quarto. Savio

já estava lá, mas ele não se mexia. Ela havia dado sonífero para ele. Eu não sabia o que estava acontecendo, mas ela agarrou meus braços e cortou os meus dois pulsos com uma faca. Ela queria nos matar também. Talvez punir nosso pai.

Respirei fundo, cravando os dedos na barriga de Nino, mas ele estava imóvel. Aquelas cicatrizes em seu pulso eram resquícios daquele dia.

— Eu fiquei confuso e com medo. — Ele franziu a testa como se estivesse tentando se lembrar de como era ter medo. — Ela saiu depois disso e voltou com Remo alguns minutos depois. Acho que ela o pegou por último porque sabia que ele seria seu maior desafio. A casa já estava cheia de fumaça nessa hora. Ela havia colocado fogo na cozinha e na sala de estar. Remo correu até mim e ela trancou a porta, jogando a chave pela fresta por baixo dela. Depois, ela quis cortar os pulsos de Remo, só que ele lutou contra ela, diferente de mim. Ela conseguiu fazer inúmeros cortes nele. Foi como conseguiu o corte no rosto. Quando se deu conta de que não poderia segurá-lo, ela pôs fogo nas cortinas e cortou os próprios pulsos. O quarto se encheu de fumaça e eu me sentei no meu sangue. Savio não se mexia na cama.

A voz de Nino era mecânica, indiferente, fria. Seus olhos estavam tão suaves e impenetráveis quanto mercúrio, mas cada uma de suas palavras queimava dentro de mim, cravando como uma faca em meu coração. Os horrores que ele descreveu eram incompreensíveis. Eu havia vivido a minha própria cota de horrores, é verdade, mas por algum motivo, escutá-lo descrever o que tinha passado quando era um menino me destruiu.

— Como vocês saíram?

— Remo jogou um abajur na janela e se queimou arrancando as cortinas do teto. Parte de suas roupas começou a pegar fogo também, mas ele não parou. Os homens do meu pai estavam tentando entrar na casa e apagar o fogo. Remo me pegou e me ajudou a pular a janela. Eu pulei e quebrei a perna com o impacto. Remo pulou com Savio nos braços. Ele quebrou o cotovelo e o ombro porque tentou proteger Savio. Nossa mãe foi salva pelos homens do meu pai depois.

Engoli em seco, incapaz de falar, e Nino também se calou.

— Pareceu uma eternidade enquanto eu via meu sangue escorrer pelos meus braços. Senti a queimadura profunda e foi quase um calmante. — Ele levantou os braços, com os pulsos para cima, me mostrando as cicatrizes longas e finas cobertas de tinta escura. Eu me inclinei e beijei seus pulsos, meu coração doía por Nino… e por Remo.

Tentei imaginar Nino criança, ajoelhado em seu sangue, assistindo à mãe cortar Remo, inalando fumaça. Eu conseguia imaginar como ele deve ter ficado com medo, o quão profundamente destruído e em choque ele ficou por sua própria mãe ter tentado matá-lo de uma maneira bárbara. Isso explicava muita coisa, explicava por que ele havia desligado suas emoções e por que Remo havia se voltado para elas. Diferentes maneiras de enfrentar o mesmo horror.

— Onde ela está agora? Seu pai a matou depois do que ela fez com vocês?

Nino meneou a cabeça.

— Depois que os médicos tiraram Adamo de dentro dela, ele a mandou para um hospital psiquiátrico por um tempo, mas acabou trazendo-a de volta para casa.

— Ele os obrigou a viver sob o mesmo teto que a mulher que tentou matar vocês?

O olhar de Nino focou em seus dedos, que subiam e desciam pela lateral do meu corpo.

— Nos primeiros anos. O que não mata, fortalece. — O sorriso em seu rosto parecia um balde de gelo. — Mas as coisas ficaram difíceis. Remo se tornou mais difícil de controlar e a minha falta de emoções acabou irritando demais o meu pai, então, ele nos mandou para um colégio interno na Inglaterra, ao norte de Norwich.

— E quanto a Savio e Adamo? Eles não eram muito novos?

Nino assentiu.

— Adamo tinha quatro anos e Savio, sete, quando fomos mandados para lá. Na época, Remo já havia sido iniciado e matado

alguns, mas não nos deixaria ficar separados, então, fomos juntos para a Inglaterra. Claro que era o que nosso pai queria. Ele queria Remo e eu longe. Ele tinha medo da gente,

Eu não conseguia imaginar Remo num colégio interno chique. Nino podia parecer um cavalheiro sofisticado quando cobria suas tatuagens e tentava fazer uma expressão de amabilidades, mas Remo estava longe de ser contido e fino.

— Isso não funcionou por muito tempo — Falou Nino tranquilamente. — No fim, fugimos e voltamos para os Estados Unidos para matar o nosso pai.

— Só que vocês não o mataram. Growl, o Executor de Luca, foi quem fez isso.

— Isso é algo pelo que Remo nunca vai perdoar o nosso meio-irmão. Ele nos tirou a chance de acabar com o nosso pai, pedaço por pedaço.

Eu tendia a esquecer que os Falcone e Growl eram parentes.

— Sinto muito — Sussurrei, minhas entranhas reviravam, e eu esperava que Nino não pudesse ver o quanto sua história havia me afetado.

Nino emitiu um som gutural baixo, um som que só ouvi duas vezes antes, quando ele estava à beira de surtar, mas seu rosto ainda estava perturbadoramente vazio de emoções. Sua mão na lateral do meu corpo desceu pelo meu quadril e para o meio das minhas pernas.

Dei um pulo, surpresa por ele estar procurando por esse tipo de intimidade numa situação como essa. Seus dedos encontraram meu clitóris. Ele ficou sobre mim e me beijou, com mais intensidade do que nunca, e seus dedos dedilhavam num ritmo rápido entre as minhas pernas. Apesar do caos em que estavam as minhas emoções, meu corpo respondeu aos seus beijos e ao seu toque.

De repente, ele se ergueu e veio para cima de mim, apoiando seus braços fortes em cada lado da minha cabeça. Travei com ele em cima de mim, seu olhar não era nada sem emoção. Pelo contrário, sua expressão se transformou em algo semelhante a desespero. Ele nunca

ficava por cima durante o sexo.

— Diga que está tudo bem pra você desse jeito, Kiara — Conseguiu dizer com uma voz primitiva e sombria. — Não tenho certeza se posso ser tão gentil quanto você precisa que eu seja. Se você não puder aguentar assim, me diga e eu saio, mas… — Ele balançou a cabeça.

— Tudo bem — Sussurrei, porque queria consolá-lo de qualquer maneira possível. Se isso era o que ele precisava, eu podia lhe dar. Eu não tinha medo de Nino nem de seu corpo.

*

NINO

Kiara olhou para mim confiando que eu não tinha nenhuma dificuldade em ler seu olhar. Suas mãos se prenderam aos meus ombros, agarrando-se a mim, e eu segurei meu pau e o guiei em direção à sua boceta. Ela estava molhada e macia, mesmo estando nervosa com essa posição, porque ela sentia como se não tivesse nenhum controle, porque a minha força física a intimidava. Apoiei-me nos cotovelos. A intimidade a acalmaria, não a perturbaria, e eu senti seu corpo ficar ainda mais relaxado embaixo do meu.

Ela me puxou para me beijar, e eu lhe permiti este fragmento de controle, mesmo estando ansioso por algo mais intenso, mais obscuro. Mesmo que eu quisesse exercer o domínio, não a gentileza.

Só que eu precisava estar dentro dela. Agora. Entrei de uma vez, até sua boceta tocar a minha pélvis. Estremeci, precisando de mais, precisando de velocidade, precisando me livrar da pressão repentina no meu peito que nunca antes esteve ali.

Obriguei-me a esperar alguns segundos, permiti que seu corpo se adaptasse, afastei a enxurrada desenfreada de necessidade do meu corpo. Nunca me senti assim, como se precisasse consumir Kiara por completo. Como se ela fosse a única coisa que poderia satisfazer uma fome diferente de tudo o que já senti.

Meu peito estava apertado, um buraco no meu estômago, e eu

não sabia o que estava acontecendo. Por que, repentinamente, sempre que Kiara me olhava, meu interior explodia, quase dolorosamente, mas que era bom.

Tirei e voltei a meter em Kiara, que cravou as unhas nas minhas costas, deixando arranhões. Pareceu um alívio, um escape para a pressão. Meus lábios encontraram os dela quando meti, e ela retribuiu meu olhar com uma necessidade ardente só dela. Novamente, aquela mesma dor por algo que eu não entendia. Eu sempre estive no controle, mas não conseguia controlar isso. Coloquei a mão entre nós dois e massageei o clitóris de Kiara, depois, alcancei seu mamilo, chupando e mordiscando enquanto empurrava dentro dela com estocadas longas e intensas.

Até mesmo seu cheiro alargou o buraco do meu peito. Tudo nela fazia meu corpo reagir, me fazia ansiar por uma coisa impossível, por algo estranho e inexplicável.

Kiara começou a estremecer debaixo de mim, mas continuei empurrando mesmo que suas paredes internas comprimissem com a força do seu orgasmo. Eu me ajoelhei para ter mais acesso e continuei empurrando, esperando que isso preenchesse o buraco no meu estômago, que saciasse a fome profunda da minha alma, mas mesmo quando eu gozei violentamente e meu pau amoleceu, o desejo permaneceu alojado no meu peito.

Desabei em cima de Kiara e respirei pesado contra seu pescoço. Seus dedos brincavam com meus cabelos e ela beijou minha orelha, depois minha têmpora e, por algum motivo, esses dois gestos sem significado preencheram um pouco do meu desejo.

Virei a cara para olhar para ela. Seu rosto estava vermelho e sua respiração, acelerada. Ela pareceu surpresa, confusa, quando encontrou o meu olhar.

— Eu te machuquei? — Falei com a voz rouca.

Ela franziu a testa. — Não. Quando você disse que não conseguiria ser gentil, esperava coisa pior.

Eu também. Pareceu que eu estava prestes a perder o controle,

mas, por algum motivo, Kiara me manteve controlado.

— Nino? — Chamou em voz baixa. — Essa sua expressão, o que quer dizer?

Quem dera eu soubesse.

Ela me beijou.

— Eu sei que existem horrores no nosso passado, mas podemos ir além disso, não acha?

Acariciei seu rosto. Eu havia superado os horrores. Eu havia visto e feito tantas coisas horríveis, como poderia um evento de tanto tempo atrás ainda ter algum poder sobre mim?

CAPÍTULO 23

KIARA

Na manhã seguinte, encontrei Remo esmurrando o saco de areia, mas só consegui pensar nas palavras de Nino, e sabia que nunca mais veria Remo da mesma maneira. Meu Deus, ele ainda me apavorava, mas eu quase o entendia… parte dele, pelo menos. Remo era cruel e violento, impiedoso e rápido para atacar, mas não apenas isso.

— Está me encarando por quê? — Falou ofegante, quando fez o saco voar com outro chute forte.

Eu nem mesmo sabia por que viera aqui. Era onde Nino e os irmãos vinham para jogar sinuca, ver lutas e discutir negócios, ou bater num saco de areia durante todo o dia. À noite, quando todos jantávamos juntos, a minha presença era tolerada, mas eu costumava ficar distante pelo resto do tempo, lhes dando espaço.

Meus olhos foram atraídos para as costas de Remo. Nunca fui próxima o bastante dele para perceber que a tatuagem do anjo caído cobria cicatrizes de queimadura. Eu não havia notado que as manchas ásperas nas palmas de suas mãos eram queimaduras e feridas curadas por se defender de sua mãe.

Remo se virou para mim totalmente, estreitando os olhos, e, por um segundo, quis ir até ele e abraçá-lo, abraçar o menino que salvou Nino e Savio, e até mesmo o Adamo que ainda não havia nascido, que lutou com uma mãe louca e se queimou para que todos eles pudessem viver, só que Remo era um homem agora e não do tipo que se quer consolar. Meus olhos permaneceram na cicatriz que cruzava sua sobrancelha, e o sentimento de compaixão por ele me preencheu. Talvez Remo não fosse capaz de redenção aos olhos de muitas pessoas, mas ele havia salvado seus irmãos, havia salvado Nino.

Eu me perguntava de que forma ele se lembrava daquele dia, mas eu não tinha coragem o bastante para lhe perguntar. Remo veio em minha direção e eu olhei em seu rosto quando ele parou bem na minha frente.

— Por que você está me olhando desse jeito, porra? — Grunhiu, mas, pela primeira vez, não havia apenas raiva em seu olhar… havia receio.

Meneei a cabeça. — Queria te agradecer por salvar Nino.

Remo enrijeceu e algo intenso e perigoso se encolheu no fundo dos seus olhos.

— Duas noites atrás — Acrescentei, porque o instinto de sobrevivência me cutucou, mas Remo sabia que não era a isso que eu me referia.

No entanto, ele se afastou e deu de ombros, tenso.

— Alguém precisava tirá-lo daquilo.

Eu também recuei.

— Ah… Kiara, não vai dizer nenhuma palavra sobre isso para Savio e Adamo. Eles não precisam saber.

Sobre o surto de Nino. Sobre o passado. Eles não se lembravam, não sabiam, e esconder a verdade deles devia ser outra maneira de Remo protegê-los.

*

Meus olhos estavam fechados enquanto eu escutava a música, meus dedos deslizavam pelas teclas. Nada me trazia mais serenidade do que criar melodias. Era um escape para o caos de emoções dentro de mim.

— Você é muito boa nisso — Elogiou Remo.

Dei um pulo, abrindo os olhos e olhando para Remo. Ele ficou parado na porta durante um momento e depois caminhou até onde eu estava. Como sempre, meu corpo retesou na sua presença.

— Ainda? — Perguntou com um sorriso sarcástico. Ele se encostou ao piano, olhando para mim com aquele olhar impossivelmente sombrio e perigoso. — Ainda tem medo de mim.

Eu ri. — Remo, existe alguma mulher em Las Vegas ou em qualquer outro lugar que não tenha medo de você?

Seu sorriso se alargou. — Não existe nenhum homem também.

Suspirei. Meu olhar foi para a cicatriz em seu rosto, recordando a história que Nino havia me contado, me perguntando como um homem capaz de atos indescritíveis poderia arriscar a vida para salvar os irmãos. Remo Falcone era um total mistério para mim.

Remo estreitou os olhos e se aproximou um pouco mais, inclinando-se sobre mim, com uma mão apoiada no teclado, fazendo o piano soltar um ganido estridente.

— Por que você está me olhando desse jeito? — Grunhiu. — O que Nino te contou?

Engoli em seco. — Não chegue tão perto — Falei com firmeza.

Remo comprimiu os lábios de forma perigosa, porém, endireitou o corpo, me dando mais espaço.

— Eu já falei e vou falar de novo: você é esposa de Nino. Está segura.

— Eu sei. Mas não consigo evitar que meu corpo reaja a você. Talvez um dia pare.

Ele deu de ombros. — Ele te contou sobre a nossa mãe, não foi?

Havia um tom em sua voz que fez os pelinhos da minha nuca eriçarem.

— Contou.

Remo acenou bruscamente. Então, advertiu com a voz baixa: — Algumas coisas precisam continuar enterradas. Ela é uma delas. E, provavelmente, as emoções de Nino também. Eu não sei o que você quer dele, mas, para o bem de vocês dois, não o pressione.

*

No dia seguinte bem cedo, Nino e eu saímos para a nossa primeira trilha juntos. Eu não estava muito em forma, mas ter Nino para mim, cercados por lindas formações rochosas vermelhas, era muito animador. Nós fomos para o parque Nacional Red Canyon. Ele ficou calado durante o caminho, concentrado na rua, mas seus olhos pareciam ver além da estrada à sua frente.

Ele me surpreendeu quando pegou a minha mão, repousando-as na minha coxa nua. Seu calor se infiltrou em mim, porém, não foi por isso que meu peito aqueceu.

Estacionamos o carro e partimos para a trilha circular. Nino vestia uma camiseta branca justa e calção de ginástica, com os cabelos caindo em seus olhos. Ele também carregava uma mochila enorme com mantimentos. Eu havia optado por um short e uma blusa. Eram apenas 7h, mas o dia seria quente.

Nino pôs a mão levemente nas minhas costas. — Pronta para a sua primeira trilha?

Eu sorri. — Com você ao meu lado, posso fazer qualquer coisa.

Sua expressão suavizou. Ele me puxou para si e me beijou antes de se alongar e apontar para a trilha. Eu ainda ficava desconcertada pela sua demonstração de afeto. Sem tentar analisar isso, entrei no ritmo ao lado de Nino. Ele apontou para algumas formações rochosas particularmente lindas. Elas brilhavam em diferentes tons de vermelho e laranja.

Apesar da beleza natural, meu olhar continuava retornando para Nino. Ele estava diferente desde que eu disse que o amava. Será que ele se sentia pressionado para simular emoções com mais frequência? Será que era por isso que ele vinha agindo estranho? Só que eu não conseguia imaginar que Nino cedesse sob pressão. Nino era forte, endurecido. Ele era um Falcone.

Nino diminuiu o ritmo quando percebeu que eu estava com dificuldade de acompanhá-lo. No fim, ele acabou escolhendo um lugar com vista para um vale de pequenas formações rochosas, para

podermos descansar um pouco. Nós nos sentamos no chão, lado a lado, e Nino me entregou um sanduíche.

— E aí? Está gostando? — Perguntou.

Inclinei a cabeça para ele. — Da trilha ou do sanduíche?

— Ambos deveriam estar excelentes.

Balancei a cabeça. — *Excelente*… — Coloquei o queixo em seu ombro — Aposto que na escola as outras crianças odiavam o quanto você era inteligente e correto.

Nino ergueu as sobrancelhas. — Eu não era correto. E as crianças me odiavam por muitos motivos.

— Mas eu duvido que elas te provocassem.

— Quando Remo e eu começamos no colégio interno na Inglaterra, as crianças não sabiam quem éramos. Nós deveríamos nos misturar. Eu estava dois anos adiantado, na mesma série que Remo. Muitos meninos na minha turma eram mais altos. No início, eles tentavam me provocar.

— Isso não terminou muito bem.

— Alguns deles tiveram incidentes infelizes que levaram a internações hospitalares — Falou Nino. — A maioria foi obra de Remo, mas eu também causei alguns.

— E vocês não foram expulsos?

— Os professores sabiam quem éramos — Declarou Nino com um sorriso sombrio.

Analisei seu rosto, tentando imaginar como ele era quando criança. Nino me olhou nos olhos e, algo mais suave, mais acolhedor, encheu seu olhar. Ele se inclinou para frente, colocando a mão em meu quadril, e tomou minha boca para um beijo. Eu retribuí o beijo e, depois de um tempo, nos deitamos na pedra quente, com Nino em cima de mim, me beijando, acariciando minha cintura e minhas costas. Ele nos virou até eu estar em cima dele. Suas mãos passearam pelas minhas costas, mas o barulho de um galho quebrando nos afastou, e Nino se

sentou comigo ainda em cima dele. Ele examinou os arredores com o olhar. Depois, relaxou outra vez. Seus lábios deixaram um caminho pelo meu rosto, descendo pelo pescoço. Sua delicadeza e seus gestos de amor, fizeram meu coração martelar de amor e desespero.

Ele simulava amor por mim. Às vezes, eu conseguia esquecer. Mas, sempre que lembrava, a dor era aguda e devastadora. Repeli o pensamento. Nino pôs a mão no meu rosto novamente, angulou minha cabeça até nossas bocas estarem unidas. O beijo foi consumindo tudo e eu o deixei me dominar, deixei as mãos de Nino extinguirem qualquer pensamento lógico. Quando ele se colocou entre as minhas pernas e me tomou, nada mais importava a não ser ter Nino em cima de mim, dentro de mim, seus olhos cinza acenderam com desejo e mais… Eu não me importei se era simulado ou não.

Em seguida, nós nos vestimos e continuamos a caminhada. Sua expressão era calma e serena ao olhar para a paisagem à nossa volta, contanto que não estivesse tentando simular sentimentos. Será que era assim que todos ficaríamos? Calmos e serenos, caso não fôssemos onerados ao nascer com a habilidade de sentir?

Calmos e serenos. Queria poder ser assim, contudo, meus pensamentos e minhas emoções eram um furacão dentro do meu corpo, confusos, apavorantes e completamente tolos.

*

Alguns dias depois, Nino fora com Fabiano treinar para uma luta e eu fiquei sozinha com Remo. Era a primeira vez que ele ficava de meu segurança. Nino havia mencionado que Remo, em breve, viajaria para uma missão no território da *Outfit*, e era por isso que ele estava ocupado com os preparativos de última hora em casa.

Eu o encontrei em seu local preferido do sofá, verificando alguma coisa em seu *tablet*. Ele não ergueu o olhar quando entrei, e eu fiquei observando-o em silêncio.

Ele levantou a cabeça, endurecendo sua expressão.

— O que foi agora? — Sua voz era baixa, beirando a fúria.

— Por que você gosta de machucar mulheres? — Sussurrei.

Remo estreitou o olhar. — Eu gosto de machucar *pessoas*. Não faço diferença se é um homem ou uma mulher.

— E, mesmo assim, você castiga as mulheres de maneira diferente do que os homens.

— É mesmo? — Murmurou ele, seus olhos sombrios me incendiavam. Ele abaixou o *tablet* e se levantou. — Elas têm uma escolha. Podem se submeter à tortura ou…

— Se submeter a outra forma de tortura — Falei, ficando furiosa. — Você lhes faz escolher entre duas formas de tortura.

Ele veio até mim, mas, pela primeira vez, não me retraí. Quase três meses em sua presença me deu a coragem necessária, isso combinado com a ciência de que Nino confiava em Remo.

— Mas uma delas é bem menos dolorosa do que a outra. É uma escolha. Mais do que os homens conseguem.

Estremeci. — Posso te garantir que foi muito doloroso para mim.

Remo me encarou por um segundo. Ele estava perto o suficiente para que eu conseguisse ver a infinidade de cicatrizes desfigurando a parte superior do seu corpo. Ele raramente usava camisa dentro de casa. No início, achei que fosse para me perturbar ainda mais – como se Remo não fosse perturbador o bastante por si só.

— Você era uma criança. Ninguém encosta em crianças no meu território, nem em garotas menores de idade.

— Elas não trazem mais dinheiro? — Resmunguei.

— Claro que sim. A maioria dos filhos da puta pagaria uma fortuna para deflorar uma menina, mas nós não permitimos esse tipo de coisa em nosso território.

— Por que não? Vocês permitem escravidão sexual, não é? Vocês têm Romancers que seduzem mulheres, fazem-nas acreditar que são amadas e as transformam em prostitutas.

Remo zombou. Às vezes, eu me perguntava como uma única

pessoa consegue nutrir tanto ódio e violência.

— Essas mulheres começam a trabalhar como prostitutas porque querem agradar um homem que, na verdade, deveriam matar. Se uma mulher permite que um homem a trate desse jeito, é tanto culpa dela quanto dele. Elas concordam em vender seus corpos porque acham que estão apaixonadas. Isso é estúpido e elas pagam por sua estupidez.

— Elas querem ajudar alguém que amam — Falei indignada. — Seus Romancers fazem-nas acreditar que eles estão em dívida com a Camorra, e aí, as mulheres assumem a dívida e têm que trabalhar até a morte como prostitutas. É horrível!

Remo deu outro passo em minha direção, mas, ainda assim, eu não me retraí.

— Se as mulheres agem como o sexo frágil, serão tratadas como tal. Por que essas mulheres idiotas não dizem para os meus Romancers irem se foder?

— Você nunca vai entender, porque nunca amou ninguém.

Remo sorriu ironicamente. — Amar alguém que não te ama é o maior tipo de estupidez que posso imaginar.

Estremeci, porque isso chegava muito perto do meu caso e porque eu sabia que ele tinha razão. A expressão de Remo era de constatação e minhas entranhas reviraram. Agora, ele sabia que eu amava Nino. Eu me virei para sair, mas ele segurou-me pelo pulso.

— Me solta.

A princípio, ele não soltou. Pelo contrário, me virou de novo para poder encará-lo. Olhei para seus olhos sombrios e cruéis. Ele balançou a cabeça e eu esperei que ele me provocasse.

— Ele não pode sentir.

— Eu sei — Resmunguei, puxando meu braço, mas ele apertou ainda mais. Finalmente, minha raiva e desespero transbordaram. — Você não acha que sei disso? Só que eu não posso mudar o que sinto! Você não acha que mudaria se pudesse? Mas o amor não funciona assim. Você nunca vai entender.

— Você tem razão — Falou com a voz baixa. — Não entendo e não entenderei. Por que eu iria querer ser um idiota do caralho?

— Espero que um dia você encontre alguém que queira tanto que te queime por dentro, e, então, conversaremos quando ela não retribuir seus sentimentos.

Remo me imprensou na parede, sua expressão era dura e cruel.

— Isso nunca vai acontecer. E eu já queimei, Kiara. Posso enfrentar chamas e tortura. Não sou fraco como você

— Eu não sou fraca. — Arranquei meu pulso de sua mão e o empurrei com força. Ele deu um passo intencional para trás, olhando para as minhas mãos ainda contra seu peitoral. Abaixei-as depressa, ficando em choque.

Remo levantou o olhar e eu fiquei tensa, preocupada com sua raiva, mas ele estava sorrindo.

— Finalmente você não deixou a merda do seu medo levar vantagem.

Pisquei para ele, que recuou e se virou, indo em direção à porta, porém, antes de alcançá-la, parou e olhou para mim por sobre o ombro, com os olhos endurecidos.

— Ah… Kiara, nunca mais fale comigo desse jeito de novo. Eu sou o seu Capo. Entendeu?

Assenti atordoada e o observei sair.

*

NINO

Fabiano mirou um chute na minha cabeça. Eu me esquivei um pouco tarde demais e ele raspou levemente no meu queixo.

Sua expressão se encheu de surpresa, da qual eu me aproveitei para lançar dois socos fortes em sua lombar. Ele engasgou, mas logo se recuperou e acertou um golpe.

Ele inclinou a cabeça. — O que é que você tem?

— O que quer dizer? — Perguntei com cuidado, pegando a toalha que havia jogado sobre a corda. Enxuguei meu rosto e meu peito.

— Você estava… menos concentrado hoje. E foi a mesma coisa durante sua luta.

Eu me apoiei na aresta no canto. Meu estado atual não era algo que eu queria discutir até ter um controle melhor sobre as coisas e ter uma chance de analisar profundamente meu dilema.

— Você não gosta do plano com a sobrinha de Cavallaro.

Fabiano estreitou os olhos, claramente descontente com a mudança de assunto.

— Você acha mesmo que o plano de Remo é bom?

O plano de Remo era emotivo, impulsionado pela raiva e pelo ódio. Era perigoso, mas poderia funcionar. Encarei Fabiano.

— Você conhece a garota. Sente pena dela?

Ele fez uma careta. — Você me conhece, Nino. Vou seguir Remo pelo fogo do inferno, mas diferente de você, ainda tenho alguns sentimentos.

— Antes de Leona, você convenceu a todos que não era esse o caso.

— Antes de Leona, eu convenci a mim mesmo de que não era capaz de ter emoções — Falou, depois estreitou os olhos como se estivesse se segurando.

— O plano de Remo vai criar uma revolução na *Outfit*. A irmã de Cavallaro vai ficar devastada por nós termos pegado sua filha, e Dante

vai se sentir responsável por sua sobrinha. A esposa dele também vai ficar preocupada por causa da filha deles. Esta pode ser uma das ocasiões em que Dante esquece a lógica e age. Se isso acontecer, podemos derrotá-lo.

— Provavelmente. Porque, independentemente de qualquer coisa, nós sempre podemos contar com você sendo a voz da razão, Nino.

Assenti de maneira tensa. A indiferença e a análise lógica me guiaram durante a vida, salvaram a minha e a de Remo em muitas ocasiões em que seu temperamento levou a melhor. Mas quando eu ficava perto de Kiara, ficava difícil me prender à lógica. Desde a noite em que ela disse que me amava, algo havia mudado. Começou como uma frestinha, mas continuou se alargando e eu não consegui detê-la.

— Tem certeza de que vai conseguir fazer o que deve ser feito quando estiver em Chicago? Você não vai se distrair pensando no seu pai?

O rosto de Fabiano se encheu de ódio.

— Já esperei muito. Posso esperar mais algumas semanas ou meses. Não tem com o que se preocupar. Vou estar ao lado de Remo, não importa o quanto o plano dele seja insano. Duvido que seja motivado apenas por questões estratégicas.

— Os planos de Remo nunca são. Ele quer brincar com Dante, quer separar a *Outfit* por dentro. Remo é o melhor em jogos mentais.

— É. Remo sabe como foder com o cérebro das pessoas — disse Fabiano com uma risada sombria.

Ele sabia, e Cavallaro e Scuderi logo se dariam conta que haviam errado em mexer com a Camorra.

CAPÍTULO 24

KIARA

Nada me trazia mais conforto do que tocar a canção de Nino, o que era irônico, levando em consideração que ela me enchia, ao mesmo tempo, de um desejo esmagador e de melancolia.

Quando meus dedos chegaram à parte onde me dava conta dos meus sentimentos, a melodia se tornou baixa e obscura, como se o piano estivesse relutante em tocar as notas, assim como eu estava relutante em admitir meus sentimentos.

Nino entrou e me encarou em silêncio por um tempo. Não tirei os olhos das teclas do piano, tocando a canção até o final, me arrepiando quando as notas baixas desapareceram.

— O que significa? — Murmurou Nino. — Desde que você começou a compô-la, ela evoluiu muito.

Levantei o olhar para ele. — É a história dos meus sentimentos por você — Admiti — Em como eu aceitei que te amo e que você nunca vai conseguir retribuir meu amor. — Como sempre, minha garganta fechou com a confissão.

A expressão de Nino suavizou ligeiramente e seus olhos cinza se encheram de calor, e hoje eu não conseguiria aceitar. Este sentimento simulado, independente do quanto ele fosse bom nisso, nunca seria o suficiente. Lá no fundo, eu sabia disso.

— Pare com isso — Sussurrei asperamente.

Ele estreitou os olhos e se aproximou, seus movimentos eram elegantes como sempre. E até isso me magoava. Ele conseguia ser muito lindo, inteligente e poderoso, mas nunca poderia ser a única coisa que eu desejava: sentimental.

Olhei para seu rosto lindamente frio.

— Você é muito bom nisso. Bom demais em simular afeto, em fingir que se importa comigo. Tão bom que, às vezes, quase acredito que você possa realmente me amar, Nino. — Meus olhos encheram de lágrimas.

Fraca. Uma idiota do caralho. De que mais Remo me chamou? Ele tinha razão em todos os aspectos.

Nino se apoiou no piano, me encarando.

— Talvez eu não tenha que simular — Falou com aquela voz suave. — Talvez eu ame você.

Esta foi a gota d'água. Eu não aguentava mais. Saí do banco, desejando que ele pudesse entender como me destruía saber que eu amava alguém que nunca compreenderia o que significa olhar para o outro e sentir como se você fosse despedaçar se aquela pessoa for tirada de você.

Agarrei sua camisa, cedendo à minha raiva.

— Não minta para mim. Eu te falei para não me dizer essas palavras se não forem reais. Então, não as diga.

Soltei sua camisa, atordoada pela expressão em seus olhos. Parecia que ele estava ardendo de emoção. O quão bom ele era em fingir isso?

Engolindo em seco, eu me virei, precisando dar o fora dali antes de me permitir ficar presa outra vez em sua simulação terrível. Uma nota clara e baixa soou quando eu estava na metade do caminho para a escada, e eu congelei, ouvindo a melodia se desdobrar. Era uma linda melodia, todas as notas se complementavam. Era bem composta, mas sem emoção. Era uma melodia que poderia ter sido criada por um computador, porque era apenas um monte de notas encadeadas para agradar ouvidos regulares. Podia-se ouvi-la em jantares casuais com estranhos, porque nunca faria sua frequência cardíaca aumentar, nunca faria seu coração doer, nem encheria seu corpo de uma doce saudade. Nunca te faria chorar por causa da transparente força da emoção que

carregava.

Então, algo mudou. A princípio, foi sutil, um soluço leve na composição perfeita. Notas mais sombrias imploravam por atenção e eram seguidas por notas mais curtas e altas, até batalharem entre si e com o que parecia ser uma composição perfeita. Lentamente, eu me virei, apavorada com o que veria.

Nino estava sentado ao piano, com os olhos fechados, a cabeça inclinada para o lado, enquanto seus dedos flutuavam pelas teclas. Ele era um espetáculo, com suas tatuagens pavorosas, incontáveis cicatrizes e aquele rosto sem emoções perfeitamente esculpido. Eu tinha certeza de que, independentemente de quanto tempo eu vivesse, nunca veria nada mais deslumbrante do que Nino tirando notas magníficas do meu piano.

A composição perfeita batalhava com notas descontroladas e, de repente, inexplicavelmente, elas não lutavam mais pela predominância. Elas se encaixavam umas às outras, eram mais perfeitas juntas do que qualquer sinfonia calculada poderia ser, porque carregava desejo e esperança, medo e resignação, amor e ódio. Carregava tudo e eu não poderia me proteger disso.

As lágrimas que estive contendo derramaram e eu abracei meu corpo como se isso fosse impedir meu coração de pular para fora do meu peito. Quando a última nota morreu, fiquei ali parada, tremendo.

Nino abriu os olhos e olhou para mim. E aí eu soube que, se o que eu via nos olhos de Nino, o que eu via em seu rosto, fosse simulado, então, eu poderia viver com isso, porque enchia meu coração de tanto calor que me incendiava de dentro para fora.

— O que é isso? — Perguntou com a voz rouca.

Dei um passo em sua direção. — O que é o quê?

— Diga-me — Falou ao se levantar. — O que é isso se não emoção?

Olhei para ele, incapaz de compreender o que dizia, sem ousar ter esperança.

— A música… é o que você sente?

Nino caminhou até mim devagar e me encarou como se eu houvesse destruído tudo o que ele acreditava. Ele parou na minha frente, ficando a dois passos de distância para ficarmos olho a olho, e eu mal consegui respirar.

— Antes de você, havia calma. Havia ordem e lógica.

Eu me lembrei do início de sua canção, aquela composição perfeita.

— E agora? — Soltei um suspiro rouco.

— Agora — Grunhiu, e sua expressão mudou —, agora, há caos.

Engoli em seco. O que eu deveria fazer com esse tipo de revelação? Ele me assustou ao segurar meu rosto, aproximando nossos rostos, respirando com dificuldade contra a minha boca, com o olhar quase desesperado.

— E você quer a calmaria de volta — Sussurrei.

Ele franziu a testa ao me encarar. Abaixou a cabeça e me beijou, suave e lento, nada como o esperado pela expressão em seu olhar.

— Sim e não. Talvez. Não sei — Respondeu tranquilamente. — Leva um tempo para se acostumar.

E aquilo se prendeu novamente em meu coração, aquela esperança estúpida de que, talvez, algum dia, Nino poderia… Nino poderia me amar.

*

NINO

Remo me observava com cuidado ao colocar mais algumas armas dentro da mala do carro. Ele viajaria para Chicago dentro de algumas horas com Fabiano. Nós nos encontraríamos na Sugar Trap em trinta minutos para alguns preparativos de última hora.

— Eu ainda acho que deveria ir com vocês — Afirmei. — Você e

Fabiano são uma combinação instável em Chicago.

— Fabiano sabe mais da *Outfit* do que qualquer um de nós, e você precisa garantir que nada aconteça por aqui. Você pode manter as coisas em ordem se Fabiano e eu não voltarmos.

— Suas chances de voltar aumentariam se eu fosse junto.

— Você esteve imprevisível nessas últimas duas semanas, Nino. Acho que é melhor você ficar.

Franzi a testa. Eu estava me controlando melhor e os pesadelos haviam parado. Mas eu não era o mesmo de antes. Não adiantava negar.

Remo pôs a mão em meu ombro.

— O que está acontecendo? Preciso me preocupar?

— Não sou o mesmo — Comecei, incerto de como descreveria para ele o que eu mesmo mal conseguia entender. — Eu sinto coisas. Ainda é difícil, ainda não é como as pessoas normais sentem, tenho certeza, mas existem.

Remo ficou imóvel. — É por causa da Kiara?

Assenti. — Por causa dela. Ela lutou contra os demônios do seu passado e me fez perceber que eu também estava acorrentado às lembranças, controlado por algo que pensei haver ter deixado para trás.

Remo desviou o olhar, sua expressão sendo deformada pela fúria.

— Nossa mãe deveria estar morta. Nosso pai deveria tê-la matado depois de tirar Adamo de dentro dela. Eu a deveria ter matado quando assumi, mas ela ainda está lá. Ainda está viva.

Coloquei a mão no ombro de Remo. — Ela está praticamente morta. Uma sombra de gente. Ela é passado.

Remo assentiu de maneira estranha e me olhou nos olhos, havia algo sombrio e perigoso em seu olhar. Eu conhecia aquele olhar e o havia visto várias vezes antes.

— Você ainda está do meu lado agora que ficou todo molenga por

causa de Kiara?

Segurei seu antebraço cobrindo a tatuagem da Camorra, e ele imitou o gesto.

— Nós somos irmãos. Não apenas de sangue, mas por escolha, e eu vou estar ao seu lado até meu último suspiro. Nada vai mudar isso. Kiara sabe disso e ela aceita. Eu estou com você. — Parei. — E não estou ficando molenga, não se preocupe. Essas novas sensações… estou preocupado que elas me enfraqueçam, que eu não consiga mais ser o que você precisa, mas elas não me enfraquecem e nem irão. Eu ainda não sinto um pingo de pena nem de culpa quando mato ou torturo por uma causa nossa e isso não vai mudar.

Remo assentiu e me soltou. Para ele, estava resolvido. Ele sabia que eu ainda estava ao seu lado.

— Agora que sei que pode cuidar de Vegas enquanto estou fora, tenho que me concentrar em sequestrar a noivinha.

Balancei a cabeça. Remo estava obcecado. Eu deveria ser a voz da razão nisso e garantir que nosso plano funcionasse. As emoções não mudariam o fato de que, entre nós dois, eu era a voz da razão. Que eu sempre seria melhor em controlar minhas emoções, mas Remo continuaria com seu plano independente do que eu dissesse.

Kiara havia me libertado das amarras do meu passado e eu queria a mesma coisa para Remo. Mas Remo era Remo e ele nunca permitiria que uma mulher visse um lado dele que não invocava o terror e o medo.

*

Quando voltei para casa no início da noite, Kiara estava no jardim, praticando tiro. Ela havia melhorado muito desde a primeira vez que segurou uma arma em sua mão. Adamo estava ao seu lado, ajustando seus braços de vez em quando. Ele seria iniciado em três semanas, em seu aniversário de quatorze anos e, agora, havia se afastado ainda mais de Remo, Savio e de mim. A única pessoa com quem ele ainda falava diariamente era Kiara. Ela atirou novamente, acertando no alvo. Adamo sorriu. Então, ele me viu e enrijeceu. Depois de falar alguma coisa para

Kiara, ele saiu.

Kiara veio até mim ainda com a arma na mão. Ela estava radiante, parecendo orgulhosa pra caralho, e meu coração deu aquele pulo de novo. Isso sempre me assustava.

— Você viu aquilo? — Indagou ela ao parar na minha frente.

— Você atira bem.

Ela juntou as sobrancelhas.

— Está tudo bem? Você está com aquele olhar estranho de novo.

Peguei sua mão e a levei para dentro da mansão. Ela me seguiu sem hesitar, mas lançava um olhar confuso para mim esporadicamente. Quando chegamos ao nosso quarto, tirei a arma dela e a coloquei na mesa de cabeceira. Depois, a puxei para mim e a beijei. Ela levou as mãos ao meu peito, acariciando e puxando, enquanto sua boca se movia contra a minha. Ela tinha gosto de menta com chocolate e eu não me cansava disso.

Pegando-a no colo, deitei-a na cama e fiquei por cima dela, pressionando meu pau duro em seu centro. Ela gemeu na minha boca e arrancou a minha blusa de dentro da calça. Eu me sentei e tirei a blusa depressa, voltando para o corpo macio de Kiara.

Suas mãos passearam pelas minhas costas, subindo para o meu pescoço, me puxando mais para si, e eu a beijei intensamente, balançando os quadris contra sua pélvis. Ela ofegou.

— Nino. Eu preciso de você.

Tirei sua blusa e chupei seu peito por cima da renda do sutiã enquanto minha mão descia para seu short. Abri-o e deslizei a mão para dentro de sua calcinha, passando por seus pelos macios e entre suas dobras, encontrando-a quente, molhada e pronta.

Caralho. Arranquei seu short e tirei sua calcinha bem rápido também, tirando a minha calça e a cueca antes de voltar para o meio de suas pernas e meter nela num movimento único, profundo e duro. Nós gememos juntos e as unhas de Kiara arranharam as minhas costas. Grunhi quando meu saco contorceu. Guiei uma de suas pernas para o

alto e comecei a fodê-la com estocadas lentas e fortes. Seus olhos permaneciam nos meus enquanto eu suscitava em seus lábios repetidos gemidos. Havia confiança e amor em seu olhar. Agora, eu via. Eu não sabia por que tinha dificuldade em ler esses sentimentos em seu olhar. Meu peito comprimiu e meu coração morto inchou de uma puta emoção.

Caralho, era dolorido, mas era a melhor dor que já senti. Abracei Kiara, juntando ainda mais os nossos corpos, precisando dela mais perto, porque apenas ela preenchia o buraco no meu peito. Apenas ela podia olhar no abismo escuro que era a minha alma e encontrar algo digno de amor nela.

Minha garganta fechou, mas forcei as palavras que queria dizer há dias.

— Eu te amo.

Minhas estocadas fraquejaram quando ouvi essas três palavras em voz alta, ouvi-as saindo dos meus lábios.

Kiara ficou tensa embaixo de mim, arregalou os olhos, e eu me recompus e voltei a meter.

— Ama? — Perguntou num sussurro.

— Amo, com todo o meu coração morto. Com cada fibra do meu corpo.

Ela ofegou quando angulei minhas estocadas para cima, e seus olhos ainda mostravam incompreensão, como se ela não conseguisse acreditar. Coloquei a mão entre nossos corpos, tocando seu clitóris, e tomei seus lábios. Ela arqueou as costas, estremecendo, e eu também me permiti gozar. Mantive os olhos abertos, continuei olhando para o lindo rosto contorcido de prazer de Kiara. Eu sempre gostei de sexo. Era o mais perto que eu conseguia chegar de alguma sensação, mas o sexo com sentimento era algo totalmente diferente. Era uma puta perfeição.

Continuei em cima de Kiara mesmo quando comecei a ficar mole, e a beijei novamente.

— Você me ama — Sussurrou ela. — De verdade?

— Eu te amo. De verdade. Chega de afeto ou amor simulados,

porque com você não preciso fingir. Você tirou a parte de mim do passado que estava morta e a reviveu. Eu não morri quinze anos atrás, mas também não estava vivendo… até você chegar.

Ela me abraçou mais apertado.

— Eu te amo, Nino. Uma parte de mim morreu seis anos atrás, mas você me ajudou a viver de novo.

Nós dois tínhamos sido marcados pelo nosso passado, mas, juntos, lutamos contra os nossos demônios e saímos vitoriosos. Nunca uma vitória foi tão gostosa.

SOBRE A AUTORA

Cora Reilly é autora de séries cujos personagens apresentam-se como *bad boys* perigosamente *sexies*. Antes de encontrar sua paixão em livros de romance, ela era uma autora publicada tradicionalmente de literatura para jovens adultos.

Cora mora na Alemanha com um bonito, mas louco, cãozinho da raça *Bearded Collie,* além de sua família, com a chegada, há pouco tempo, de uma filha linda. Quando ela não passa seus dias sonhando com histórias de fazer suspirar, ela planeja sua próxima aventura de viagem ou cozinha pratos muito picantes de todo o mundo.

Apesar de sua graduação em Direito, Cora prefere conversar sobre livros ao invés de sobre leis, a qualquer momento.

Siga-a em suas redes sociais:

Facebook (página): @CoraReillyAuthor

Twitter: @CoraReillyBooks

Instagram: @corareillyauthor

LIVROS PELA BEZZ

Série Born in Blood Mafia Chronicles:

Ligados pela Honra – livro 1
Ligados pelo Dever – livro 2
Ligados pelo Ódio – livro 3
Ligados pela Tentação – livro 4
Ligados pela Vingança – livro 5
Ligados pelo Amor – livro 6

Série Camorra Chronicles:

Honra Perigosa – livro 1
Emoções Perigosas – livro 2
Orgulho Perigoso – livro 3

Table of Contents

1. EMOÇÕES PERIGOSAS
2. AVISOS DA EDITORA
3. Indicado para maiores de 18 anos
4. PRÓLOGO
5. CAPÍTULO 1
6. CAPÍTULO 2
7. CAPÍTULO 3
8. CAPÍTULO 4
9. CAPÍTULO 5
10. CAPÍTULO 6
11. CAPÍTULO 7
12. CAPÍTULO 8
13. CAPÍTULO 9
14. CAPÍTULO 10
15. CAPÍTULO 11
16. CAPÍTULO 12
17. CAPÍTULO 13
18. CAPÍTULO 14
19. CAPÍTULO 15
20. CAPÍTULO 16
21. CAPÍTULO 17
22. CAPÍTULO 18
23. CAPÍTULO 19
24. CAPÍTULO 20
25. CAPÍTULO 21
26. CAPÍTULO 22
27. CAPÍTULO 23
28. CAPÍTULO 24
29. SOBRE A AUTORA
30. LIVROS PELA BEZZ